

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**GRANDE SERTÃO VEREDAS: ELEMENTOS DO CRISTIANISMO,  
NA AMBIGUIDADE DE UM DISCURSO**

**JOÃO BOSCO FERNANDES**

Juiz de Fora

2013

**JOÃO BOSCO FERNANDES**

**GRANDE SERTÃO VEREDAS: ELEMENTOS DO CRISTIANISMO,  
NA AMBIGUIDADE DE UM DISCURSO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração em Filosofia da Religião, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Gross

Juiz de Fora

2013

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Fernandes, João Bosco.  
GRANDE SERTÃO VEREDAS: ELEMENTOS DO CRISTIANISMO, NA  
AMBIGUIDADE DE UM DISCURSO / João Bosco Fernandes. -- 2013.  
238 p.

Orientador: Eduardo Gross  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora,  
Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em  
Ciência da Religião, 2013.

1. Deus. 2. Cristianismo. 3. Literatura. 4. Ambiguidade.  
5. Religiosidade. I. Gross, Eduardo, orient. II. Título.

João Bosco Fernandes

**GRANDE SERTÃO VEREDAS: ELEMENTOS DO CRISTIANISMO, NA  
AMBIGUIDADE DE UM DISCURSO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração em Filosofia da Religião, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciência da Religião.

Aprovada em \_\_/\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Eduardo Gross (Orientador)  
UFJF

---

Prof. Dr. Sidnei Vilmar Noé  
UFJF

---

Prof. Dr. Paulo Afonso de Araújo  
UFJF

---

Prof. Dr. Luciano Costa Santos  
UNEB

---

Prof. Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho  
IBAD

**À minha família que esteve sempre ao meu lado me apoiando e incentivando diante das dificuldades. A vocês o meu eterno agradecimento.**

## **AGRADECIMENTOS**

**A Deus, em primeiro lugar, por me ter dado coragem e perseverança na execução dessa pesquisa.**

**Ao meu orientador Eduardo Gross, que acreditou no meu projeto e me orientou com maestria e serenidade.**

**Aos amigos piranguinhenses pela solidariedade e pelos diálogos informais sobre o desenvolvimento do projeto.**

**Aos amigos distantes pelo incentivo e pelas orações.**

**Aos colegas e amigos da PUC Minas pelo apoio e incentivo.**

**Aos amigos do Núcleo de Ciências Humanas, principalmente a Prof. Giseli pelo incentivo do início e pelo Prof. Sibélius pela colaboração na revisão final do texto da tese.**

**Aos colegas do doutorado pelo apoio.**

**Aos meus pais, irmãos e sobrinhos pela solidariedade.**

**A minha esposa, filhos e neto pelo encorajamento, aconselhamento e apoio em todas as horas.**

**A coordenação, aos professores e ao secretário do Programa de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora pela atenção e maestria.**

**A Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais pelo apoio.**

**A FAPEMIG, através do Programa Mineiro de Capacitação Docente – PMCD, pelo apoio financeiro.**

## SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	01
PARTE I	DESCRIÇÃO DOS ELEMENTOS CRISTÃOS A PARTIR DAS PERSONAGENS.....	08
CAPÍTULO 1	O NARRADOR.....	10
	1. A religiosidade.....	10
	2. Elementos do cristianismo.....	16
CAPÍTULO 2	OS MESTRES.....	39
	1. Compadre Quelemém.....	39
	2. Nhorinhá, Otacília e Diadorim.....	50
CAPÍTULO 3	OS CHEFES.....	65
	1. Sô Candelário e Joca Ramiro .....	65
	2. Medeiro Vaz.....	75
	3. Zé Bebelo.....	80
	4. Urutu Branco.....	88
CAPÍTULO 4	OS JAGUNÇOS.....	95
	1. A vida jagunça.....	95
	2. A vingança.....	114
PARTE II	ANÁLISE DOS ELEMENTOS CRISTÃOS NO CONTEXTO AMBÍGUO DA NARRATIVA RIOBALDIANA.....	127
CAPÍTULO 5	A FÉ CRISTÃ DO NARRADOR.....	129
	1. <i>Deus é alegria e coragem</i> .....	129
	2. <i>Muita religião, seu moço!</i> .....	143
CAPÍTULO 6	O ENSINO CRISTÃO DOS MESTRES.....	156
	1. <i>Deus nunca desmente</i> .....	156
	2. <i>Aquele assunto de Deus</i> .....	162
CAPÍTULO 7	A ORIENTAÇÃO CRISTÃ DOS CHEFES .....	178
	1. <i>Um messias!</i> .....	178
	2. <i>Lux eterna...</i> .....	190
	3. <i>Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!</i> .....	196

CAPÍTULO 8	O COSTUME CRISTÃO DOS JAGUNÇOS.....	204
1.	<i>Deus a gente respeita.....</i>	204
2.	<i>Minha Nossa Senhora Mãe-de-Todos.....</i>	213
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	225
	REFERÊNCIAS.....	232

## RESUMO

O objetivo da tese é investigar a presença dos elementos da religião cristã no romance de Guimarães Rosa, na obra: *Grande Sertão: Veredas*. A pesquisa se desenvolveu a partir da elaboração de inferências de temas de religiosidade presentes no romance a fim de identificar os elementos de uma concepção cristã de Deus nestes temas, ligando-os aos principais fundamentos do cristianismo, à crítica literária e, procurando ver neles uma articulação com o discurso ambíguo do narrador. Objetiva perceber como o narrador, com a sua “matéria vertente”, construiu uma história a partir de uma história vivida, com os elementos religiosos, sobretudo, os cristãos, implicados nessa tarefa de narrar. A investigação visa, ainda, reconhecer o papel da crítica literária, particularmente, àquela dedicada a apresentação dos elementos do cristianismo alinhada à crença das personagens e, também, àquela que, embora, desvincule as personagens do compromisso com um credo religioso, admita a presença de temas cristãos, tais como, o pecado, a salvação e a graça, na narrativa riobaldiana.

Palavras-chave: Deus, religiosidade, cristianismo, ambiguidade.

## ABSTRACT

The aim of the thesis is to investigate the presence of elements of the Christian religion on the novel by Rosa at work: *Grande Sertão: Veredas*. The research grew out of drawing inferences on themes of religiousness in the novel in order to identify the elements of a Christian conception of God in these subjects by connecting them to the main foundations of Christianity, to literary criticism, and trying to see in them a conjunction with narrator's ambiguous speech. It aims to understand how the narrator, with his *matériavertente*, a story built from a living history, with religious elements, mainly Christians, involved in the task of narrating. The research also intendeds to recognize the role of literary criticism, particularly, that devoted to a presentation of elements of Christian religiosity aligned to the belief of the characters, and that which, although unlinks the characters of commitment to a religious belief, admits the presence of Christian themes such as sin, salvation and grace, in the riobaldian narrative.

Keywords: God, religion, Christianity, ambiguity.

## INTRODUÇÃO

É grande no meio acadêmico a quantidade de pesquisas a respeito das obras de Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*, por exemplo, é rica em estética literária e abundante em conteúdos transdisciplinares nas áreas da antropologia, da psicologia, da filosofia, da religiosidade, da ética, da sociologia e da política. Em 2008 o escritor completaria 100 anos. Em maio de 1956, João Guimarães Rosa publica o romance *Grande Sertão: Veredas*. É uma obra que encena um narrador (Riobaldo velho) e um interlocutor silencioso (doutor, um senhor da cidade, que ao visitar o sertão, permanece com Riobaldo por três dias). Riobaldo conta a história de sua vida ao visitante silencioso com a intenção de obter respostas e de buscar um sentido para a sua vida a partir da reconstrução do passado proporcionado pelo ato de narrar, a “matéria vertente”.<sup>1</sup> A narrativa é permeada de causos, imagens, lugares e nomes, e feita com uma linguagem nova, de prosa com poesia, oral e escrita, que se constrói de arcaísmos e neologismos, de regionalismos e estrangeirismos.<sup>2</sup> Luiz Rohden afirma que a escrita de Rosa quer buscar a ambiguidade e o inapreensível. E, embora tivesse sido criticado por ter produzido uma linguagem complexa e difícil, rebateu as críticas dizendo que não escrevia difícil, porque sabia o nome das coisas.<sup>3</sup>

O objetivo da presente pesquisa é investigar elementos da tradição religiosa cristã na religiosidade expressa pelo romance de Guimarães Rosa, na obra: *Grande Sertão: Veredas*, realizar uma leitura minuciosa e cuidadosa da obra, identificando os temas de

---

<sup>1</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 100.

<sup>2</sup> Expressões que se encontram disponíveis em <[http://www.vidaslusofonas.pt/joao\\_guimaraes\\_rosa.htm](http://www.vidaslusofonas.pt/joao_guimaraes_rosa.htm)> acesso em 4 de outubro de 2012.

<sup>3</sup> RHODEN, Luiz. Metafísica da Linguagem em Grande Sertão: Veredas. In: ROHDEN, Luiz e SILVA, Rogério Mosimann da. (Org.). *Veredas da Palavra no Sertão Rosiano*, p. 55.

natureza religiosa que possuem relação com temas do cristianismo<sup>4</sup> e verificar se a religiosidade, no referido romance, encontra articulações na religião cristã.

A proposta de pesquisa se realiza no campo ligado à Ciência da Religião, na área de concentração em Filosofia da Religião, na linha de pesquisa em Religião e Estética. Essa área de concentração tem uma ligação direta com os campos da filosofia, da teologia e da análise literária. O caráter interdisciplinar e transdisciplinar da pesquisa exigiu um método de tipo hermenêutico, capaz de trabalhar a compreensão do sentido dos discursos e de considerar o universo cultural em que estes se articulam. O texto de Rosa, de acordo com a maioria dos críticos, por conta da ambiguidade de sua narrativa, se apresenta aberto a diversos caminhos, de tal forma que qualquer tentativa de fechá-lo em uma única interpretação é arriscada.<sup>5</sup> Como o objetivo do trabalho é identificar as interfaces com elementos cristãos, a tese não vai tratar em detalhes dessas outras possibilidades presentes em tradições religiosas distintas, que admitimos estarem presentes no romance, mas não são o foco da presente investigação.

A religiosidade do sertão de Guimarães Rosa, no entanto, ainda precisa ser mais pesquisada. Conforme se poderá verificar nas referências dessa tese, poucos autores trabalham os elementos da religião cristã do romance. Desses poucos, em algumas obras, no entanto, ainda é preciso identificar pequenos fragmentos de suas publicações que buscam retratar esse aspecto religioso, pela razão de que a totalidade da obra se concentra ainda mais em aspectos literários, filosóficos, históricos e sociológicos do que, propriamente, em dimensões religiosas. Das referências sobre o romance disponíveis para pesquisa em diversos portais e bibliotecas somente algumas investigam a estrutura religiosa voltada para a dimensão cristã. Não se pode negar que se encontram no romance inúmeras indicações aos temas ligados à religiosidade do sertão, com influências do catolicismo e de religiosidades

---

<sup>4</sup> Assumiremos para esse conceito o conteúdo da profissão de fé cristã que se encontra na segunda seção do Compêndio. *COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica*, p. 10.

<sup>5</sup> A respeito da narrativa Roseana, de modo particular, em *Grande Sertão: Veredas*, Sperber afirma que “Dentro do processo do que chamei abertura do sintagma (que consiste na dificuldade de atribuição de sentido a uma palavra ou a um conjunto de palavras graças a uma estratégia de distaxia – isto é, afastamento dos termos, desvio de sua ordem e organização convencional), há uma estratégia que serve para relativizar o sentido do que se diz. É o uso da indefinição”. SPERBER, Suzi Frankl. *Guimarães Rosa: Signo e Sentimento*, p. 7.

diversas. São mais de trezentas citações explícitas<sup>6</sup> de temas e contextos religiosos. Portanto, há matéria significativa para a tese no campo da Ciência da Religião.

O levantamento das fontes sobre os elementos da religião cristã presente no romance nos levou a poucas obras, dentre as quais, Suzi Frankl SPERBER, em *Caos e Cosmos: leituras de Guimarães Rosa*, tornando-se uma das primeiras a investigar os aspectos espirituais da obra de Rosa, especificamente, no Grande Sertão. A investigação da biblioteca de Rosa levou-a a entender, entre tantos itinerários espirituais, as influências cristãs sofridas por Rosa presentes no romance, que passam pela Bíblia, no que se refere ao tema da cruz (o Paredão), do messianismo (Joca Ramiro) e da Virgem Maria (Diadorim). Passa pelo pensamento do padre A. D. Sertillanges, que possivelmente o influenciou a optar pelo cristianismo e catolicismo e até com intenções prosélicas. Passa pelas idéias espirituais de Romano Guardini, ao encontrarmos no Grande Sertão uma filosofia de interpretação das preocupações existenciais de Rosa. E, também, passa pelo pensamento de Plotino, a sua influência refere-se ao problema do mal. Afirma Sperber: “Por extensão, poderíamos considerar que todas as vezes em que algo se define pelo seu contrário, no grande romance, esta tendência seria plotínica”.<sup>7</sup> Outra fonte de leitura cristã do romance é Heloisa Vilhena de ARAUJO, em seu livro, *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, que desenvolve uma leitura de *Grande Sertão: Veredas* na linha da teologia cristã, em que Riobaldo, ao imitar Cristo, segue um itinerário para Deus e caminha para a salvação. Francis UTÉZA, em *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, apesar das poucas referências sobre o cristianismo, encontram-se temas cristãos importantes, tais como: a redenção e a salvação, e a influência do catolicismo na narrativa riobaldiana. Kathrin Holzmayer ROSENFELD, no livro, *Desenveredando Rosa*, traz o pressuposto da filosofia ocidental, da mitologia e de temas pré-cristãos para a sua leitura do romance, desenvolvendo reflexões sobre os principais temas do cristianismo implicados no texto de Rosa. Na mesma direção de Utéza e Rosenfeld, Consuelo ALBERGARIA, em o *Bruxo da Linguagem no Grande Sertão: Leitura dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa*, afirma que o Riobaldo jagunço e narrador não adotam a fé cristã como opção religiosa presa a um determinado credo, contudo, reconhece através da sua interpretação do romance, a presença de elementos religiosos cristãos. Maria Clara L. BINGEMER e Eliana YUNES, no

---

<sup>6</sup> Há também muitas alusões e referências codificadas. Confira o primeiro capítulo (Reflexos das leituras e preocupações espirituais no temário e nas idéias de J.G.R.) de SPERBER, Suzi Frankl. *Caos e Cosmos: Leituras de Guimarães Rosa*.

<sup>7</sup> SPERBER, Suzi Frankl. *Caos e Cosmos: leituras de Guimarães Rosa*, p. 103.

livro organizado por elas *Bem e Mal em Guimarães Rosa*, propõem a aproximação entre literatura e teologia, tomando como pressuposto o tema do bem e do mal e a análise do discurso. Willi BOLLE, em *Grandesertão.Br*, apesar de ser uma obra voltada para os aspectos sociais e históricos do romance, vê no sofrimento do velho Riobaldo, ao reviver o seu passado de amor por Diadorim, o resgate de pressupostos da paixão cristã. E, na tese de doutorado de Lúcia Helena Furtado MOURA, *Interpretações da multifacetada manifestação religiosa riobaldiana*, a autora afirma que, embora Riobaldo não siga dogmas ou se filie a uma religião, é influenciado pelas tradições do catolicismo. Estas são as principais obras que encontramos, e, diante da vasta produção de análises de Rosa, nos últimos 50 anos, como afirmado anteriormente, é possível que outros críticos, que desconhecemos, tenham tratado temas da religião cristã no Grande Sertão. Entretanto, dessas poucas referências encontradas que consideram os elementos da religião cristã, em suas análises, encontraremos apenas, em Araujo e Rosenfield, uma reflexão mais detalhada dos principais pontos do romance. Se, por um lado, perdemos em quantidade, em função de um pequeno número ainda de pesquisas desenvolvidas sobre essa religiosidade, por outro, ganhamos em qualidade, pois as divergências e as convergências das abordagens desses elementos feitas por essas duas autoras, a nosso ver, serão suficientes para realizar o objetivo do projeto de pesquisa.

Para dar conta desse problema, propôs-se inicialmente pesquisar *Grande Sertão: Veredas* em torno do tema da religiosidade, elaborar inferências a partir de temas presentes no romance a fim de identificar os elementos de uma concepção cristã de Deus, ligando-os aos principais fundamentos do cristianismo e procurando ver neles uma articulação com o texto do Grande Sertão. A tese estruturada em duas partes com quatro capítulos cada parte investigará, portanto, a existência de elementos da religiosidade e do cristianismo em *Grande Sertão: Veredas*. Os conceitos que representam a transversalidade nesses campos religiosos são: Deus, cristianismo, o bem e o mal.

O romance, portanto, foi lido e vasculhado diversas vezes no intuito de se identificar palavras, frases, alusões, símbolos, imagens e fragmentos de caráter religioso explícito segundo critérios mais abrangentes de religiosidade. A partir de cada fragmento foram elaboradas pequenas reflexões com a intenção de explanar melhor o caráter religioso do texto, e também se buscou fazer analogias com estruturas religiosas mais organizadas, particularmente com o cristianismo, buscando sempre manter a lógica dessas relações a fim de garantir uma coesão textual. Em seguida, essa produção foi classificada em pequenos temas, em consonância com o que permitia cada fragmento com sua respectiva reflexão, e

esses pequenos temas foram sintetizados em temas mais abrangentes vindo a constituírem as duas partes da tese.

Para a primeira parte, composta de quatro capítulos, a interpretação religiosa dos fragmentos do romance foi apresentada de forma mais descritiva e ordenada por grupos de personagens.<sup>8</sup> O primeiro capítulo descreve e interpreta os textos ligados ao narrador, abordando as relações do narrador com o universo religioso e identificando os elementos do cristianismo. Nesse capítulo, os temas salvação, religião, destino, Deus, diabo, cristianismo e sincretismo religioso dão ao narrador a identidade de uma religiosidade presente no texto de Rosa. Outra característica que nos permite ligar o narrador ao universo religioso é a natureza ambígua da sua narrativa, que dão ao velho Riobaldo e ao jagunço uma natureza titubeante e um comportamento escorregadio.

O capítulo dois descreve as relações estabelecidas entre Riobaldo e alguns personagens denominados por nós como mestres, que são: Compadre Quelemém, Nhorinhá, Otacília e Diadorim. Dezenas de pessoas cruzaram o caminho de Riobaldo e o ensinaram como um mestre ensina, a entender o sertão, como lugar e como universo que habitava o interior das pessoas. “O sertão é do tamanho do mundo”. “Sertão: é dentro da gente”.<sup>9</sup> Mas, foi com Quelemém e com as mulheres que a necessidade de ter uma vida significativa ligado ao sentimento de religiosidade se transformou em aprendizado. E dessa relação ambígua, muitos elementos da religião cristã puderam ser inferidos.

A descrição dos fragmentos feita no capítulo três aborda alguns personagens que assumiram o comando de chefia dos jagunços, que são: Sô Candelário, Joca Ramiro, Medeiro Vaz, Zé Bebelo e Urutu Branco. A exceção de Zé Bebelo, que convive com o universo religioso do sertão sem se deixar atravessar por ele e sempre assumindo uma neutralidade cética, os demais chefes fazem parte desse universo religioso e alguns, como Medeiro Vaz e Joca Ramiro, estão colocados num patamar mais elevado, ao lado de santos e divindades. Dessas relações descritas, consideradas as ambiguidades do texto, alguns elementos do cristianismo são identificados.

O capítulo quatro encerra essa primeira parte com o tema: Os jagunços. Personagens como: Jõe Bexiguento, Joé Cazuzo e o próprio Tatarana, descritos através dos fragmentos ligados à religiosidade no universo jagunço, nos passam, a partir da ambiguidade

---

<sup>8</sup> Assumimos trabalhar com quatro grupos. O narrador, os mestres (Quelemém, Nhorinhá, Otacília e Diadorim), os chefes (Sô Candelário, Joca Ramiro, Medeiro Vaz, Zé Bebelo e Urutu Branco) e os jagunços.

<sup>9</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 73 e 309.

do texto, a ideia de temas ligados ao cristianismo, como: o mal, o pecado, a salvação, a graça redentora de Cristo e as devoções marianas.

A segunda parte, porém, trabalhou os mesmos grupos de personagens com um tipo de texto mais analítico que procurou fundamentar os fragmentos de temas cristãos na crítica literária, na teologia cristã e no senso comum da religião cristã. Propositadamente denominamos os subtítulos dos capítulos dessa parte com expressões de conteúdo religioso recolhidas do texto de Rosa com o objetivo de levar o leitor a perceber o universo religioso do romance. No quinto capítulo, ousamos com o título: A fé cristã do narrador. O narrador, a procura de respostas diante de seu interlocutor silencioso, sugere um exame de consciência de sua vida do tempo da jagunçagem, dando ao leitor a percepção da pretensa necessidade do perdão e da salvação. Nesse ponto, entramos com a análise da leitura crítica de Rosenfield, Albergaria, Araujo e Utéza e com o pressuposto da ambiguidade da narrativa para argumentarmos sobre a presença dos elementos da religião cristã no romance.

No sexto capítulo, – o ensino cristão dos mestres – sugerimos que tanto nos conselhos do Compadre Quelemém, quanto no aprendizado recebido por Riobaldo através da relação amorosa com Nhorinhá, Otacília e Diadorim, estão implicados elementos do cristianismo, pois ao transmitir a Boa Nova cristã e as práticas devocionais do catolicismo popular, Quelemém e as mulheres dão a Riobaldo a oportunidade do conhecimento e da experiência. Para esse capítulo, o diálogo com os argumentos de Araujo, Rosenfield, Albergaria e Utéza, também foi necessário, a fim de identificar as características ambíguas da narrativa.

A orientação cristã dos chefes é o tema do sétimo capítulo. O capítulo desenvolve ligações entre o universo religioso do sertão, no qual estavam situadas as chefias orientadoras de práticas religiosas e de condutas dos jagunços, e o messianismo cristão, com a proposta redentora de Cristo e de figuras míticas e salvadoras do Antigo Testamento, como Moisés e Zorobabel. O ponto de partida de cada um dos itens desse capítulo é a análise da ambiguidade dos fragmentos selecionados e o diálogo com alguns dos críticos citados no comentário do sexto capítulo.

O último capítulo, o oitavo, através de alguns jagunços, traz os elementos religiosos do costume cristão entre eles. Entretanto, será através da crítica de autores, como: Bolle, Araujo, Rosenfield, Albergaria e Utéza que temas da tradição cristã, tais como a salvação, o pecado, a graça, o bem e o mal, também presentes em alguns textos selecionados do romance, nos permitirão perceber, por um lado, nas analogias feitas, elementos da religião

cristã e, por outro, mediante a ambiguidade da narrativa, a ocultação desses elementos em alguns desses temas, tal como o mostra a nossa interpretação do caso de Maria Mutema.

Acrescentam-se referências a textos da Bíblia, do Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, de teologias cristãs, de modo particular, de Edward Schillebeeckx, que nos foram úteis como referencial para identificar, descrever e analisar tais elementos na narrativa rosiana. Estes textos, distintos entre si, nos serviram como exemplificações a fim de que pudéssemos fazer a ponte entre o texto literário e a religião cristã. A Bíblia é o livro sagrado dos cristãos, fala da relação entre Deus e o ser humano e da presença de Deus na história humana. É lembrada por Rosa no Grande Sertão e, ao interpretar os aspectos religiosos do romance, é trabalhada pela crítica literária. O catecismo católico contém os elementos essenciais e fundamentais da fé da Igreja, que permite às pessoas entender o conjunto da fé católica. Como o catolicismo, embora difuso, esteja presente no contexto da narrativa de Riobaldo, se apresentando mais como catolicismo popular, ainda assim, permite-nos perceber temas formalizados do catolicismo institucional nessa narrativa, conforme apontamos no desenvolvimento do nosso trabalho. Quanto às teologias cristãs, de modo particular, em Schillebeeckx, buscamos na interpretação de Araujo o sentido dessa escolha, pois, ao utilizar, na sua leitura, a ideia de travessia, da busca por salvação empreendida pelo narrador – como um itinerário para Deus ligado à história –, encontramos na teologia de Schillebeeckx, que trabalha com o tema da salvação vinculado à história – a sua tese: “fora do mundo dos homens não há salvação” SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 30, a melhor referência para analisarmos a soteriologia cristã e o seu desenvolvimento até os nossos dias, em função da riqueza de elementos cristãos ligados ao tema da salvação presentes no texto do Grande Sertão. Essa estrutura adotada, portanto, favoreceu a pesquisa na construção do material teórico necessário, pois os trabalhos de leitura do romance *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, de seus leitores e críticos mais importantes, nos permitiram buscar os elementos do cristianismo no texto de Rosa.

## PARTE I – DESCRIÇÃO DOS ELEMENTOS CRISTÃOS A PARTIR DAS PERSONAGENS

Guimarães Rosa usa o recurso do flashback ou analepse, ou seja, um dispositivo que leva a narrativa de volta no tempo a partir do ponto presente alcançado pela história, possibilitando recolher informações da maioria das personagens ao longo de toda a narrativa. Por essa razão, ao serem selecionados os principais fragmentos com características religiosas dos grupos de personagens, investigou-se amplamente tais características facilitando uma compreensão completa e articulada de todas as partes e em vários momentos da história a partir desses grupos. Não se pode deixar de apresentar a literatura crítica que faz a interlocução com o texto de Rosa nessa primeira parte. As interpretações feitas por ela diferem entre si, fazendo uma sofisticada descrição de diversos fragmentos do romance tendo a religião cristã como base. Rosenfield traz a filosofia para dentro do romance, ou seja, os temas da filosofia ocidental com as interseções da tradição cristã são as principais ligações trabalhadas pela autora. Enquanto que Araujo traz a teologia cristã para o texto de Rosa, isto é, a partir da visão joanina<sup>10</sup> – o evangelista –, traz os fundamentos e os principais temas, especialmente os desenvolvidos por teólogos da escolástica, como Tomás de Aquino e Boaventura ligando-se à mística de São João da Cruz e Mestre Eckhart, constituindo as analogias mais importantes dessa autora. Albergaria, ao se concentrar na investigação esotérica do Grande Sertão, traz o perfil religioso das principais personagens. Utéza, enquanto vê na leitura do romance, um caminho para a tradição oriental, também reflete sobre as influências do catolicismo popular no texto rosiano. Contudo, será através das reflexões de Araujo e Rosenfield, que perpassam por todo romance, o espaço de construção dessa primeira parte. Se para Rosenfield, Riobaldo é titubeante ao assumir a dúvida como princípio, estando aberto a todas as opções religiosas; para Araujo, Riobaldo é *homo viator*, facilmente adaptado ao cristianismo, tem fé e, embora a sua consciência de jagunço não saiba, segue um roteiro para Deus. O sertão para Rosenfield é o lugar do mal que abriga

---

<sup>10</sup> Os escritos joaninos, presentes no Novo Testamento, constituem-se do Evangelho, das Cartas e do Apocalipse.

todas as sociopatologias; para Araujo, o mal é a traição dos Judas e o sertão é o deserto, o lugar da purificação espiritual. A parte que segue, portanto, descreve o romance sintetizando os principais fragmentos e argumentando a partir do fio condutor dos elementos religiosos e, particularmente, cristãos presentes no texto de Rosa, assumindo a ambiguidade como pressuposto da narrativa.

## CAPÍTULO 1: O NARRADOR

O presente capítulo utiliza fragmentos do romance a fim de apresentar o papel do narrador, isto é, a referência e a identidade do Riobaldo-narrador ou do velho Riobaldo. O texto explora alguns temas, tais como: destino, salvação, religião, Deus, diabo, a ambiguidade do relato, o ser humano, os amores, o cristianismo e o sincretismo religioso, permitindo perceber os posicionamentos do narrador e seu diálogo com o interlocutor silencioso, na maioria das vezes, referenciado de *senhor*. Como o objetivo é oferecer argumentos que atestam a religiosidade em geral e a cristã em particular apropriando-se descritivamente dos fragmentos e buscando na interpretação seguir o fio condutor desses elementos de religiosidade presentes no romance, o leitor poderá perceber as diversas inferências religiosas que decorrem do texto de Rosa e dos textos da sofisticada reflexão feitas pelas leituras, dos aspectos filosóficos e religiosos de *Grande Sertão: Veredas*, da literatura crítica.

### 1. A religiosidade

O narrador ao falar do seu passado transmite ao interlocutor o seu momento presente, isto é, acena para uma opção pela religião e pelo bem como certeza no caminho de Deus e da salvação. A capacidade de fazer os diversos discernimentos que a vida exige no caminhar do tempo é a experiência recolhida que Riobaldo fala ao preferir a clareza de tudo e principalmente das condutas: “que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos

pastos demarcados...”.<sup>11</sup> Infere-se uma religiosidade que decorre da simplicidade e da capacidade de construir uma existência significativa a partir do momento. Contudo, quando o narrador entrega a sua vida ao personagem Riobaldo Tatarana, a obscuridade e a confusão ocupam um espaço ainda maior aumentando a ambiguidade da narrativa: “Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado...”.<sup>12</sup> Do desespero pode surgir a esperança. Do sofrimento, o prazer da vida. A mistura, ao mesmo tempo em que revela a realidade do seu universo de jagunço, também representa o perigo da perda do sentido da vida. Por isso, por um lado, Riobaldo admira Jõe Bexiguento, pois a sua natureza era a simplicidade que o tornava capaz de ver as coisas separadas, por outro, o despreza por dar a sua vida um destino preso à regra do jaguncismo.

Ao seu interlocutor: “[...] Agora, no que eu tive culpa e errei, o senhor vai me ouvir”.<sup>13</sup> Riobaldo narrador relembra pessoas, lugares e imagens que participaram da construção da trama de sua vida. O tempo todo, em forma de questionamentos, procura afirmar a sua identidade buscando entender através de um fio condutor, religioso ou ético, o sentido de sua vida. O narrador fala a partir de um momento de sua vida em que a sua história faz sentido e este sentido foi dado, em parte, pela religiosidade que internalizou e pelos ensinamentos do catecismo de Quelemém, por isso vê o universo religioso como solução para as contradições vividas pelo ser humano: “eu queria formar uma cidade da religião”.<sup>14</sup> Ao tomar esse universo como pressuposto faz uma rápida síntese de sua vida e em forma de questionamentos sobre pessoas, ações e escolhas, passa ao seu ouvinte passivo a responsabilidade de acompanhá-lo nesse itinerário concordando com as inferências que o próprio narrador elabora. A partir do encontro dos dois rios, o Urucuia com o São Francisco, fala do encontro de sua mãe e de seu triste destino com seu padrinho Selorico Mendes: “O meu Urucúia vem, claro, entre escuros. Vem cair no São Francisco, rio capital. O São Francisco partiu minha vida em duas partes. A Bigrí, minha mãe, fez uma promessa; meu

---

<sup>11</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 221. A edição que utilizaremos nesta pesquisa é baseada no texto da 5ª edição da obra, publicada em 1967. Manteremos, na transcrição das referências, a ortografia utilizada por Guimarães Rosa. Optamos por trabalhar – nessa primeira parte – de forma mais descritiva utilizando os principais grupos de personagens como orientadores do roteiro, por isso, denominou-se como título desta parte de: *Descrição dos Elementos Cristãos a partir das Personagens*. Em razão desta proposta, se verificará um uso significativo de trechos do romance no desenvolvimento do itinerário religioso e cristão desses grupos de personagens.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 221.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 313.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 310.

padrinho Selorico Mendes tivesse de ir comprar arroz, nalgum lugar, por morte de minha mãe?”.<sup>15</sup> Fala de pessoas importantes na sua história que se desenraizaram de alguma forma para com acertos e erros, assim como ele, realizar o seu destino. Medeiro Vaz depois que se desfez de todos os seus bens e raízes tornou-se o rei dos Gerais, mas morreu sofrendo feito um touro berrando no meio da chuva. Zé Bebelo o impressionou com sua sabedoria prática, mas não conseguiu realizar nenhum de seus intentos, portanto frustrou a identidade que almejava construir. Compadre Quelemém, sem parente, a sua raiz é desconhecida. Joca Ramiro, tão misterioso, que parecia um espírito. Sô Candelário tinha uma identidade presa à de Joca Ramiro, também como Quelemém, sem raiz. Diadorim e Otacília tinham uma identidade construída apenas na sua imaginação. Diadorim, pelos segredos que a envolviam e Otacília pelo pouco real conhecimento que dela tinha: “mas, Otacília, era como se para mim ela estivesse no camarim do Santíssimo”.<sup>16</sup> O passado de virilidade talvez perdido: “Nhorinhá puta e bela”,<sup>17</sup> a mocinha Miosótis frígida feito pedra e a Rosa’uarda, as primeiras boas experiências do amor. Riobaldo traz o passado de desenraizamento e tenta ver o valor dessas experiências a fim de entender melhor a sua identidade: “O senhor pergunte: quem foi que foi o jagunço Riobaldo? [...] Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total. [...] Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura. Deus é que me sabe”.<sup>18</sup> Riobaldo propõe um enraizamento universal. Sugere que o ser humano se apegue àquilo que está na sua constituição fundamental, isto é, a consciência de si e do mundo, o viver humano humanamente e o amor como linguagem universal: “jagunço é o sertão”<sup>19</sup> e sertão é o mundo humano. Sugere a busca pela totalidade que se desenraiza da particularidade: “o Valtêi, na hora em que o pai e a mãe judiavam dele por lei, ele pedia socorro aos estranhos. Todos estão loucos, neste mundo?”<sup>20</sup> A identidade humana que ele pensa é a realidade de Deus. É a forma de ver tudo religiosamente, pois é a sua condição atual. E agora, já velho, com tempo, tem condições de amarrar as últimas pontas da trama de sua vida, pensando na

---

<sup>15</sup> Ibidem, p. 310.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 310.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 311.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 311.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 313.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 311.

relação entre o indivíduo e a humanidade e entre os afazeres do cotidiano e as últimas realidades humanas e o seu destino eterno: condenação ou salvação.

Deus está em tudo – conforme a crença? Mas tudo vai vivendo demais, se remexendo. Deus estava mesmo vislumbrante era se tudo esbarrasse, por uma vez. Como é que se pode pensar toda hora nos novíssimos, a gente estando ocupado com estes negócios gerais? Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num compito. Eu penso é assim, na paridade. *O demônio na rua...* Viver é muito perigoso; e não é não. Nem sei explicar estas coisas.<sup>21</sup>

A brevidade e a efemeridade do viver humano levam-no a pensar na eternidade e na essência da vida. Por isso pensa na culpa e como ela pode fazer sentido em sua vida. Em forma de perguntas ao seu interlocutor, tenta entender se de fato a sua vida foi marcada por um destino, portanto, sem remorsos, sem culpa. Ou se de fato escolheu o pacto com o demo e questiona: porque agora não pode escolher o pacto com Deus? Para ele a existência de Deus é necessária e significativa. Quanto à existência do diabo, é necessária apenas como referência oposta à existência de Deus. Riobaldo acredita que o ser humano seja capaz de formar o seu espírito na sabedoria e no entendimento, isto é, construir na sua alma o sentido da bondade, portanto, de Deus. A maldade é a manifestação do demo, como realidade confusa, caótica, sem possibilidade de eternidade porque a essência humana está em Deus: “é preciso de Deus existir a gente, mais; e do diabo divertir a gente com sua dele nenhuma existência. O que há é uma certa coisa – uma só, diversa para cada um – que Deus está esperando que esse faça”.<sup>22</sup> O ser humano para Riobaldo consciente da sua consciência, por isso, diferente de outras criaturas, tem que fazer escolhas o tempo todo, mesmo que lhe custe cair para depois reerguer, assumindo a sua condição de humanamente viver, tomando como referência a existência de Deus e negando a existência do demo. “Digo ao senhor: tudo é pacto. Todo caminho da gente é resvaloso. Mas, também, cair não prejudica demais – a gente levanta, a gente sobe, a gente volta! Deus resvala? Mire e veja. Tenho medo? Não”.<sup>23</sup> Riobaldo velho amadureceu espiritualmente: o que lhe permite ver de forma diferente o ser humano, a relação de culpa decorrente de uma religiosidade amadurecida e o próprio conceito de Deus sofreram modificações. O Deus da sua juventude causava-lhe temor porque se identificava com a severidade e a aspereza do sertão. Hoje, na sua velhice e combinando com ela, Deus é suave, cheio de bondade e justo juiz que sabe entender o

---

<sup>21</sup> Ibidem, p. 312.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 312.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 313.

caminho resvaloso do ser humano: “mas eu hoje em dia acho que Deus é alegria e coragem – que Ele é bondade adiante, quero dizer”.<sup>24</sup>

Diante do interlocutor silencioso, o narrador afirma a existência de Deus e de Sua sabedoria sobre o destino humano. Essa é a proposta da narrativa de Riobaldo contra os argumentos de um doutor que explorava as pedras turmalinas no vale do Arassuaí afirmando que os aleijões ou problemas de saúde estão ligados aos processos de evolução e desenvolvimento da vida e que Deus nada tem a ver com isso. No entanto, o narrador insiste que saúde e doença, paz e guerra, sofrimento e prazer fazem parte do mistério divino: “o que não é Deus, é estado do demônio. [...] Mas a gente quer Céu é porque quer um fim: mas um fim com depois dele a gente tudo vendo”.<sup>25</sup> Também não se pode negar que os argumentos do doutor causam em Riobaldo um conflito sobre a existência de Deus e, de propósito, o narrador ao apresentar esse relato também se coloca momentaneamente no campo do ceticismo. Nega o demônio, mas não a ação demoníaca do humano: “Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver – a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo. O inferno é um sem-fim que nem não se pode ver”.<sup>26</sup>

Passagens que também passa ao leitor o valor que o velho Riobaldo dá à religiosidade, considerando imprescindível participar do universo das religiões para oportunizar a experiência religiosa, assim se expressa: “tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar – o tempo todo”,<sup>27</sup> é a força da religião que Riobaldo sente no aprimoramento do discernimento – ajuda a desdoidar – através das rezas, orações que estão em todos os credos: “eu cá, não perco ocasião de religião. [...]. Bebo água de todo rio... [...]. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, [...]. Mas, quando posso, vou a Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: [...]”.<sup>28</sup> Araujo afirma que Riobaldo suspende o julgamento sobre a essência de Deus, ou seja, para ele todas as crenças religiosas

---

<sup>24</sup> Ibidem, p. 313.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 60.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 60.

<sup>27</sup> Ibidem, p. 16. A necessidade de rezar, como sugere a narrativa, significa a posse do conhecimento da diferença entre o bem e o mal; a oração é a sua forma religiosa de se afastar da loucura e do pecado no sentimento de culpa. ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da Linguagem no Grande Sertão: Leituras dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa*, p. 30.

<sup>28</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 16.

possuem o mesmo valor. Isso significa suspender a intolerância e o dogmatismo levando ao desligamento de relações rígidas e limitadas com possibilidade para novos religamentos, flexíveis, ricos e variados.<sup>29</sup> Rosenfield também infere uma direção parecida ao afirmar que esse posicionamento de Riobaldo nada sincrético seria uma forma de fugir dos “hábitos e rituais meramente convencionais”.<sup>30</sup> Contudo, o velho Riobaldo, propositadamente ao narrar, mostra-se vocacionado ao ofício de rezar. Embora criticado, conforme dito, não gosta de ficar preso a um determinado credo religioso e não tem vergonha de ser quem é, mesmo que a visão do meio mostre o contrário: “muita gente não me aprova, acham que lei de Deus é privilégios, invariável”.<sup>31</sup>

E continua a ligação com o universo religioso, ao perceber que essa relação se dá no movimento da natureza após a festança da vitória e do julgamento de Zé Bebelo, no instante em que Riobaldo sente necessidade de partir sem rumo e sem dar satisfação aos seus companheiros, como já fizera em outras ocasiões. O nosso narrador no seu relato insiste na busca de uma vida significativa e faz questão que seu interlocutor silencioso saiba disso. Por isso, o tempo todo, embora indeciso, procura um itinerário ao encontro de si mesmo. Por isso, impelido por uma força estranha que o chama para um relaxo do corpo e da alma, ao parar na beira de um córrego para dormir, embaixo de uma árvore e, ao acordar, se defronta com Diadorim que o está vigiando. A narrativa sugere uma inferência de natureza religiosa. Riobaldo aceita religiosamente a mística da natureza ao considerar a água cristalina do córrego como uma divindade. Mais uma vez é a manifestação cósmica interferindo no seu destino: “o tanto assim, que até um corguinho que defrontei – um riachim à-tôa de branquinho – olhou para mim e me disse: – Não... – e eu tive que obedecer a ele. Era para eu não ir mais para diante. O riachinho me tomava a benção. Apeei”.<sup>32</sup> Exalta a simplicidade e a perfeição da natureza ao sentir inveja dos animais que têm uma vida simples e significativa, como em outras vezes referia-se ao pássaro manuelzinho-da-crôa, apreciado por sua beleza e simplicidade: “o bom da vida é para o cavalo, que vê capim e come”.<sup>33</sup> Por

<sup>29</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 356.

<sup>30</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 123. Albergaria e Utéza também assumem a mesma posição, ao afirmar que Riobaldo não era o homem religioso que seguia apenas os preceitos do cristianismo. ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da Linguagem no Grande Sertão: Leituras dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa*, p. 29 e 45 e UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 70.

<sup>31</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 16.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 288.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 288.

outro lado, não se pode ignorar que Riobaldo tinha a fraqueza de dormir demais e fora de hora, era o prazer do momento, entre outros prazeres, que lhe era irresistível e ao narrar, reconhece isso. E atribuía ao diabo tal hábito que o impedia de ver a realidade como de fato era a não ser de forma distorcida pelo sonho, em que tudo é permitido e tudo se transforma em tudo: “Quando a gente dorme, vira de tudo: vira pedras, vira flor. [...] é que refiro tudo nestas fantasias. Mas eu estava dormindo era para reconfirmar minha sorte. Hoje, sei. E sei que em cada virada de campo, [...], está dia e noite um diabo, que não dá movimento, tomando conta. [...] Dormi, nos ventos”.<sup>34</sup> Riobaldo não se conforma com sua sorte. Diadorim, assim como a mística da natureza, também é a aparição da divindade inacessível. Só em sonho Diadorim poderia ser o complemento afetivo do desejo de Riobaldo. O Diadorim que Riobaldo queria só poderia ser encontrado de forma sobrenatural: “quando acordei, não cri: tudo o que é bonito é absurdo – Deus estável”.<sup>35</sup> Enfim, a narrativa trata de um personagem confuso, em busca de todo tipo de interferência externa, seja cósmica, religiosa ou humana – de Diadorim –, no caso sentimental, a fim de dar significado à própria vida tentando entender o destino que lhe coube cumprir e revela um narrador aberto às diversas formas de acessar o sobrenatural e de se encontrar nesse universo.

## 2. Elementos do cristianismo

Assim como o pensar sobre a vida e o seu sentido exige tempo e dedicação, o narrador Riobaldo coloca a dimensão religiosa no nível do mistério que precisa de um espaço. “Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessoros, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular ideia.<sup>36</sup> O diabo existe e não existe?”<sup>37</sup> Se a falta de lógica, explicação e conhecimento para os diversos acontecimentos do cotidiano do sertanejo – do jagunço – abre para o espaço religioso, ou seja, também para a crença no diabo. Então, ao narrar ao seu ouvinte silencioso reforça a sua opção fundamental no

---

<sup>34</sup> Ibidem, p. 288.

<sup>35</sup> Ibidem, p. 288.

<sup>36</sup> Riobaldo ao longo de seu itinerário para Deus, segundo Araujo, recebe vários dons do Espírito Santo. O dom da Ciência é o que lhe dá acesso aos demais por possuir duas veredas: a Filosofia, “especular ideia” e a Teologia, “leitura proveitosa, vida de santo [...]”. ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 104.

<sup>37</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 10.

presente, isto é, “hoje eu quero é a fé, mais a bondade”.<sup>38</sup> Araujo afirma que a graça santificante, de Cristo – a justiça pessoal – ao diferir da justiça original da natureza humana, anterior à Queda, dá ao velho Riobaldo, após o recebimento dessa graça, a condição de morrer e renascer, ou seja, ele converte-se por ter deixado a vida jagunça para uma vida pacífica. Por isso, ao aguardar a morte da vida terrena, especulando em torno da ideia, se prepara para a vida eterna.<sup>39</sup> *Grande Sertão: Veredas*, segundo a autora, é a narrativa da conversão da alma para o estado de graça.<sup>40</sup> Rosenfield também, ao considerar essa influência da cultura cristã, acrescenta que as imagens do passado do velho Riobaldo aos poucos se cristalizaram em torno de alguns temas do imaginário mítico que mais adiante foi inserido nas lendas cristãs, na cultura medieval e ultimamente tem sido esmiuçado pela reflexão,<sup>41</sup> sugerindo a inevitabilidade de uma religiosidade dessas imagens. Infere-se tanto de Araujo, quanto de Rosenfield, a presença de elementos cristãos no romance e a atribuição desses elementos por Araujo é feita mais diretamente ao narrador por ter a sua religiosidade afetada pelos temas cristãos, da conversão e da graça.

A vida passada, do tempo da jagunçagem é objeto manipulável da narração do velho Riobaldo e também por isso ganha conotação religiosa. O narrador necessita de um olhar diferenciado, como o do doutor, para ajudá-lo a costurar os fios de sua vida que estão soltos, por isso não esconde o drama existencial que o aflige e apela para a sabedoria e a paciência do interlocutor silencioso capaz de entender o contar como articulação de fatos significativos do passado que fazem sentido em número e grau no presente: “Quero é armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho”.<sup>42</sup> Para essa expressão, Rosenfield afirma que a narrativa ao representar a vivência torna-se um plano para a compreensão do sentido das coisas que estão nebulosas e opacas. A superação do desconhecido se dá como articulação a partir da imitação que tenta “armar o ponto dum fato”, ou seja, o auge da densidade poética, que culmina no paradoxo e que anima a narrativa sintetizando no final a tragédia: queda e morte.<sup>43</sup> Infere-se uma artimanha artística do narrador a fim de levar o interlocutor a entender o Riobaldo que afirma e nega ao mesmo tempo a sua condição de

---

<sup>38</sup> Ibidem, p. 544.

<sup>39</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 55.

<sup>40</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>41</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 228.

<sup>42</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 216.

<sup>43</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 354.

jagunço deixando por algum instante o interlocutor confuso diante da instabilidade da narrativa, no entanto, o que de fato ele quer é afirmar a sua condição religiosa do momento, ou seja, o seu destino na jagunçagem era da vontade de Deus. Se não tivesse passado pelo que passou, feito o que fez, isto é, matado, salvo, vingado e amado, não teria se tornado o homem bom e seguidor de religião, como inúmeras vezes o leitor poderá confirmar no romance. Se “O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não quero ser. Deus esteja!”<sup>44</sup> é uma afirmação do ser humano enquanto ser paradoxal, e numa dimensão religiosa Deus seria testemunha da realidade dessa natureza. Por isso não sente remorso pela morte dos companheiros mortos por entender o drama da guerra e as escolhas que esta obriga a se fazer de última hora. Mesmo sendo capaz de encontrar razões religiosas para entender o sentido de sua vida, precisa de um olhar diferente, no conselho de seu ouvinte atento para encontrar justificativas de seu destino especificamente humano: santo e pecador, Jagunço-Riobaldo e narrador-Riobaldo: “o senhor sabe, o senhor segue comigo”.<sup>45</sup> Para Araujo, de maneira clara, o romance tem como fio condutor uma viagem experienciada por Riobaldo, e outra articulada e narrada para seu interlocutor silencioso que se realiza em direção a Deus. Preocupado com a salvação de sua alma, o velho Riobaldo pensa nos novíssimos e coloca o tempo todo reflexões acerca do tema do mal.<sup>46</sup> Diversamente, Rosenfield, ao olhar para além da dimensão religiosa, afirma que a narrativa de Riobaldo titubeia para dois lados opostos, de um lado, um fim totalmente desprovido de qualquer significado religioso, simplesmente a consumação dos fatos, de outro, uma escatologia, ou seja, a realização da redenção divina marcada pela promessa de justiça e de bondade no Reino de Deus.<sup>47</sup> Infere-se para o propósito da tese que Araujo assume o conteúdo apresentado pelo narrador com proximidade maior ao tema soteriológico por entender a sequência da narrativa como equivalente ao itinerário pessoal do narrador que assume a conversão, ou seja, o abandono da vida jagunça equivale à busca por religião, por Deus, portanto, por salvação.

---

<sup>44</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 216.

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 217.

<sup>46</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 21-22. Utéza, da mesma forma que Araujo, afirma que o narrador está a procura de sentido e, por isso, preocupa-se com o sentimento de culpa herdado de sua formação religiosa. UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 408.

<sup>47</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 232.

Ao dar uma pausa à narrativa em que manifesta o seu interesse por salvação, começa a dar explicações ao seu interlocutor calado sobre os motivos que o levam a contar a história de sua vida. Primeiro fala das condições que tem para relembrar o passado, isto é, está na varanda da sua casa em uma cadeira de balanço e ela é de boa qualidade, “de Carinhonha” e está com o tempo livre para gastar com pensamentos sobre as imagens do seu passado. Quando afirma: “tenho saquinho de relíquias”,<sup>48</sup> quer dizer ao seu ouvinte que as coisas mais importantes que lhe aconteceram e que fazem sentido hoje são as que serão ditas; como uma pessoa religiosa que guarda relíquias de experiências religiosas vividas para ajudá-la a construir o sentido religioso de sua vida no presente. Riobaldo tem necessidade de falar sobre a sua memória, embora se apresente como um ignorante ou finge sê-lo, quer confirmação de clareza sobre a sua condição atual: de homem em busca de salvação e temente a Deus: “sou um homem ignorante. Gosto de ser. Não é só no escuro que a gente percebe a luzinha dividida? Eu quero ver essas águas, a lume de lua...”.<sup>49</sup> Sabe que tudo o que lhe aconteceu não foi por acaso. Quer montar o quebra-cabeça de sua vida como um espelho para ver-se melhor ao juntar as suas marcas passadas. Relata a partir de um velho Riobaldo religioso, preocupado com a própria salvação e que sente viver com as graças de Deus. No entanto, se o narrador, por um lado, se coloca como um homem totalmente transformado, tanto pelo tipo de vida que experimentou, quanto pela positividade da experiência religiosa que teve, por outro, a narrativa não consegue esconder a ambiguidade do narrador, ao assumir o tipo de vida que experimentou no passado, até com possibilidade, se preciso for, de resolver problemas na lei do jaguncismo novamente; orgulha-se da sua liderança tido como o chefe Urutu Branco, dos amigos daquele tempo, com quem ainda mantém a lealdade: “mas, hoje, que raciocinei, e penso a oito, não nem por isso não dou por baixa minha competência, num fogo-e-ferro”.<sup>50</sup> Como chefe Urutu Branco que foi transformado e decidido em demonstrar a sua liderança através da natureza jagunça na arte de judiar – como no episódio do homem da égua com seu cachorrinho<sup>51</sup> – sente no tempo da narrativa como se estivesse possuído pelo demo, tendo motivos para olhar o passado com arrependimentos suplicando a compreensão divina: “Seja o que; hoje mais rezo”.<sup>52</sup> É dedicado à sua mulher e à compreensão da religião: “bem-querer de minha mulher foi que

---

<sup>48</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 309.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 309.

<sup>50</sup> *Ibidem*, p. 23.

<sup>51</sup> *Ibidem*, p. 473.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 476.

me auxiliou, rezas dela, graças”.<sup>53</sup> Infere Araujo que o monólogo do velho Riobaldo no romance é uma confissão de sua vida e, ao mesmo tempo, um julgamento pedindo perdão e penitência. Por isso, enquanto narra, propõe a construção de uma vida nova, transformada, vivificada e comunicada pelo espírito.<sup>54</sup> Rosenfield interpreta de forma diversa a narrativa de Riobaldo ao afirmar que “As práticas religiosas e as numerosas rezas encomendadas em nome da salvação” são na verdade uma forma de mostrar a crença alheia. Por exemplo, Otacília crê na redenção de Cristo e no perdão dos pecados que segundo a autora não convencem Riobaldo.<sup>55</sup> Por outro lado, é possível inferir que o velho narrador assume com consciência de quem sabe a escolha que está fazendo, com razão. A sua visão, com maior clareza, permite fazer um julgamento de si e de seus companheiros de guerra. No entanto, percebe-se certa confusão, isto é, ora em tom de arrependimento, ora de glória de seus feitos. “E meus feitos já revogaram, prescrição dita. Tenho meu respeito firmado. Agora, sou anta empoçada, ninguém me caça”.<sup>56</sup> Contudo, infere-se a preferência pela vida atual em detrimento de um passado deixado para trás. Vê o seu passado com pessimismo, “minha vida não deixa benfeitorias”,<sup>57</sup> não foi o homem que gostaria de ter sido. Hoje, conforme a narrativa, praticante de religião, buscando entender os seus pecados – o número sete pode ter esse significado; sente confiança na própria salvação, apesar das insônias – desconforto que utiliza em proveito para rezar – e do medo que ainda paira em sua consciência: “mas me confessei com sete padres, acertei sete absolvições. No meio da noite eu acordo e pelejo para rezar. Posso”.<sup>58</sup>

Se, por um lado, a avaliação de seu passado para o narratário ouvinte não é tão positiva, por outro, Riobaldo gosta da pedagogia de Deus, que de mansinho ensina o caminhar humano: “o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro! Ah, uma beleza de traiçoeiro

---

<sup>53</sup> Ibidem, p. 24.

<sup>54</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 190.

<sup>55</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 368. A ambiguidade da narrativa também possibilita entender que a inferência de Rosenfield se coloca na perspectiva de Utéza, ao afirmar sobre a intenção de Riobaldo de praticar diversos rituais. Por isso invoca os serviços espirituais das rezadeiras e de Otacília. UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 70. O mesmo se verifica com Albergaria ao afirmar que Riobaldo participa de todas as práticas exotéricas a fim de garantir a salvação. ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da Linguagem no Grande Sertão: Leituras dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa*, p. 29 e 45. Inferem-se desses autores, por um lado, o reconhecimento do espaço religioso presente na vida do jagunço e, por outro, o valor relativo dado à oração por Riobaldo, por não se comprometer integralmente com um tipo específico de fé.

<sup>56</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 98.

<sup>57</sup> Ibidem, p. 64.

<sup>58</sup> Ibidem, p. 64.

– dá gosto! [...] Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho [...]. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza”.<sup>59</sup> Araujo infere que para encontrar Deus é preciso o uso da inteligência indo além das aparências imediatas, pois Deus não aparece de forma clara. É preciso encontrá-lo por detrás das “brutas”, da forma de aparecer do diabo e subentendido na “letra”.<sup>60</sup> O demo é o tempo, portanto a morte. O contrário é Deus, esconde-se no fluir do tempo. Deus permanece eternamente e tem todo o tempo do mundo.<sup>61</sup> O narrador assume pra si a condição do humano em construção. Olha para o passado com gratidão por ter lhe dado a experiência de poder referir-se ao hoje com outra perspectiva. A transformação se dá no cotidiano. Esse é o milagre: “que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam”.<sup>62</sup> A justiça divina vai se realizando aos poucos. Tem consciência de que Deus está com ele no caminho que a sua vida está percorrendo, mas não tira a sua autonomia. Deus não faz as escolhas. Riobaldo é quem constrói a sua própria existência. Por isso afirma: “Deus vem, guia a gente por uma légua, depois larga. Então, tudo resta pior do que era antes”.<sup>63</sup> De acordo com Araujo, no seu itinerário, Riobaldo se prepara para o “projeto de Deus”, o recebimento da graça santificante. Ajudado por Diadorim, ele se orienta para o final do caminho se organizando no primeiro momento para a vida diária, isto é, o cuidado com o corpo, com o físico.<sup>64</sup> Percebe-se novamente a coerência mantida por Araujo ao retratar um narrador mudado por conta da religião, no caso, a autora trabalha com categorias cristãs. Por esta razão podemos tomar essa interpretação como um referencial qualificado. A sua liberdade é também a sua dor e a sua responsabilidade. A consciência de si no passado permite-lhe autoavaliar-se nos acertos e nos erros, sem remorsos e compreender essa pedagogia de Deus. A sabedoria divina parece ajudar o velho Riobaldo a orientar a sua própria experiência. “O senhor ouvia, eu lhe dizia: o ruim com o ruim, terminaram por as espinheiras se quebrar – Deus espera essa ganância”.<sup>65</sup> Deus, na visão do narrador, não interfere na liberdade humana. Permite que o tempo o ajude a resolver os próprios conflitos não interferindo nas escolhas e nem nas consequências que delas decorrem: “Moço!: Deus é

---

<sup>59</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>60</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 299.

<sup>61</sup> Ibidem, p. 336.

<sup>62</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 23.

<sup>63</sup> Ibidem, p. 144-145 .

<sup>64</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 43.

<sup>65</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 17.

paciência”.<sup>66</sup> Quanto ao diabo, representante da maldade, não quer a autonomia humana. “O contrário, é o diabo. Se gasteja”.<sup>67</sup> Para Araujo, é possível afirmar que Riobaldo entra na sua liberdade, mesmo depois de seu encontro nas Veredas Mortas. Em Deus, segundo a teologia cristã, o homem deve ser plena liberdade, pois antes da Queda a natureza do homem no paraíso era de plena liberdade de arbítrio. A Queda significou a perda de seu pleno livre-arbítrio. Portanto, recuperar o homem escondido pela mancha do pecado é o seu destino.<sup>68</sup> A autora infere ainda uma aproximação do pensamento do narrador com o de santo Tomás de Aquino ao dizer que o mal em si é apenas uma abstração, um ser de razão, pois Deus deseja sempre o bem e que o mal enquanto tal não tem existência, ou seja, mesmo quando dá a impressão que está permitindo o mal, é o bem, dentro desse mal que Ele percebe e deseja.<sup>69</sup>

Entretanto, a sua fé começa a enfrentar desafios, ao narrar sobre o compadre Quelemém, da sua habilidade de contar e de procurar “saber tudo diverso”<sup>70</sup> e de ir além; infere-se do narrador a atribuição de um significado religioso no olhar de Quelemém sobre o acontecido, pela sua capacidade em manter uma coerência nas histórias, por buscar convencer sobre a relação do momento presente com o passado e sobre implicações para a expectativa da salvação. Rosenfield diferentemente dessa inferência prefere apresentar um Riobaldo-narrador mais cético, afirmando que ele não se convence a partir dos argumentos do catecismo de Quelemém e de suas histórias edificantes com as promessas escatológicas elaboradas com os principais temas do cristianismo, tais como: o Juízo Final e o Céu. A proposta das histórias de Quelemém, segundo a autora, é o centro da Boa Nova cristã, ao apresentar a ideia de uma justiça final confirmada na revelação de Deus aos justos e injustos, a remissão e a anulação dos pecados purgados.<sup>71</sup> No entanto, também se pode ver que na leitura da autora é possível aceitar que o velho Riobaldo adota o tema soteriológico baseado nas boas ações dos justos das interpretações de Quelemém e se sente orgulhoso diante de seu interlocutor por entender melhor a sua história a partir desse catecismo edificante e do

---

<sup>66</sup> Ibidem, p. 17.

<sup>67</sup> Ibidem, p. 17.

<sup>68</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 186. Albergaria afirma que se antes da Queda o homem não conhecia os sistemas dualistas do bem e do mal, portanto não havia necessidade de reparação, então Riobaldo não poderia ter se conservado nesse estado de inocência edênica. Ou seja, a sintonia entre as reflexões das duas autoras consiste na consciência da condição do narrador no momento em que narra e da busca pela liberdade, na graça. ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da Linguagem no Grande Sertão: Leituras dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa*, p. 30.

<sup>69</sup> Ibidem, p. 66.

<sup>70</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 198.

<sup>71</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 368.

melhor desempenho em narrar com ele aprendido: “Agora, neste dia nosso, com o senhor mesmo – me escutando com devoção assim – é que aos poucos vou indo aprendendo a contar corrigido”.<sup>72</sup>

Com as provocações de Quelemém, o narrador passa a se interessar pelo tema do pacto com o demo, que é remissivo no romance. O velho Riobaldo, com sua experiência religiosa, se perturba constantemente e implora ao interlocutor, com seu saber de doutor, a confirmação da inexistência do diabo. Segundo Araujo, este encontro de Riobaldo com o demo se configura numa epifania, ou seja, é um encontro ambíguo, pois ele não sabe quem vem ao seu encontro, se Deus ou o demo. A incognoscibilidade e a inefabilidade dão o sentido epifânico ao pacto.<sup>73</sup> Para a autora, na solidão da noite, Riobaldo ouve e reconhece sua própria voz e reconhece sua pessoa. “Define-se em sua relação com o existir: o demo não existe, ele, Riobaldo, sim. [...] Define-se, portanto, a partir de sua relação com Deus, puro ato de existir. Reconhece que a não-existência do demo não é sua essência humana – sua essência é Deus. Toma *pessoa*”.<sup>74</sup> Por outro lado, nas lembranças do passado, recolhe dessas experiências culturais diversos nomes dados ao demônio, como forma de identificá-lo para se prevenir do mesmo ou para confirmar, por oposição, a presença de Deus: “o Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Côxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem-Gracejos... Pois, não existe!”<sup>75</sup> Sugere a possibilidade de que seja o próprio Deus a enviar o diabo para revelar ao homem, com suas ruindades, para se ver distinto das bondades, que é a identidade de Deus. Riobaldo velho é um homem que adota a prática de algumas rezas, não à toa quer pacto com Deus para não se repetir o suposto pacto com o demo: “e, se não existe, como é que se pode se contratar pacto com ele?”<sup>76</sup> Por isso, ao narrar modifica o sentido dos fatos vividos pelo jagunço Riobaldo, ou seja, afirma a descrença no diabo, mais ainda, a impossibilidade de se fazer pacto, vendendo a alma: “agora, bem: não queira tocar nisso mais – de o Tinhoso; chega. Mas tem um porém: pergunto: o senhor acredita, acha fio de verdade nessa parlanda, de com o demônio se poder tratar pacto? Não, não é não? Sei que

<sup>72</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 198.

<sup>73</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 230.

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 232-233.

<sup>75</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 39.

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 39.

não há”.<sup>77</sup> Por um lado, a narração da cena do pacto revela o olhar de arrependimento: “Há-de, essa lembrança branda, de minha ação, minha Nossa Senhora ainda marque em meu favor. Deus me tenha! [...]”.<sup>78</sup> Por outro, mostra um Riobaldo que foge de sua personalidade titubeante ao manter-se firme no propósito assumido, consciente de seu livre arbítrio: “Deus deixou que eu fosse, em pé, por meu querer, como fui”.<sup>79</sup> Na leitura de Rosenfield, a negação revela uma narrativa que não se preocupa com as analogias tradicionais atribuídas ao demônio, tais como: as superstições sertanejas que apresentam o mal encarnado e as lendas da tradição cristã. Contudo, concebe a sua própria analogia da essência do mal. A primeira imagem da narrativa é o conceito de demônio como “azougue maligno”. A noção de mal, nesse caso, é o problema da abertura significativa, isto é, o movimento mercuriano do sentido que retira a sustentação das normas e das regras necessárias ao ordenamento da reflexão.<sup>80</sup>

Se o tema do pacto o conduz à necessidade de aprofundar o significado da existência de Deus e do demo, então a confirmação da sua crença única em Deus se dá a partir de alguns exemplos que utiliza como argumento para provar que ninguém dá o que não tem. A alma é de Deus, portanto não pode ser vendida, nem entregue para pacto. Confia na sabedoria do seu interlocutor, com sua titulação de doutor para confirmar a sua crença, sem nenhuma predisposição para mudar de opinião em relação à sua convicção: “se tem alma, e tem, ela é de Deus estabelecida, nem que a pessoa queira ou não queira. Não é vendível. O senhor não acha? Me declare, franco, peço”.<sup>81</sup> Araujo afirma que o itinerário de Riobaldo mostra, portanto, que ele não vende sua alma ao demo. Ao contrário, sabe que a Ele pertence, por isso compra-a para dá-la a Deus.<sup>82</sup> Descrê na existência do demônio, embora este tenha confirmação em diversas religiões, “sei que é bem estabelecido, que grassa nos Santos-Evangelhos”.<sup>83</sup> Contudo, admite a prática do exorcismo como prática religiosa: “em ocasião, conversei com um rapaz seminarista, muito condizente, conferindo no livro de rezas e revestido de paramenta, com uma vara de maria-preta na mão – proseou

---

<sup>77</sup> Ibidem, p. 24.

<sup>78</sup> Ibidem, p. 418.

<sup>79</sup> Ibidem, p. 418.

<sup>80</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 218.

<sup>81</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 25.

<sup>82</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 315.

<sup>83</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 9.

que ia adjutorar o padre, para extraírem o Cujo, do corpo vivo de uma velha”.<sup>84</sup> E também admite outra explicação para essa maldade demoníaca, ou seja, a doutrina de Quelemém afirmando “que o que revela efeito são os baixos espíritos descarnados, de terceira, fuzuando nas piores trevas e com ânsias de se travarem com os viventes – dão *encosto*”.<sup>85</sup>

Embora a realidade possa abrigar essa mistura entre bem e mal e Deus e o demo, – o narrador parece orientar a sua vida para a fé em Deus – a presença de Deus de acordo com o relato do velho Riobaldo está ligada ao ser humano enquanto ser de bondade dando a entender, portanto, que a maldade também faz parte da natureza humana decorrendo dessa mistura uma luta eterna do diabo com Deus. “– Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja”.<sup>86</sup> A relação entre a figura do demônio e o ser humano sugere o paradoxo humano da bondade convivendo com a maldade e a forma de abrigar na religiosidade a duplicidade: Deus e demônio. “Causa dum bezerro [...]. Cara de gente, cara de cão: determinaram – era o demo”.<sup>87</sup> O narrador ora apresenta a realidade como uma mistura de bem e mal, profanidade e religiosidade, como o leitor constatou em comentários anteriores, ora busca a distinção e a incompatibilidade de uma coisa com a outra mostrando o caráter instável da narrativa. Ao afirmar que as pessoas em geral vivem o comum da vida querendo coisas que as satisfaçam: “todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza, ser importante, querendo chuva e negócios bons”...<sup>88</sup>, faz distinção do universo religioso por colocar a religião como opção de vida apartada das outras: “De sorte que carece de se escolher: ou a gente se tece de viver no safado comum, ou cuida só de religião só”.<sup>89</sup> Rosenfield, com outra leitura, vê a negatividade figurada no demônio como base da estrutura social ao afirmar que Rosa imagina um sertão onde se constroem sociopatologias revelando as marcas frágeis de uma sociedade, as maravilhas e os terrores do ser humano. Seo Ornelas, por exemplo, representa uma sociedade tida como sadia e moralmente constituída, portanto, concebe os jagunços como seres estranhos que causam temor como se fossem selvagens cães de guerra.<sup>90</sup> Infere-se inevitavelmente a ambiguidade que toma conta do narrador ao considerar a dimensão

---

<sup>84</sup> Ibidem, p. 9.

<sup>85</sup> Ibidem, p. 9.

<sup>86</sup> Ibidem, p. 7.

<sup>87</sup> Ibidem, p. 7.

<sup>88</sup> Ibidem, p. 15.

<sup>89</sup> Ibidem, p. 15.

<sup>90</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 29.

religiosa como fato extraordinário tanto presente no homem de Deus que tem uma vida voltada ao bem, quanto no jagunço que leva a vida voltada à safadeza. Novamente o velho Riobaldo é capaz de ver a sua opção pela vida jagunça no passado conectada à sua opção no momento atual: “eu podia: ser padre sacerdote, se não chefe de jagunços; para outras coisas não fui parido. Mas minha velhice já principiou, errei de toda conta”.<sup>91</sup> Por isso a narrativa do contato com Deus, na crença do personagem – através das rezas, orações e devoções aos santos, nos ensinamentos cristãos – passa pela crença no bem conforme evidencia o seguinte trecho: “Em tanto, ponho primazia é na leitura proveitosa, vida de santo, virtudes e exemplos [...], ou São Francisco de Assis, Santo Antônio, São Geraldo... Eu gosto muito de moral”.<sup>92</sup> Uma vida moralmente orientada. Não uma obediência cega e sim refletida, assumida racionalmente como ensina Quelemém: “sempre diz que eu posso aquietar meu temer de consciência, que sendo bem-assistido, terríveis bons-espíritos me protegem”.<sup>93</sup> Infere-se que uma orientação espiritual, como a de Quelemém e as orações da esposa podem tranquilizar e direcionar a consciência para a fé em Deus. Neste sentido, a prática religiosa ajuda o fiel a entender a relação que existe entre as atitudes passadas e as necessidades do presente: “Minha mulher, que o senhor sabe, zela por mim: muito reza. Ela é uma abençoável”.<sup>94</sup>

Nesta sua constante busca de Deus pensa o sagrado a partir do lugar: “nome de lugar onde alguém já nasceu, devia de estar sagrado”.<sup>95</sup> Não só os personagens sagrados, santos, a mãe de Jesus são os responsáveis pela sacralização do lugar: “lá como quem diz: então alguém havia de renegar o nome de Belém – de Nosso-Senhor-Jesus-Cristo no presépio, com Nossa Senhora e São José”?!<sup>96</sup> Contudo, por si só o lugar é sagrado, pois é uma forma de marcar o espaço de Deus, com sua eternidade, análoga à eternidade do lugar, distinto do demo, sem território e nem eternidade conforme a afirmação: “Deus é definitivamente; o demo é o contrário Dele”...<sup>97</sup>

---

<sup>91</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 15-16.

<sup>92</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>93</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>94</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>95</sup> *Ibidem*, p. 42.

<sup>96</sup> *Ibidem*, p. 42.

<sup>97</sup> *Ibidem*, p. 42.

Além da sacralização do lugar, conforme Riobaldo narra, as diversas carências humanas também podem sacralizar-se, como o caso da moça do Barreiro-Novo: “essa desistiu um dia de comer e só bebendo por dia três gotas de água de pia benta, em redor dela começaram milagres. [...], já tinham surgido vindo milhares desses, para pedir cura, os doentes condenados: lázaros de lepra, aleijados por horríveis formas, ferimentos, os cegos mais sem gestos, loucos acorrentados, idiotas, héticos e hidrópicos, de tudo: criaturas que fediam”.<sup>98</sup> De todas, a mais miserável é a falta de saúde física e mental. A busca por cura é uma das formas de experiência religiosa. Ele narra, nas condições do sertão, o achego das pessoas carentes de saúde e fé, não por Céu, mas por cura das suas enfermidades: “e aquela gente gritava, exigiam saúde expedita, rezavam alto, discutiam uns com outros, desesperavam de fé sem virtude – requeriam era sarar, não desejavam Céu nenhum”.<sup>99</sup> Rosenfield infere uma inversão do sentido cristão nesse caso ao afirmar que as “curas e milagres não criam o clima de confiança, esperança e amor fraterno suscitado pelos milagres de Cristo”.<sup>100</sup> Ou ainda, em outra parte, ao referir-se ao sertão como o lugar do mal, afirma que esse caso da moça do Barreiro-Novo, no fim, confinada ao hospício e aos cuidados médicos representa o fim da crença dos milagres de Cristo como solução para o mal.<sup>101</sup> Vamos, em outro sentido, encontrar analogias com esta narrativa em diversos momentos da história humana, na Palestina do tempo de Jesus e no seu itinerário, por exemplo, as práticas de cura eram constantes. Novamente há uma identificação das diversas doenças com o mal, com o sertão e, portanto, com o demônio: “o sertão está cheio desses. “[...] Guerra diverte – o demônio acha”.<sup>102</sup> Infere-se, portanto, uma analogia do caso dos milagres da moça do Barreiro-Novo com o contexto do mal, concretizado na falta de saúde física e mental da Palestina do tempo de Jesus e que nem sempre as curas milagrosas estavam relacionadas aos méritos de Deus, pois Jesus também foi acusado de expulsar demônios com o poder de Belzebu. Rosenfield, diversamente, destitui o caráter religioso do caso ao atribuir uma solução científica e sociológica para o problema do mal ao referir-se ao sertão como o lugar abandonado pelo poder público e dizer que a falta de saúde era consequência da miséria reforçando a ideia de que a moça, ao invés de curar, precisava de cura e de cuidados no hospício.

---

<sup>98</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>99</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>100</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 383.

<sup>101</sup> Ibidem, p. 235.

<sup>102</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 59.

Ao levantar a questão sobre a autenticidade do milagre que busca suprir a carência no sertão, questiona-se também a antífona narrada que testemunha a existência de Deus: “– *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!*”<sup>103</sup> Ao mesmo tempo em que o chefe Riobaldo se utiliza de uma expressão cristã para concluir um debate com alguns jagunços que estavam se desligando do bando, também é possível reconhecer a religiosidade e o credo de quem a pronuncia com verdade e testemunho ou como uma expressão comum que pode se referir à gratidão por um serviço prestado. De forma oposta, o relato do encontro com os catrumanos e a direção ao povoado do Sucruíú assumida pelo bando, também remete a narrativa a uma definição miserável do ser humano ausente de Deus vivendo num mundo como se fosse o inferno e necessitando do referencial divino: “Era preciso de mandar tocar depressa os sinos das igrejas, urgência implorando de Deus o socorro”.<sup>104</sup> Rosenfield, no entanto, novamente vê certo paradoxismo na narrativa do velho Riobaldo ao buscar um sentido para o sofrimento e para o mal do sertão, afirmando a necessidade de a justiça divina estabelecer o Fim, por um lado, e de outro, dizendo que o fim se dará naturalmente, sem a interferência divina ou sem qualquer sentido transcendente.<sup>105</sup>

Nota-se da narrativa do velho Riobaldo a necessidade de vida e que a vida se protege com o dom divino da sabedoria. O jagunço Riobaldo, ao sentir-se ameaçado pela circunstância da batalha ao rastrear o inimigo na calada da noite, descreve os cuidados que precisa tomar para manter-se vivo: “A gente amassa com a barriga espinhos e gravetos, é preciso de saber quando é que é melhor se calcar no estrepe firme com gosto – que é o que mais defende d’ele não se cravar”.<sup>106</sup> Sabe que o inimigo é traiçoeiro e que também pode atocaiá-lo a qualquer momento. Nessa circunstância, a natureza é hostil e não se apresenta como dádiva divina, mas aliada ao demo e agouro do mal por representar um estorvo ao seu propósito e um desconforto ao seu corpo e à sua alma. O cheiro da terra e o barulho dos insetos e dos gravetos podem denunciá-lo ao bando inimigo. O capim molhado e cortante, como lágrimas, revela o lamento daquela situação. “E uns gafanhotos pulam, têm um estourinho, tlique, [...]”.<sup>107</sup> A cobra símbolo da traição e do pecado se apresenta como a dominadora da noite, deixando impotente a condição de se manter vivo pela sua esperteza e

---

<sup>103</sup> Ibidem, p. 499.

<sup>104</sup> Ibidem, p. 390.

<sup>105</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 232.

<sup>106</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 206.

<sup>107</sup> Ibidem, p. 206.

“ligeireza”, e até as estrelas que poderiam ser contempladas por sua beleza na escuridão da noite conspiram contra em constante movimento por cima das costas em sentido contrário ao de sua natureza. Riobaldo, por tudo isso, revela o seu desgosto e apela para a proteção divina na oração de São Bento, aquele que no isolamento da madrugada rezava e encontrava em Deus alento e sentido para a vida. A reza protege e anima a alma do Riobaldo jagunço. Assim infere o narrador, ao ligar situações de perigo e risco de vida com a dimensão religiosa.

Se a vida é dom de Deus, o mesmo se pode dizer sobre a fé e a coragem que permeiam todo o romance. É um tema que, para o narrador, se torna o fio condutor do sentido da vida de Riobaldo desde o seu primeiro encontro com o “Menino” – Diadorim, na travessia do rio em “canoa bamba”. Coragem para entender a própria vida como o caminho para Deus e coragem para lutar contra o demo. “Agora, que o senhor ouviu, perguntas faço. Por que foi que eu precisei de encontrar aquele Menino? Toleima, eu sei. Dou, de. O senhor não me responda. Mais, que coragem inteirada em peça era aquela, a dele? De deus, do demo?”.<sup>108</sup> Rosenfield aproveita bem essa cena da coragem do Menino para lembrar-se da tradição bíblica cristã, da imagem de Jesus, caminhando sobre as águas e indo ao encontro de seus discípulos que estavam fatigados por remarem contra o vento: “é interessante comparar, nesse contexto, as palavras do menino na primeira travessia com as palavras de Cristo caminhando sobre as águas (Cf. O *Evangelho Segundo São Marcos*: 6, 45-52: ‘Vendo-o caminhar sobre o mar, julgaram [os apóstolos] que fosse um fantasma e começaram a gritar, pois todos o viram e ficaram apavorados. Ele, porém, logo falou com eles, dizendo: Tende confiança. Sou eu. Não tenhais medo [...] Eles, porém, no seu íntimo estavam cheios de espanto, [...] mas o seu coração estava endurecido’[.]”<sup>109</sup> É também o que se percebe da narrativa na chegada de Riobaldo e de seus companheiros à Fazenda Santa Catarina:<sup>110</sup> “Conforme contei ao senhor [interlocutor], quando Otacília comecei a conhecer,

---

<sup>108</sup> Ibidem, p. 109-110.

<sup>109</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 251. Araujo igualmente a partir de outro texto sinótico, o de São Mateus 8, 23-27 refere analogamente a serenidade do Menino à de Jesus indo ao encontro de seus discípulos e acrescenta, como inferência, que ao narrar, Riobaldo fala do Menino – no uso de maiúscula – significando a sua primeira conversão a Deus que o prepara para o recebimento da graça atual ou santificante. ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 37.

<sup>110</sup> O nome da fazenda em que Riobaldo e seus companheiros encontram Otacília, segundo Araujo refere-se a duas santas muito conhecidas: Catarina de Alexandria, do século quarto, padroeira das faculdades de Filosofia e conhecida pelo seu casamento místico com Cristo; e Catarina de Siena, do século quatorze que simbolizava o seu casamento místico com Cristo através de um anel de pedra preciosa que somente ela podia ver. ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 294.

nas serras dos gerais, Buritís Altos, nascente de vereda, Fazenda Santa Catarina”<sup>111</sup> propondo-se algumas analogias entre aspectos humanos e religiosos, tais como: a fazenda Santa Catarina era o lugar da bondade, da paz, de Deus, “era perto do céu”. Araujo destaca o contraste das situações vividas ao afirmar que as lembranças do velho Riobaldo substituem por algum momento o Inferno e o ódio do sertão, figurados em Hermógenes, pelo Paraíso e pelo amor de Otacília. Tem-se portanto, uma passagem, a mudança de um pelo outro, ou seja, a conversão.<sup>112</sup> O primeiro encontro de Riobaldo com Otacília, conforme o relato do narrador, pela sua bondade, pela sua pureza e pela sua beleza, revela a transcendência: “aquele assunto de Deus”.<sup>113</sup> Riobaldo menciona o trabalho como algo sagrado. “Figuro que naquela ocasião tive curta saudade do São Gregório, com uma vontade vã de ser dono de meu chão, meu por posse e continuados trabalhos, trabalho de segurar a alma e endurecer as mãos”.<sup>114</sup> A exuberância da natureza, na beleza das flores, das borboletas, do voo dos pássaros tem ligação com a contemplação mística, a ponto de não se ver o tempo passar por perceber a presença de Deus nas suas criaturas. “Diadorim era quem tinha me ensinado”.<sup>115</sup> O ambiente desse encontro, segundo Araujo, figura o encontrar do amor e da luz, sinais do Espírito Santo e de Cristo. A liberdade espalhada pelos ares da fazenda é a marca da presença de Deus Pai, do sentido pleno da vida – o roteiro de Deus – também figurada nos Buritís-Altos, a Trindade.<sup>116</sup> E por fim, Riobaldo refere-se aos seus companheiros de jagunçagem como “dois anjos-da-guarda”. O que se percebe dessa narrativa é a posição assumida pelo narrador em associar encontros importantes do passado, como o encontro com o Menino-Diadorim, com o esplendor da natureza na Fazenda Santa Catarina e com Otacília, com as diversas religiosidades. Tal posição, que identifica o sagrado e o profano, tenta interpretar o profano como sagrado.

Se o narrador, por um lado, parece alimentar a sua fé com os ares da Fazenda Santa Catarina, por outro, a relação conflituosa com Diadorim e as viagens intermináveis de Riobaldo, Diadorim e os companheiros pelo sertão foram desenvolvendo aos poucos em Diadorim, segundo o narrador, um ciúme de Riobaldo quando ele se encontrava com alguma

<sup>111</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 188.

<sup>112</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 28.

<sup>113</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 189.

<sup>114</sup> *Ibidem*, p. 188.

<sup>115</sup> *Ibidem*, p. 189.

<sup>116</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 81.

mulher: “Desde esse primeiro dia, Diadorim guardou raiva de Otacília. E mesmo eu podia ver que era açoite de ciúme. O senhor [interlocutor] espere o meu contado”.<sup>117</sup> Tal sentimento levou Diadorim a propor um trato com o amigo: “enquanto a gente estivesse em ofício de bando, que nenhum de nós dois não botasse mão em nenhuma mulher”.<sup>118</sup> E argumentou com “a regra de ferro de Joãozinho Bem-Bem – o sempre sem mulher, mas valente em qualquer praça”.<sup>119</sup> Rosenfield faz outra interpretação do voto de castidade proposto por Diadorim afirmando que a ‘regra de ferro de Joãozinho Bem-Bem’ determina o jejum de mulher em nome da valentia. Portanto, não significa apenas a condenação à morte do corajoso jagunço Reinaldo, mas também a confirmação da tradição cultural machista sertaneja e a destituição do feminino e do espaço simbólico da mulher.<sup>120</sup> Decorre do relato que o verdadeiro sentido do pacto de castidade entre Diadorim e Riobaldo, o leitor certamente vai descobrindo aos poucos, com entendimento definitivo no desfecho do romance. No entanto, dessa narrativa pode-se inferir aspectos religiosos tal como o celibato que faz parte da tradição de algumas religiões e o sacrifício decorrente dessa abstinência sexual que também pode ser visto como forma comum de o ser humano pactuar com Deus. O juramento: “afiançado, falou: – ‘Promete que temos de cumprir isso, Riobaldo, feito jurado nos Santos-Evangelhos! Severgonhice e airado avêjo servem só para tirar da gente o poder da coragem... Você cruza e jura?!’ Jurei”,<sup>121</sup> encontra significado na identidade do cristão. O seguidor de Jesus Cristo deve ter virtudes, pois seguir o seu caminho não é tarefa fácil. Será preciso aprender com os próprios sacrifícios. Para isso deverá ter a virtude da coragem, tal como aqueles que mantiveram coerentes a sua fé em Jesus, que também foi morto não se intimidando com a força dos torturadores. Diadorim ao lembrar-se da “regra de ferro de Joãozinho Bem-Bem”, inteligentemente e interessadamente mostra que a virtude da coragem decorre do jejum de mulher. Deus é o “Bem” e está do lado dos que se sacrificam para um bem maior. Rosenfield, embora destitua o voto de castidade de religiosidade afirma que tais “votos de castidade e de dedicação a uma única causa – o sacrifício de si em nome

---

<sup>117</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 191.

<sup>118</sup> *Ibidem*, p. 191.

<sup>119</sup> *Ibidem*, p. 191.

<sup>120</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 263-264. De acordo com Bolle, o misticismo e o culto dos mártires transformaram a ideia antiga de fuga do mundo, pregada pelo estoicismo, para a superação do mundo através do sofrimento. Os fiéis imitavam a Paixão de Cristo, sinal do amor de Deus pela humanidade em busca de uma paixão eterna. Influenciados pela valorização cristã da paixão, inventou-se a moderna poesia amorosa ocidental, como também, os romances populares da donzela guerreira, que inspirou Guimarães Rosa na criação da personagem de Diadorim. BOLLE, Willi. *Grandesertão.Br.* p. 223.

<sup>121</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 191.

do pai – configuram o modelo da Paixão de Cristo, [...]”.<sup>122</sup> Riobaldo enfraquecido pela descrença da virtude que decorre do jejum de sexo abre mão do estado sagrado e divino para se ater ao humanamente profano e terrenal, assumindo a sua riobaldança: “Um dia, no não poder, ele [Diadorim] soube, ele quase viu: eu tinha gozado hora de amores, com uma mocinha formosa e dianteira, morena cor de doce-de-buriti”.<sup>123</sup> Nota-se novamente, pelo conteúdo da narrativa, por um lado, um narrador titubeante entre os valores espirituais e temporais, por outro, capaz de atribuir significados diferentes à prática do celibato, por não assumi-lo como totalidade da vida religiosa e da coragem na prática da guerra.

Entretanto, Riobaldo não consegue explicar a atração por seu amigo Diadorim. Embora deseje, em definitivo, viver ao lado de Diadorim, sente que a melhor solução para a sua vida seja se casar com Otacília: “– Estes rios têm de correr bem! Eu de mim dei. Sertão é isso, o senhor [interlocutor] sabe: tudo incerto, tudo certo. Dia da lua. O luar que põe a noite inchada”.<sup>124</sup> Infere-se da narrativa a preocupação do narrador em transmitir com fidelidade o drama amoroso vivido, assumindo existencialmente a ambiguidade desse sentimento jamais desfeita. Reinaldo confia em Riobaldo quando decide revelar o segredo do seu nome sem explicar as verdadeiras razões desse segredo. Ao aceitar as condições do amigo, Riobaldo se compromete fortalecendo mais ainda os laços de amor e amizade entre ambos. O tema do nome é remissivo no romance. Ter um nome significa ter uma história. Reinaldo, por enquanto, só revela o nome Diadorim, deixa para depois a história do nome. O sentido religioso do nome, lembrado por Riobaldo: “ou devoção a um santo-forte”,<sup>125</sup> ao levantar suposições a respeito do segredo, também remonta às mais antigas religiões. Nome pode se ligar à pertença a uma religião. No cristianismo, ser batizado é também receber o nome que será usado pelo novo membro da comunidade religiosa. É ser sacramentado por Deus. Se o nome no batismo representa o nascimento para Deus, na morte o sentido religioso continua. A narrativa que revela a verdadeira identidade de Diadorim, isto é, o seu nome completo, Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins conta com a ajuda prestimosa da mulher de Hermógenes que, ao entregar o corpo a Riobaldo, afirma a religiosidade do momento: “– ‘A Deus dada. Pobrezinha...’ [...]” e ele tomado de dor e espanto responde com gesto religioso: “e levantei mão para me benzer [...]”. Diadorim morta recebe de Riobaldo a declaração de

<sup>122</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 382.

<sup>123</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 192.

<sup>124</sup> *Ibidem*, p. 156.

<sup>125</sup> *Ibidem*, p. 156.

amor e os beijos da despedida de um amor jamais vivido: “hoje em dia, verso isso: emendo e comparo. Todo amor não é uma espécie de comparação? E como é que o amor desponta”.<sup>126</sup> Dominado pela tristeza e pela saudade do amor e amigo Diadorim, Riobaldo irá encontrar alento e sentido para continuar vivendo na religiosidade assumida como sentimento livre que vem de dentro dependendo apenas de si mesmo: “[...]... Reze o senhor [interlocutor] por essa minha alma. O senhor [interlocutor] acha que a vida é tristonha? Mas ninguém não pode me impedir de rezar; pode algum? O existir da alma é a reza... Quando estou rezando, estou fora de sujidade, à parte de toda loucura”.<sup>127</sup> Para esse ponto do romance, a inferência de Araujo é a de que o velho Riobaldo, caminha na *fé* com a graça santificante e tendo como guia de seu intelecto, a iluminação da revelação; para a memória apagada das coisas celestes, mantém-se na *esperança* e para o amor imperceptível de Deus (Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins), arde na *caridade*.<sup>128</sup> Percebe-se de Araujo, embora a autora não desconsidere o caráter titubeante do narrador, uma conversão do velho Riobaldo e um alinhamento às virtudes cristãs fundadas nas reflexões teológicas de Santo Tomás e São Boaventura.<sup>129</sup>

Como se pode perceber, o narrador – o velho Riobaldo – apesar de levar uma vida sossegada com sua esposa faz questão de revelar os conflitos amorosos ao tratar dos quatro amores que também podem ser vistos na dimensão espiritual, que são: o amor de Riobaldo a Joca Ramiro, a Diadorim, a Otacília e a si mesmo. Para o primeiro, Riobaldo usa as palavras coração e devoção: “meu seguimento era por Joca Ramiro, em coração e devoção”.<sup>130</sup> Devoto é aquele que assume a mesma fé, que adota as mesmas crenças. Joca Ramiro, nessa situação, tem um papel de santo, de entidade espiritual. Riobaldo ama a ideia de ser um seguidor de Joca Ramiro. Diadorim, o segundo, é o amor eterno de Riobaldo: “os olhos verdes, semelhantes grandes, o lembrável das compridas pestanas, a boca melhor bonita, o

<sup>126</sup> Ibidem, p. 157. Utéza afirma que o nome de batismo de Maria Deodorina, mais especificamente, o seu prenome *Deo Doron* significa dom de Deus, votado a Deus, aplicando-se essa expressão ao Espírito Santo. UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 365.

<sup>127</sup> Ibidem, p. 605.

<sup>128</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 90.

<sup>129</sup> Clademilson Fernandes Paulino da Silva, também vê a presença do cristianismo na interpretação que Araujo faz de *Grande Sertão: Veredas*, ao afirmar: “Já para Heloisa Vilhena de Araujo, outra autora que lê Rosa a partir da religião, é a teologia cristã (tomista) que sobressai na construção do romance. É o cristianismo, pensando em imaginário religioso e também teológico, a força de inspiração-criação que percorre todo o romance”. SILVA, Clademilson Fernandes Paulino da. *O Sertão e o Ser Tao: o imaginário [...]*. (texto não publicado). Disponível em: <[http://www.revistatheos.com.br/Artigos/20Anteriores/Artigo\\_02\\_04.pdf](http://www.revistatheos.com.br/Artigos/20Anteriores/Artigo_02_04.pdf)>. Acesso em 5 de outubro de 2012.

<sup>130</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 137.

nariz fino, afiladinho. Arvoamento desses, a gente estatela e não entende; que dirá o senhor [interlocutor], eu contando só assim?”.<sup>131</sup> O narrador trata esse amor como algo predestinado e impossível de ser impedido. Faz parte da existência, do momento kairológico, como explica Quelemém: “essas são as horas da gente”,<sup>132</sup> no entanto, é misterioso, sobrenatural. Leva-o a duvidar se esse amor é do demo ou de Deus. Já o amor a Otacília, como brisa suave, tem a dimensão angelical, no sentido do relato. A descrição do lugar, onde nasce esse amor, na Fazenda Santa Catarina, de belezas, passa ao interlocutor a ideia de paraíso, de Céu, de luz e de lugar de Deus. “Otacília, estilo dela, era toda exata, criatura de belezas”.<sup>133</sup> Como pode o nosso protagonista não ter sido arrebatado pelo amor de Otacília? Por último, Riobaldo quer ser feliz, quer ter clareza do rumo melhor para a sua vida. “Comigo, as coisas não têm hoje e ant’ôntem amanhã: é sempre”.<sup>134</sup> Olha os amores do passado, ora com satisfação, ora com culpa. Contudo, ama a si mesmo. Por isso, prepara o seu espírito para o projeto de vida que o leva ao bando de Joca Ramiro, pois deseja partilhar esse projeto com seu amigo e amor Diadorim. Sabe que não é fácil porque a vida é difícil de ser entendida: “veja o senhor [interlocutor]: eu puxava essa ideia; e com ela em vez de me alegre ficar, por ter tido tanta sorte, eu sofria o meu. Sorte? O que Deus sabe, Deus sabe. Eu vi a neblina encher o vulto do rio, e se estralar da outra banda a barra da madrugada”.<sup>135</sup> Riobaldo vive um paradoxo. Gostar de amor carnal de alguém que não se podia gostar. É um paradoxo que se desdobra para o campo religioso. “E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria”.<sup>136</sup> Como Deus que é amor, no entendimento do personagem, poderia aprovar algo contra a natureza humana? Não seria obra do demo? A narrativa passa ao interlocutor, em detalhes, o tamanho da atração de Riobaldo por Diadorim. Ele se sente enfeitiçado. O relato faz uma boa ligação entre duas realidades: a humana e a divina. Riobaldo é o ponto de intercessão dessas realidades. No primeiro momento, impulsionado pelo instinto de estar com uma mulher tentando afastar o seu desejo por Diadorim pergunta sobre uma possível irmã de Diadorim e reconhece a sua fraqueza como tentação do demo. Ele se mostra religiosamente humano que vive a tensão entre o pecado e a santidade. Na outra situação: “– ‘Só tenho Deus, Joca Ramiro... e você,

---

<sup>131</sup> Ibidem, p. 138.

<sup>132</sup> Ibidem, p. 138.

<sup>133</sup> Ibidem, p. 139.

<sup>134</sup> Ibidem, p. 140.

<sup>135</sup> Ibidem, p. 142.

<sup>136</sup> Ibidem, p. 146.

Riobaldo...’ – ele declarou”.<sup>137</sup> A resposta de Diadorim hierarquiza o sagrado começando pela divindade maior: Deus intermediado pela figura sagrada de Joca Ramiro e termina citando o nome de Riobaldo que está na lista dos que representam as crenças de Diadorim. Como se dissesse: – minha única família é esta família sagrada de que você faz parte. Aos poucos vai-se percebendo no ritmo do narrador que o amor de Riobaldo por Diadorim ultrapassa o campo da amizade. A narrativa do velho Riobaldo ao seu ouvinte, o doutor, se apresenta até meio desconcertante com as palavras pedindo ao seu interlocutor para que observe a sua vida para entender a dimensão do seu amor por Diadorim. Duas imagens chamam-nos a atenção e nos possibilitam pensar o cristianismo na dimensão do pecado e da salvação, que são: rio Jordão e Otacília. A primeira nos leva ao episódio do batismo de Jesus e, portanto, ao início de sua vida pública como promessa salvífica de Deus. Riobaldo quer seguir Diadorim para sempre, o que passa a ser a razão maior da sua vida. Assim como o itinerário de Jesus a caminho de um reino definitivo iniciou-se no rio Jordão, o narrador consciente do seu relato assume ultrapassar obstáculos e distâncias, se sacrificar para devotar a sua alma purificada ao seu amor maior, como o crente que só encontra sentido na pertença a Deus: “Ele gostava, destinado, de mim. E eu – como é que posso explicar ao senhor [interlocutor] o poder de amor que eu criei? Minha vida o diga. Se amor? Era aquele latifúndio. Eu ia com ele até o rio Jordão... Diadorim tomou conta de mim”.<sup>138</sup> A outra imagem: Otacília representa o abandono da vida de pecado no sentido moral, vida de promiscuidade e infidelidades marcadas pelo uso instintivo do sexo com proximidade do comportamento animal, sem alma, sem razão, sem Deus. Otacília significa para Riobaldo a possibilidade de recuperar a própria alma: “Minha alma, que eu tive”.<sup>139</sup> É a imagem da santidade e da pureza. Rosenfield faz uma leitura menos religiosa dessa relação ao afirmar que o acordo de noivado de Riobaldo com Otacília o distancia da relação confusa que mantinha com Diadorim. Tal acordo também muda o comportamento passivo, indeterminado e irrefletido de Riobaldo, alterando o sentido tradicional e prioritário da guerra para o seu jeito próprio abrindo-a para “um além – o da alteridade da paz e do feminino”. Optando por Otacília, Riobaldo decide pelo amor erótico e carnal desfazendo a imagem do amor espiritual, puro e virgem da moça de família.<sup>140</sup> Ou seja, se o universo amoroso de Diadorim é movediço e ambíguo – é neblina –, capaz de manter a condição

<sup>137</sup> Ibidem, p. 182.

<sup>138</sup> Ibidem, p. 193.

<sup>139</sup> Ibidem, p. 193.

<sup>140</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 284-285.

titubeante de Riobaldo. O de Otacília é lúcido e erótico. Determina, sem titubear, a decisão de Riobaldo em abandonar o bando na véspera da batalha final do Paredão, ao partir para se encontrar com a comitiva de Otacília. De todo modo, as duas interpretações das intenções do narrador colocam o amor de Otacília como forma de dissipar a natureza ambígua do jagunço Riobaldo, vinculada à relação misteriosa com Diadorim.

Ao optar por Otacília, o narrador sente a presença da graça de Deus, mas na Fazenda Santa Catarina, Diadorim questiona Riobaldo sobre o rumo do seu destino. Irritado com a pergunta, por entender que novamente Diadorim o estivesse pressionando sobre a vingança de Joca Ramiro, Riobaldo assume uma saída religiosa afirmando que o seu destino está com o demo. Tal resposta o incomoda tirando-lhe o sono a ponto de levá-lo a pensar sobre essas relações: Deus-diabo, amor-amizade e vida comum-vida de jagunço. O dilema do amor que sente por Diadorim com o amor por Otacília induz Riobaldo a aceitar que sua vida tem um destino confuso, como se fosse uma confusão do demônio ou a própria natureza do diabo, como afirma: “[...] – ‘Se nanja, sei não. O demônio sabe...’ – eu respondi”.<sup>141</sup> Ele atribui a sua resposta à ligação com o demônio, por isso o narrador, de posse de uma visão religiosa bem mais abrangente, questiona: “me diga o senhor [interlocutor]: por que, naquela extrema hora, eu não disse o nome de Deus”?<sup>142</sup> quer dizer, toda a experiência religiosa passada foi esquecida naquele momento, não se lembrou do poder da cruz, isto é, da sua prática religiosa, da herança espiritual recebida de sua mãe.

Diante desse conflito, no silêncio da noite, tendo a lua e as estrelas e o canto das siriemas como testemunha da sua angústia, Riobaldo compara os amores. Otacília é o amor de Deus, da pureza e da leveza. Diadorim é o amor misterioso, proibido por Deus, a inexplicável atração por alguém, supostamente, do mesmo sexo. “Eu aí gostava dele. Não fosse um, como eu, disse a Deus que esse ente eu abraçava e beijava.”<sup>143</sup> Riobaldo deseja se casar à moda tradicional com Otacília para ter uma vida normal: “[...] não que eu acendesse em mim ambição de teres e haveres; queria era só mesma Otacília, minha vontade de amor. Mas, com um significado de paz, de amizade de todos, de sossegadas boas regras, eu pensava: nas rezas, nas roupagens, na festa, na mesa grande com comedorias e doces; e, no meio do solene, o sôr Amadeu, pai dela, que apartasse – destinado para nós dois – um

---

<sup>141</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 196.

<sup>142</sup> *Ibidem*, p. 196.

<sup>143</sup> *Ibidem*, p. 197.

buritizal em dote, conforme o uso dos antigos”.<sup>144</sup> No entanto, se sente preso ao seu destino de vingar Joca Ramiro, “por que era que eu precisava de ir por adiante, com Diadorim e os companheiros, atrás de sorte e morte, nestes Gerais meus? [...] Essas coisas todas se passaram tempos depois. Talhei de avanço, em minha história. O senhor [interlocutor] tolere minhas más devassas no contar. É ignorância. Eu não converso com ninguém de fora, quase. Não sei contar direito”.<sup>145</sup> O relato do velho Riobaldo assume a dificuldade em explicitar as ambiguidades do passado porque elas ainda se fazem presentes. Por isso sugere no dilema de Riobaldo a luta entre Deus e o diabo. Deus é o símbolo do livre-arbítrio, portanto, da realização da essência humana na liberdade. Riobaldo sente essa perda quando questiona a sua impossibilidade de escolha. “Destino preso” é o diabo. Ele precisa amargar no pensamento o dilema e confusão dos amores sem poder mudar o rumo de sua vida. O demo é pactário e cobra alto as cláusulas do acordo. Por isso faz sentido quando Riobaldo, antes de Deus, menciona o diabo como responsável pelo destino e também por um suposto sentido da vida. Riobaldo vê muita coincidência no encontro dele com Diadorim, sem encontrar explicação para a impossibilidade sofrida desse amor. Atribui ao campo religioso as circunstâncias da sua vida, entendendo como desígnio de Deus ou o destino. Confia na sabedoria divina e entende que Deus sabe o que fazer com a sua vida. A orientação religiosa recebida e a devoção a Nossa Senhora, no costume, o leva a não se esquecer de rezar a Ave Maria logo de manhã, em agradecimento ao dom da vida e pedindo proteção para o dia que começa.

Os itens desenvolvidos proporcionaram articulações diversas entre a narrativa do velho Riobaldo e a sua busca por Deus e isto possibilitou ver os posicionamentos ora divergentes, ora convergentes da crítica literária em relação a uma religiosidade presente no relato do narrador. Percebe-se, portanto, um narrador decidido a considerar a religiosidade de forma significativa em sua vida. O seu passado reconstruído no relato assume um conteúdo soteriológico ao ser avaliado de forma titubeante entre o bem e o mal, entre Deus e a existência do pacto com o diabo que reforça a existência de Deus. “Armar o ponto dum fato” foi a maneira encontrada pelo narrador de revelar-se e de articular situações antagônicas como a vida itinerante e guerreira de jagunço no passado com a de homem pacato, sedentário, preocupado com o bem e com a religião no presente. Assume a sua dificuldade no contar por precisar dar conta da ambiguidade marcante de sua personalidade,

---

<sup>144</sup> Ibidem, p. 198.

<sup>145</sup> Ibidem, p. 198.

mas ironiza o interlocutor – doutor – ao considerar-se ignorante. Mostra-se aberto ao sobrenatural ao referir-se no seu relato ao conforto que todas as formas religiosas trazem: o beber de todas as fontes. E não esconde o drama vivido no amor por Diadorim e por Otacília, também relacionado à perspectiva religiosa de dimensão diabólica e divina. Quanto à interpretação de Araujo, infere-se que a autora alinha o narrador aos principais temas do cristianismo, com prioridade ao tema soteriológico. Rosenfield, no entanto, não adota o cristianismo como opção de Rosa para interpretar o relato do velho Riobaldo, mas considera a influência da cultura cristã em diversos momentos do romance. Conclui-se, portanto, que as autoras contribuem com o nosso propósito, ao modo de cada uma, ao considerar a presença dos elementos cristãos no texto de Rosa.

## CAPÍTULO 2: OS MESTRES

O texto que segue tem a pretensão de apresentar os mestres ou os considerados mestres que influenciaram de alguma forma a religiosidade do Riobaldo – personagem e narrador. Vários foram os mestres de Riobaldo e alguns podem ser citados, tais como: o Menino Diadorim que o ensinou a lutar contra o medo na primeira travessia do rio e mais tarde o moço Reinaldo (Diadorim) o ensinou na mesma condição, a Bigrí sua mãe, seu padrinho Selorico Mendes, Mestre Lucas, Vupes, Sô Candelário, Jõe Bexiguento, Zé Bebelo, Medeiro Vaz, Joca Ramiro, Nhorinhá, Otacília, Seo Ornelas, entre outros. Para este texto, deu-se prioridade a alguns mestres, com proporções diferentes, pela estreita ligação destes com a religiosidade no romance, que são: compadre Quelemém e as mulheres. As mulheres presentes como mestras no itinerário religioso protagonizado por Riobaldo representam a intenção do romance em dar ao feminino um lugar especial definindo o sertão também como espaço de subversão. A argumentação do texto que segue, portanto, intenciona relacionar os polos ensinar e aprender como forma de buscar no universo religioso os elementos significativos para a compreensão do ser do velho Riobaldo.

“Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”.<sup>146</sup> Ao relatar as diversas situações vividas pelo letrado jagunço Riobaldo em busca de uma vida significativa, a narrativa refere-se também à relação entre ensinar e aprender como a condição do humano, ligando-se ao tema da religiosidade por considerar que os erros vividos no passado pela vida jagunça de Riobaldo possibilitaram-lhe um aprendizado para uma vida convertida a Deus no presente.

### 1. Compadre Quelemém

---

<sup>146</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 310.

O mestre a influenciar o nosso personagem é o compadre Quelemém, que está sempre cruzando o caminho religioso de Riobaldo. Este o apresenta para orientar o itinerário espiritual das pessoas em geral assim como um dia encaminharam-no a ele. Quando afirma que Quelemém é um homem que não tem projetos, diz que na vida simples que leva, ainda de madrugada, na colheita da cana, a sua verdadeira intenção é a de ter tempo de ouvir e ajudar as pessoas a encontrarem um sentido para se viver, sem fazer julgamento que as condene ou absolva: “Homem de mansa lei, coração tão branco e grôso de bom, que mesmo pessoa muito alegre ou muito triste gosta de poder conversar com ele”.<sup>147</sup> Deduz-se a admiração de Riobaldo não só pela pessoa do compadre, como também pela sua capacidade de dar atenção às pessoas e de argumentar de forma a tornar inteligível as dúvidas e as angústias de ordem religiosa presentes no cotidiano daquela gente simples do sertão. “[...] gosto de compadre meu Quelemém; [...] por entender no ar”.<sup>148</sup>

É a partir da história de vida do jagunço Riobaldo – que anos depois reencontra o Menino, sendo já moço, Reinaldo (Diadorim) é o seu nome – que se dá a ligação de amizade com o compadre Quelemém. A entrada de Riobaldo no bando de Joca Ramiro é movida inicialmente pela atração por Diadorim que depois se transforma em um amor arrebatador e impossível de ser levado a efeito. Vive esse drama até a morte de Diadorim (Reinaldo) quando descobre que o seu amor, antes na sua consideração, demoníaco, na verdade era endereçado a uma mulher de nome Maria Deodorina da Fé Betencour Marins (Diadorim). Tal realidade faz com que sua vida perca o sentido até encontrar-se com Quelemém que o ajuda a desvendar os mistérios desvendáveis da vida. Para a explicação da afirmação de Quelemém, isto é, “Essas são as horas da gente. As outras, de todo tempo, são as horas de todos”.<sup>149</sup> Utiliza-se de uma analogia que compara a história de vida da humanidade a um rio que inexoravelmente segue o seu curso e que de vez em quando, como se cada um de nós fosse um peixe, aponta rapidamente a cabeça para fora d’água representando, nesse gesto, as nossas escolhas, o nosso capricho. Como o rio segue o seu rumo misteriosamente, o que era escolha e o que era desejo não explicado está diluído na água do rio, como um todo, como os peixes estão, com a lógica do movimento das águas que irão se perder no mar: “mas a vida não é entendível”.<sup>150</sup> Infere-se da religiosidade de Quelemém e da sua necessidade de tudo

---

<sup>147</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>148</sup> Ibidem, p. 217.

<sup>149</sup> Ibidem, p. 138-139.

<sup>150</sup> Ibidem, p. 140.

poder explicar, uma criativa argumentação em favor do destino. Deus, na sua onisciência, possui um projeto de salvação que segue o seu rumo e conhece os desígnios humanos oferecendo-lhes a oportunidade de se redimirem e de se santificarem através de suas escolhas mesmo que, muitas vezes, sejam incompreensíveis. Riobaldo só se dá conta de seus verdadeiros sentimentos após a perda de sua amada, com a morte e não por uma barreira cultural, ou seja, a união homossexual.<sup>151</sup> Pois, Riobaldo terá a possibilidade de encontrar em Deus o sentido definitivo para o seu desejo amoroso. É o encontro do rio que, ao mover-se, supera impossibilidades chegando até ao mar. É a existência feita realidade significativa na mensagem de Quelemém. Araujo afirma de outra forma que o papel de Quelemém é ajudar Riobaldo a encontrar a sua singularidade, pois ao ouvir a sua narrativa e no momento que narra dá à sua vida uma forma determinada, e ao contar toma para si a importância de certas ocasiões como pontos definidores da singularidade de sua vida e de sua pessoa.<sup>152</sup> Infere-se que a relação entre a narrativa e o modo lógico da crença de Quelemém procura dar à vida do narrador um sentido próprio, exclusivo, sem paralelos. Singularidade, portanto, para Araujo, é a aposta na conversão a Deus por entender que a memória narrada ou a matéria vertente impulsiona o velho Riobaldo para os novíssimos. É possível reconhecer nas duas interpretações sobre a religiosidade de Quelemém, a busca de Riobaldo pelo sentido e pela possibilidade de que esse sentido esteja na sabedoria e na onipotência divina capaz de dar um destino à sua travessia.<sup>153</sup>

A partir dessa perspectiva, Riobaldo orienta a sua conduta para uma dimensão mais reflexiva com a interferência de compadre Quelemém: “compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do sertão? Sertão: é dentro da gente”.<sup>154</sup> Riobaldo assume ter dado cabo no Hermógenes e afirma que a sua “padroeira é a Virgem”. Esta é a sua escolha. Se o sertão está dentro, então cabem as escolhas, a liberdade. Quelemém mostra a Riobaldo outra forma de entender o seu passado, portanto de perceber a opção pelo bem ou pelo mal, como explica na seguinte analogia: “os morcegos não escolheram de ser tão feios tão frios – bastou só que

---

<sup>151</sup> Neste ensaio o autor problematiza o tema dos gêneros (homem, mulher e gay) no romance de Rosa. SILVA, Antônio de Pádua Dias da. *Desejo Homoerótico em “Grande Sertão: Veredas”*. 2008. P. 203-226. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/25/13>>. Acesso em 6 de outubro de 2012.

<sup>152</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 182.

<sup>153</sup> Para atingir o bem desejável – o encontro com Deus –, Riobaldo desenvolve a ideia da travessia. ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da Linguagem no Grande Sertão: Leituras dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa*, p. 32.

<sup>154</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 309.

tivessem escolhido de esvoaçar na sombra da noite e chupar sangue. Deus nunca desmente. O diabo é sem parar”.<sup>155</sup> O ser humano, para Riobaldo, o tempo todo faz escolhas de bondade ou de maldade, por isso o diabo é constante e Deus nunca interfere nas ações humanas. Prefere que a humanidade escolha livremente o bem, portanto, “nunca desmente”.<sup>156</sup> “E, mesmo, quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio. Será não? Será?”.<sup>157</sup> Para o ceticismo do personagem, a doutrina específica de cada uma das diversas religiosidades sobre o demônio não importa tanto, pois o que importa, para ele, contudo, é o uso do universo religioso como consolo, paz de espírito e compreensão da existência. Percebe-se também que Riobaldo amplia o horizonte das suas crenças indo além do catecismo de Quelemém. O jaguncismo, também é apresentado como misturado à realidade demoníaca. “Compadre meu Quelemém é quem muito me consola [...]. Mas ele tem de morar longe daqui, na Jijujã, [...]... Arres, me deixe lá, que – em endemoninhamento ou com encosto – o senhor mesmo deverá de ter conhecido diversos, homens, mulheres. Pois não sim? Por mim, tantos vi, que aprendi”.<sup>158</sup> Riobaldo, embora descrente do demo apresenta diversos nomes que são dados e inclui, por último, o outro personagem, Hermógenes, representante do mal e da maldade, identificado no demônio: “Rincha-Mãe, Sangue-d’Outro, o Muitos-Beijos, o Rasga-em-Baixo, Faca-Fria, o Fancho-Bode, um Treciziano, o Azinhavre... o Hermógenes... Deles, punhadão”.<sup>159</sup> Riobaldo narrador mostra a relatividade da maldade e da bondade e a dificuldade de se crer no demônio como mal definitivo. “Que o que gasta, vai gastando o diabo de dentro da gente, aos pouquinhos, é o razoável sofrer. E a alegria de amor – [...] diz. Família. Deveras? É, e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é... Quase todo mais grave criminoso feroz, sempre é muito bom marido, [...]”.<sup>160</sup> Hierarquiza e coloca Deus acima como justo juiz no fim dos tempos de uma realidade possível de acreditar, porém nebulosa.

Essa crença em Deus torna o Riobaldo velho mudado e preocupado com a sua salvação por ter encontrado, no catecismo de Quelemém, o entendimento para a sua condição de jagunço e o sentido que precisava para a sua existência a fim de compreender o

---

<sup>155</sup> Ibidem, p. 309.

<sup>156</sup> Ibidem, p. 309.

<sup>157</sup> Ibidem, p. 9-10.

<sup>158</sup> Ibidem, p. 9-10.

<sup>159</sup> Ibidem, p. 10.

<sup>160</sup> Ibidem, p. 11-12.

destino trágico de Diadorim. Nesse sentido, a lógica do catecismo de Quelemém o convence, convenientemente, de que não só os pecados do passado poderão ser tosados com práticas de bondade que sejam do agrado de Deus para que floresça um novo homem vivendo para Deus: “Assim que: tosou-se, floreceu-se!”.<sup>161</sup> Ele quer o Céu, mas o quer com justiça. Por isso a ida é demorada, pois a alma precisa estar limpa de todas as maldades praticadas: “– que, por todo mal, que se faz um dia se repaga, o exato”.<sup>162</sup> Araujo confirma o sincretismo de Quelemém com a crença no Purgatório.<sup>163</sup> E quanto mais próxima do Céu a alma estiver – esta é a questão que mais o incomoda, talvez por não se convencer ainda de um perdão definitivo de Deus em função de tantas maldades praticadas como jagunço – de tão purificada, não vai ter lembranças dos pecados da vida passada, feito memória de criança que não se lembra das pequenas maldades feitas e nem vai nutrir ódio das maldades recebidas. Riobaldo, portanto, percebe o fio que liga a sua vida e assume uma prática transformadora, em vez de lamentos e remorsos, adota a religião como meio de compreensão e elo de ligação entre o passado e o presente. É nesta condição que o Seu Doutor, o ouvinte silencioso encontra-se com o velho Riobaldo para ouvir sobre o seu abandono da vida jagunça. Conclui Araujo: “Riobaldo abandona-se, então, e abandona o mundo: deixa sua vida de jagunço para dedicar-se à meditação e à religião, aconselhado pelo compadre Quelemém”.<sup>164</sup> A inferência acima sugere que a opção por uma vida nova assumida por Riobaldo não anula a vida antiga (o jagunço) presente no relato, também como definidor da condição humana, ou seja, desejosa de salvação, de Deus, no entanto, limitada aos desejos imediatos, necessitando por isso de práticas religiosas a fim de não se perder o horizonte da salvação.

As reflexões de Quelemém levam Riobaldo a gostar de pensar no passado mesmo que seja pelas pequenas coisas aparentemente sem significado – “réis-coado” – e de ter tempo para elaborar uma reflexão capaz de entender o seu passado a partir das suas diversas interpelações ao seu ouvinte silencioso, o doutor – “para a idéia se bem abrir, é viajando em trem-de-ferro”.<sup>165</sup> Como os seus conhecimentos sobre a crença cristã na ressurreição, que coloca o crente junto de Deus no Céu, não o convencem sobre o estado dessa alma no que se

---

<sup>161</sup> Ibidem, p. 22.

<sup>162</sup> Ibidem, p. 22.

<sup>163</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 168.

<sup>164</sup> Ibidem, p. 91.

<sup>165</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 21.

refere à sua capacidade de se esquecer do bem e do mal praticados em vida, procura na doutrina de Quelemém melhor entendimento a fim de compreender melhor o sentido de tudo e, enfim, acalmar a aflição de sua alma. Rosenfield afirma que Riobaldo aceita, mas não se convence totalmente das explicações de Quelemém que estão colocadas nitidamente no âmbito da Boa Nova cristã ao encarar o sofrimento como meio de acesso ao reino de Deus fruto da gratuidade e do amor da Providência divina, admitindo que o mal pudesse ainda ter outro contexto, ou seja, em vez de uma visão religiosa que deriva o mal do bem, o surgimento do demônio poderia ter uma dimensão autônoma, com lógica própria e inteiramente estranha ao bem.<sup>166</sup> Ao assumir uma postura mais reflexiva e questionadora, portanto, Riobaldo procura uma religiosidade mais abrangente, menos reducionista e que não seja capaz de sintetizar em algumas proposições temas mais exigentes, como a relação entre o bem e o mal, conforme se pode inferir da afirmação de Rosenfield e que nem mesmo em Quelemém ele poderá encontrar.

Outro elemento dos ensinamentos de Quelemém que Riobaldo aceita a fim de entender a origem do mal e da maldade é a natureza do inferno. “Senhor quer crer? Que lá o prazer trivial de cada um é judiar dos outros, bom atormentar; [...]; e até respirar custa dor; e nenhum sossego não se tem. Se creio? Acho proseável”.<sup>167</sup> Para que Riobaldo possa entender melhor essa linguagem, Quelemém cita o exemplo de Jesus Cristo afirmando que mesmo Este, sendo um iluminado, por três dias, na casa dos mortos, se comunicou com espíritos inferiores, medonhos, ou seja, com o inferno, para depois ressuscitar. Riobaldo afinal quer entender o mal e a sua origem. Quer saber: por que se faz pacto com o mal e por que o Hermógenes é considerado a encarnação do próprio demônio? Por que este sente prazer em judiar, atormentar e trair?

Como o inferno, morada do demônio, é um lugar de dor, sem paz e as condições para a vida são hostis, de acordo com as instruções de Quelemém; por que viemos de lá? E conforme a crença cristã, nós todos temos, na origem da nossa origem o pecado e como o mal e a maldade, desde o nascimento, estão para serem banidos através da redenção de Cristo; infere-se de Riobaldo, ao relacionar as suas informações com as do catecismo de Quelemém, a necessidade de pensar, entender e conversar sobre isso. Ao lembrar-se de tantas maldades praticadas sertão afora, crê em um inferno real, além do espiritual. Araujo

---

<sup>166</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 388.

<sup>167</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 49.

afirma que o movimento de descida e subida percorrendo a estrada do mal se configura na imitação de Cristo, caminho este, escolhido por Riobaldo.<sup>168</sup> Para a autora, a presença de Riobaldo no sertão – símbolo do mal e do inferno – não o pactua com o mal, ao contrário, a sua perseguição ao demônio, o Hermógenes, o torna um soldado de Cristo. Rosenfield considera que o sincretismo de Quelemém, derivado da doutrina cristã, aponta para duas soluções com capacidade de superar o mal, ou seja, o sofrimento e o amor. As bases de uma Ordem preestabelecida, em busca de um bem maior, se apoiam no significado do mal, como provação temporária justificada na Paixão redentora de Cristo. Riobaldo, embora considere essa fé genuína e forte do compadre, crendo na onisciência, onipotência e bondade divina que significa a salvação dos ignorantes, substitui a salvação do Evangelho pelo caminho sinuoso da errança<sup>169</sup>: “Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa”.<sup>170</sup> Rosenfield novamente, em outro momento, admite a desconfiança de Riobaldo em relação à explicação de Quelemém e que ele nunca a interiorizará completamente, pois a sua angústia é realmente elucidar o que é o inferno.<sup>171</sup> Sônia Viegas relaciona o mal a um inferno real, ou seja, o sertão e a sua negatividade. Lugar onde o jagunço se exilou até mesmo de sua identidade.<sup>172</sup> Infere-se das três autoras, portanto, a consideração do mal como a manifestação da ação demoníaca do humano no mundo. Contudo, Araujo, mais sintonizada à doutrina cristã apresenta um Riobaldo afinado com o itinerário do cristão que busca no mundo a imitação de Cristo. Rosenfield, diversamente, apresenta um Riobaldo cético em relação ao catecismo de Quelemém, buscando uma maneira de fazer justiça diferente da justiça divina, ao adotar, como também pensa Viegas, o sertão como o inferno real. Deriva-se, então, dessa tensão, o nosso propósito que é o de confirmar a presença de elementos cristãos no texto de Rosa no que se refere ao debate sobre os temas do inferno e do mal. Se por um lado, há uma afinação de Riobaldo com o cristianismo proposto por Araujo, por outro, Rosenfield alinha o catecismo de Quelemém a um sincretismo derivado do cristianismo.

Riobaldo, preocupado com o seu destino, pergunta ao compadre Quelemém se de fato ele acha que vendeu a alma ao diabo e se tornando pactário. A resposta pronta de

<sup>168</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 172.

<sup>169</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 219-220.

<sup>170</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 15.

<sup>171</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 225.

<sup>172</sup> ANDRADE, Sônia Maria Viegas. *A Vereda Trágica do “Grande Sertão: Veredas”*, p. 380.

Quelemém foi para que Riobaldo tirasse essa preocupação da cabeça, pois o que importa no momento é pensar o sentido da vida futura e que “comprar ou vender, às vezes, são as ações que são as quase iguais...”,<sup>173</sup> isto é, Deus, na sua misericórdia tem a sua maneira própria de salvar a alma daquele que tem um coração arrependido. Araujo interpreta a visão de Quelemém ao afirmar que ele a compra para dá-la a Deus.<sup>174</sup> Infere-se de Araujo, Deus como o fundamento de uma ordem universal e o humano como o detentor de um livre arbítrio que dá sentido a esse ordenamento divino. Araujo mostra que a intenção de Quelemém é fazer com que Riobaldo não se preocupe, pois na confusão do mundo, as coisas podem parecer trocadas ao nosso entendimento, porém, não na onisciência divina.

É o que busca o personagem Riobaldo por precisar de uma argumentação mais lógica a respeito do demônio, pois ora crê, ora não crê na sua existência, embora este tenha sua confirmação na tradição cristã, conforme mostra a narrativa sobre o comportamento do seminarista com o livro dos sacramentais em uma das mãos e na outra uma vara como se fosse um mago ao auxiliar o padre na prática do exorcismo; certo de que o espírito só se separa do corpo com a morte, ao ouvir o relato do seminarista que ia ajudar o padre a retirar o “Cujo, do corpo vivo de uma velha”,<sup>175</sup> conclui que só poderia ser um espírito demoníaco. Contudo, tal evidência não o convence e a sua suspeita encontra outra versão na explicação de Quelemém que confirma a inexistência do demônio afirmando que se trata apenas de espíritos que viveram um itinerário de maldade e pelo fato de ainda não terem se reencarnado para se refazerem dos pecados vagam e procuram atormentar os vivos dando aparência de demônios. Prefere acreditar, momentaneamente, que o demônio se faz presença nas ações más do ser humano: “[...]: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos”.<sup>176</sup>

Riobaldo tem consciência de que se carece de apartar-se do demônio e dele não se pode ter dó. Ele é cheio de armadilhas e artimanhas para seduzir aqueles que são fracos de espírito: “o demônio esbarra manso mansinho, se fazendo de apeado, tanto tristonho, e, o senhor pára próximo”;<sup>177</sup> e Riobaldo não quer se incluir neste grupo, por isso analisa o comportamento de Hermógenes e identifica a sua peculiaridade demoníaca. O romance,

<sup>173</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 607.

<sup>174</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 260.

<sup>175</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 9.

<sup>176</sup> *Ibidem*, p. 10.

<sup>177</sup> *Ibidem*, p. 235.

contudo, afirma a crença no diabo e no inferno, mas deixa margens na leitura de Riobaldo narrador para outras interpretações, tal como a doutrina de Quelemém, que aceita a crença de que o mundo imanente é o espaço da transformação espiritual, portanto, o lugar de purgar pecados e maldades.

O velho Riobaldo tem intenções religiosas para o momento atual da sua vida. Mesmo que possa parecer um devaneio, deseja uma comunidade de conduta orientada para o bem, em lugar próprio, como se fosse uma fazenda de Deus, suprimindo e afastando-se de todo tipo de mal à espera da morte para a vida eterna no Céu e no reino de Deus. Parece ler o mundo do passado com os óculos do jagunço Riobaldo, envolto em maldades e pecados. Dedicar a vida a Deus, na sua crença, significa não abrir espaço para a maldade e não habitar o mundo do comum das coisas, mas um mundo exótico sob o determinismo religioso. Contudo, Quelemém o adverte afirmando que não há como chegar até Deus sem a mediação do mundo. Deus quer a salvação de todos, mas a responsabilidade de purgar os pecados é individual. A caminhada pode ser coletiva, mas a salvação da alma, na prática do bem, é tarefa individual: “Riobaldo, a colheita é comum, mas o capinar é sozinho...”.<sup>178</sup> Conclui-se que, embora Riobaldo gostasse de raciocinar sobre religião para entender certos temas, tais como o bem e o mal, se mostra desejoso dessa forma de entender a relação bem e mal fundada no afastamento do mundo que difere da proposta de Quelemém. Com esta narrativa, o velho Riobaldo mostra-se ciente dessa orientação religiosa mais radical de incentivo ao distanciamento do mundo, como lugar profano e símbolo do pecado.

O respeito pela crença de Quelemém leva Riobaldo narrador a não esconder ao Seu Doutor, o seu silencioso ouvinte, a sua admiração pela capacidade de tudo explicar com histórias bem contadas e comparações bem feitas do compadre Quelemém, ao afirmar: “[...] ele quer saber tudo diverso: quer não é o caso inteirado em si, mas a sobre-coisa, a outra-coisa”.<sup>179</sup> E afirma que aos poucos está aprendendo a narrar os fatos, a corrigi-los de acordo com o desenvolvimento da narrativa e a vê-los para além das palavras. Araujo afirma que os três diferentes: o homem, o escritor e a personagem são um só ao mesmo tempo, isto é, estão próximos e distantes uns dos outros. Essa tensão do texto, especialmente tendo a figura de Diadorim como centro, os mantém unidos e separados, como se fossem a figuração da Trindade, ou seja, três em um, como se a Trindade estivesse encarnada no corpo vivo da

---

<sup>178</sup> Ibidem, p. 227.

<sup>179</sup> Ibidem, p. 198.

linguagem do romance. O que Riobaldo/Rosa quer achar no texto de sua própria narrativa seria, portanto, a Trindade: “– procura o que está próximo e distante, presente e escondido na palavra do texto. Para tanto pede, insistentemente, a ajuda de seu compadre Quelemém, de seu interlocutor, do leitor – e, também, se prestarmos atenção, do crítico literário”.<sup>180</sup> Araujo certamente, em seu livro, contextualiza a teologia da Trindade e relaciona esse mistério divino à ambiguidade das palavras na narrativa do velho Riobaldo, tornando-as também misteriosas. Se Quelemém a partir da sua doutrina é capaz de ler as entrelinhas da história da vida de Riobaldo e dar um significado religioso de caráter racional ao ponto de convencê-lo sobre a relação do momento presente de sua vida com o passado e com implicações para a vida depois da morte; então Riobaldo, sem abandonar os princípios de uma religiosidade, adota parcialmente as interpretações de Quelemém e se sente orgulhoso por ter aprendido a contar e a entender melhor a sua história.

Ao lembrar-se dos ensinamentos de Quelemém, Riobaldo narrador conta sobre a realização de práticas de religiosidade de contenção de desejos, abstinências parecidas com a dos místicos que jejuavam, se mortificavam para fortalecer o espírito antes de poderem dialogar com Deus. Riobaldo jagunço está com medo do que possa acontecer com sua vida por conta do confronto próximo com Zé Bebelo. Titão Passos, seu imediato chefe, o havia alertado sobre a possibilidade de ter sido considerado desertor. Para sentir a força de Deus a seu favor, realiza a prática da abstinência de alguns vícios entregando a Deus esse sacrifício. Essa prática mais tarde é lembrada por Riobaldo quando se orientava com Quelemém, que também via nesta uma forma de entrega a Deus e de receber em dobro d’Ele, por meio deste sacrifício, ao afirmar: “e dar tudo a Deus, que de repente vem, com novas coisas mais altas, e paga e repaga, os juro dele não obedecem medida nenhuma”.<sup>181</sup> Quelemém certamente não está pensando somente numa vida recompensada por Deus no presente, contudo, faz parte da sua crença a recompensa na próxima vida, ao ter realizado práticas de fortalecimento do espírito na vida anterior. Riobaldo evidentemente entendeu a lógica do pensamento do compadre. A história das religiões, contudo, registra essa prática como forma de ascese, de exercícios espirituais em diversas manifestações de religiosidade. Até mesmo fora das religiões, em filosofias de vida, se encontrava a prática da abstinência. No cristianismo, tal prática, com jejuns e exercícios espirituais, era bastante utilizada. Outra característica marcante dessa prática é a dimensão moral. Algo que chama muito a atenção

---

<sup>180</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 328.

<sup>181</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 153.

no Riobaldo velho, homem religioso, convertido ao bem e aos bons costumes. Talvez, por sua condição existencial e religiosa, sinta mais necessidade desses exercícios espirituais. Essa prática espiritual também poderia ter uma dimensão de controle de vícios e hábitos moralmente incorretos ou o aprender a controlar as emoções e a perceber que nem todo prazer ajuda na construção de virtudes. O interessante é perceber que o personagem gostou desse tipo de prática sem ter o alcance da dimensão religiosa que, supostamente, estava explícita em tal atitude, no momento da sua vida jagunça. Nota-se da argumentação da doutrina divulgada por Quelemém a Riobaldo, o sentido do sacrifício, do sofrimento e a necessidade de se ter um espírito fortalecido, preparado para o encontro com Deus e pronto a receber os méritos na próxima vida. Rosenfield aponta novamente para um Riobaldo desconfiado e questionador por não entender muito bem a relação entre sofrimento e salvação ou sacrifício e recompensa. E ilustra com as histórias de perversidade radical de Aleixo e Pedro Pindó desconfiando das explicações de Quelemém de que todo mal que se faz se paga. Nesse sentido, Riobaldo parece desolado sobre se de fato existe um princípio regulador benéfico.<sup>182</sup> Infere-se um duplo significado de sofrimento. Para o catecismo de Quelemém, por um lado, é um meio necessário à salvação e à construção de um espírito elevado, por outro, é a contextualização do mal e de suas consequências. Isto é, Riobaldo aceita o sofrimento como motivação salvífica, contudo, não compreende o princípio da justiça divina que dá ao pecador o mérito do sofrimento dos inocentes inspirado na redenção cristã.

Preocupado mais com esse universo espiritual, o velho Riobaldo afirma possuir o dom de atirar bem. Quelemém explica que em outra vida, na encarnação que possuía certamente teria trabalhado muito com arma e com a mira da arma. Ele acata a explicação com certa desconfiança preferindo atribuir esse dom a Deus. Partindo do pressuposto de que todos os dons são dons de Deus, infere-se deste uma condição moral, ou seja, todo dom deve ser usado para o bem. Para o ofício de cangaceiro, atirar bem, supostamente, poderia ser para promover a justiça no sertão. É também o que o mestre Vupes, ao introduzir Riobaldo no conhecimento das armas, pensa sobre o atirar bem. Ele afirma que o atirar bem não está no corpo, no olho ou nas mãos e sim no espírito. Conclui-se da afirmação novamente, a exaltação do espírito como algo relevante que de certa forma combina com a explicação de Quelemém, isto é, ao passar de uma vida a outra o espírito leva consigo determinadas habilidades da encarnação anterior, também chamadas de dons. O espírito é um tema

---

<sup>182</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 347.

importante no romance: “Mesmo dizia: – ‘Senhor atira bem, porque atira com espírito. Sempre o espírito é que acerta...’ [...]”.<sup>183</sup> O mestre Vupes, ao ensinar Riobaldo e ao conferir a sua habilidade no manejo da arma de fogo afirma o poder do espírito que tem, neste fragmento, um duplo sentido: de um lado, significa inteligência, racionalidade para exercer a habilidade de como atirar bem, de outro, tem um sentido religioso, com a intenção de atribuir determinada capacidade a um poder sobrenatural, de Deus ou do demo: “soante que dissesse: sempre o espírito é que mata...”.<sup>184</sup> Nesse caso e nesse contexto, Riobaldo recebe de Deus o dom de ser um bom atirador. “Ele me viu afinar mira, uma vez, e me louvou, por eu, de nascença, saber tão bem, na horinha, segurar de não respirar”.<sup>185</sup>

## 2. Nhorinhá, Otacília e Diadorim

A narrativa do velho Riobaldo não esconde de seu ouvinte silencioso as suas proezas, as suas culpas e o seu aprendizado nas relações estabelecidas com as mulheres. A universalização do sertão parece também universalizar o feminino e o masculino de forma que todo homem e toda mulher parecem se encontrar nos desejos e sonhos dos homens, em especial nos de Riobaldo, e nos das mulheres do romance. A alegria do casamento “esponsal” deixada pelo encontro do jagunço Riobaldo com Nhorinhá o acompanhará por todo o romance dando-lhe em muitos momentos um sentimento nostálgico e a imagem de que aquele encontro pudesse ter estabelecido, além de uma relação de aprendizagem, uma relação definitiva se não fossem os caprichos do destino. Se o primeiro desejo de casamento de Riobaldo deu-se com Nhorinhá, contudo, foi com Otacília que a realidade do casamento sponsal se confirmou. A primeira visão que Riobaldo tem de Otacília é a de uma figura transcendente, de uma mulher casta, intocada, identificando-a com Nossa Senhora e por isso, no primeiro encontro, sente-se indigno desse amor considerando-o inacessível pela sua miserável condição de jagunço. Não é por acaso que a narrativa do velho Riobaldo atribui a sua conversão e a sua busca por salvação, após o seu abandono da vida jagunça, à religiosidade, aos conselhos, aos cuidados e às orações da sua esposa Otacília. Ao confirmar

---

<sup>183</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 125.

<sup>184</sup> *Ibidem*, p. 125.

<sup>185</sup> *Ibidem*, p. 125.

a gratidão por sua esposa, a narrativa inicia o relato de um amor impossível e jamais esquecido, ou seja, a paixão por Diadorim – a “neblina”. Do mesmo jeito que a narrativa revela a ambiguidade do sentimento de Riobaldo por Diadorim, também a identidade secreta de Diadorim é relatada de forma ambígua dando a esse personagem aspectos extraordinários e divinos e marcas terríveis e demoníacas, por um lado e por outro, a capacidade de ensinamentos e orientação do itinerário de Riobaldo, de tal forma que a posse desse amor se dá de forma definitiva quando ele recebe das mãos da mulher do Hermógenes, após a batalha final do Paredão, Diadorim, nua e morta, já liberta do segredo e do pacto de morte. De Nhorinhá a Deodorina, passando por outras mestras, portanto, é a proposta da descrição dos aspectos religiosos e cristãos do texto que segue.

A atração motivada pela acolhida transparente e carinhosa de Nhorinhá leva Riobaldo a diferenciá-la de uma meretriz e a se sentir ligado a ela como se já houvesse um vínculo matrimonial: “Se chamava Nhorinhá. Recebeu meu carinho no cetim do Pêlo – alegria que foi, feito casamento, esponsal”.<sup>186</sup> Se a queda do homem no pecado teve na redenção de Cristo o encontro com a salvação, a possível condição de pecado de Nhorinhá é vista por Riobaldo como um valor e como um resgate de si mesmo para uma relação verdadeiramente significativa, diante do sentimento confuso e ambíguo da sua relação por Diadorim: “Ah, a mangaba boa só se colhe já caída no chão, de baixo... Nhorinhá”.<sup>187</sup> Como para Nhorinhá ter recebido o carinho de Riobaldo foi também uma experiência verdadeira, ela o retribuiu com tudo aquilo que podia dar, ou seja, o seu amor, o seu saber e a sua crença. Por isso procura cercá-lo com a proteção divina para que o mantenha vivo a fim de que outras experiências amorosas possam acontecer: “Depois ela me deu de presente uma presa de jacaré, para traspasar no chapéu, com talento contra mordida de cobra; e me mostrou para beijar uma estampa de santa, dita meia milagrosa. Muito foi”.<sup>188</sup> O que se pode notar desse contexto, que também faz parte da ambígua crença de Riobaldo, é a padronização da crença, ou seja, Nhorinhá não acredita em religião que condene moralmente a sua vida de meretriz. Ao contrário, a crença em imagem de santa aparece como amuleto, semelhante ao de presa de jacaré. A vida perigosa de jagunço e a vida marginalizada daquela gente

---

<sup>186</sup> Ibidem, p. 33.

<sup>187</sup> Ibidem, p. 33. Numa perspectiva vétero e neotestamentária, Utéza afirma que a relação entre Riobaldo e Nhorinhá faz dela uma nova Amada do Cântico dos Cânticos e também faz lembrar-se da prostituta dos Evangelhos, contextualizando uma referência à pecadora que lavou os pés de Cristo na casa de Simão. UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 336.

<sup>188</sup> Ibidem, p. 33.

assolada pela dureza do sertão não podia dispensar nenhuma possibilidade de proteção ou de previsão do futuro – interesse direto do amor de Nhorinhá por Riobaldo e da prática da cigana Ana Duzuza, mãe de Nhorinhá: “falada de ser filha de ciganos, e dona adivinhadora da boa ou má sorte da gente; naquele sertão essa se dispôs de muita virtude”.<sup>189</sup> O saber intuitivo de Nhorinhá e de sua mãe propõe outra forma de entender o sertão, a guerra e o amor. Ou seja, as coisas são misturadas.

Para esse contexto, Rosenfield afirma que a narrativa possui uma lógica que não faz distinção entre o amor da prostituta Nhorinhá – amor carnal – e o amor da futura esposa que precisava ser virgem – amor espiritual. A expressão do romance: “alegria sponsal”, de acordo com a autora, reúne os dois lados do amor, ou seja, Nhorinhá proporciona o bem-estar físico e a satisfação espiritual. A verdade do amor carnal dado a Riobaldo por Nhorinhá e dele recebido, dão aos dois o sentido erótico da troca reconhecendo na mulher também a plenitude e a sublimidade do encontro físico. A “alegria sponsal”, portanto, por ser um acontecimento erótico significativo, não pode ser expressa de forma abstrata e desencarnada, pois ao ultrapassar os limites entre corpo e alma exaltam a generosidade como dom de si mesmo e a dimensão sagrada do encontro. Infere-se, portanto, que a proximidade de Riobaldo por Otacília – se não fosse o acaso poderia ter sido também por Nhorinhá – significa a busca pela determinação proporcionada pela atração sexual, com isso, ele se distancia da relação abstrata e indeterminada que marcava a sua relação com Diadorim. Essa opção feita um pouco antes da batalha final no Paredão, diferente do pacto de morte de Diadorim, tira o caráter ambíguo e titubeante de Riobaldo e dá ao Urutu Branco uma determinação própria nas decisões de guerra abrindo-a para a ótica do feminino.<sup>190</sup>

Como Riobaldo havia antes ligado Nhorinhá à doçura da mangaba, agora compara a visão inicial que está tendo de Otacília, que o arrebatou e o prende no sentimento, à arte de uma pintura que revela a sua doçura, a sua beleza, a sua feminilidade, o seu saber e a sua simpatia: “[...] eu divulguei, qual que uma luz de candeia mal deixava, a doçura de uma moça, no enquadro da janela lá dentro. Moça de carinha redonda, entre compridos cabelos. E, o que mais foi, foi um sorriso. Isso chegasse? Às vezes chega, às vezes. [...]. No escuro. Mas senti: me senti”.<sup>191</sup> Riobaldo estava precisando de uma Fazenda Santa Catarina e de

---

<sup>189</sup> Ibidem, p. 33.

<sup>190</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 284-285.

<sup>191</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 157.

uma Otacília, como fonte divina, a fim de se orientar, preencher o vazio e matar a sede de sentido causada pela feiura do sertão e pela confusão de sentimentos e de propósitos obscuros da guerra jagunça. Otacília parece ser o poço da salvação: “Águas para fazerem minha sede. Que jurei em mim: a Nossa Senhora um dia em sonho ou sombra me aparecesse, podia ser assim – aquela cabecinha, figurinha de rosto, em cima de alguma curva no ar, que não se via”.<sup>192</sup> Desejoso de vida e de encontrar-se a si mesmo, Riobaldo abre-se para a transcendência e repensa o seu itinerário sem ainda dissipar a neblina, ou seja, Diadorim: “Artes que morte e amor têm paragens demarcadas. No escuro”.<sup>193</sup> Infere-se, portanto, que o tema religioso dessa narrativa é a imagem do avô e de Otacília. O avô é percebido por Riobaldo como um santo – “santificado de velho” – conforme se expressa. Otacília é a imagem de Nossa Senhora, conforme algum dia ele gostaria que ela, a mãe de Deus, lhe aparecesse. Conclui-se desse comportamento de Riobaldo, a influência que a formação religiosa recebida de sua mãe exercia sobre o seu olhar emocional das pessoas e das coisas e também, pelo fato, entre tantas possibilidades de narrativa, de priorizar esta de caráter mais religioso.

Se a referência feita à Otacília por Riobaldo era a de pureza, beleza, fé e de castidade, no entanto, a recíproca não é a mesma para si mesmo. Pois, ao mesmo tempo em que narra orgulhosamente as suas proezas amorosas: “A primeira, que foi, bonita moça, eu estava com ela somente. Tanto gritava, que xingava, tanto me mordida, e as unhas tinha. Ao cabo, que pude, a moça – fechados os olhos – não bulia; [...]. Assim tanto, de repente vindo, ela estremeceuzinha. Daí, abriu os olhos, aceitou minha ação, arfou seus prazeres, constituído milagre”,<sup>194</sup> como se fossem obras divinas, ou em outra situação: “O que eu queria era ver a satisfação – para aquelas, pelo meu ser. Feito com a Rosa’uarda, sempre formosa, a filha de Assis Wababa, sonhos meus, turcamente; [...]”<sup>195</sup> ou, o encontro com Hortência e Maria-da-Luz – meretrizes por opção – ao destacar a generosidade erótica e material dessas mulheres, o faz como um momento sagrado: “Cheguei e logo achei que lugar tal devia era de ter nome de Paraíso. [...] Deus que abençoe muito aquelas duas”,<sup>196</sup> por outro lado, se sente culpado por não ter conseguido controlar os seus desejos promíscuos e a

---

<sup>192</sup> Ibidem, p. 158.

<sup>193</sup> Ibidem, p. 15.

<sup>194</sup> Ibidem, p. 172.

<sup>195</sup> Ibidem, p. 172.

<sup>196</sup> Ibidem, p. 525-529.

violência no trato com algumas mulheres: “Mas, depois, num sítio perto da Serra Nova, foi uma outra, a moreninha miúda, e essa se sujeitou fria estendida, para mim ficou de pedras e terra. Ah, era que nem eu nos medonhos fosse – e, o senhor crê? – a mocinha me agüentava era num rezar, tempos além”.<sup>197</sup> A avaliação que Riobaldo faz do passado, no que diz respeito ao relacionamento com as mulheres é bastante negativa, considerando-se o aspecto moral. A comparação dos homens do bando, quando estavam precisando de mulher, como animais no cio significa a ação do instinto, a ausência da racionalidade, portanto da humanidade: “Aqueles homens, quando estavam precisando, eles tinham aca, almiscravam. Achavam, manejavam”.<sup>198</sup> Contudo, se regozija de sua esperteza e de sua capacidade de amar as mulheres de modo humano ao possibilitar o prazer que ambos devem sentir e rejeita, na memória do passado, o fato de ter tratado uma mulher como mero objeto do seu prazer. Ele afirma ter deixado o comportamento promíscuo com a ajuda de Deus: “Deus me livrou de endurecer nesses costumes perpétuos”.<sup>199</sup> Sai de uma vida de pecado para a santidade. Acredita que Deus o recompensará com a salvação de sua alma por essa mudança de comportamento: “Contanto que nunca mais abusei de mulher. Pelas ocasiões que tive, e de lado deixei, ofereço que Deus me dê alguma minha recompensa.”<sup>200</sup> É possível inferir do seu posicionamento humano ambíguo que vive entre as polaridades do desejo descontrolado e a busca da virtude como um conceito de pureza ou castidade próprio da moral cristã, que tinha a virgindade de Maria mãe de Jesus como valor para a conduta das mulheres. Riobaldo, também, ao se referir à Otacília o faz destacando a sua castidade, a sua fé firme e a sua pureza parecidos com as de Nossa Senhora. É com as mulheres, portanto, que Riobaldo aos poucos vai aprendendo a construir o próprio itinerário para Deus. Neste sentido, o relato do velho Riobaldo dá ao encontro com cada uma delas a dimensão da aprendizagem recebida.

A conversa que Riobaldo teve com Diadorim sobre casar-se com Otacília, o leva distante no pensamento a imaginar a sua relação conjugal com Otacília e sua relação com a religiosidade: “Otacília no quarto, rezando ajoelhada diante de imagem, e já aprontada para a noite, em camisola fina de ló”.<sup>201</sup> Infere-se de Riobaldo uma dupla postura em relação à forma de ver a crença de Otacília, isto é, por um lado, a narrativa do velho Riobaldo ao

---

<sup>197</sup> Ibidem, p. 172.

<sup>198</sup> Ibidem, p. 172.

<sup>199</sup> Ibidem, p. 172.

<sup>200</sup> Ibidem, p. 173.

<sup>201</sup> Ibidem, p. 378.

reconhecer a religião de Otacília, a faz identificando-se como ser religioso, por outro, é a forma do jagunço Riobaldo se ver num universo completamente distinto da natureza religiosa de Otacília. A duplicidade, então, encontra-se na distância e na proximidade simultâneas que a religiosidade de Riobaldo se apresenta nesta e em outras diversas referências à Otacília passando a impressão ora, de uma religiosidade exclusiva – de Otacília – ora, o narrador a assume para si como participante dela.

Riobaldo, ao mesmo tempo em que sonha com Otacília, se vê distante dela a ponto de considerar apenas como uma história contada por outra pessoa. Pensa na sua condição de jagunço e na dificuldade que seria a aceitação por parte do pai de Otacília em casar a sua filha com um marginal, fora da lei e marcado pela sina jagunça. Apega-se a um resto de esperança manifestando um pouco de religiosidade: “Para isso rezei, a todas as minhas Nossas Senhoras Sertanejas,<sup>202</sup> contudo, não acredita profundamente que tal reza o levará para Otacília: “Mas rebotei de lado aquelas orações, na água fina e no ar dos ventos”.<sup>203</sup> Ao lamentar a sua situação, questiona o seu interlocutor silencioso perguntando se está interessado em ouvir o restante da história e ao assumir presumidamente o sim de seu ouvinte aponta para o relato do pacto como solução do problema com a intervenção do sagrado. Reforça novamente a dubiedade religiosa de Riobaldo, se por um lado, busca em Deus alguma esperança de um sentido afetivo ao lado de Otacília, por outro, se desespera e aposta no pacto com o demo como única alternativa por sentir-se bestializado pela ruindade do sertão e da condição jagunça: “Aquilo, o resto... Aquilo – era eu ir à meia-noite, na encruzilhada, esperar o Maligno – fechar o trato, fazer o pacto”.<sup>204</sup>

Também é da religiosidade de Otacília que Riobaldo aprende a alimentar a própria crença: “E em Otacília, eu não pensava?[...] Se ela por mim rezava? Rezava”.<sup>205</sup> Situação parecida com a postura do jagunço será percebida no velho Riobaldo ao obter de Otacília a orientação para a proposta de um círculo religioso com propósitos salvíficos: “Olhe: tem uma preta, Maria Leôncia, [...], as rezas dela afamam muita virtude de poder. Pois a ela pago, todo mês – encomenda de rezar por mim um terço, todo santo dia, e, nos domingos, um rosário. Vale, se vale. Minha mulher não vê mal nisso”.<sup>206</sup> A narrativa do velho

---

<sup>202</sup> Ibidem, p. 410.

<sup>203</sup> Ibidem, p. 410.

<sup>204</sup> Ibidem, p. 410.

<sup>205</sup> Ibidem, p. 314.

<sup>206</sup> Ibidem, p. 16.

Riobaldo, embora pareça desacreditar da existência do diabo, necessita da experiência religiosa na proximidade com Deus, não só gratuitamente, mas por precisar de aliados para conduzir de forma satisfatória a sua vida. Adota a orientação do feminino, as mulheres próximas e distantes para serem suas intercessoras junto de Deus, a exemplo da religiosidade recebida de sua mãe, em especial, as devoções marianas. A partir da mediação de Nossa Senhora, as mulheres indicadas por Riobaldo assumem, com suas rezas diversas, o papel de advogada pela proximidade com Deus na oração: “E estou, já mandei recado para uma outra, do Vau-Vau, uma Izina Calanga, para vir aqui, ouvi de que reza também com grandes meremerências, vou efetuar com ela trato igual. Quero punhado dessas, me defendendo em Deus, reunidas de mim em volta... Chagas de Cristo”!<sup>207</sup> Infere-se do ensinamento das mulheres a proximidade e a sensibilidade para com o sagrado e no que se refere à religiosidade, o velho Riobaldo dá continuidade às crenças da infância e do jovem jagunço atribuindo às mulheres em todas as épocas, o papel ritualístico na comunicação com Deus. Rosenfield ao interpretar de forma diferente, não acredita que Riobaldo de fato tenha assumido uma fé religiosa de propósitos salvíficos. A fé narrada por ele, através das práticas religiosas encomendadas, aparece de acordo com a autora, como uma concessão à fé das mulheres, em especial a de Otacília.<sup>208</sup> Infere-se da autora, o ceticismo em relação a uma religiosidade de Riobaldo, no entanto, admite através da sua narrativa o seu diálogo com o espaço religioso, especialmente a religiosidade transmitida pelas mulheres, combinando com a percepção presente no romance de uma tradição religiosa herdada de sua mãe e vivenciada por Otacília e por algumas mulheres.

É o que se poderá verificar com a iniciação de Riobaldo no universo religioso, em raros momentos da narrativa com referência aos ensinamentos de sua mãe, ao se referir à experiência religiosa que decorre de carências humanas. No caso de Riobaldo, carência de saúde: “Pois tinha sido que eu acabava de sarar duma doença, e minha mãe feito promessa para eu cumprir quando ficasse bom: [...]”.<sup>209</sup> A mãe de Riobaldo, pelo conteúdo do fragmento, é uma pessoa religiosa, de ir à missa, de fazer promessa e devota de Bom-Jesus da lapa.<sup>210</sup> A esmola, como forma de retribuição material de uma graça alcançada, é pedida

---

<sup>207</sup> Ibidem, p. 16.

<sup>208</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 368.

<sup>209</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 101.

<sup>210</sup> De acordo com as pesquisa do autor, que se adéquam ao comportamento da mãe de Riobaldo, o fiel cumpre os rituais de agradecimento ao santo pela dádiva alcançada. SILVA, João Batista da. *A pastoral dos santuários e romarias: um estudo de caso em Bom Jesus da Lapa – BA*, p. 33.

pelo beneficiário, ou seja, por aquele que foi curado pela mediação espiritual: “[...] eu carecia de tirar esmola, até perfazer um tanto – metade para se pagar uma missa, em alguma igreja, metade para se pôr dentro duma cabaça bem tapada e breada, que se jogava no São Francisco, a fim de ir, Bahia abaixo, até esbarrar no Santuário do Santo Senhor Bom-Jesus da Lapa, que na beira do rio tudo pode. [...]. Mãe me deu uma sacola. Eu ia, todos os dias”.<sup>211</sup> Esse é o começo da história da vida de Riobaldo e já podemos concluir que o personagem teve da mãe uma formação religiosa e, certamente, aprendeu a religião em conformidade com os costumes do sertanejo. As condições precárias e o acesso mínimo aos cuidados médicos com a saúde podem levar pessoas, com tais carências, a apelarem para aquilo que já trazem consigo – a religiosidade, com seus mitos sobre pessoas, coisas e o rio São Francisco, como confirma a narrativa de Riobaldo: “Arre vai, o canoeiro cantou, feio, moda de copla que gente barranqueira usa: ‘...*Meu Rio de São Francisco, nessa maior turvação: vim te dar um gole d’água, mas pedir tua benção...*’ [...]”.<sup>212</sup> O espólio da mãe de Riobaldo chama a atenção pela humildade e pela religiosidade. Riobaldo leva consigo poucas coisas, das poucas que recebe de sua mãe, entre elas, uma imagem de santo de pau. Não quer deixar fora de sua vida, que vai mudar de rumo, a experiência religiosa que aprendeu a viver com sua mãe.

Mais tarde, nas andanças do bando pelo sertão, já com a chefia de Urutu Branco, se deparam com um lugar de gente bem pobre e doente, Riobaldo, então, ao ver as agonias de uma pobre mulher em dores de parto, religiosamente se penaliza pela situação miserável daquela criatura e lhe dá uma ajuda em dinheiro recomendando-lhe o seu nome para o menino que vai nascer: “[...] – ‘Toma, filha de Cristo, senhora dona: compra um agasalho para esse que vai nascer defendido e são, e que deve se chamar Riobaldo...’ [...]”.<sup>213</sup> Antes de sair da casa, em tom solene, análoga às entonações dos textos bíblicos do nascimento de João Batista e de Jesus, reconhecendo a oportunidade que recebia daquele momento, propõe o rebatismo de si mesmo: “Minha Senhora Dona: um menino nasceu – o mundo tornou a começar!...”.<sup>214</sup> A pobre mulher certamente proporciona a Riobaldo um reencontro com Deus na imagem cristã da natividade, assim como Maria a mãe de Jesus possibilitou o

<sup>211</sup> Ibidem, p. 101. A nossa leitura desse fragmento é similar a de Utéza, ao afirmar que o narrador insiste no caráter religioso da promessa da mãe de Riobaldo e no poder divino do todo poderoso Bom Jesus da lapa, que se manifesta na beira do rio. UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 261.

<sup>212</sup> Ibidem, p. 107.

<sup>213</sup> Ibidem, p. 467.

<sup>214</sup> Ibidem, p. 468.

encontro de Deus com o ser humano, em cumprimento das promessas salvíficas. A ida para as Veredas Mortas em tentativa de pacto com o demônio certamente deixou Riobaldo carente de salvação. Por isso busca um renascimento a partir do nome, se o seu nome de antes era o de pactário, o recomeço de agora será com o mesmo nome de pacto com Deus. Porém, outra mulher – Diadorim – vê estranheza no comportamento de Urutu Branco chamando-lhe a atenção pela cena feita: “[...] – ‘Repuno: que você está diferente de toda pessoa, Riobaldo... Você quer dançação e desordem...’[...]”.<sup>215</sup> Ambiguamente, Diadorim não vê nem a honestidade e nem a religiosidade de Riobaldo no ato de compaixão para com a pobre mulher, ao contrário, vê ironia e possessão demoníaca. Ao aconselhá-lo a fim de que volte a ser o Riobaldo de antes e que tal comportamento não seria atitude de chefia, Diadorim busca retirá-lo do âmbito sagrado levando-o para o modo prático, na racionalidade da causa.

Em outro momento, Diadorim novamente adverte Riobaldo pelo asco que sentia em relação a um homem leproso, que de sobressalto o encontrou no trajeto da cavalgada, insistindo para que o deixasse em paz e que aquele irmão era uma criatura igual a cada um e que, embora doente, merecia continuar vivo. É o instante em que Riobaldo toma consciência dos destemperos da sua campanha como chefe ao ser avaliado negativamente pelo amigo, portanto, passa a pensar na possibilidade de estar sendo governado pelo Cujo, e também é o lugar em que ele lança um novo olhar sobre Diadorim transfigurado: “[...] Diadorim, [...], reluzia no rosto, com uma beleza ainda maior, fora de todo comum. Os olhos – vislumbre meu – que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes, como o de nenhum pasto. E tudo meio se sombreava, mas só de boa doçura”,<sup>216</sup> relacionando a beleza, o amor e a fé: “Diadorim, nas asas do instante, na pessoa dele vi foi a imagem tão formosa de minha Nossa Senhora da Abadia! A santa...”.<sup>217</sup> Rosenfield infere que Diadorim faz parte da fantasia de Riobaldo como uma virgem anticarnal, sobrenatural e representada pela delicadeza do amor cortês que se posiciona em situação radicalmente oposta à dele e que no encontro com o leproso – aquele que vive no pântano – reconhece a sua sujidade e sensualidade pecaminosa como se pode conferir no trecho: “[...], a imagem angélica de Diadorim estabelece não apenas um contraste violento com a sensualidade assumida de Riobaldo, mas parece carregar em certos momentos a sombra nefasta do ódio e da rejeição radical de tudo que diz respeito à alegria do corpo”. A falha da vida jagunça que desde o início Riobaldo percebera

---

<sup>215</sup> Ibidem, p. 468.

<sup>216</sup> Ibidem, p. 495.

<sup>217</sup> Ibidem, p. 495.

era a exclusão do feminino. O outro momento dessa “transfiguração” de Diadorim, segundo a autora, acontecerá no momento da sua morte na batalha final do Paredão quando volta a imagem da virgem cristã – “Nossa-Senhora assentada no meio da igreja”.<sup>218</sup> Contudo, Riobaldo titubeia e o asco que sentia pelo leproso se vira para si mesmo ao repelir o sentimento amoroso por Diadorim: “De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?! Me franzi”.<sup>219</sup> Infere-se de Diadorim um paradoxo, ou seja, se por um lado, a feminilidade, a compaixão, a capacidade de aconselhar e a intercessão em favor do mais fraco fazem com que Riobaldo se deslumbre religiosamente por Deodorina ligando-a à imagem cristã de Nossa Senhora que sensivelmente possuía tais atributos;<sup>220</sup> por outro, o sentimento confuso que emanava da ruindade do sertão e do segredo de Diadorim se parecem com a identidade confusa do demo levando Riobaldo a se sentir governado pelo diabo: “[...]: ou o senhor bendito governa o sertão, ou o sertão maldito vos governa... [..]”.<sup>221</sup>

Apesar desse paradoxo, Riobaldo sente amor por Otacília e por Diadorim. Sente culpa de um amor impossível. Considera o seu amor por Diadorim uma aberração, coisa do demo: “Ele tinha culpa? Eu tinha culpa? [...]”.<sup>222</sup> Não consegue explicar a atração por seu amigo Diadorim. Embora deseje, em definitivo, viver ao lado de Diadorim, sente que a melhor solução para a sua vida seja se casar com Otacília. “Deus come escondido, e o diabo sai por toda parte lambendo o prato... Mas eu gostava de Diadorim para poder saber que estes gerais são formosos”.<sup>223</sup> Confiava que Deus haveria de ter um bom projeto para sua vida, assim como confiava na liderança de Medeiro Vaz. Reinaldo confia em Riobaldo quando decide revelar o segredo do seu nome sem explicar as verdadeiras razões desse segredo. Ao aceitar as condições e os conselhos do amigo, Riobaldo se compromete fortalecendo mais ainda os laços de amor e amizade entre ambos.

---

<sup>218</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 266.

<sup>219</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 495.

<sup>220</sup> Rosenfield vê negativamente o atributo da castidade como reserva feminina ao afirmar que no romance esse atributo significa a dedicação fatal a serviço do pai – Joca Ramiro – serviço de ódio simbolizado na imagem da faca, do punhal, do chumbo e das palavras solenes. A regra do celibato de Joãozinho Bem-bem, assumida por Diadorim, significa a destituição do feminino e a expulsão da mulher de seu verdadeiro lugar no sertão. No geral, conforme o romance vai se desdobrando, afirma a autora, *GS:V* está simbolicamente paradigmático pelo prisma do eterno feminino através da dedicatória à esposa do autor – Aracy – no início do romance e no fim, o signo do infinito. ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 263-264.

<sup>221</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 495.

<sup>222</sup> *Ibidem*, p. 495.

<sup>223</sup> *Ibidem*, p. 56.

Já a narrativa que revela a verdadeira identidade de Diadorim, isto é, o seu nome completo, Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins, com confirmação feita depois por Riobaldo no livro de batistério da matriz de Itacambira, conta com a ajuda e a orientação prestimosa da mulher de Hermógenes, que após a morte do marido, afirmando odiá-lo, entrega o corpo a Riobaldo, afirmando a religiosidade do momento: “– ‘A Deus dada. Pobrezinha...’ [...]”<sup>224</sup>, e ele tomado de dor e espanto responde no gesto cristão: “[...] e levantei mão para me benzer [...]”.<sup>225</sup> Diadorim morta recebe de Riobaldo a declaração de amor e os beijos da despedida de um amor jamais vivido. E através do gesto da mulher de Hermógenes que preparou o corpo para o sepultamento no costume cristão: “ainda depositou o cordão com o escapulário que tinha sido meu, e um rosário, de coquinhos de ouricuri e contas de lágrimas-de-nossa-senhora”.<sup>226</sup> “[...] O Quipes veio, com as velas, [...]”<sup>227</sup> e Riobaldo o tempo todo acompanhava os preparativos do funeral, “como tinham ido abrir a cova, cristãmente”,<sup>228</sup> exigiu que Diadorim fosse enterrada em lugar separado, “num aliso de vereda”.<sup>229</sup> O choro tomou conta de todos, inclusive da mulher de Hermógenes.<sup>230</sup>

Para Araujo, Riobaldo jamais chega a possuir Diadorim a não ser quando este se revela como Deodorina, já perdida possuindo-a de forma instantânea com os olhos e o coração.<sup>231</sup> Para essa cena, embora a mulher utilize a expressão “pobrezinha”, Rosenfield afirma que a narrativa do conjunto do romance utiliza os pronomes feminino e masculino-neutro que se referem a Diadorim de forma indeterminada. A figura de Diadorim, portanto, torna-se “literalmente um ‘inominável’, uma ‘neblina’ que resiste à compreensão da razão humana”. Ou seja, “ele vem a ser exatamente aquilo que os trágicos chamam de *deinos*, a coisa maravilhosa e terrível”.<sup>232</sup> Em outro fragmento, Rosenfield reforça essa dubiedade ao

<sup>224</sup> Ibidem, p. 599.

<sup>225</sup> Ibidem, p. 599.

<sup>226</sup> Ibidem, p. 599-600. Guimarães Rosa, ao mencionar o funeral cristão em diversos fragmentos do romance, por exemplo, a morte de Joca Ramiro e Medeiro Vaz, supõe que o leitor saiba o conteúdo religioso desse funeral. Confira o artigo de BOULHOSA, Tatiana Machado. *Algumas conjecturas sobre a morte em “Grande Sertão: Veredas”*. Último Andar (20), 1º Semestre, 2012 – ISSN 1980-8305. P. 51-61. Disponível em: <revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/download/.../8012>. Acesso em 6 de outubro de 2012. Também para maiores detalhes desse ritual, confira o livro *Liturgia de Exéquias*, de Gabriel Gonzaga Bina.

<sup>227</sup> Ibidem, p. 600.

<sup>228</sup> Ibidem, p. 600.

<sup>229</sup> Ibidem, p. 600.

<sup>230</sup> Ibidem, p. 599-600.

<sup>231</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 53.

<sup>232</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 342.

afirmar que Diadorim é a figura extática e bela, do amor e da amizade misteriosa, de bondade semelhante à dos anjos, da confiança e da entrega incondicional; e simultaneamente é de alma obscura, fraca, imprecisa e de racionalidade limitada.<sup>233</sup> No que se refere à natureza de Diadorim, Riobaldo coerentemente narra a ambiguidade que procede de si e de sua narrativa dirigindo-se à personagem de Diadorim. A mesma inferência convergente é percebida, cada uma ao seu modo, nas interpretações de Araujo e Rosenfield. Para Araujo, o ser e o não ser de Diadorim, possuída ou não por Riobaldo, demonstram a problemática da duplicidade envolvida na cena da morte da personagem. O mesmo pode-se encontrar de forma ainda mais convincente em Rosenfield. Contudo, a ambiguidade marcante da personagem Diadorim não apaga o seu papel de conselheira, orientadora e mestra de Riobaldo.

Passado algum tempo da morte de Diadorim, depois que Riobaldo tinha se recuperado da febre tifo, ele agradece ao seu Ornelas e os dele pela acolhida e pelos cuidados recebidos que o fazem lembrar-se do amor ao próximo ensinado por Jesus como mandamento: “tudo agradei, dei as despedidas, ao seu Ornelas e os dele – gente-do-evangelho”.<sup>234</sup> Dominado pela tristeza e pela saudade do amor e amigo Diadorim, Riobaldo irá encontrar alento e sentido para continuar vivendo na religiosidade assumida como sentimento livre que vem de dentro dependendo apenas de si mesmo: “mas ninguém não pode me impedir de rezar; pode algum? O existir da alma é a reza... Quando estou rezando, estou fora de sujidade, à parte de toda loucura”.<sup>235</sup> A imagem do corpo morto de Deodorina, para Riobaldo, representa a morte de uma parte de sua vida e a inevitável conversão de seu olhar: deixa de ver o mundo exterior, físico, voltando-se para o interior, espiritual. No abandono da vida jagunça, passa a se dedicar à religião. Sabe que morreu e renasceu para outra vida, infere Araujo.<sup>236</sup> Infere-se da posição de Araújo, a conversão de Riobaldo para Deus. Preocupado com a própria salvação, de acordo com o relato da sua história, irá buscar no espaço religioso do itinerário para Deus e nas experiências aprendidas nos encontros amorosos de todos os nomes femininos guardados na memória, as respostas para os mistérios do itinerário da vida jagunça percorrida construindo, assim, um sentido para a sua velhice.

---

<sup>233</sup> Ibidem, p. 93.

<sup>234</sup> Ibidem, p. 604.

<sup>235</sup> Ibidem, p. 605.

<sup>236</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 361.

Se Nhorinhá representa a afirmação do feminino dos encontros amorosos de Riobaldo, por ter necessidade de se afastar da ambiguidade que sente por Diadorim, então desde a primeira experiência sexual com Rosa'uarda, a filha de Assis Wadaba, passando pelas meretrizes todas, até a experiência generosa com Hortência e Maria da Luz, já como chefe Urutu Branco representando a busca pela afirmação de uma relação afetiva estável, Riobaldo oscila entre a graça e o pecado remoída na memória que tem as marcas dos encontros amorosos e desafetuosos. A avaliação que o velho Riobaldo faz da sua conduta passada tem características religiosas ao atribuir à graça divina o dom de se relacionar amorosamente com as mulheres, no entanto, o mesmo sentimento religioso o faz culpado pelo desrespeito e “safadezas” praticadas. Conclui ainda como jagunço, que Deus o orientou no bom caminho na forma de tratar as mulheres, distinguindo-o da relação animalesca dos outros jagunços. Se a beleza da flor representada por Nhorinhá tem o seu encanto capaz de atrair Riobaldo sexualmente dando ao corpo o espaço do prazer e da troca generosa das meretrizes como a doçura da mangaba caída no chão, então com Otacília, o corpo cede lugar ao espírito de tal forma que ela lidera o grupo das mulheres que intercedem junto a Deus por ele através das orações e rezas diversas. Em Otacília Riobaldo busca cumprir os seus propósitos salvíficos, destinando-lhe o poder de sua advogada fundamentado em sua castidade e santidade. Diadorim é a amizade que Riobaldo vê se transformar em amor e em amor impossível. Ao abrir mão de seu ser de mulher em troca do pacto de ódio herdado do pai, Diadorim se torna uma incógnita para o sentimento de Riobaldo. Se por um lado exerce o fascínio transformando-se na coisa maravilhosa a ponto de se tornar por si só o destino do jagunço Riobaldo, por outro se torna terrível ao se mostrar obstinado à guerra jagunça propondo pactos celibatários e definindo o jagunço como um ser selvagem capaz do estupro, mas impossibilitado de acessar o erótico e de ver a mulher como feminina, companheira e esposa. O romance revela no final, na morte de Diadorim, através de seu corpo de mulher, o seu ser feminino, mas não revela as razões da sua negação de seu verdadeiro ser e da sua opção de donzela guerreira, em vida. Riobaldo, contudo, faz questão da dimensão religiosa, por acreditar na salvação de Deodorina e por crer que a misericórdia divina terá pena de sua pobre alma, por isso pede que o seu velório e o seu sepultamento sejam feitos de forma cristã. Há, portanto, uma clara opção do romance pelo feminino detectado na “matéria vertente”. Assim como a narrativa do velho Riobaldo incluiu as mulheres na vida do jagunço Riobaldo, também se percebeu a implicação, juntamente com elas, da dimensão religiosa e da dimensão do ensinar e do aprender mútuos. Infere-se uma distinção fundamental, isto é,

enquanto Riobaldo possui uma fértil ligação com a docência feminina, a identidade jagunça, de chefes e de bandos fundamenta-se na esterilidade burra.

Em síntese, infere-se do item desenvolvido a importância que os mestres: compadre Quelemém e as mulheres tiveram na vida do jagunço Riobaldo lembrado de forma significativa pela narrativa do velho Riobaldo. Essa importância certamente está ligada à dimensão religiosa e à contribuição de modo particular que cada um deu à formação espiritual do narrador. Compadre Quelemém, representante sincrético da Boa Nova cristã procurou de forma lógica interpretar as angústias de Riobaldo dando-lhe conforto e segurança através da racionalidade das suas histórias edificantes, contudo, não o convenceu totalmente, de modo especial sobre a forma de entender o mal e a maldade símbolos do inferno e do diabo. O Vupes interpreta a presença do espírito de Deus nos dons das pessoas, especialmente, em Riobaldo. Novamente veem-se divergências de abordagem entre Araujo e Rosenfield. Enquanto Araujo, por um lado, procura afinar o velho Riobaldo a uma convicção religiosa detentora do caminho da salvação, sem destituir o jagunço de sua personalidade titubeante, por outro, Rosenfield, embora admita certa conversão do narrador, o alinha a um ceticismo, particularmente, em relação ao catecismo de Quelemém que o aprisiona na tensão entre crença e descrença simultâneas. Portanto, pode-se inferir do posicionamento de Araujo um alinhamento do velho Riobaldo a uma religiosidade que proporciona méritos de salvação, no entanto a autora reconhece a indiferença do jagunço Riobaldo em relação a uma religiosidade salvífica ao afirmar que o jagunço morre e renasce para outra proposta de vida distinta da vida jagunça. Infere-se também o caráter titubeante do jagunço Riobaldo, afirmado pela autora, em não saber lidar com o seu sentimento de amor por Diadorim no momento da morte e da revelação da identidade do personagem afirmando, dessa forma, também a inconsistência religiosa do jagunço Riobaldo, distinta da opção firme da conversão do velho Riobaldo. Quanto a Rosenfield, inferem-se momentos de convergência e de divergência em relação a Araujo. Se para Araujo, o narrador – Riobaldo velho – se mostra mais convicto e menos ambíguo por conta da sua conversão à religião, na interpretação de Rosenfield, de modo diferente, a confiança e a determinação aparecem já, em Urutu Branco, particularmente, na busca por uma relação afetiva estável, distanciando-se da ambígua afetividade de Diadorim. Sendo assim, é possível entender o abandono de Riobaldo na véspera da principal batalha do bando contra os Hermógenes, argumenta Rosenfield, a fim de ir à missão de resgate de Otacília. Rosenfield e Araujo, portanto, admitem uma transformação de Riobaldo. Opta pelo feminino, na leitura de Rosenfield e se

abre para a transcendência, tanto no entender de Araujo, quanto no de Rosenfield. Entretanto, se em Araujo é possível admitir uma religião cristã do jagunço e do narrador, o mesmo não ocorre com Rosenfield, pois ao negar esse tipo de tradição religiosa para essas personagens, não nega através da sua reflexão as interfaces dos elementos do cristianismo no texto. De todo modo, infere-se de ambas, a consideração da religião cristã presente no romance, dando respaldo ao nosso propósito.

## **CAPÍTULO 3: OS CHEFES**

O item a seguir apresenta em ordem cronológica a ação dos chefes jagunços que faz conexão com elementos religiosos em geral e com a religião cristã em particular. Os fragmentos escolhidos para esse texto foram selecionados por apresentarem inferências religiosas tanto de religiosidades diversas quanto da religião cristã. Desta forma, o texto inicia-se com a chefia de Sô Candelário que prepara a chegada de Joca Ramiro – o chefe maior – findando a sua participação como chefe no julgamento de Zé Bebelo. A chefia de Joca Ramiro se faz mais forte no imaginário dos jagunços, mais especificamente através de Diadorim e no julgamento da Fazenda Sempre Verde, lugar que desperta a inveja e o ódio de Hermógenes que mais tarde traduzirá esses sentimentos no assassinato de Joca Ramiro. Medeiro Vaz, o rei dos Gerais, desenvolvido na sequência, é o chefe que assume a vingança contra os bandos de Hermógenes e Ricardão pela morte de Joca Ramiro. Com a morte de Medeiro Vaz e tendo cumprido o pacto que o libertou no julgamento sob a chefia de Joca Ramiro, Zé Bebelo volta para dar continuidade à empreitada de Medeiro Vaz assumindo a chefia e jurando morte aos judas. A última chefia será a de Riobaldo, o Urutu Branco, transfigurado na experiência do pacto com o diabo nas Veredas Mortas, destitui Zé Bebelo do cargo, embrenha sertão afora, executa Ricardão e dá cabo de Hermógenes em batalha final no Paredão. Com a morte de Diadorim, Riobaldo dá adeus à vida jagunça e à chefia. A pretensão do item, portanto, será a de verificar as diversas relações com as religiosidades empreendidas por Rosa na construção dos personagens e de seus respectivos papéis na chefia de bandos de jagunços.

### **1. Sô Candelário e Joca Ramiro**

A conexão entre a opção por uma determinada conduta e a superstição religiosa, é a atitude nobre da chefia de Sô Candelário, um chefe a ser visto no romance, ao conceder o

perdão ao baiano, em consideração à sua juventude, revelando, portanto, a atitude de alguém com mais experiência de vida, mais maturidade que entendeu a situação de uma pessoa muito jovem e sem autonomia que estaria naquela guerra sem ter tido a liberdade de pensar por si mesmo: “Sô Candelário tinha favorecido perdão a ele, por causa de sua mocidade. – Ele é baiano, para a Bahia volta, vamos levar mais adiante, para se soltar, para lá...”<sup>237</sup> Sô Candelário ao agir pela razão, não só pelos argumentos da imaturidade do jovem, também por entender que este estava no lugar errado e na luta errada, rompe com o costume de geralmente considerar barbárie a conduta jagunça. Riobaldo gosta da atitude de Sô Candelário no comando do julgamento: “me alegrei de estrelas”.<sup>238</sup> A religiosidade do fragmento aparece na reza feita no baiano: “porque se tinha providenciado de rezar nele uma reza de tirar a coragem de guerra, feito ato, mandraca de se abobar”!<sup>239</sup> Pode-se inferir duas interpretações para essa situação. A primeira é especificamente religiosa, isto é, os jagunços com medo de uma retaliação do baiano rezam-lhe uma oração que o torna medroso e abobalhado tornando-o incapaz de voltar para enfrentar o bando. Neste sentido, a fé na transcendência os fortalece na guerra contando com aliado sobrenatural. A segunda interpretação expressa através da palavra “rezar” o sentido de correção, de falar-lhe com severidade, ou de reprimir a sua conduta com a intenção de mudar a forma de agir a fim de que não volte a atravessar o caminho do bando novamente. Essa interpretação é pouco provável, pois a prática dos jagunços, para casos de prisioneiro de guerra ou traição era a pena de morte. Não se ia perder tempo com sermão para corrigir o inimigo. Contudo, é preciso considerar as possíveis interpretações na fala do Riobaldo.

Os preparativos para a guerra, por exemplo, na narrativa de Riobaldo, ganham um sentido religioso cristão como uma cruzada: “agora, era a guerra, mesmo, estariam rompendo as aleluias, lá por lá”.<sup>240</sup> Também a satisfação de Riobaldo ao relatar os detalhes do cenário passa ao leitor a dimensão de transcendência vivida pelo personagem que o tempo todo procura o sentido da vida ao tecer a trama na memória de sua história. Sente orgulho na amizade e na camaradagem dos companheiros e confiança na chefia de Sô Candelário. O relato exalta a dimensão comunitária que experimenta no bando e se orgulha do que vê e do que está para acontecer: “Sô Candelário chega exclamava, chorava: dizia que

<sup>237</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 241.

<sup>238</sup> *Ibidem*, p. 242.

<sup>239</sup> *Ibidem*, p. 242.

<sup>240</sup> *Ibidem*, p. 247.

nunca tinha chefiado pessoal tão valente feito nós, com tantas capacidades”.<sup>241</sup> O momento que antecede à luta é de vigília e oração. A derrota dos bebelos significa a passagem para uma nova vida, a alvorada: “todas as horas tocaiadas; e de noite com um olho só se ia dormir, que das armas não se largava. A redobrar as sentinelas, em ave-marias e alvorada. Combate vem é feito raio cai”.<sup>242</sup> A instauração de uma nova ordem no sertão é a expectativa do personagem Riobaldo no seu itinerário para Deus, que recebe do comportamento de Sô Candelário e dos companheiros jagunços costumes e práticas religiosas por ocasião do clima de guerra estabelecido. Já é uma situação ambígua vivida no início de carreira do jagunço Riobaldo, pois terá que conciliar o clima selvagem da guerra com o clima aprazível momentâneo e místico no meio jagunço.

Outro chefe que articula o itinerário para Deus de Riobaldo é o imperador em três alturas: Joca Ramiro. Se Medeiro Vaz arrumou coragem para atravessar o Liso enfrentando o deserto do Sussuarão, que “era um escampo dos infernos”,<sup>243</sup> deve-se à influência que a chefia de Joca Ramiro exerceu sobre ele: “Joca Ramiro tinha sido a admiração grave da vida dele: [...]”.<sup>244</sup> Riobaldo, descontente com a mal sucedida estratégia da travessia do deserto, não entendia o tamanho desse poder de Joca Ramiro, quase divino, que controlava Medeiro Vaz, Diadorim e todos: “todo o mundo, então, todos, tinham de viver honrando a figura daquele, de Joca Ramiro, feito fosse Cristo Nosso Senhor, o exato”?!<sup>245</sup> Procura autonomia para decidir o seu destino, mas não parece fácil. Diadorim o cerca de todo jeito: “[...] – ‘Riobaldo, escuta, pois então: Joca Ramiro era o meu pai...’ – ele disse – não sei se estava pálido muito, e depois foi que se avermelhou. Devido o que, abaixou o rosto, para mais perto de mim”.<sup>246</sup> A revelação de que Joca Ramiro é o pai de Diadorim não diminui a condição de divindade com a qual esse personagem é apresentado no romance. Por Joca Ramiro todo sacrifício ainda é pouco, embora Riobaldo levante um questionamento a esse respeito, todos se encaminham para o deserto – lugar de ruindades diversas e rude, tal como o inferno, a morada do demônio – por outro lado, itinerário para Deus, caminho de justiça. Cada um, por escolha, sendo dono de si, parte para caçar os Judas e estabelecer o reino de

---

<sup>241</sup> Ibidem, p. 247.

<sup>242</sup> Ibidem, p. 247.

<sup>243</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>244</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>245</sup> Ibidem, p. 35.

<sup>246</sup> Ibidem, p. 38.

justiça, na vingança. A imagem sobrenatural construída pelos jagunços de Joca Ramiro e a revelação de Diadorim mudam completamente o engajamento de Riobaldo na empreitada jagunça. Aos poucos o sentimento religioso em torno da figura de Joca Ramiro vai se intensificando, e, na medida em que este se distancia do bando, como forma de afastar-se das ruindades e asperezas do sertão, se isolando na sua fazenda Paraíso, se aproxima dando o sentido de uma figura divina e também, na percepção de Riobaldo personagem, ambígua.

Por essa razão é que a narrativa em vários momentos sugere características de santidade e divindade ao chefe Joca Ramiro. Se a morte de Joca Ramiro muda radicalmente o sentido da vida do bando, “Joca Ramiro morreu como o decreto de uma lei nova”,<sup>247</sup> então um novo acordo surge. O tema da traição move o romance de Rosa dando a Joca Ramiro uma estatura sagrada por ter sido entregue para ser morto, pois a sua sacralidade superava a sua condição de jagunço: “aí, atiraram em Joca Ramiro, pelas costas, carga de balas de três revólveres... [...] – ‘Um homem de tão alta bondade tinha mesmo de correr perigo de morte, mais cedo mais tarde, vivendo no meio da gente tão ruim...’ – ele [Titão Passos] me disse, dizendo num modo que parecia ele não fosse também jagunço, como era de se ser”.<sup>248</sup> Foi atraído para um lugar estranho, lugar do demônio – na Jerara – para ser morto, o que também se pode ligar ao episódio do evangelho de Marcos em que Jesus se encontra com o demônio em terra estranha, na terra dos gerasenos. Ao ser enterrado como cristão vincula o sentido da sua vida e missão ao de Cristo que não morreu em vão: “[...] – ‘E enterraram o corpo?’ – Diadorim perguntou, numa voz de mais dor, como saía ansiada. Que não sabia – o Gavião-Cujo respondeu; mas que decerto teriam enterrado, conforme cristão, lá mesmo, na Jerara, por certo. [...] Mas, agora, tudo principiava terminado, só restava a guerra”.<sup>249</sup> Joca Ramiro é o símbolo espiritual que irá estabelecer um novo propósito para o bando, ou seja, eliminar o mal que entrou pela porta da traição: “a gente ia com elas buscar doçura de vingança, como o rominhol no panelão de calda”.<sup>250</sup>

E é essa relação entre a dimensão religiosa e Joca Ramiro que leva Riobaldo a ter uma preocupação com a conduta em relação a esse chefe. Para ele é importante que o ser humano seja do bem: “perguntei [...] se Joca Ramiro era homem bom. [...]: – ‘Bom? Um

---

<sup>247</sup> Ibidem, p. 298.

<sup>248</sup> Ibidem, p. 298.

<sup>249</sup> Ibidem, p. 298.

<sup>250</sup> Ibidem, p. 298.

messias!...’ [...]” [Respondeu o preto-de-Rezende].<sup>251</sup> Também há uma conotação religiosa ao afirmar que Joca Ramiro é um messias. No sentido cristão, o que veio para cumprir a promessa, instaurar o reino de Deus e salvar a todos. No sentido da narrativa, o grande líder, aquele que todos esperavam para libertar o sertão da tirania do governo e instaurar uma nova política. É possível, nesse sentido, por um lado, entender o seguimento dos jagunços como se fossem discípulos, movidos por uma crença, por outro, Riobaldo não consegue esconder a sua desconfiança em torno da figura mística do chefe.

De modo que a importância dada pela narrativa de Riobaldo à aparição de Joca Ramiro no bando chama a atenção do leitor e ganha uma dimensão que ultrapassa a chegada de alguém importante. Joca Ramiro, nos detalhes da narrativa representa a presença da divindade em toda a sua santidade. O cavalo imponente com ornamentos na sela se parece com um andor e a imagem bela, altiva e contagiante de Joca Ramiro; é a visão do crente e do devoto diante de algo que transcende a cotidianidade e o leva à experiência do sagrado. Os devotos, no momento da oração diante da imagem dos santos, de Nossa Senhora e de alguma representação da Trindade, entram em êxtase e no momento de contemplação se desconectam da realidade exterior: “a gente olhava, sem pousar os olhos”.<sup>252</sup> O sagrado é tratado com cuidado merecendo todo respeito e dedicação do devoto, como se pode ver na dedicação que se tem na preparação dos andores: “a gente tinha até medo de que, com tanta aspereza da vida, do sertão, machucasse aquele homem maior, ferisse, cortasse”.<sup>253</sup> A voz de Deus nos textos sagrados do antigo testamento tinha relação com a verdade e com a eternidade. Do fragmento infere-se que Joca Ramiro possui a fala que permanece e traz confiança pela verdade do seu conteúdo e pela expectativa de uma nova ordem como uma promessa cristã de um reino de Deus: “e, quando ele saía, o que ficava mais, na gente, como agrado em lembrança, era a voz. Uma voz sem pingo de dúvida, nem tristeza. Uma voz que continuava”.<sup>254</sup> Sô Candelário é o nome e o personagem que parecem sugerir ao leitor a função do candelabro, como suporte da vela acesa, que era colocado no altar das igrejas simbolizando a luz divina para o mundo. É o personagem que dá suporte à divindade de Joca

---

<sup>251</sup> Ibidem, p. 149.

<sup>252</sup> Ibidem, p. 248. Albergaria ao afirmar que Joca Ramiro possuía uma beleza e uma imponência, era “luminoso”, montado em seu cavalo branco e com uma voz que o identificava. Pode-se, então, a partir da caracterização física feita por Riobaldo, aproximá-lo da representação da figura do Cristo – “Bom Pastor”. ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da Linguagem no Grande Sertão: Leitura dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa*, p. 56-57.

<sup>253</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 249.

<sup>254</sup> Ibidem, p. 249.

Ramiro e não se importa muito com a própria vida e nem de ficar na obscuridade. É ele quem prepara o bando para receber Joca Ramiro. E quando Sô Candelário, no momento da despedida de Joca Ramiro, diz: “– Viva Jesus, em rotas e vantagens!”;<sup>255</sup> está afirmando a realização das promessas messiânicas de vitória, de cumprimento da missão e de instauração de uma nova ordem no sertão, portanto de um nova lei. Riobaldo parece já visualizar a aurora dessa nova era quando compara a poeira levantada no ar, provocada pela marcha dos cavalos que levavam Joca Ramiro, com algo harmonioso, agradável que fazia sentido: “A alta poeira, que demorava. Aquilo parecia uma música tocando”.<sup>256</sup> É perceptível a empolgação extática também de caráter religioso experienciada por Riobaldo nessa cena narrada que não combina com as suas desconfianças presentes e futuras em torno de Joca Ramiro confirmando, portanto, o caráter ambíguo da narrativa, que ora dá ao leitor a possibilidade de inferência de uma credulidade do narrador, ora do seu ceticismo.

Por isso, Riobaldo é amigo de Zé Bebelo, pois ao juntar os fragmentos da relação e do conhecimento que estabeleceu no passado com o amigo, o faz com um cuidado tal a fim de preservar Zé Bebelo das maldades que lhe foram atribuídas pelos jagunços, em especial por Hermógenes e Ricardão: “como era possível, assim, com minha ajuda, a morte dele? Um homem daquela qualidade, o corpo dele, a idéia dele, tudo que eu sabia e conhecia. Nessas coisas eu pensei. Sempre – Zé Bebelo – a gente tinha que pensar”.<sup>257</sup> Riobaldo vê Zé Bebelo como o homem do bem que precisa continuar vivo, mas não sabe como fazer para que isso aconteça. Mostra-se confuso, indeciso e lento ao tomar decisões – é uma característica marcante de Riobaldo personagem. Até que, na agitação da batalha, vem-lhe uma intuição ao afirmar, talvez pela estatura de chefia de Zé Bebelo, que Joca Ramiro o quer vivo e todos o seguem: “arresto gritei: –‘Joca Ramiro quer esse homem vivo! Joca Ramiro quer esse homem vivo! Joca Ramiro faz questão!...’A que nem não sei como tive o repente de isso dizer – falso, verdadeiro, inventado...”<sup>258</sup> Acostumado a pensar antes de dizer algo, avalia negativamente o seu repente: “todos me aprovaram – e, aí, extraordinariamente, eu dei um salto de espírito. O que? Mas, então, eu não tinha pensado tudo, o real?! O que era que eu estava fazendo, que era que eu estava querendo – que pegassem vivo Zé Bebelo, em carnes e

---

<sup>255</sup> Ibidem, p. 250.

<sup>256</sup> Ibidem, p. 250.

<sup>257</sup> Ibidem, p. 252.

<sup>258</sup> Ibidem, p. 252.

ossos, para depois judiarem com ele, matarem de outro pior jeito, a fácil?!”.<sup>259</sup> Novamente o sentimento de culpa toma-lhe a paz e desesperadamente tenta abater Zé Bebelo à bala para livrá-lo da possibilidade do sofrimento e da tortura, mas é impedido por Diadorim e pelos companheiros que interiorizaram a mensagem de que Joca Ramiro queria Zé Bebelo com vida: “Eu atirava, atirava: queria, por toda a lei, alcançar um tiro em Zé Bebelo, para acabar com ele de uma vez, sem martírio de sofrimentos. – ‘Tu está louco, Riobaldo?’ – Diadorim gritou, rastejando para perto de mim, travando em meu braço. – ‘Joca Ramiro quer o homem vivo! Joca Ramiro quer, deu ordem!’ – todos agora me gritavam”.<sup>260</sup> Infere-se do texto alguns temas religiosos tais como: a culpa, a salvação e o sofrimento. Riobaldo sente-se culpado por reconhecer a relação que estabeleceu com o Zé Bebelo, chefe dos soldados. A culpa deriva do conhecimento que tem e do sentimento de traição que a presença de Zé Bebelo lhe causa. Como o Judas que se sentiu traidor e culpado por saber quem era Jesus e o que significava a relação estabelecida com Ele. Salvar a vida de Zé Bebelo tornou-se obsessão para Riobaldo porque significava salvar a própria alma e libertar-se da culpa. Por isso ele apela para todas as situações salvadoras. O tema do sofrimento e do martírio aparece como tentativa desesperada de Riobaldo em evitar que Zé Bebelo seja torturado e tenha uma morte dolorosa. É levado novamente pela culpa a assumir um comportamento estranho diante dos companheiros que o impedem. Sente-se como o Judas que entregou Jesus aos carrascos para ser torturado. A inferência dessas analogias com o cristianismo, mais especificamente, o tema da culpa e da tortura, não são estranhas ao contexto da narrativa de Riobaldo, contudo, é preciso considerar que a ambiguidade do personagem consiste na relação afetiva estabelecida com Zé Bebelo antes da entrada de Riobaldo no bando de Joca Ramiro e que no momento do cerco ela coloca em conflito a relação passado-presente titubeando a narrativa.

Entretanto, será no julgamento de Zé Bebelo, o momento de se redimir, pois este assume uma particularidade especial no romance. Não era a prática dos jagunços realizar julgamentos. O costume era a execução do inimigo no movimento da guerra. É o que depois Riobaldo fará com Ricardão no momento da sua captura. Como se percebe tudo começa com Riobaldo, no intuito de salvar a vida de Zé Bebelo, inventa que Joca Ramiro quer Zé Bebelo vivo. Passado o calor da batalha, com a presença do chefe maior surge a necessidade do julgamento, pois não fazia sentido uma execução, considerando que o inimigo estava

---

<sup>259</sup> Ibidem, p. 252.

<sup>260</sup> Ibidem, p. 253.

preso e sem poder de ação. O julgamento acontece no formato tradicional, isto é, o réu no meio em frente ao juiz, com a defesa e a acusação ao lado e os convidados assistindo. Zé Bebelo estava sentado na grama do pasto com Joca Ramiro e a jagunçada com seus chefes em favor de Joca Ramiro se acomodaram à vontade em volta. Para Araujo, Joca Ramiro parece ser a figuração de Deus Pai. Como chefe máximo e como juiz, age como Deus, com paciência por ter o dom da graça.<sup>261</sup> Infere-se desta afirmação, também em seu sentido inverso, a atribuição ao Hermógenes, do comportamento demoníaco da impaciência, sedento por sangue e vingança, distinto do comportamento atribuído à graça divina. Ou, em outro fragmento, Araujo afirma que Joca Ramiro, em seu papel de juiz, lembra o Cristo que virá como Juiz para julgar os vivos e os mortos no dia do Juízo Final,<sup>262</sup> ou seja, assim como o joio será separado do trigo, os maus serão separados dos bons e os judas serão separados dos ramiros. Araujo exagera na analogia com o cristianismo, contudo não deixa de ter razão sobre a figura religiosa representada por Joca Ramiro para o bando, o romance sugere isso, em especial naquele momento considerado o auge da campanha jagunça.

Iniciado o julgamento, o chefe Joca Ramiro requisita dos seus chefes a fala de defesa ou de acusação. Hermógenes e Ricardão falam pela execução, enquanto que Sô Candelário, Titão Passos e João Guanhá, defendem a libertação de Zé Bebelo, dando saldo positivo para a manutenção da vida deste. Joca Ramiro, então, estende para todos os jagunços a possibilidade de defesa ou acusação e insiste para que alguém se manifeste. Um ou outro toma a palavra e fala algo de pouco significado, até que Riobaldo, rompendo com a sua natureza titubeante profere fala em defesa de Zé Bebelo de forma convincente e define Zé Bebelo como chefe justo que jamais executaria jagunço em favor de Joca Ramiro sem julgamento. Riobaldo, desta forma, aproveita bem a sua segunda oportunidade de salvar a vida de Zé Bebelo e o faz com competência, de tal forma que o resultado é a libertação de Zé Bebelo. É a sentença de Joca Ramiro. Infere-se da parte do texto que narra o julgamento de Zé Bebelo a preocupação com uma justiça aceita socialmente. Há uma preocupação de que a prática da jagunçagem esteja ligada à busca de uma nova ordem no sertão; sem, contudo, ser confundida com a barbárie. Assim como os cavaleiros medievais, guiados por princípios religiosos e valores da nobreza lutavam em cruzadas e defendiam bandeiras, também o bando de Joca Ramiro podia ter tal consideração por orientar o seu propósito numa religiosidade que comandava a justiça dos homens. É o argumento de Riobaldo: “[...]”

---

<sup>261</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 78.

<sup>262</sup> *Ibidem*, p. 202.

–... A ver. Mas, se a gente der condena de absolvido: soltar este homem Zé Bebelo, a mãvazias, punido só pela derrota que levou – então, eu acho, é fama grande. Fama de glória: que primeiro vencemos, e depois soltamos...”[...]”.<sup>263</sup> Sô Candelário representa o elemento religioso da proposta de Riobaldo e ressalta o sofrimento de Cristo em favor da libertação da humanidade e a possível recompensa celeste que tal feito cristão poderia representar no universo religioso do sertão: “[...] ‘–... Seja fama de glória! Só o que sei... Chagas de Cristo!... [...] –... Seja a fama de glória... Todo o mundo vai falar nisso, por muitos anos, louvando a honra da gente, por muitas partes e lugares. Hão de botar verso em feira, assunto de sair até divulgado em jornal de cidade...’ [...]”.<sup>264</sup> A vitória do bem sobre o mal, na libertação do chefe Zé Bebelo, é a derrota de Hermógenes e Ricardão, representantes do demo, que certamente surgirão em nova batalha. Diadorim regozija com o resultado do julgamento de Zé Bebelo por considerá-lo justo e digno da glória de Deus. Como se quisesse afirmar que também o jagunço poderia servir a Deus e honrar o seu nome com atitudes nobres como essa: “[...] –‘Deus é servido...’ [...]”.<sup>265</sup> Riobaldo, por outro lado, continua a se preocupar com Hermógenes temendo pelas consequências da sua insatisfação com Joca Ramiro, que não permitiu a pena de morte para Zé Bebelo: “esse Hermógenes está em verde, nas portas da inveja...”.<sup>266</sup> Infere-se o tema da inveja e como ele se liga ao tema do mal fazendo orientar a conduta futura de Hermógenes e Ricardão que buscam na maldade a satisfação pessoal e o sentido obscuro da vida. Rosenfield, ao afirmar que a missão ordenadora dos chefes míticos – Joca Ramiro e Medeiro Vaz – não é compatível com a maldade que anima a guerra jagunça, por exemplo, a sede de sangue vista no julgamento de Zé Bebelo, em Hermógenes e Ricardão,<sup>267</sup> comenta, em nota de rodapé, sobre a ideia de Juízo Final, ao apontar para uma estreita ligação etimológica entre as raízes hebraicas *saphaf* (julgar) e *sophet* (o governante), assumida como algo frequente no pensamento político-teológico cristão, e que tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento a capacidade de julgar fundamenta-se na realeza. No entanto, esse poder de julgar se deslocará para a justiça e a *equidade* que fará parte do imaginário dos jagunços por representar a bondade intrínseca do governante ou chefe. Riobaldo, portanto, de acordo com a autora, é cético dessa ideologia ao citar: “[...]: ‘Quando que conversamos, perguntei [...] se Joca Ramiro era

<sup>263</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 275.

<sup>264</sup> *Ibidem*, p. 276.

<sup>265</sup> *Ibidem*, p. 281-282.

<sup>266</sup> *Ibidem*, p. 281-282.

<sup>267</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 227.

homem bom [...] ‘Bom? Um messias!...’”, é a resposta do preto de Rezende (GSV, p. 115).<sup>268</sup> Infere-se uma conduta jagunça vinculada à conduta do chefe. Portanto, a natureza jagunça dos ramiros ou dos medeiros vazes difere da dos hermógenes. Esta é a certeza buscada por Riobaldo no momento, pois, como veremos posteriormente, será por ele mesmo transgredida com a conduta da sua chefia, ou seja, a de Urutu Branco reforçando a ambiguidade da narrativa do velho Riobaldo. Rosenfield reforça o elemento cristão presente no romance ao detectar essa distinção religiosa no papel dos chefes alinhados aos governantes medievais e ao mostrar que posteriormente a chefia de Riobaldo tráfegará por vários polos.

Tais implicações estarão presentes no cenário do anúncio da morte de Joca Ramiro, narrado por Riobaldo, por passar ao leitor antecipadamente o conteúdo trágico da notícia. “Aí estralasse tudo – no meio ouvi um uivo doido de Diadorim –: todos os homens se encostavam nas armas. Aí, ei, feras! Que no céu, só vi tudo quieto, só um moído de nuvens. Se gritava – o araral. As vertentes verdes do pindaibal avançassem feito gente pessoas”.<sup>269</sup> Há que ressaltar os aspectos religiosos envolvidos na cena. Titão Passos interpreta, de imediato, o comportamento do mensageiro como o de alguém que foi amaldiçoado por algum mensageiro de Deus. “[...] – Titão Passos quis. – ‘Te rogaram alguma praga?’ O Gavião-Cujo levantou um braço, pedindo prazo. À fé, quase gritou: – ‘Mataram Joca Ramiro!...’ [...]”.<sup>270</sup> Mas, de prontidão, Gavião-Cujo, embora tenha no seu nome uma referência ao demônio, testemunha o seu credo, confirmando a sua índole religiosa. A resposta do bando diante de tão temerosa notícia, na interpretação de Riobaldo, compara-se à morte de um santo, um mártir ou de Deus. O desmaio de Diadorim assemelha-se ao reverenciado silêncio do céu de poucas nuvens e ao espírito do vento nas vertentes verdes, feito pessoas que se aproximavam para tomar parte na tristeza do bando. Além destes elementos religiosos, infere-se, também, a perda da esperança e da crença naquilo que representava a fé de Joca Ramiro. Gavião-Cujo é o mensageiro, simbolizando na forma apressada do falar, na agilidade da ave de rapina e na segunda palavra de seu nome, a representação do demônio. A narrativa de Riobaldo coloca na fala desse personagem os detalhes das próximas batalhas que podem definir o destino do bando. Sem a liderança de Joca Ramiro cada um dos chefes em seu favor irá reunir todos os bandos para a nova

<sup>268</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 226.

<sup>269</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 295.

<sup>270</sup> *Ibidem*, p. 295.

empreitada, ou seja, vingá-lo com a captura e a morte de Ricardão e Hermógenes. “[...] – ‘Ah, sim, chefe. Os todos os outros: João Goanhá, Sô Candelário, Clorindo Campêlo... Sendo que se despachou um positivo também para dar parte a Medeiro Vaz, nos Gerais, no de lado de lá do Rio... [...]’ Sei que o sertão pega em armas, mas Deus é grande!”<sup>271</sup> Infere-se do fragmento a relação de não contradição entre princípios religiosos e morais. Os jagunços parecem ver com clareza que o propósito da vingança e a guerra que irão travar a qual acarretará mortes tem a aprovação de Deus e, portanto, será justa e correta. Sabem que Deus tem mais poder que o demônio e que o bem vai imperar sobre o mal. Hermógenes e Ricardão são os infiéis, os traidores e os representantes do mal que precisam ser mortos. “[...] – ‘Louvado. Ah, então: graças a Deus! Ao que, então, está bem...’ –Titão Passos se cerrou”<sup>272</sup>.

## 2. Medeiro Vaz

Essa segunda fase do movimento jagunço se dá pela primeira impressão desse chefe que o leitor recebe, por carregar características de um líder ativo e carismático capaz de determinar com autoridade e de acolher com ternura. Para os jagunços, ser comandado por Medeiro Vaz significava assumir o sentido de ser jagunço, isto é, paravam para repousar, mas também perseguiam o inimigo e buscavam combate. Embora tivesse uma boa tropa, bastante munição e os melhores cabras, Medeiro Vaz sabia como proteger o grupo para nunca perder nenhum guerreiro. Inspirava confiança de tal modo que todos o obedeciam por ser sensato e por tratar os projetos de guerra com seriedade e discrição. “Montante, o mais supro, mais sério – foi Medeiro Vaz”<sup>273</sup> Seu perfil magro de nuca alongada e postura pensativa revelava uma personalidade misteriosa por se levantar no meio da madrugada, a passos lentos, com suas antigas botinas de caititu. Ao descrever a chefia solene de Medeiro Vaz, Riobaldo faz questão de apresentar a relação do líder com o espaço religioso e detalha gestos como o de segurar o rosário e traçar o sinal da cruz, como se ao lado do poder político estivesse o religioso. Como um juiz, cheio de certezas, sabia o momento correto de dar

---

<sup>271</sup> Ibidem, p. 297.

<sup>272</sup> Ibidem, p. 297.

<sup>273</sup> Ibidem, p. 17.

ordem de batalha: “[...] Medeiro Vaz era solene de guardar o rosário na algibeira, se traçar o sinal-da-cruz e dar firme ordem para se matar uma a uma as mil pessoas”.<sup>274</sup> Em momentos de descanso, em tempos de paz, Medeiro Vaz se apresentava descontraído manifestando o seu sentimento religioso, na devoção mariana. “[...] em lugares assim, fora de guerra, prazer dele era dormir com camisolão e barrete; antes de se deitar, ajoelhava e rezava o terço”.<sup>275</sup> Para ele, Joca Ramiro era a eterna memória de um amigo digno de sua admiração e tinha a estatura de uma divindade como expõe o texto: “Joca Ramiro tinha sido a admiração grave da vida dele: Deus no Céu e Joca Ramiro na outra banda do Rio”.<sup>276</sup> O carisma do líder, Medeiro Vaz, ao revelar o seu caráter místico, levava os jagunços a adotar a crença e a convicção do mestre. Medeiro Vaz era único, homem de visões que se fazia como autoridade diante de doutores, ricos e autoridades religiosas. Por isso, o sentido da vida e a identidade de cada um pareciam estar na pertença ao bando de Medeiro Vaz. O seu discipulado era movido pela fé e não pela lógica da causa. Sabiam que ele tinha o poder de abençoar ou de amaldiçoar e que por mais imaturo ou valente que alguém fosse, não se envergonhava de curvar-se e beijar a sua mão: “Por isso, nós todos obedecíamos. Cumpríamos choro e riso, doideira em júzo. Tenente nos gerais – ele era. A gente era os Medeiro-vazes”.<sup>277</sup>

Como a condição do humano, semelhante à de Jó que sofre provações<sup>278</sup>, a prova de fogo do comando de Medeiro Vaz foi a tentativa da travessia do Liso do Sussuarão – o espaço onde o seu bando teve que atravessar para caçar o bando do Hermógenes a fim de vingar a morte de Joca Ramiro. O liso, na narrativa de Riobaldo, assemelha-se à hostilidade de um deserto totalmente sem vida, como um lugar infernal. Os animais e as pessoas que se aproximavam dele eram maltratados pela aspereza desse lugar. A intensa luz, o calor, a falta de água e a poeira estavam matando os animais, causando feridas e fazendo lacrimejar os olhos das pessoas como descreve o trecho: “Os cavalos gemiam descrença. Já pouco forneciam. E nós estávamos perdidos”.<sup>279</sup> Infere-se desta descrição que a vida neste lugar em

<sup>274</sup> Ibidem, p. 31. Utéza vê a ambiguidade da narrativa, ao afirmar que Medeiro Vaz, como um soldado de Cristo, antes da ordem de ataque, guarda cuidadosamente o rosário, afastando o símbolo da Mãe de misericórdia. UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 329.

<sup>275</sup> Ibidem, p. 27.

<sup>276</sup> Ibidem, p. 36.

<sup>277</sup> Ibidem, p. 45.

<sup>278</sup> A provação de Jó. Bíblia, Jó 1:13-22; 2:7-8.

<sup>279</sup> Ibidem, p. 51.

nada é favorecida. É o símbolo do inferno, na descrição de Riobaldo. Também pode ser o lugar do encontro com Deus, por se tratar de uma situação limite, conforme conta que se beijavam os objetos bentos juntamente com as rezas que eram ditas. Questionava-se o sentido da existência, a razão de um sacrifício que ultrapassa as condições humanas. Valia a pena ser sempre valente? E a alma que já não aguentava mais o corpo? Qual a validade de continuar a viver? O apelo a Deus, através de rezas e gestos significava a necessidade de estabelecer a ligação com Deus capaz de supri-los da carência de vida? Eram questionamentos que possibilitavam contextualizar a morte e ao mesmo tempo relacioná-lo ao universo religioso.

Outro fato trágico o qual Medeiro Vaz protagoniza, ocorrido no Liso do Sussuarão e que possibilitava pensar a morte no limite do humano, é a narrativa sobre o assassinato de José dos Alves com a intenção de revelar o Liso, o miolo do sertão, como o lugar do mal, da morte, da fome, da miséria e da selvageria figurada no canibalismo: “[...] os homens tramavam zuretados de fome – caça não achávamos – até que tombaram à bala um macaco vultoso, destrincharam, quartearam e estavam comendo. Provei. [...] Por quanto – juro ao senhor – enquanto estavam ainda mais assando, e manducando, se soube, o corpudo não era bugio não, não achavam o rabo. Era homem humano, morador, um chamado José dos Alves!”.<sup>280</sup> Poderia até se pensar que Riobaldo, ao narrar o acontecido, fizesse um julgamento condenando o assassinato do tal José dos Alves. No entanto, como ele em nenhum momento, mesmo podendo, não questiona a atitude da jagunçada que não soube ou não quis distinguir um humano de um macaco, conclui-se que o homicídio teve como causa principal, a cegueira e a estupidez causada pela fome extrema e pela miséria, “[...] que nú por falta de roupa...”<sup>281</sup> justificando, dessa forma, o homicídio como resultado do acontecido. Infere-se que essa seja a verdadeira intenção da narrativa. Pois a questão religiosa consiste em considerar que a criatura era uma pessoa humana: “mãe dele veio de aviso, chorando e explicando: era criaturo de Deus, [...]”.<sup>282</sup> A reação de febre e mal-estar de quem provou do cadáver, segundo se infere da narrativa, a partir da consciência do narrador, é a de culpa e de xingamento daquela situação desumana. No limite de se morrer de fome, há que se pensar também no tema do antropofagismo. O texto nos passa a impressão, no primeiro momento, de selvageria. No entanto, em seguida, diante da reação do bando, se

---

<sup>280</sup> Ibidem, p. 54-55.

<sup>281</sup> Ibidem, p. 55.

<sup>282</sup> Ibidem, p. 55.

percebe o contrário. Isto é, o jagunço não se aceita como selvagem e antropófago e, no sentido da narrativa, apesar da sua condição de jagunço, se apresenta com uma compreensão de si bastante clara na direção de homem temente a Deus e civilizado. E como Medeiro Vaz, segundo a narrativa, era de uma raça de homens que não existem mais, pode-se supor que sob seu comando, jagunço não podia se comportar como selvagem. Walnice Galvão<sup>283</sup> faz uma distinção entre o civilizado e o bárbaro, dando a entender uma relação entre a ignorância e a selvageria. Mas como Medeiro Vaz sempre ocupava espaço ao lado de Joca Ramiro, civilizado, infere-se um valor moral único de Medeiro Vaz – o cavaleiro andante – capaz de se impor como o líder dos jagunços levando justiça ao sertão e evitando uma selvageria intencional, semelhante ao *ethos* de um herói épico ou à santidade de um messias.<sup>284</sup> Infere-se da autora a ligação de aspectos religiosos à figura de Medeiro Vaz e paradoxalmente a campanha jagunça se encontra no campo da barbárie. Portanto, outra contradição que intensifica a ambiguidade da narrativa.

Apesar dos acontecimentos no Liso do Sussuarão, a confiança de Riobaldo em Medeiro Vaz não ficava abalada. Ele sabia da competência e da sincera intenção da sua liderança. Por isso procurava esquecer esses momentos de fracasso e evitava contestá-lo, mesmo sabendo que ele podia errar. Ainda assim, a sua crença nele era inabalável como a sua fé em Deus. “Confiança – o senhor sabe – não se tira das coisas feitas ou perfeitas: ela rodeia é o quente da pessoa”.<sup>285</sup> Rosenfield, diferentemente, não acredita nessa confiança de Riobaldo ao interpretar que as próprias lembranças sobre as filiações são desafetuosas e que a busca de um chefe ordenador, como nas visões metafísicas do “fazendão de deus”, se transformaram em ilusões provocadas pela experiência passada de abandono e desamparo. Se junta a isso a descoberta de que o mito do herói, criado principalmente pelo padrinho Selorico Mendes em torno dos chefes jagunços, não passava de ilusão subjetiva sem fundamentação na sociedade real em que se vivia.<sup>286</sup> Infere-se novamente a ambiguidade da narrativa do velho Riobaldo ao possibilitar essa dupla visão da relação entre o jagunço e o seu chefe. Se por um lado, o chefe se apresenta como o cavaleiro de estatura divina e dono

<sup>283</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. *As Formas do Falso*, p. 57.

<sup>284</sup> *Ibidem*, p. 66. Sônia Viegas também afirma que Medeiro Vaz se distancia da condição de jagunço e se transforma em herói e que o seu ser se transfigura para um nível ético, tornando-se um símbolo e um referencial para a vida jagunça. ANDRADE, Sônia Maria Viegas. *A Vereda Trágica do “Grande Sertão: Veredas”*, p. 36.

<sup>285</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 56.

<sup>286</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 28.

de um ethos ordenador, como Medeiro Vaz, por outro, é racional e prático, mas incapaz de levar a guerra jagunça até o fim, é Belzebu, como Zé Bebelo. A observação de Rosenfield é importante como contraposição para outras situações de vínculo do personagem Riobaldo, tal como, com Diadorim, Zé Bebelo e Compadre Quelemém.

Se o calvário desse chefe se inicia na travessia do deserto, então a continuação se dará com a morte que persegue o itinerário de Medeiro Vaz, seja por causas naturais ou misérias humanas ou ainda doenças infecto-contagiosas típicas das condições de precariedade da vida humana no sertão como sugere o trecho: “Aqueles tropeiros, no Cururú, tinham achado o Santos-Reis, que morria urgente; tinham acendido vela, e enterrado. Febres? Ao menos, mais, a alma descansasse”. O pensar na morte se dá de forma religiosa. As pessoas que trazem a notícia, as trazem com postura religiosa. Lembra do sinal da cruz se benzendo, do acender as velas, do descanso da alma, o gesto de tirar o chapéu, a consternação. O nome do falecido, Santos-Reis, tem uma intenção religiosa como a maioria dos nomes de pessoas, lugares e rios descritos por Rosa em *Grande Sertão: Veredas* como segue: “A gente tirou chapéus, em voto todos se benzendo. E o Santos-Reis era o homem que vivo fazia mais falta – [...]”.<sup>287</sup> Os elementos cristãos que se podem inferir do fragmento reforçam a leitura do romance nessa direção e a perspectiva adotada pelo narrador.

A respeito da morte do próprio Medeiro Vaz, Rosa, no *Grande Sertão*, descreve o sofrimento do bando por não aceitar a morte de seu líder. Os jagunços questionavam: como é que um homem desses podia morrer? A morte de Medeiro Vaz assume uma característica cósmica e escatológica. A tristeza assume um aspecto universal fugindo do caráter puramente subjetivo. Revela a profunda ligação do humano com o mundo. “Medeiro Vaz jazente numa manta de pele de bode branco – aberto na roupa, o peito, cheio de cabelos grisalhos”.<sup>288</sup> Ele era o líder amado, respeitado e venerado pelo bando de jagunços. Considerado o rei dos gerais. O cenário da morte, na narração de Riobaldo, tem características de sofrimento, como a chuva que caía sem parar como se fossem lágrimas de lamentação evidenciada pelo trecho: “A água caía, às despejadas, escorria nas caras da gente, em fios pingos. Debruçando por debaixo dos couros, podia-se ver o fim que a alma obtém do corpo”.<sup>289</sup> O desejo era que Medeiro Vaz, como um santo, vivesse eternamente e

<sup>287</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 63.

<sup>288</sup> *Ibidem*, p. 78.

<sup>289</sup> *Ibidem*, p. 78.

que sua alma nunca se separasse de seu corpo, infere-se da narração, assumindo que a sua alma, decorrente de sua vida, já estivesse na eternidade. No momento final, com as últimas palavras procura alguém para substituí-lo, ou seja, para continuar a sua obra, como a de um líder religioso:<sup>290</sup> “– ‘Quem vai ficar em meu lugar? Quem capitaneia?...’ Com a estramepação da chuva, os poucos ouviram. [...] A morte pôde mais. Rolou os olhos; que ralava, no sarrido. Foi dormir em rede branca. Deu a venta”.<sup>291</sup>

A referência que se faz à manifestação de lamento da natureza – dos sapos, da anta – pode encontrar analogia nas narrativas dos evangelhos sobre o momento da crucificação e morte de Jesus: “as trevas cobriram toda a terra”.<sup>292</sup> A morte de Medeiro Vaz não podia ficar na obscuridade. Tocar os sinos das igrejas, no pensamento dos discípulos, jagunços, significava tornar pública a vida de um santo, de um grande líder político e espiritual. Alguém que deveria ser imitado. Por isso, o quadro solene do funeral: “Deviam de tocar os sinos de todas as igrejas! Cobrimos o corpo com palmas de buriti novo, cortadas molhadas. Fizemos quarto, todos, até ao quebrar da barra. Os sapos gritavam latejado. O sapo-cachorro arranhou seu rouco. Alguma anta assoviava, assovio mais fino que o relincho-rincho dum poltrinho”.<sup>293</sup> Todos os elementos religiosos e cristãos encontrados na cena da morte de Medeiro Vaz o aproximam mais ainda do personagem mítico medieval a que Galvão e Andrade se referiram anteriormente, e a narrativa, também, amplia essa religiosidade para aspectos cósmicos revelando que os motivos cristãos evocados por Riobaldo transcendem os próprios limites desta tradição religiosa particular.

### 3. Zé Bebelo

É desse caráter religioso da morte de Medeiro Vaz, representado por meio da expressão latina na persignação, que Zé Bebelo faz a sua apresentação como o novo chefe ao bando. Medeiro Vaz está com Deus. Vida eterna. Ninguém duvida. Conclui-se deste

<sup>290</sup> A liderança de Medeiro Vaz, com características da religião cristã, do catolicismo popular, possui similaridades com o perfil da liderança de Antônio Conselheiro traçado por Euclides da Cunha. CUNHA, Euclides da. *Os sertões*, p. 86-105.

<sup>291</sup> *Ibidem*, p. 79.

<sup>292</sup> Lucas 23:44b.

<sup>293</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 80.

fragmento, a presença da simbologia cristã ao tocar o sino durante a procissão do sepultamento, da tradição de se cobrir o corpo com flores e ramos e do velório no decorrer da madrugada como vigília permeada com a reza do terço e preces que felicitam uma vida eterna junto de Deus: “– ‘A pois. Salve Medeiro Vaz!...’ – ‘Deus com ele, amigo. Medeiro Vaz ganhou repouso...’ – ‘Aqui soube. *Lux eterna...*’ – e Zé Bebelo tirou o chapéu e se persignou, parando um instante sério, num ar de exemplo, que a gente até se comoveu”.<sup>294</sup>

Do espólio de Medeiro Vaz, Zé Bebelo como chefe, toma para si apenas duas coisas. Conclui-se disso, o aspecto religioso presente na caracterização de Medeiro Vaz e, de certa forma, de Zé Bebelo, por interessar-se pelo símbolo sagrado e por precisar da força espiritual do falecido na chefia do bando: “Mas, para si mesmo, Zé Bebelo guardou somente o pelego berbezim, de forrar sela, e um bentinho milagroso, em três baetas confeccionado”.<sup>295</sup>

Com Zé Bebelo, o perdão que quase sempre é um tema religioso, pois o crente, ao suplicar o perdão em nome de Deus, a quem exerce algum poder sobre a vida, o faz acreditando que o outro também possa temer o poder de Deus. O perdão tem o sentido da gratuidade. Quem pede é porque se sente com alguma dívida e quem concede julga o merecimento, por não se tratar de retribuição. Portanto, o *vivalei* de Zé Bebelo era a lei dele próprio, do chefe dos jagunços. Acabada a batalha, o jagunço saía a galope em perseguição, com revólver na mão, pipocando balas atrás de quem achasse e gritando “Viva a lei! Viva a lei!”. Qualquer pessoa poderia se sentir fora da lei. Era uma lei muito específica. O jagunço, no seu jeito de viver a dureza do sertão poderia julgar qualquer um como sendo inimigo, no entanto, a atitude de comando de Zé Bebelo causava admiração em Riobaldo, por não se sentir ainda totalmente com a identidade do jagunço cruel e impiedoso, via valores humanos e sentimento de compaixão em Zé Bebelo, como no seguinte episódio: “dou-lhe qual: que, uma vez, ele corria a cavalo, por exercício, e um veredeiro que isto viu se assustou, pulou de joelhos na estrada, requerendo: “[...] – ‘Não faz *vivalei* em mim não, mor-de-Deus, seu Zebebel, por perdão...’ E Zé Bebelo jogou para o pobre uma cédula de dinheiro; gritou: – ‘Amonta aqui, irmão, na garupa!’ – trouxe o outro para com a gente jantar”.<sup>296</sup> Infere-se do fragmento a instabilidade da personalidade de Riobaldo, pois ao mesmo tempo que

---

<sup>294</sup> Ibidem, p. 89.

<sup>295</sup> Ibidem, p. 91.

<sup>296</sup> Ibidem, p. 77-78.

identifica o perdão como atributo religioso da piedade cristã à possível bondade de Zé Bebelo, também se sente meio jagunço e ingênuo por não ter ainda interiorizado a crueldade típica dessa natureza. Pode ser uma estratégia do narrador para afirmar a sua conversão. Não dá para saber o grau de sinceridade da narrativa.

A chefia de Zé Bebelo parece adotar um credo religioso, pois as duas expressões religiosas são bastante significativas: “[...] – ‘Arre, vote: dois Judas, podemos romper as aleluias! Alelúia! Alelúia!’ [...]”<sup>297</sup> – Judas e alelúia. A primeira refere-se a Judas, o apóstolo traidor. Vendeu-se, entregando Jesus por trinta moedas. Ricardão e Hermógenes, no romance, são os Judas. Traíram o bando quando assassinaram o seu grande líder e chefe Joca Ramiro. A segunda expressão faz parte de alguns rituais do cristianismo, quando solenemente entoava-se o Aleluia, isto é, a expressão da alegria. Os cristãos se alegram, pois encontram nestes rituais o sentido máximo da fé na ressurreição e da esperança no reino de Deus. Guardadas as devidas proporções, infere-se do fragmento a alegria de poderem vingar a morte de Joca Ramiro condenando ao inferno os Judas e estabelecendo a justiça ao criar uma nova ordem no sertão: “[...] ‘mas os assassinos de Joca Ramiro vão pagar, com seiscentos-setecentos!...’ – ele definiu, apanhando um por um de nós no olhar. – ‘Assassinos – eles são os *Judas*. Desse nome, agora, que é o deles...’ [...]”<sup>298</sup> Zé Bebelo, novamente, não deixa de ironizar a expressão cristã com a intenção de chamar para si toda a atenção, sem, contudo, desacreditar do verdadeiro sentido de tais expressões dentro do contexto apresentado: “[...] ‘Alelúia! Alelúia! Carne no prato, farinha na cuia!...’ – ele aprovou, deu aquilo feito um viva”<sup>299</sup>.

O velho Riobaldo parece obstinado em procurar religiosidade em Zé Bebelo, pois, por ocasião da primeira manifestação de Zé Bebelo, na sequência cronológica do romance, embora Riobaldo, em outros momentos afirme ter aprendido muito com ele, nesta circunstância, ele é o professor e Zé Bebelo, o aluno e chefe dos soldados do governo. Chamo a atenção para o seu assovio: “remexeu, tarabuz, e tudo foi arrumando na mesa grande do quarto, senhor-jesus-cristo que assoviava, o cantarolado”,<sup>300</sup> fazendo Riobaldo, em súplica religiosa, garantir ao interlocutor a credibilidade do que estava ouvindo. Infere-se que havia um pressuposto religioso em Zé Bebelo, contudo, mais tarde se perceberá que a

<sup>297</sup> Ibidem, p. 90.

<sup>298</sup> Ibidem, p. 90.

<sup>299</sup> Ibidem, p. 90.

<sup>300</sup> Ibidem, p. 128.

religiosidade de Zé Bebelo não é muito clara. E que também o assovio de Zé Bebelo possa significar apenas a sua manifestação de alegria religiosamente percebida pela narrativa ambígua. Riobaldo não esconde a admiração por esse personagem, talvez pelos pressupostos que o marcavam. Rosenfield afirma que Zé Bebelo é um personagem ambíguo e escorregadio e, portanto, conduz Riobaldo pelo mundo, materializado no sertão, ou seja, o universo das dúvidas existenciais e ontológicas que perseguem Riobaldo e que é o mundo brasileiro, portanto, o sertão metafísico e interior da espiritualidade rosiana.<sup>301</sup> Conclui-se uma proximidade de personalidade entre Riobaldo e Zé Bebelo, ou seja, a ambiguidade, característica marcante destes personagens, demonstra a simpatia que Riobaldo nutria por Zé Bebelo, da mesma forma que, mais tarde, o Riobaldo como chefe Urutu Branco, por divergência de projeto, toma-lhe a chefia do bando. Zé Bebelo, de chefe dos soldados do governo, passa para chefe de bando, depois para comerciante e aspirante a advogado na capital, abandonando o seu propósito inicial da carreira política. A mesma dinâmica se dá com o itinerário de Riobaldo. Tais mudanças acrisoladas na dureza do sertão são interpretadas por Rosenfield como elementos da espiritualidade rosiana.

Por essa razão, a chefia de Zé Bebelo se utiliza em termos práticos do universo religioso, dando ao tema da vingança o sentido religioso do bando: “Vingar, digo ao senhor: é lamber, frio, o que outro cozinhou quente demais. O demônio diz mil. Esse! Vige mas não rege... Qual é o caminho certo da gente? Nem para a frente nem para trás: só para cima”.<sup>302</sup> A chefia de Zé Bebelo propõe uma guerra santa, sustentando a crença de que Deus está lutando junto e assumindo a maior parte da batalha. Diadorim, movido pela vingança, acolhe as instruções de Zé Bebelo que diz qual é o inimigo e como ele deve ser vencido: “[...]– ‘Na hora, cada um deve de ver só algum Judas de cada vez, mirar bem e atirar. O resto maior é com Deus...’ [...]”.<sup>303</sup> O demônio Hermógenes, em pouco tempo destruiu Joca Ramiro. Agora será lentamente destruído. A vingança será lógica, racional e bem planejada. Não será inconsciente, no calor da emoção. A mistura de guerra com religião faz parte da tradição

<sup>301</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 21. A leitura de uma neutralidade religiosa de Zé Bebelo é feita por Albergaria, por referir-se ao nome *José Rebelo Adro Antunes*, evidenciando uma pista para a interpretação esotérica desse nome. “Adro” é a posição profana de Zé Bebelo, semelhante aos catecúmenos da Igreja Primitiva, que, antes de receberem os sacramentos, permaneciam no lado de fora do templo (átrio). ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da Linguagem no Grande Sertão: Leitura dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa*, p. 135.

<sup>302</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 94. Utéza liga a figura de Zé Bebelo à encarnação do messianismo do Antigo Testamento. Como Moisés, Zé Bebelo sonha em fazer do sertão a nova Terra Prometida, organiza o bando desorganizado, proclamando-se arauto da Lei. UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 214-215.

<sup>303</sup> *Ibidem*, p. 95.

cultural de diversas religiões e do cristianismo. Riobaldo, nesse momento, não assume essa mistura. Ao questionar sobre o caminho certo revela-se indeciso com a intenção de optar por Deus: “só para cima”. Mais tarde também questionará com Diadorim sobre os propósitos da vingança.

Como vimos, assim como esse tema é utilizado religiosamente por Zé Bebelo, também outros temas cristãos, tais como, o tema do fim do mundo e do juízo final assumem um caráter religioso no romance, principalmente através dessa história, da castração do padre, entre tantas histórias que Rosa inclui: “Pois essa estória foi espalhada por toda a parte, viajou mais, se duvidar, do que eu ou o senhor, falavam que era sinal de castigo, que o mundo ia se acabar naquele ponto, causa de, em épocas, terem castrado um padre, ali perto umas vinte léguas, por via do padre não ter consentido de casar um filho com sua própria mãe”.<sup>304</sup> Deus, por meio da visão do narrador, é apresentado como juiz que castiga pessoas e povoados – fogo-azul, possivelmente, como analogia do fogo do inferno – por desvirtuarem condutas habitualmente aceitas, como por exemplo, a relação incestuosa, o casamento de filho com a mãe condenado pelo padre: “A que, até, cantigas rimaram: do Fogo-Azul-do-Fim-do-Mundo. Hê, He?... [...]”.<sup>305</sup> A outra história, do Rudugério de Freitas, ao narrar o assassinato premeditado do pai pelos dois filhos, passa a ideia de outro interdito, o homicídio: “Semelhante não foi, quando um homem, [...], mandou obrigado um filho dele ir matar outro, buscar para matarem, esse outro, que roubou sacrário de ouro da igreja da Abadia. Aí, então, em vez de cumprir o estrito, o irmão combinou com o irmão, os dois vieram e mataram mesmo foi o velho pai deles, distribuído de foçadas. Mas primeiro enfeitaram as foices, [...]”.<sup>306</sup> O problema da conduta religiosa é esclarecido, ao chefe Zé Bebelo, pelos irmãos assassinos, quando assumem o arrependimento do pecado mortal declarando fé a Nossa Senhora, a Virgem, a fim de obterem proteção contra o inferno: “[...] ‘Por que foi que vocês enfeitaram premeditado as foices?’ – ele interrogou. Os dois irmãos responderam que tinham executado aquilo em padroeiragem à Virgem, para a Nossa Senhora em adiantado remitir o pecado que iam obrar, e obraram dito e feito. [...], vi que ele estava se rindo por de dentro. [...] disse: – ‘Santíssima Virgem...’ E o pessoal todo tirou os chapéus, em alto respeito”.<sup>307</sup> O pecado do roubo do sacrário, um problema de conduta

---

<sup>304</sup> Ibidem, p. 74.

<sup>305</sup> Ibidem, p. 74.

<sup>306</sup> Ibidem, p. 75.

<sup>307</sup> Ibidem, p. 76.

misturado ao religioso, sugere a inversão dos valores. O sacrário é o lugar que se guarda Jesus Cristo sacramentado. O ouro do sacrário representa a riqueza do mundo profano que toma o lugar do mundo sagrado. Zé Bebelo interpreta de outra forma a religiosidade do momento ao pronunciar em tom de oração o nome da virgem, que todos do bando reconhecem, deixando de lado o entendimento da justiça divina ironicamente exalta o valor do ato de perdoar sempre, como se fosse um ato de mágica. Perdoa o homicídio dos dois irmãos e aplica-lhes, convenientemente, uma punição financeira, ou seja, a perda do rebanho de bois: “[...] – ‘Pois, se ela perdoa ou não, eu não sei. Mas eu perdôo, em nome dela – a Puríssima, Nossa Mãe!’ – Zé Bebelo decretou. – ‘O pai não queria matar? Pois então, morreu – dá na mesma. Absolvo! Tenho a honra de resumir circunstância desta decisão, sem admitir apelo nem revogo, legal e lealdado, conformemente!...’ [...]”.<sup>308</sup> Inere-se deste episódio a dupla relação entre riqueza espiritual e material e a transformação do sagrado – o sacrário – em ouro, dos valores espirituais em materiais. Da chefia de Zé Bebelo, obtêm-se o reconhecimento do poder espiritual, por um lado, e por outro a relativização desse mesmo poder espiritual em detrimento do poder temporal representado no poder do chefe dos jagunços.

Outra função prática desse chefe, misturada aos princípios religiosos dos jagunços, se dá em meio ao cerco dos Hermógenes, na batalha da Fazenda dos Tucanos, quando Zé Bebelo arma a fuga do bando enviando dois jagunços ao comando dos soldados a fim de entregar o bilhete escrito por Riobaldo, ao seu mando, que denunciava a guerra travada entre os bebelos e os hermógenes dando ao governo a oportunidade da extinção do movimento jagunço. O tom religioso da missão sugere o apelo pela justiça da causa: “por uma banda um, o outro da outra: o que Deus aprovasse, chegava”.<sup>309</sup> O resultado da estratégia de Zé Bebelo é positivo e logo a soldadesca começa a retalhar os tiros para cima dos hermógenes. Riobaldo se enche de satisfação pela chefia de Zé Bebelo e avalia a sua posição de comando ao lado do chefe sentindo-se incapaz, na ausência deste, de assumir o comando do bando. Análoga à posição de Jesus em relação aos seus discípulos, para Riobaldo, no momento, Zé Bebelo era insubstituível: “andando que Zé Bebelo falecesse ou trastejasse, eu tinha de tomar assumida a chefia, e mandar e comandar? Outro fosse – eu não; Jesus e guia! É baixo, os homens não iam me obedecer; [...]”.<sup>310</sup> A pressão dos soldados faz com que os

---

<sup>308</sup> Ibidem, p. 76.

<sup>309</sup> Ibidem, p. 347.

<sup>310</sup> Ibidem, p. 356-357.

hermógenes ergam um pano branco, em pedido de trégua para negociar a situação, e Zé Bebelo prontamente, com consentimento do bando, dá igual resposta sem desconsiderar a natureza traiçoeira e amaldiçoada dos hermógenes: “[...] – ‘A solenidade de embaixador sempre se tem de consentir; até para herege, até para bugre...’[...]”.<sup>311</sup> Seô Hermógenes envia dois jagunços ao encontro de Zé Bebelo para negociar uma paz temporária a fim de que os dois bandos pudessem dar combate aos soldados que eram contra todos. Zé Bebelo, estrategicamente, aceita a proposta já premeditando a fuga pensada para a madrugada. Ao abandonarem a Fazenda dos Tucanos, em fuga, “só ficando na Casa os mortos, que não careciam de se rezar a eles adeus, [...]”,<sup>312</sup> Riobaldo deixa novamente aflorar o seu senso religioso ao relatar: “saiba o senhor, pois saiba: no meio daquele luar, me lembrei de Nossa Senhora”.<sup>313</sup> De acordo com Araujo, no momento do cerco da Fazenda dos Tucanos, Riobaldo toma consciência dos limites da razão e de sua incapacidade de transcender o real. A razão pode ser a “salvação”, mas também pode ser a “perdição” – está presa à letra e não se liberta para o espírito – referindo-se a Zé Bebelo como salvação ou perdição, ao fazer uso da razão prática, a letra, nos bilhetes escritos por Riobaldo e enviados ao chefe dos soldados pelos jagunços. No cerco, Riobaldo aprende um novo tipo de inteligência, de pensamento – a reza. A reza, como graça de Deus, reconhece o poder transcendente e, portanto, liberta-se da razão prática indo além de Zé Bebelo, levando ao encontro com o espírito – com Deus. Ao caminhar na madrugada para as Veredas Mortas após a fuga da Fazenda, é a este encontro que Riobaldo se dirige.<sup>314</sup> Infere-se de Araujo uma distinção entre Zé Bebelo e Riobaldo. Enquanto Rosenfield trabalha com o tema da ambiguidade como ponto de intercessão para os dois personagens, Araujo, diversamente, atribui a Riobaldo a capacidade de transcendência e do encontro com Deus no seu propósito de vida, ao passo que a racionalidade pura e o espírito prático são as marcas de Zé Bebelo, no exercício da chefia destituída de transcendência. Contudo, é possível confirmar o uso de elementos religiosos de caráter cristão por Araujo ao afirmar a capacidade de Riobaldo de ir além de Zé Bebelo, ou seja, ele transcende os aspectos práticos e racionais para a espiritualidade e para o discernimento.

---

<sup>311</sup> Ibidem, p. 358.

<sup>312</sup> Ibidem, p. 370.

<sup>313</sup> Ibidem, p. 370.

<sup>314</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 225.

Se a razão e a lógica, muitas vezes, conduziram Zé Bebelo ao acerto, entretanto, os equívocos foram definidores do futuro da sua chefia, por ocasião em que o endereço do bando era a Virgem-Mãe a fim de se recarregarem de munição, contudo, por erro de comando, os jagunços foram parar na Virgem-da-Lage, lugar do encontro com os catrumanos. A narrativa compara esses indivíduos a seres pré-históricos, míticos, meio homens e meio animais, desprovidos de racionalidade e de religiosidade: “que viviam tapados de Deus, assim nos ocos”,<sup>315</sup> de linguagem e comunicação difíceis feito rosno de bicho: “ossos e queixos; e aquela voz que o homem guardava nos baixos peitos, era tÔ que nem de se responder em ladainha dos santos, encomendação de mortos, responsório”.<sup>316</sup> Estavam vigiando o caminho para que ninguém passasse pelo povoado do Sucruiú, de onde vieram, a fim de alertar sobre a epidemia, conforme a narrativa, decorrente da maldição e do abandono de Deus: “castigo de Deus Jesus! Povo do Sucruiú, gente dura de ruim... [...]”.<sup>317</sup> Zé Bebelo, contudo, insistiu na travessia pelo povoado que estava tomado pela peste e o temor invadiu o espírito dos jagunços: “Só que se tinha confiança nos bentinhos e verônicas”.<sup>318</sup> Correu o boato de que Jõe Bexiguento sabia a oração para São Camilo de Lelis e São Sebastião para se verem livres daquela doença e Jõe ia tratar de praticar alguma reza resumida, enquanto todos, em constante repetição iam com fé forte rezar as ave-marias e os padre-nossos.<sup>319</sup> Finda a travessia e Riobaldo nem olha para trás. Relata a pobreza geral do povo do Sucruiú, pois “o que rogava eram coisas de salvação urgente, [...]”.<sup>320</sup> Araujo afirma que a pobreza material dos catrumanos não os torna ricos de espírito e nem os livra da maldade. São parecidos com o rico fazendeiro seo Habão, isto é, reduzem tudo ao material, opaco, sem espírito.<sup>321</sup> Infere-se que a pauperização e a marginalização provocada pela estrutura social do sertão, a qual Zé Bebelo quer combater na esfera política, está desconectada das promessas messiânicas de que o reino de felicidade e bem-estar prometido por Deus seja dos pobres. Ao contrário, a interpretação sugere uma analogia entre pobreza material e pobreza espiritual, novamente identificando o sertão como o inferno, o lugar do mal. O bando de Zé Bebelo porém, necessitando lidar com esse universo hostil e

---

<sup>315</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 384.

<sup>316</sup> *Ibidem*, p. 385.

<sup>317</sup> *Ibidem*, p. 386.

<sup>318</sup> *Ibidem*, p. 392.

<sup>319</sup> *Ibidem*, p. 392.

<sup>320</sup> *Ibidem*, p. 393.

<sup>321</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 242-243.

desconhecido, apela para o sobrenatural. O fragmento é rico de elementos religiosos cristãos dando ao relato o sentido da contradição e da ambiguidade próprios do narrador e também da chefia de Zé Bebelo.

#### 4. Urutu Branco

A posse de Riobaldo como chefe do bando é antecedida por duas mortes num contexto religioso: “Foi que alguns dos homens rosnaram. E foi esse Rasga-em-Baixo, o principal deles, esse, pelo que era, pelo visto, oculto inimigo meu – que buliu em suas armas... Sanha aos crespos, luziu faca, no a-golpe... Meu revólver falou, bala justa, o Rasga-em-Baixo se fartou no chão, semeado, já sem ação e sem alma nenhuma dentro. E aí o irmão dele, José Félix: ele tremeu muito lateral; livrou o ar de sua pessoa; outro tiro eu também tinha dado...”<sup>322</sup> Ser o chefe significava, também, ter o poder religioso. Seguindo o exemplo de Medeiro Vaz e Joca Ramiro, que estavam espiritualmente presentes no imaginário do bando, Riobaldo se apresenta com a aura da transcendência capaz de devolver a esperança e o sentimento de vingança perdidos na liderança de Zé Bebelo: “[...] ‘– ... é o Chefe?!...’ [...] Assim aprovaram. O Chefe Riobaldo. Aos gritos, todos aprovavam. Rejuravam, a pois. A esses resultados. No que eram com solenidade, sinceridade. Tudo dado em paz”.<sup>323</sup> Zé Bebelo não reage diante da perda da chefia e apoia o carisma do professor Riobaldo. Os dois mortos, sem alma, representam a maldade que foi banida, pois, sem causa, tentaram impedir o espírito do bando em cumprir a vingança. Ou seja, a única causa: “Só aqueles dois amaldiçoados irmãos, baldeados mortos, na ponta de unha. Ali, enterrar aqueles dois seria faltar a meu respeito. Amém”.<sup>324</sup> Na despedida, Zé Bebelo rebatiza Riobaldo com o nome de Urutu Branco e todos confirmam em coro. O chefe Riobaldo à caça de Ricardão e Hermógenes, ao partir com seu bando pelo sertão a fim de vingar a morte de Joca Ramiro, faz a travessia bem sucedida do Liso do Sussuarão, empreitada pretendida, porém fracassada sob a chefia de Medeiro Vaz. Araujo relata a facilidade com que Riobaldo, confiante em Deus – movido pela fé – atravessa o Liso. Como o preceito evangélico que ensina a

<sup>322</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 436.

<sup>323</sup> *Ibidem*, p. 437.

<sup>324</sup> *Ibidem*, p. 437.

confiança do cuidado de Deus pelas suas criaturas, semelhante aos pássaros do céu e aos lírios do campo que não semeiam e nem colhem, no entanto, Deus olha por eles. Assim, Riobaldo não projeta e nem se prepara para a travessia, como outrora fez Medeiro Vaz.<sup>325</sup> O rebatismo de Riobaldo e em seguida a travessia do Liso, na leitura de Araujo, lembra o Cristo que, após ser batizado por João Batista, foi levado para o deserto pelo Espírito Santo, onde foi tentado pelo demônio, conforme o relato dos evangelhos sinóticos.<sup>326</sup> Araujo deriva o momento da posse de Riobaldo como chefe da cena do pacto, ao afirmar que o encontro das Veredas Mortas aflora em Riobaldo a inteligência e a vontade. Como homem novo, rebatizado, recebe de Zé Bebelo o nome de Urutu Branco. Assim como a cobra urutu tem na cabeça o desenho de uma cruz, Riobaldo é batizado com o sinal da cruz. Se por um lado, o veneno da cobra significa o mal<sup>327</sup>, como primeira impressão, subentendido em seu novo nome deixando o sinal da cruz na cabeça da cobra para segundo plano, por outro, de acordo com a autora, é o sinal escondido da graça santificante recebida por ele. Riobaldo, como um “cruzado”, sairá para combater os “Judas” com a sua Cruzada de jagunços. A luta do bem contra o mal, ao utilizar a inteligência e a vontade, estará fundamentada na graça batismal. É a redenção, na morte de Cristo na cruz que endireita a vontade para Deus.<sup>328</sup> Conclui-se da interpretação da autora a firme intenção de transformar todo o conteúdo dos episódios da posse e das ações de Urutu Branco em práticas religiosas que demonstram retidão e fé em Deus. Por outro lado, a interpretação de Rosenfield, como se poderá verificar a seguir, não descarta a doideira e o mundo de ponta cabeça, na construção de uma identidade, que leva o chefe Riobaldo a romper com as práticas tradicionais dos antigos chefes. Chamam-nos a atenção as diversas analogias feitas por Araujo desse fragmento com temas fundamentais do cristianismo confirmando a sua proposta de dar a Riobaldo um roteiro cristão.

De modo que, como chefe Urutu Branco, transformado e decidido em demonstrar a sua liderança através da natureza jagunça na arte de judiar – como no episódio do homem da égua com seu cachorrinho –, sente no tempo da narrativa como se estivesse possuído pelo demo, tendo motivos para olhar o passado com arrependimentos suplicando a compreensão divina: “Seja o que; hoje mais rezo”.<sup>329</sup> Apesar de tudo, Araujo afirma que Urutu Branco

---

<sup>325</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 251.

<sup>326</sup> Ibidem, p. 174. Mateus 4:1-11; Marcos 1:12-13 e Lucas 4:1-13.

<sup>327</sup> O capítulo 3 do livro do Gênesis narra a tentação de Eva pela serpente.

<sup>328</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 76-77.

<sup>329</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 476.

resiste às tentações de traição da natureza humana, configurando-se numa nova maneira de imitação de Cristo, pois da mesma forma que Cristo resistiu à tentação de trair a natureza divina, o chefe não trai a natureza humana.<sup>330</sup> Rosenfield, diversamente da interpretação de Araujo, não vê na campanha de Urutu Branco um ideal de Cruzada com pretensão messiânica de guerra jagunça, ao contrário, a empreitada representa a ambiguidade de princípios, pois as “maluqueiras” riobaldianas se enveredam por caminhos tortuosos que são indícios da busca de uma nova ordem capaz de romper com a mentalidade dos antigos chefes de tradição religiosa convencional – do caminho reto – e buscar o Norte, o chapadão do Urucuia – a “Virgem-Mãe” – ou seja, uma nova lei.<sup>331</sup> A interpretação de Rosenfield é nitidamente oposta a de Araujo. Enquanto Araujo defende uma analogia com os fundamentos do cristianismo a partir do alinhamento do itinerário do chefe Riobaldo à imitação de Cristo, Rosenfield lê que a campanha de Urutu Branco possui uma lógica própria, sem fundamento cristão, propositadamente intencionado em romper com o messianismo presente nas chefias anteriores. Contudo, as duas consideram os elementos cristãos que estão presentes no texto de Rosa, isto é, Araujo interpreta os fragmentos de conteúdo cristão direcionando-os à conversão de Riobaldo; e Rosenfield interpreta os mesmos fragmentos para dizer que Rosa, no relato do velho Riobaldo, quer fugir desse paradigma ao introduzir amplamente a ambiguidade no seu texto. Isto se exemplifica na interpretação do seguinte trecho: “Toma, filha de Cristo, senhora dona: compra um agasalho para esse que vai nascer defendido e são, e que deve se chamar Riobaldo...”<sup>332</sup> [diz Urutu Branco a uma mulher no momento do parto] ajuda a exemplificar a divergência entre as duas autoras. Para Araujo, a inferência do elemento cristão desse fragmento está conectada diretamente ao estado de espírito convertido do velho Riobaldo, no entanto, Rosenfield interpreta que a opção do chefe Riobaldo é pela matriz feminina como promessa de sobrevivência, renascimento e renovação. Pois antes da noite do parto, opta pelo deserto, pelos caminhos tortos, pela tentação, apalpa os cheios no antro sedutor do prazer carnal para afirmar a ilusão do caminho reto, a falsa pureza ideal e a castidade estéril do herói medieval.<sup>333</sup> Ou seja, enquanto Araujo vê nessa referida cena a Boa Nova cristã, a Natividade e o renascimento espiritual de Riobaldo após ter deixado a vida jagunça,

<sup>330</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 178-179.

<sup>331</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 312-313.

<sup>332</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 467.

<sup>333</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 313.

Rosenfield, ao destituir o cristianismo da cena, opta pela orientação moral, dando ao chefe Urutu Branco a condição do humano e da maldade do sertão.

Portanto, infere-se do velho Riobaldo que as andanças do bando de Urutu Branco pelo sertão fortaleceram a identidade da chefia. O Riobaldo indeciso parecia não existir mais e ainda a narrativa menciona situações, elementos da natureza, pessoas e crença religiosa para a sua existência significativa, tal como sua mãe, Diadorim, Otacília, o pássaro Manoelzinho-da-crôa e “a imagem de minha Nossa Senhora da Abadia, muito salvadora”.<sup>334</sup>

A afirmação desse referencial também se dá no encontro de Riobaldo com um homem de nome do-Zabudo,<sup>335</sup> podendo se fazer analogia ao diabo com o anagrama de rabudo, e essa ideia traduz bem a experiência do encontro, pois a ambição do ter era a razão de ser do homem, o que leva o chefe Urutu Branco a uma inferência religiosa de sentido contrário ao afirmar a realeza de Jesus na simplicidade: “O burrinho de Nosso Senhor Jesus Cristo também não levava freio de metal”...<sup>336</sup>

Entretanto, será no desfecho dessa chefia, no meio da batalha do Paredão, contra os hermógenes, conforme a descrição, que Riobaldo faz a experiência da solidão e percebe a necessidade da fé, isto é, quem não pode pegar em armas luta suplicando a força divina, referindo-se ao menino Guirigó, ao cego Borromeu e à mulher de Hermógenes: “[...] deviam de estar rezando. [...] Ela também estivesse rezando”?<sup>337</sup> Esse cenário é interpretado por Araujo ao afirmar que o combate do Paredão é como a cruz que evoca a paixão de Cristo, pois Riobaldo toma a posição entre os ladrões do Pubo, ou seja, entre o menino e o cego em quem a inocência infantil e a deficiência física significam o total desamparo da morte na cruz.<sup>338</sup> Em momento de silêncio feito por pequena pausa da batalha, procura com Diadorim questionar sobre a distinção entre as realidades do pensamento e as do sentimento ao afirmar que todos aqueles acontecimentos de guerra eram coisas de doido, isto é, coisas maldosamente pensadas e que os momentos da sanidade seriam as realidades do sentimento,

<sup>334</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 517.

<sup>335</sup> Utéza desenvolve uma longa reflexão, interpretando a ambiguidade promovida pelo narrador, ao apresentar a relação entre Urutu Branco e do-Zabudo. UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 174-180.

<sup>336</sup> *Ibidem*, p. 540

<sup>337</sup> *Ibidem*, p. 585.

<sup>338</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 259.

ou seja, o amor, a coragem e a religião: “Ou em horas em que consegue rezar”?<sup>339</sup> Narra os detalhes da batalha final, já, sem as armas de fogo, só luta corpo-a-corpo, com faca, dos dois personagens mais significativos da sua história. Ou seja, infere-se de Diadorim, para a sua narrativa, a representação do bem e do amor e de Hermógenes, o pactário do demo, a identificação do mal e do ódio. Outra inferência desse relato é a religiosa: em dois momentos a expressão “... *O diabo na rua, no meio do redemunho*”...<sup>340</sup> é mencionada intercalada à necessidade de invocação da Virgem: “foi poder imaginar a minha Nossa-Senhora assentada no meio da igreja”...<sup>341</sup> Se o redemunho é a materialização do diabo, Diadorim – a virgem – é a materialização de Nossa Senhora, do sagrado, portanto de Deus. É a batalha final de Deus contra o Diabo. A narrativa insiste sobre a inoperância e a impotência do Chefe Urutu Branco em comandar o seu bando e em salvar Diadorim, como se a luta final, que deveria ser de chefe com chefe, estivesse sob a responsabilidade de Diadorim, o maior interessado em vingar Joca Ramiro ao eliminar o Hermógenes. Conforme infere Rosenfield, a morte de Diadorim representa um fim inevitável e um mal necessário, coerente com uma vida marcada por uma fé firme no pacto de ódio da vingança e uma coragem sem igual para um destino auto-destruidor, sem pensar a menor alternativa para fugir dessa tragédia.<sup>342</sup> Paradoxalmente, o relato do velho Riobaldo insinua que o amigo poderia ter ido à procura da morte e conseqüentemente morrido em seu lugar.<sup>343</sup> Findada a vingança, na morte e na revelação diante do corpo desnudado da mulher Maria Deodorina, Riobaldo deixa a vida jagunça e, juntamente, sepulta a chefia de Urutu Branco.

Ao finalizar o item, as inferências gerais que se podem tirar são as de que as chefias de Joca Ramiro e Medeiro Vaz se aproximam dos personagens míticos dos romances de cavalaria, por representarem a tradição medieval do cavaleiro andante, portanto, um Cruzado que se propõe a fazer justiça no sertão, impulsionado por uma religiosidade e por um ethos. Para o perfil destes personagens, conforme vistos no texto, encontram-se pontos de intercessão nas autoras: Galvão, Andrade, Rosenfield e Araujo. Por outro lado, Zé Bebelo é o personagem de uma racionalidade moderna que não se apresenta com uma religiosidade evidente e por isso, a sua chefia é ambígua, contudo, capaz de despertar em Riobaldo

<sup>339</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 587.

<sup>340</sup> Ibidem, p. 595.

<sup>341</sup> Ibidem, p. 595.

<sup>342</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 249.

<sup>343</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 533-534.

admiração e respeito, num primeiro momento. Para Araujo, Zé Bebelo possui um saber prático, enquanto que Riobaldo possui um saber transcendental. Saber este que Araujo atribui também à chefia de Urutu Branco, que, após ter feito a experiência religiosa nas Veredas Mortas, se coloca no itinerário para Deus. Rosenfield, cética da religiosidade de Urutu Branco que representa a doideira e subverte a ordem tradicional das chefias, o alinha ao jagunço Riobaldo. Infere-se, portanto, os elementos cristãos considerados e trabalhados pelas autoras como sendo a intercessão desses pontos divergentes.

Sô Candelário representa a espiritualidade da missão, mesmo ao preço da morte, de acabar com os “bebelos”, é mais do que guerra, é a esperança e a fé em uma nova lei, a fim de restaurar a ordem divina originária. Joca Ramiro é a representação da transcendência em pessoa que, ao julgar Zé Bebelo, inverte a ordem jagunça substituindo a sede de morte por vida na justiça divina demonstrando as bases redentoras e salvadoras das promessas messiânicas na concessão do perdão e na libertação de Zé Bebelo. Medeiro Vaz não é apresentado de forma clara na narrativa de Riobaldo como divindade, contudo, é definido como um Cruzado dono de um ethos divino que assume a vingança da morte do amigo Joca Ramiro como uma missão religiosa. Ao exercer um poder de liderança capaz de mover emocionalmente a guerra jagunça, semelhante à influência que um mestre exerce sobre seus discípulos, demonstra, no momento da sua morte e no lamento cósmico, a sua proximidade e ao mesmo tempo misteriosamente a sua distância da condição jagunça. Zé Bebelo é o chefe dos soldados, no primeiro momento e, depois, o chefe dos jagunços que conquista a admiração de Riobaldo. Zé Bebelo é o homem prático que possui outra lógica, desejoso do mundo da política, politicamente se apresenta e toma posse do conteúdo religioso dos chefes antecessores utilizando um discurso com máximas religiosas a fim de se adaptar e obter a confiança do bando. Zé Bebelo, no entanto, age como ateu, é o homem da razão que segue planos e estratégias. A relação de Riobaldo com Zé Bebelo é um misto de confiança e desconfiança que se concretizará posteriormente, na perda da chefia de Zé Bebelo. A chefia de Riobaldo como Urutu Branco, coerentemente, também se baseará nessa ambiguidade ao derivar da experiência religiosa das Veredas Mortas a mistura de Deus com o diabo e o propósito divino da vingança com doideira. Urutu Branco inclui alguns dos marginalizados catrumanos, com seus trabucos, no bando, e no lugar de Diadorim, na dianteira coloca o velho cego Borromeu – capaz de ver longe – e o menino Guirigó – capaz de ver próximo, portanto subverte a ordem tradicional da formação da marcha dos jagunços pelo sertão ao estabelecer outra relação de poder com seo Habão, com o fazendeiro seo Ornelas e a ação

doida que empreende pelo sertão a ponto de ser advertido por Diadorim. Infere-se, portanto, características ambíguas de Urutu Branco na travessia improvisada do Liso, no pacto com o diabo e na busca por Deus, no amor por Diadorim e no abandono de véspera da batalha no Paredão para ir ao encontro de Otacília, na impotência do momento final da luta entre Hermógenes e Diadorim e na incapacidade de percepção da feminilidade de Maria Deodorina. Com a morte de Diadorim, morre a chefia de Urutu Branco, contudo, a matéria que verte na narrativa do velho Riobaldo, mantém vivo o chefe.

## CAPÍTULO 4: OS JAGUNÇOS

Esse item elenca em ordem cronológica os principais fragmentos do romance que trazem um conteúdo religioso e, sobretudo, a religião cristã do tema acima. O objetivo do texto é descrever esses fragmentos escolhidos dentro do contexto do romance argumentando pontos sobre elementos do cristianismo e da ambiguidade como fio condutor da história narrada (a “matéria vertente”) e da história vivida pelo Riobaldo. Desde o primeiro contato com o universo jagunço na casa do padrinho Selorico Mendes, passando pela experiência de professor de Zé Bebelo que tinha a missão de liquidar com os jagunços, o encontro com Diadorim e a entrada no bando de Joca Ramiro, depois a vingança empreendida contra os Judas, até a batalha final com a morte de Diadorim e o abandono da vida jagunça; é a síntese da história do jagunço Riobaldo narrada por ele mesmo que os fragmentos escolhidos nesse item se propõem a fazer.

### 1. A vida jagunça

A mesma motivação da guerra jagunça também é o fundamento da empreita dos soldados do governo, ou seja, restaurar o sertão tirando-o do caos instaurado. Se para os jagunços, o governo seria o responsável pela mudança da ordem originária no sertão, para os soldados, ao contrário, a guerra jagunça representa a transgressão da ordem social e moral. Tudo parece depender do lugar em que se olha: “A gente devia mesmo de reprovar os usos de bando em armas invadir cidades, arrasar o comércio, saquear na sebaça, barrear com estrumes humanos as paredes da casa do juiz-de-direito, [...]. [...], ou isso de se expor padre sacerdote nú no olho da rua, e ofender as donzelas e as famílias, gozar senhoras casadas, por muitos homens, o marido obrigado a ver?”<sup>344</sup> Riobaldo, no momento, está olhando com a

---

<sup>344</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 131.

sua narrativa de dentro da tropa dos soldados comandados por Zé Bebelo, de forma a condenar a prática jagunça e é o que mais tarde, ao se tornar jagunço, o fará distinguir as condutas de seu bando das do bando de Hermógenes. Chama-nos a atenção, a descrição da comunidade invadida pelos jagunços e dos seus aspectos sociopolíticos e religiosos presentes na linguagem da narrativa e no uso de uma linguagem misturada com expressões religiosas, pressupondo o uso dessa mesma, tanto em situações profanas, quanto em momentos especificamente religiosos. Nessa parte do texto destaca-se o aspecto moral, isto é, a necessidade de restauração da paz, da ordem, dos valores religiosos e sociais, tal como o da propriedade que, supostamente, fundamenta a guerra de Zé Bebelo contra os bandos de jagunços. De modo que descreve positivamente a organização do grupo dos soldados: “Demais, de tudo ali se prazia fartura confortável! Abastada comida, armamento de primeira, monte de munição, roupas e calçados para os melhores. E o cobre para semanal de pagamento, pois nenhum daqueles homens estava ali por amor-de-deus, mas ajeitando seu meio de viver”.<sup>345</sup> Riobaldo se apresenta como alguém que ainda não fez a sua escolha. Acompanha o exército de Zé Bebelo, procurando o seu destino: “Com eles eu estava vindo, então, o senhor vê. Vinha para conhecer esse destino-meu-deus. O que me animou foi ele predizer que, quando eu mais não quisesse, era só opor um aceno, e ele dava baixa e alta de me ir m’embora”.<sup>346</sup> Tanto que, ao abandonar o exército de Zé Bebelo, Riobaldo logo se vê dentro do bando de Joca Ramiro que estava em grande empreita contra os soldados do governo, sentindo-se, então, guiado pelo destino da guerra jagunça e pelo afeto de Diadorim. Infere-se a ambiguidade da narrativa, ao colocar o jagunço Riobaldo numa crise de identidade, pois se de um lado assume a vida jagunça com as suas peculiaridades sórdidas, impondo a desordem que rompe com os fundamentos do civilizado, instaurando a selvageria e o caos, com destaque para práticas sacrílegas, por outro, sente asco pela prática jagunça, entendendo que a transgressão moral e a ruptura dos interditos também se ligam a ação do demo.

Com isso, a narrativa de Riobaldo procura dar-lhe entendimento de seu passado confuso, pois ao mesmo tempo em que assume a condição de jagunço por fazer parte do bando de jagunços, também nega que gostasse da prática jagunça: “Medo de errar. Sempre tive. Medo de errar é que é a minha paciência. Mal. O senhor fia? Pudesse tirar de si esse

---

<sup>345</sup> Ibidem, p. 131.

<sup>346</sup> Ibidem, p. 131.

medo-de-errar, a gente estava salva. O senhor tece? Entenda meu figurado”.<sup>347</sup> Por isso, procura se eximir de culpas que a sua consciência poderia assumir somente pela pertença aos que estavam no costume “ajagunçado”: “[...]: será que eu mesmo já estava pegado do costume conjunto de ajagunçado? Será, sei. Gostar ou não gostar, isso é coisa diferente. O sinal é outro. Um ainda não é um: quando ainda faz parte com todos. Eu nem sabia”.<sup>348</sup> Como jagunço, se coloca como pecador pela sua dificuldade de se afastar do mal e da maldade por conta da prática da jagunçagem e, se preocupa com a salvação da própria alma justificando a sua situação, como se fosse um tempo de ignorância, a partir da pertença ao bando e por não ter a liberdade de poder fazer o que quisesse, pois as decisões tomadas eram para serem cumpridas mesmo que fossem contra os próprios princípios. Vive uma contradição ao precisar assumir aquela natureza, por um lado, mas, por outro, apresenta-se como alguém que teme a Deus e, portanto, seria um pecado agir, em nome de uma possível justiça, com violência. Vê o mal nessas práticas e o identifica com o demônio. Hermógenes é a figura do mal por ser praticante das crueldades: “O Hermógenes, homem que tirava seu prazer do medo dos outros, do sofrimento dos outros. Aí, arre, foi que de verdade eu acreditei que o inferno é mesmo possível. Só é possível o que em homem se vê, o que por homem passa”.<sup>349</sup> Contudo, se encontra dentro do redemoinho das maldades da guerra jagunça. Narra a consciência dessa ambiguidade: “Nunca, mesmo depois, eu nunca soube tanto disso, como naquele tempo”.<sup>350</sup> Procura contrabalançar a sina jagunça ao destacar valores religiosos simbólicos e os da prática da caridade e de companheirismo por parte de alguns do bando que podem contar ponto a favor do bem. Por exemplo, lembra da ajuda que o Paspé lhe deu ao consertar suas alpercatas e também de que recebeu símbolos religiosos do Lindorífico: “Assim que o Paspé tinha agulhas grandes, fio e sovela: consertou minhas alpercatas. Lindorífico me cedeu, por troco de espórtula, um bentinho com virtudes fortes, dito de sãossalavá e cruz-com-sangue”,<sup>351</sup> nessa narrativa a fé e a temência a Deus por parte do jagunço, mais especificamente a mistura de tradições africanas com o cristianismo é afirmada, significando, portanto, além do sincretismo religioso, a abertura de Riobaldo à religiosidade de um modo geral. Novamente o jagunço Riobaldo está em situação ambígua por precisar conciliar a negatividade presente na maldade inocente de Hermógenes e dos

---

<sup>347</sup> Ibidem, p. 185.

<sup>348</sup> Ibidem, p. 185.

<sup>349</sup> Ibidem, p. 181.

<sup>350</sup> Ibidem, p. 181.

<sup>351</sup> Ibidem, p. 185.

jagunços com os valores morais e religiosos, de bondade e de símbolos religiosos, de alguns outros companheiros jagunços apresentados pela narrativa.

E ainda se constata a condição de ambiguidade do jagunço com a hostilidade do lugar e de algumas pessoas que fizeram com que Riobaldo se sentisse no inferno. Inferno por se aproximar do confronto com Zé Bebelo, mas também pela convivência com os hermógenes: “Assim ao feito quando logo que desapeamos no acampo do Hermógenes; e quando! Ah, lá era um cafarnaúm. Moxinife de más gentes, tudo na deslei da jagunçagem bargada”.<sup>352</sup> Riobaldo exalta a valentia do jagunço Reinaldo: “O Reinaldo. Diadorim, digo. Eh, ele sabia ser homem terrível. Suspa! O senhor viu onça: boca de lado e lado, raivável, pelos filhos? Viu rusgo de touro no alto campo, brabejando; cobra jararacussú emendando sete botes estalados; bando dôido de queixadas se passantes, dando febre no matto? E o senhor não viu o Reinaldo guerrear!... Essas coisas se acreditam”.<sup>353</sup> A narrativa encara Hermógenes como epicentro do mal. A expressão – *o demônio na rua,...* – aparece diversas vezes no romance sempre que se imagina a luta que Reinaldo (Diadorim) trava com o traidor Hermógenes no final. O movimento da luta de Deus contra o diabo: “*O demônio na rua, no meio do redemunho... Falo!*”.<sup>354</sup> Riobaldo sente-se em meio aos maus. Era o bando de Hermógenes: “No que foi, no que me vi, no acampo do Hermógenes. Cabralhada. Tiba. De boa entrada, ao que me gasturei, no vendo. Aqueles eram mais de cento e meio, sofreúdos, que todos curtidos no jagunçar, rafaméia, mera gente.”<sup>355</sup> Depois, ao se acostumar percebe que está entre bons e maus: “Azombado, que primeiro até fiquei, mas daí quis assunção, achei, a meu cômodo. Assim, isto é, me acostumei com meio-só meu coração, naquele arranchamento”.<sup>356</sup> Com o hábito que tinham os jagunços de marcar as cruces nas coronhas das armas representando aqueles que tinham sido abatidos, infere-se a morte como sombra constante na vida do jagunço representada com sentido religioso. Infere-se a identidade do jagunço mostrando um Riobaldo que já está se acostumando e se ambientando na prática jagunça; o movimento e a necessidade da valentia e da agilidade na guerra análoga à identidade demoníaca que se mostra ágil e em movimento, sem discrição e no meio da rua; e a mistura do vento e de toda a sujeira arrastada por ele no redemoinho indicando a situação

---

<sup>352</sup> Ibidem, p. 158.

<sup>353</sup> Ibidem, p. 158.

<sup>354</sup> Ibidem, p. 158.

<sup>355</sup> Ibidem, p. 163.

<sup>356</sup> Ibidem, p. 163.

de mistura da condição humana, da bondade com a maldade, da crença com a descrença, de Deus com o diabo ditada pela narrativa para a condição ambígua do jagunço Riobaldo.

Com isso, se para Riobaldo, Diadorim é o destino do amor e do bem, então Hermógenes é o do mal, do ódio, do pacto, do inferno e do demo. A sua experiência religiosa passada confirmava a sua crença em Deus, mas a presença física de proximidade de Hermógenes e o seu comportamento de maldades levam nosso personagem principal a pensar e a construir a crença no demônio: “Aquele Hermógenes me fazia agrados, demo que ele gostava de mim. Sempre me saudando com estimação, condizia um gracejo amistoso ou umas boas palavras, nem parecia ser o bedegueba. Por cortesia e por estatuto, eu tinha de responder.”<sup>357</sup> Infere-se uma situação confusa vivida pelo jagunço Riobaldo. Ele se vê entre dois destinos opostos que se entrelaçam, mas que não podem estar ligados, por isso vive uma crise de sentido, manifestada como uma crise religiosa. Imerso nesse incompreensível paradoxo, se vê diante da simpatia enganosa de Hermógenes que lhe oferece amizade e estima. Tem um comportamento que, de acordo com Riobaldo, camufla a sua verdadeira natureza demoníaca. Ele é do mal por judiar das criaturas: “Aquele Hermógenes era matador – o de judiar de criaturas filhos-de-deus – felão de mau”,<sup>358</sup> por isso sente nojo de Hermógenes a tal ponto de invocar o demônio como espírito sagrado para intermediar a presença física entre ele e Hermógenes: “Meus ouvidos expulsavam para fora a fala dele. Minha mão não tinha sido feita para encostar na dele. Ah, esse Hermógenes – eu padecia que ele assistisse neste mundo... Quando ele vinha conversar comigo, no silêncio da minha raiva eu pedia até ao demônio para vir ficar de permeio entre nós dois, para dele me apartar”.<sup>359</sup> Infere-se da narrativa a dificuldade do personagem em lidar com o seu sentimento de raiva que também se liga ao campo religioso como espaço do sentimento de fé ao atribuir valores de bondade a Deus e de maldade ao diabo. Riobaldo ainda hierarquiza o mal ao sentir mais medo do demônio encarnado em Hermógenes do que o espírito demoníaco em si. A forma dessa narrativa nos remete, por um lado, a um universo maniqueísta capaz de reduzir os conflitos e os paradoxos humanos a sentimentos religiosos que se traduzem no binômio Deus-diabo, por outro, revela o universo ambíguo da natureza humana capaz de conviver com a bondade e com a maldade afirmando dimensões diabólicas e divinas em Hermógenes e, como veremos depois, também em Diadorim e Riobaldo.

---

<sup>357</sup> *Ibidem*, p. 187.

<sup>358</sup> *Ibidem*, p. 188.

<sup>359</sup> *Ibidem*, p. 188.

Assim como, ao descrever alguns detalhes dos jagunços, o que envolve aspecto físico, tipos de roupas, pertences, jeito de ser, comportamento, assuntos das conversas, etc, Riobaldo passa para o interlocutor a impressão de uma comunidade, que tem objetivo bem definido, segue rituais, respeita as lideranças carismáticas e possui um código de conduta: “[...] Assaz toda espécie de roupa, divulguei: até sujeito com cinta larga de lã vermelha; outro com chapéu de lebre e colete preto de fino pano, cidadão; outros com coroca e bedém, mesmo sem chuva nenhuma; só que de branco vestido não se tinha: que com terno claro não se guerreia. Mas jamais ninguém ficasse nú-de-Deus ou indecente descomposto, no meio dos outros isso não e não”.<sup>360</sup> Riobaldo chama a atenção para dois aspectos, que são: ninguém ficava nu, isto é, ninguém se comportava de forma indecente. Havia o respeito pela privacidade e pela prática dos bons costumes. O outro aspecto era que ninguém furtava. Todos tinham poucas coisas e coisas baratas, conforme a narrativa, no entanto, não se tolerava o roubo. Era um código. Corria-se risco de morte: “Aventes baldrocavam suas pequenas coisas, trem objeto que um tivesse e menos quisesse, que custou barato. E ninguém furtava! Furtasse, era perigar morte. Cantavam cantarol, uns, aboiavam sem bois. Ou cuidavam do espírito da barriga”.<sup>361</sup> Essa ambiguidade leva o leitor a colocar o jagunço em dois campos: ora como selvagem, de hábitos primitivos como, por exemplo, o de comer carne quase crua, ora, orientada para uma conduta de vida comunitária destituída de selvageria. Rosenfield infere que a vida no acampamento dos jagunços, observada por Riobaldo, é marcada pela bestialidade da vida sertaneja e pela selvageria animalesca: o afiar dos dentes durante horas de descanso, a higiene sumária, os hábitos culinários primitivíssimos carne mal-assada e cobra crua, assim como as práticas sexuais perversas como onania, homossexualismo e estupro. Se por um lado, os hábitos dos jagunços podiam ser providos de algum valor, por outro, o que predominava na ótica riobaldiana era a atividade guerreira como caça selvagem, justificando a expressão “cachorrando pelo sertão”. Bem diferente do espírito nobre e cavalheiresco, com a imagem de uma guerra santa. De acordo com a autora, a identificação do guerreiro com o não-civilizado não tem reconhecimento na tradição literária cristã, remetendo, portanto, a literaturas e mitologias mais antigas<sup>362</sup>. Infere-se que os valores morais identificados pela narrativa do ambiente

---

<sup>360</sup> Ibidem, p. 163.

<sup>361</sup> Ibidem, p. 164.

<sup>362</sup> Afirma, em nota, que a imagem do guerreiro de Deus criada no século XII e operada por São Bernardo reforça o conjunto de valores implicados na atividade guerreira. E que o cristianismo rejeita a figura do

jagunço, embora não fosse o predominante da natureza jagunça, conforme a leitura de Rosenfield equivalem ao estágio de moralidade cristã da qual o jagunço Riobaldo com mais alguns companheiros partilham com a ajuda proposital do relato ambíguo do narrador.

Entretanto, Hermógenes o tempo todo é identificado com o demônio por Riobaldo. Ele se sente tentado e sem controle das suas emoções por não conseguir desfazer, sentindo-se preso da imagem demoníaca do senhor das maldades. Por outro lado se apraz por saber como colocar o diabo em seu devido lugar: “Mas, do Hermógenes, então, me atormentou sempre aquele meu receio, que eu carecia de pôr em raiva. Assim, por isso, falei em mim comigo: – ‘A ele nego água, na boca do pote!’ Esconjurar desse jeito leve me trouxe sossego. Ao que eu carecia. Tanto mesmo que eu não queria ter de pensar naquele Hermógenes, e o pensamento nele sempre me vinha, ele figurando, eu cativo”.<sup>363</sup> Riobaldo descrente procura construir na imaginação a existência do demônio na sua essência pura e conclui que tal realidade não pode existir e não pode ser vista: “[...]: se o demônio existisse, e o senhor visse, ah, o senhor não devia de, não convém espiar para esse, nem mi de minuto! – não pode, não deve-de! São se só as coisas se sendo por pretas – e a gente de olhos fechados”.<sup>364</sup> Portanto, o demônio que pode ser visto se encontra nas maldades humanas, por exemplo, nas maldades de Hermógenes: “Ser que pensava, amiúde, em ele ser carrasco, como tanto se dizia, senhor de todas as crueldades. No começo, aquilo me corria só os calafrios de horror, a ideia minha refugava. Mas, a pouco, peguei às vezes uma ponta de querer saber como tudo podia ser, eu imaginava”.<sup>365</sup> Por isso deriva o seu ser como a duplicidade própria do ser do demônio. Sobre essa duplicidade, Araujo afirma que a natureza de Hermógenes está relacionada ao deus grego Pan que se ligava ao seu pai – o deus Hermes – pela duplicidade da palavra (verdadeira e falsa). A ligação de Hermógenes com Pan se dá pela dupla natureza desse deus que era meio animal e meio homem – um lobisomem – agindo de forma falsa, tramando maldades e ao mesmo tempo aparentando inocência.<sup>366</sup> Hermógenes tem a sua face aparentada de boa na referência da sua família e de seus filhos e tem os disfarces do demônio, de mansinho, de tristonho para se aproximar de

---

guerreiro selvagem e pagão tal como o Evangelho de Lucas (13,31) apresenta Herodes, o rei dos avessos, comparado à raposa que representa o rei selvagem anterior à Boa Nova e à lei de Cristo. ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 251-252.

<sup>363</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 232.

<sup>364</sup> *Ibidem*, p. 232.

<sup>365</sup> *Ibidem*, p. 232.

<sup>366</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 139-140.

seu intento, contudo, estes não anulam a sua natureza má e nem a sua essência demoníaca: “Estudei uma dúvida. Ao que será que seria o ser daquele homem, tudo? Algum tinha referido que ele era casado, com mulher e filhos. Como podia? Ái-de vai, meu pensamento constante querendo entender a natureza dele, virada diferente de todas, a inocência daquela maldade”.<sup>367</sup> Riobaldo não compreende a ideia de o bem misturar-se ao mal, ou de integrar a vida humana de forma simultânea. Não vê lógica. A racionalidade de Deus é diferente, portanto, não é loucura. Quer o bem separado do mal. Afirma a necessidade do inferno, o lugar das maldades e do mal não disfarçado em bem e da confusão. Faz analogia com o lobisomem, figura da mitologia popular que na claridade do dia é racional, humano, moral e na escuridão da noite é bicho, instintivo, louco e criatura do mal fazendo com que a realidade seja essa mistura do bem e do mal: “A qual me aluava. O Hermógenes, numa casa, em certo lugar, com sua mulher, ele fazia festas em suas crianças pequenas, dava conselho, dava ensino. Daí, saía. Feito lobisomem? Adiante de quem, atrás do que? A cruz o senhor faça, meu senhor! Aí eu acreditei que tivesse de haver mesmo o inferno, um inferno; precisava”.<sup>368</sup> Riobaldo tem consciência de que se carece de apartar-se do demônio e dele não se pode ter dó. Ele é cheio de armadilhas e artimanhas para seduzir aqueles que são fracos de espírito; e Riobaldo não quer se incluir neste grupo, por isso analisa o comportamento de Hermógenes e identifica a sua peculiaridade demoníaca. Cético em relação à existência do demônio, mas ao mesmo tempo receoso em relação à sua influência sobre as maldades de Hermógenes, se apega e pede proteção ao sobrenatural do bem: “e da existência desse me defendo, em pedras pontudas ajoelhado, beijando a barra do manto de minha Nossa Senhora da Abadia! Ah, só Ela me vale; mas vale por um mar sem fim... Sertão. Se a Santa puser em mim os olhos, como é que ele pode me ver”?!<sup>369</sup> Não deixa de acreditar na capacidade de sedução, de disfarce e esperteza do diabo, apesar da sua firme crença na proteção de Nossa Senhora, sabe que a maldade de Hermógenes é a encarnação do demônio que move com antecedência os seus sentidos, o olhar e a audição e a sua inteligência para a realização do seu firme propósito, tornando-se muito forte e poderoso diante da ingenuidade do bando de Riobaldo, parecida com a ingenuidade e bondade de Joca Ramiro quando foi traído pelos Judas:

---

<sup>367</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 232.

<sup>368</sup> *Ibidem*, p. 234.

<sup>369</sup> *Ibidem*, p. 303.

[...] ele vem no maior e no menor, se diz o grão-tinhoso e o cão miúdo. Não é, mas finge de ser. E esse trabalha sem escrúpulo nenhum, por causa que só tem um curto prazo. Quando protege, vem, protege com sua pessoa. Montado, mole, nas costas do Hermógenes, indicando todo rumo. Do tamanho dum bago de aívim, dentro do ouvido do Hermógenes, por tudo ouvir. Redondinho no lume dos olhos do Hermógenes, para espiar o primeiro das coisas.<sup>370</sup>

Ressalta o poder que Hermógenes tinha a partir do pacto com o demo e da azaração final de sua alma, sem conteúdo e possibilidade de salvação: “o Hermógenes, que – por valente e valentão – para demais até ao fim deste mundo e do juízo-final se danara, oco de alma”.<sup>371</sup> Inferem-se da narrativa, no aspecto religioso, os temas da salvação e do pecado, do juízo final e as devoções marianas no catolicismo. No aspecto moral, os temas do bem e do mal e a reinterpretação do mal enquanto bem. Araujo mantém-se coerente com a leitura que vem fazendo, ou seja, para ela a personalidade de Hermógenes é confusa, dúbia e tihosa como a natureza demoníaca, ao contrário de Deus, que se caracteriza pela unicidade e retidão e o caminho reto trilhado por Riobaldo com a sua conversão é o caminho da fé. Quando se trata de perceber a ambiguidade da narrativa implicada no Riobaldo personagem, Araujo é bem mais discreta.

Decorre dessa maldade, natureza rude do jagunço, ter a sua própria lei que incluía a crueldade com os inimigos ou os supostos inimigos: “Ser ruim, sempre, às vezes é custoso, carece de perversos exercícios de experiência. Mas, com o tempo, todo o mundo envenenava do juízo”.<sup>372</sup> Riobaldo, num primeiro momento, vê o bando dessa forma e se distancia desse tipo de conduta ao referir-se a si mesmo como incapaz de praticar crueldades. Apresenta-se como alguém que teme a Deus e considera que seria um pecado agir, em nome de uma possível justiça, com violência. Conta com a compreensão de Diadorim que o informa sobre a barganha de Joca Ramiro a fim de remir os pecados decorrentes da guerra jagunça: “Eu tinha receio de que me achassem de coração mole, soubessem que eu não era feito para aquela infruição, que tinha pena de toda cria de Jesus. – ‘E Deus, Diadorim?’ – uma hora eu perguntei. Ele me olhou, com silencilzinho todo natural, daí disse, em resposta: – ‘Joca Ramiro deu cinco contos de réis para o padre vigário de Espinoza...’ [...]”.<sup>373</sup> Contudo, não consegue fugir da ambiguidade da própria identidade jagunça. Admira a prática da guerra de Zé Bebelo e deseja que ele acabe com os jagunços, mas se ressentido na consciência da

---

<sup>370</sup> Ibidem, p. 303.

<sup>371</sup> Ibidem, p. 303.

<sup>372</sup> Ibidem, p. 170.

<sup>373</sup> Ibidem, p. 170.

traição, ao desejar algo contra o próprio bando, mesmo sabendo que Joca Ramiro pudesse ser praticante de religião ao encomendar missa para pedir perdão dos pecados dos jagunços, e se vê endoidecido pelo conflito que o aflige: “Zé Bebelo devia de vir, forte viesse: liquidar mesmo, a rás, com o inferno da jagunçada! E eu estava ali, cumprindo meu ajuste, por fora, com todo rigor; mas estava tudo traindo, traidor, no cabo do meu coração Alheio, ao que, encostei minhas costas numa árvore. Aí eu não queria ficar dôido, no nem mesmo”.<sup>374</sup>

Inferre-se um problema de consciência religiosa do jagunço Riobaldo ao ver a maldade na prática dos jagunços como incompatível com a fé cristã tornando-o, portanto, um meio jagunço e traidor de si mesmo por não se conformar com a mistura inconciliável de Joca Ramiro com Hermógenes: “Puxei conversa com Diadorim. Por que era que Joca Ramiro, sendo chefe tão subido, de nobres costumes, consentia em ter como seu alferes um sujeito feito esse Hermógenes, remarcado no mal?”.<sup>375</sup> Rosenfield afirma que Rosa emparelha de forma oposta dois tipos de jagunços. De um lado, os patriarcas de nomes portugueses como Joca Ramiro e Medeiro Vaz. De outro, nomes que se referem alegoricamente a figuras da mitologia ou como anagramas do diabo, como Zé Bebelo, Urutu Branco e Hermógenes e que ao relacionarem-se de forma ambígua com os primeiros, jamais se enquadrarão no universo do clã luso-brasileiro. O bando de Hermógenes, de modo próprio, se equipara aos guerreiros míticos com a função conquistadora e a de verter o sangue, com movimentação veloz e irrupções súbitas que assustam, ameaçam ou encantam. A função dos chefes – como Joca Ramiro –, por sua vez, é a da manutenção da ordem e das leis, com movimento lento e grave e a solenidade e a fidelidade às promessas. Por isso, Riobaldo sente a grande incompatibilidade entre Hermógenes e Joca Ramiro – o “Imperador em três alturas” e questiona sobre a admissão da subchefia de Hermógenes e de seu bando desregrado no governo de Joca Ramiro.<sup>376</sup> Inferre-se de Rosenfield, além da constatação apresentada, uma explicação da situação confusa vivida pelo personagem Riobaldo, segundo a autora, propositadamente criada por Rosa para referir-se à ambiguidade da condição humana e também propor a convivência das diferenças, bem e mal e santidade e pecado, presentes na narrativa do velho Riobaldo preocupado em justificar os erros do passado em busca da própria salvação.

---

<sup>374</sup> Ibidem, p. 171.

<sup>375</sup> Ibidem, p. 171.

<sup>376</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 22-23.

Como se vê, tal qual a analogia de caráter ético-religiosa entre o bem figurado por Joca Ramiro e o mal no personagem Hermógenes, que não é merecedor de amizade e amor: “A pessoa daquele monstro Hermógenes não encostava amizade em mim. E nem ele, naquela hora, não era. Era um nome, sem índole nem gana, só uma obrigação de chefia. E, por cima de mim e dele, estava Joca Ramiro”.<sup>377</sup> Ao ser descrito como um monstro com ausência de ser, Hermógenes é o mal encarnado, a negação da existência. Paradoxalmente Riobaldo está envolvido na mesma empreita que Hermógenes no cumprimento do destino do bando, no entanto, deseja que tudo termine para que ele possa se sentir livre dessa relação: “Mas não seria de mim que pudesse ferrar no sono assim perto daquele homem, príncipe das tantas maldades. O que eu queria era que tudo sucedesse, mal ou bem aquela noite tivesse termo de terminada. – ‘Tá aqui, toma...’ – ouvi. Era o Hermógenes, um taco de fumo me dando, que em forte cachaça ele tinha acabado de empapar”.<sup>378</sup> Tem consciência de que com o demo, príncipe do mal e da maldade não se pode cochilar. Contudo, aceita de Hermógenes o pedaço de fumo ensopado na cachaça confiando em alguma possível atitude solidária, mas como de Hermógenes só se podia esperar algo parecido com a atitude dos soldados que crucificaram Jesus, ensopando uma esponja em vinagre e dando-lhe para matar a sua sede, no momento de sua morte na cruz, Riobaldo ainda fica receoso. Por outro lado, Joca Ramiro está hierarquicamente acima de todos, acima do bem e do mal: “E, por cima de mim e dele, estava Joca Ramiro. Pensei em Joca Ramiro. Eu era feito um soldado, obedecia a uma regra alta, não obedecia àquele Hermógenes. Dentro de mim falei:– ‘Eu, Riobaldo, eu!’ Joca Ramiro é que era – a obrigação de chefia. Mas Joca Ramiro parava por longe, era feito uma lei, uma lei determinada. Pensei nele só, forte. Pensando:– ‘Joca Ramiro! Joca Ramiro! Joca Ramiro!...’ [...]”.<sup>379</sup> O seu ser é significativo. O sentido da existência do jagunço Riobaldo estava fundado na crença desse ser maior. Era como uma lei universal, transcendente, “parava por longe”. Riobaldo sabe que está lá para matar pessoas e sente culpa por referir-se a uma consciência religiosa da lei do mandamento de Deus: matar é pecado. Busca convencer-se de que naquela situação a matança de “gente humana” não era pecado, confuso, desconfia de si mesmo por estar num contexto ao lado de Hermógenes, o príncipe das maldades. Também tem consciência do significado do mando de Hermógenes. Reconhece Hermógenes como o líder do momento, mas também o identifica com o demo, o símbolo da morte, o “cureta preta”: “O Hermógenes esticou pescoço, rijo ouvindo. Soante

<sup>377</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 203.

<sup>378</sup> *Ibidem*, p. 205.

<sup>379</sup> *Ibidem*, p. 203.

que atiravam, sucedidos, o tiroteio foi mudando de feição. – ‘Tou gostando não...’ – o que o Hermógenes disse. Mais disse: – ‘O diabo deu em erro...’ Homem atilado, cachorrão. – ‘Seja que sabidos vieram, eh, pressentiram! Sei se, por ora, o trabalho está desandado...’ Aí, eu estava escutando”.<sup>380</sup> Infere-se, para Riobaldo, a confirmação de que Hermógenes é pactário. A percepção de Hermógenes sobre o insucesso da tocaia dando o sinal da retirada em fuga mostra para Riobaldo a sua esperteza diabólica, “homem atilado, cachorrão” que tem a sua vida presa ao demo e também salva pelo mesmo até no fracasso da empreitada. O mal parece ser mais sábio e mais forte que o bem. Talvez pudesse ser a sensação de Riobaldo ao ouvir atentamente as palavras de Hermógenes. Essa situação ambígua que vive o personagem o leva a uma crise de fé duvidando da capacidade de Deus em suprir a existência com a manutenção da vida, já que o diabo também o faz: “Como que esse maldito tudo sabia, adivinhava o seguinte vivo das coisas, esse Hermógenes, trapaças!”.<sup>381</sup> Se por um lado Riobaldo se acostumou a ver o Hermógenes como o mal em pessoa, capaz de crueldades, por outro, sente-se objeto das suas preocupações ao importar-se com a sua vida e teimosamente o coloca na trilha de fuga temendo pelo inimigo que já os cercava: “[...] – ‘A p’ra trás, mano. Te cuida!’ – ouvi o rispe do Hermógenes – que eu não me desgraçasse”.<sup>382</sup> Riobaldo, ao perceber a morte do amigo Garanço, se sente na urgência da hora, obrigado a prestar uma última homenagem ao corpo já sem alma e refere-se ao sangue do Garanço como o símbolo cristão do martírio, morto como presa de feras famintas, tentando ainda garantir a dignidade do defunto protegendo-o da traição da mosca varejeira ao lamentar a impossibilidade de um velório com a luz de Cristo na cabeceira do esquife: “Mas não se deixa um cristão amigo deitar seu sangue no capim das moitas, feito um traste roto, caítitu caçado. [...]. Todo vejo, o sangue dele a mofos cheirasse. Anda que vinham voo os mosquitos chupadores, e mosca-verde que se ousou, sem o zumbo frisso, perto no ar. Porque os tiros. E nem um momento de vela acesa o Garanço não ia poder ter”.<sup>383</sup> Hermógenes reza a regra da urgência da vida contra a teimosia de Riobaldo: “estamos no amém estreitos!”.<sup>384</sup> O reflexo da crença cristã de Riobaldo indicado pela narrativa é o que se aplica no momento da morte do amigo paradoxalmente à presença amistosa e salvadora de Hermógenes. É o que

---

<sup>380</sup> Ibidem, p. 214.

<sup>381</sup> Ibidem, p. 214.

<sup>382</sup> Ibidem, p. 214.

<sup>383</sup> Ibidem, p. 214.

<sup>384</sup> Ibidem, p. 214.

se pode perceber da narrativa sobre o comportamento de cuidado do terrível Hermógenes. Não tão terrível assim.

E essa relação conflituosa entre Riobaldo e a vida jagunça continua nos momentos que antecedem a batalha contra os soldados. A diversidade dos detalhes que são narrados transmite o sentimento religioso do bando na visão do personagem principal: “Era o Feijó, um sacudido oitavão, ele manobrava rifle de três canos. Que simpatia demonstrada era essa, eu nunca tinha dado fé naquele Feijó?– ‘A vamos. Hoje se faz o que não se faz...’– um se exaltava assim, tive medo de castigo de Deus. Quem quisesse rezar, podia, tinha praça; outros, contritos, acompanhavam”.<sup>385</sup> Riobaldo sente que a vida de jagunço é breve por isso passa a olhar o mundo a sua volta de forma diferente, rompe barreiras e muda crenças. Relações humanas pouco importantes, como a do Feijó, passam a ser significativas. Hábitos diversos costumeiros, antes pouco notados se tornam mais perceptíveis. A descrição do ambiente parecia anunciar a diminuição da possibilidade de vida na guerra que estava para começar: “Outros ainda comiam, zampano, limpavam a boca com as duas mãos. – ‘Não é medo não, amigos, é o trivial do corpo!’ – explicavam alguns, que ainda careciam de ir por suas necessidades. Restantes risadas davam”.<sup>386</sup> O sol perdia vida, pois ia se escondendo. O lugar não tinha vida humana por estar vazio e não possuir terras cultivadas. O canto triste da pomba juriti e os gritos de penitência do lobo guará, segundo narra, significavam que a vida a partir daquele instante poderia não existir mais e que a alma poderia se preparar para outra vida possível: “Ao que faltava nem meia-hora para o sol ir entrando. Daquele lugar, vazio de moradas e de terras lavradas, a gente ouvia o gugo da juriti como um chamado acabado, junto com lobo guará já dando gritos de penitência”.<sup>387</sup> Infere-se o sentimento religioso. Riobaldo teme a Deus por certas condutas que o jagunço poderia ter antes da batalha: “hoje se faz o que não se faz...”. A sua forma de agir pautada numa conduta religiosa o censura por alguns instantes diante da novidade que estava por vir. Por outro lado, percebe a liberdade e a sensibilidade do bando em manifestar o sentimento religioso que a ocasião exigia através da oração espontânea puxada por alguns e religiosamente acompanhada pelos outros. Contudo, um coração desejoso do bem e da santidade derivada do arrependimento, não podia ser desejoso do prazer da guerra e da busca da morte. É o que a narrativa também sugere.

---

<sup>385</sup> Ibidem, p. 200.

<sup>386</sup> Ibidem, p. 200.

<sup>387</sup> Ibidem, p. 200.

Por isso, o texto revela ao mesmo tempo a consideração e uma postura de desprezo pelos elementos simbólicos e rituais do cristianismo por parte do bando. Ou seja, parece um paradoxo entre a narrativa de alguém que adota o referencial religioso e o jagunço Riobaldo que, embora imerso num universo religioso, não o percebe claramente. Alguns desrespeitavam o sagrado: apostando, em jogo, bentinho de pescoço, outros falsificavam escapulários, Jõe Bexiguento iniciava novena para santo da sua devoção, mas não terminava e o bando estava sem ter o que fazer: “O Fonfrêdo tinha um blibloquê, a gente brincava de jogar. Tudo jogado a dinheiro baixo. Os espertos, teve quem pôs a jogo até bentinho de pescoço, sem dizer desrespeito. E faziam negócio desses breves, contado que alguns arrumavam até escapulários falsos”.<sup>388</sup> Neste sentido a atividade religiosa se encontrava no campo do passa-tempo: “Por esse sem-que-fazer, a gente ainda mais comia, quase que por divertimento. Os uns iam torar palmito, colher mandioca em mandiocalzinho sem dono, dono tinha fugido longe. Gostei de favas do mato, muito muricí, quixaba e jaca”.<sup>389</sup>

Outra forma de ler a narrativa a partir do olhar de Riobaldo narrador, ou seja, o homem convertido, fazendeiro, preocupado com a religião e, portanto, com a salvação de sua alma é, em primeiro lugar, ao analisar a fé em crise dos jagunços, a direção que o romance aponta para o valor espiritual e material dado ao bentinho de pescoço e ao escapulário: “tudo jogado a dinheiro baixo”, do contrário, não seriam objetos de aposta. A novena de Jõe tem um valor espiritual, por um lado, mas, por outro é impraticável porque novena sugere a prática religiosa de rotina e de planejamento, mas como na guerra, as situações são imprevisíveis e não há como pensar além de um dia de cada vez, tal prática se torna inviável. Contudo, essa conjuntura não esvazia a intencionalidade dos jagunços na prática das rezas: “Que rezavam. Jõe Bexiguento, mesmo, quis que diversos tomassem parte em novena, numa mal rezada novena, a santo de sua redobrada tenção, e a qual ele nem teve persistência para nos dias medidos completar”.<sup>390</sup> Em segundo lugar, para Riobaldo, Deus é o maior juiz e apesar de, muitas vezes se sentirem abandonados por Ele, é Nele que se encontra o fundamento de ordem e o destino de cada um, pois Ele sabe o que faz: “Deus perdoa? O senhor podia perguntar: Deus, para qualquer um jagunço, sendo um inconstante padrão, que às vezes regia ajuda, mas, outras horas, sem espécie nenhuma, desandava de lá –

---

<sup>388</sup> Ibidem, p. 233.

<sup>389</sup> Ibidem, p. 233.

<sup>390</sup> Ibidem, p. 234.

proteção se acabou, e – pronto: marretava! Que rezavam”.<sup>391</sup> Infere-se a relação ambígua entre a conduta na caótica guerra jagunça e a religião cristã. Riobaldo teme que a prática do bando possa não encontrar agrado e nem justificativa diante de Deus. Tem dúvida a respeito da orientação das condutas: se são de Deus ou não. Mas não deixa de acreditar no perdão para a construção de sua salvação.

Contudo, quando se trata da conduta dos jagunços, Riobaldo é cético em relação à mudança de comportamento e à conversão: “De jagunço comportado ativo para se arrepender no meio de suas jagunçagens, só deponho de um: chamado Joé Cazuzo – foi em arraso de um tirotêi’, p’ra cima do lugar Serra-Nova, distrito de Rio-Pardo, no ribeirão Traçadal”.<sup>392</sup> A exceção que se faz com o caso de Joé Cazuzo, salvo pela fé na Virgem, Nossa Senhora, é assim descrita: “Aguentamos hora mais hora, [...]. Aí, de bote, aquele Joé Cazuzo – homem muito valente – se ajoelhou giro no chão do cerrado, levantava os braços que nem esgalho de jatobá seco, e só gritava, urro claro e urro surdo: – *“Eu vi a Virgem Nossa, no resplendor do Céu, com seus filhos de Anjos!...”* Gritava não esbarrava. – *“Eu vi a Virgem!...”* Ele almou?”,<sup>393</sup> pela profissão de fé e pela sua conversão que o orientou para uma vida dedicada à paz e à religião: “Diga o anjo-da-guarda... Mas, conforme eu vinha: depois se soube, que mesmo os soldados do Tenente e os cabras do Coronel Adalvino remitiram de respeitar o assopro daquele Joé Cazuzo. E que esse acabou sendo o homem mais pacifcioso do mundo, fabricante de azeite e sacristão, no São Domingos Branco. Tempos!”.<sup>394</sup> Infere a vida jagunça derivada do sertão como o espaço do mal, do medo, do demo e da guerra e, portanto, todo esse conjunto corresponde à consolidação de uma cultura de guerra arraigada na identidade jagunça. Joé Cazuzo, para mudar a sua identidade precisa sair do meio, se ajoelhar e erguer o braço mudando de atitude e fazer uso da palavra – algo incomum para o jagunço – declarando outra identidade e outra crença. Enquanto Riobaldo, através desse caso, define bem a maligna natureza jagunça, também vê a possibilidade de salvação dos pecados de jagunço espelhados em Joé Cazuzo. Além dos elementos cristãos presentes nessa narrativa veem-se novamente a ambiguidade que provoca o leitor nesse texto ao relacionar situações distintas com temas ético-religiosos, como o perdão com o pecado e a paz com a guerra.

---

<sup>391</sup> Ibidem, p. 234.

<sup>392</sup> Ibidem, p. 19.

<sup>393</sup> Ibidem, p. 19-20.

<sup>394</sup> Ibidem, p. 21.

Por essa razão, Riobaldo-jagunço procura entender o sentido da sua vida na “jagunçagem” de forma lógica, mas não consegue. Tudo o que lhe vem à mente são apenas intuições. O momento pós-batalha causa-lhe mal estar, “estúrdio”, pensa no pior, sente que as coisas podem não se sucederem bem: “[...] ‘– Comigo, assim, depois de cada forte fogo, me dá esse porém’. [...]”.<sup>395</sup> Não tem medo da guerra, porém a possibilidade da morte o faz refletir sobre o sentido de tudo, em especial sobre a sua ligação com o bando de jagunços: “é uma coceira na mente”.<sup>396</sup> A tensão da situação o deixava nervoso por não saber o que fazer de sua vida. Jõe Bexiguento – seu companheiro – tem uma forma religiosa de interpretar o momento. Jõe entende que não é momento nem de se aumentar o tamanho do fogo com mais lenha. A ocasião não é de alegria, de festa, mas de recolhimento, introspecção e vigília. Talvez até por uma estratégia de guerra, não se deve dar sinal para o inimigo. Jõe, ao acalmar Riobaldo, sugere até de não se acender “vela preta”, pois os fatos estão na sua normalidade e Deus não iria mandar o seu anjo avisar sobre o destino do bando daquela forma.

Entretanto, em busca de sentido, Riobaldo, sem poder tirar Diadorim do seu pensamento e nem poder conversar sobre esse sentimento que o afligia, propõe a Jõe conversar sobre o destino trágico do Garanço. Jõe afirma que o Garanço era caipora, ou seja, era como uma entidade mítica da floresta que tinha e causava azar, “sempre se esteve meio caipora”.<sup>397</sup> Riobaldo, preocupado com as circunstâncias da sua vida, se deixa crer nesse destino mítico e questiona Jõe sobre a possível influência de azar decorrente da amizade que tinha com o Garanço, temeroso e atento à maestria genuína de Jõe e da condição imposta pela vida jagunça, pergunta se há cura ou rezas fortes para esse tipo de infortúnio: “[...]; que sensata resposta podia me assentar o Jõe, broeiro peludo do Riachão do Jequitinhonha? Que podia? A gente, nós, assim jagunços, se estava em permissão de fé para esperar de Deus perdão de proteção? Perguntei, quente”.<sup>398</sup> Jõe responde que no decorrer da vida todos vivemos momentos de caipora, isto é, não há como evitar algum azar que o destino nos reserva. A conversa com Jõe deixa Riobaldo pensativo e ao mesmo tempo sente que a sua condição de jagunço não combina com a crença em Deus e com tais credices, misturando o nome de Deus com vãs especulações de guerra e da má vida de jagunço, se

---

<sup>395</sup> Ibidem, p. 219.

<sup>396</sup> Ibidem, p. 219.

<sup>397</sup> Ibidem, p. 220.

<sup>398</sup> Ibidem, p. 221.

sente pecador por ofender a Deus: “[...] Memória que Deus me deu não foi para palavrear avesso nele, com feitas ofensas...’ Pecados, vagância de pecados. Mas, a gente estava com Deus? Jagunço podia? Jagunço – criatura paga para crimes, impondo o sofrer no quieto arruado dos outros, matando e rouphilhando. Que podia? [...]”.<sup>399</sup> Ao examinar, de um lado, a sua consciência de jagunço, no destino mal do jagunçar, duvida da presença de Deus nesse acampo do mal, por outro lado, pensa na moralidade da sua situação e na responsabilidade religiosa, do amor ao próximo, do não matar, do não tomar o santo nome de Deus em vão e o do não roubar como incompatíveis com o destino do momento. Apesar dessa duplicidade existencial, só pode contar com o possível perdão de Deus para todos os pecados da jagunçagem. Infere-se do texto o poder divino necessário à compreensão do destino e à divindade transcendente, ordenadora dos mandamentos para a orientação das condutas humanas. O personagem sente a necessidade de ligar a sua vida a esse universo religioso, por isso preocupa-se com o sobrenatural presente nas entidades cósmicas e com o perdão e com a salvação.

Em razão desses paradoxos, a vida de Riobaldo Tatarana passa a ser marcada pela obscuridade e pela “neblina”, como muitas vezes se refere fazendo com que a confusão ocupe o lugar da lucidez: “Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado...”.<sup>400</sup> Do desespero pode surgir a esperança. Do sofrimento, o prazer da vida. A mistura, ao mesmo tempo que revela a realidade do seu universo de jagunço, também representa a perda do sentido da vida. Por isso Riobaldo admira a sabedoria de vida de Jõe Bexiguento, pois a sua natureza era a simplicidade, tornando-o capaz de ver as coisas separadas. A admiração ao Jõe estava no sentido de mundo que Riobaldo desejava ter e não tinha: “Duro homem jagunço, como ele no cerne era, a idéia dele era curta, não variava. – ‘Nasci aqui. Meu pai me deu minha sina. Vivo, jaguncêio...’ – ele falasse. Tudo poitava simples. Então – eu pensei – por que era que eu não podia ser assim, como o Jõe”?<sup>401</sup> Araujo mostra a satisfação de Riobaldo em poder conversar com alguém, como Jõe, em que as coisas aparecem claras e sem ambiguidades diferindo da sua condição do momento.<sup>402</sup> Rosenfield também chama a atenção para a clareza de consciência da identidade de Jõe

---

<sup>399</sup> Ibidem, p. 220.

<sup>400</sup> Ibidem, p. 221.

<sup>401</sup> Ibidem, p. 221.

<sup>402</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 197.

quanto ao seu lugar e ao seu dever. Essa condição de ser influenciava e causava inveja em Riobaldo.<sup>403</sup> Se, para ele, Deus e o diabo se misturavam para confundi-lo, para Jõe, ao contrário: “Deus a gente respeita, do demônio se esconjura e aparta...”.<sup>404</sup> As mazelas do demônio também estão sob o domínio de Deus: “quem é que pode divulgar o corisco de raio do borro da chuva, no grosso das nuvens altas?”.<sup>405</sup> Esta era a crença que dava sentido à vida de Jõe e também representava a carência de Riobaldo. Dessa situação ambígua, vivida por Riobaldo, infere-se a consciência da sua condição, isto é, a sua fé ainda não lhe traz paz de espírito, e da situação oposta – a condição de Jõe – o seu anseio, claramente afirmados por Araujo e Rosenfied.

Por isso, Jõe, através do seu jeito simples e da pedagogia dos causos que contava, despertava em Riobaldo reflexões diversas acerca do viver humano, mais especificamente sobre as escolhas humanas que se desdobravam em opção, por Deus ou pelo diabo, para o bem ou para o mal. O caso da Maria Mutema e do Padre Ponte, por exemplo, ilustra bem essa relação. Segundo Jõe, Maria Mutema é a mulher que propositadamente mata o marido despejando chumbo derretido no seu ouvido, enquanto dormia, e mata o Padre Ponte com as palavras mentirosas ao ouvido no segredo da confissão, enquanto cumpria a sua missão de padre. O chumbo no ouvido do marido e a mentira no ouvido do padre tornam a Mutema, no primeiro momento, como uma figura do diabo com sua ação demoníaca. É condenada pela justiça divina e dos homens, mas absolvida nas palavras de perdão das pessoas simples da comunidade representante da misericórdia divina, no segundo momento. Se para Jõe a vida era simples assim: Deus aqui e diabo ali; para Riobaldo, contudo, as contradições e as ambiguidades humanas estão bem colocadas nesse caso, isto é, uma das coisas que se pode derivar é que a mesma boca que proferiu a morte também pediu o perdão. Infere-se dessa relação uma ligação com o cristianismo no seu sentido maior, ou seja, não há culpa que não possa ser superada pela misericórdia na redenção de Cristo. Se a Mutema radicaliza com a prática do pecado mortal, ao pedir o perdão, se beneficia radicalmente da graça divina, como se pode interpretar de Romanos: “Onde abundou o pecado, superabundou a graça”.<sup>406</sup>

---

<sup>403</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 251.

<sup>404</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 221.

<sup>405</sup> *Ibidem*, p. 221. Utéza identifica Jõe com um apelido afetuosos de João, apresentando-se como um primeiro sinal da revelação do evangelista João. UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 130.

<sup>406</sup> Bíblia, carta de São Paulo aos Romanos, 5:12.

A ação demoníaca na parábola da Mutema, segundo Araujo, consiste nos ensinamentos que Jõe transmite a Riobaldo a fim de fazê-lo perceber o conteúdo da maldade de Hermógenes e a sua voz de morte. Em vez de transmitir uma comunicação de vida, o conteúdo dessa maldade retira a alma e o livre-arbítrio transmitindo a morte. Gritos de guerra e palavras de chumbo, em balas de chumbo.<sup>407</sup> Araujo afirma que o segredo da Mutema, ao ser revelado, liberta-a para o arrependimento e para a conversão a Deus. O mesmo acontece com Riobaldo ao libertar-se do segredo de Diadorim.<sup>408</sup> Infere-se a dupla voz: a da morte com o segredo e a da vida nova com o arrependimento.<sup>409</sup>

Se essa mistura se faz presente na condição jagunça de Riobaldo, então entende-se que a guerra contra os soldados e a movimentação estratégica do bando de uma batalha para outra a fim de dar cabo do inimigo, levam a narrativa a descrições das façanhas como se fosse um ritual religioso levando-nos a inferir uma aceitação moral da guerra, das mortes e das atrocidades praticadas: “Dentro da cafua também restavam outros soldados; que deram contas a Deus”.<sup>410</sup> Morrer como um santo tem uma conotação de dever cumprido de aceitação da morte como um martírio: “Ataliba, com o facão, pregou o capiau na taipa da cafua, ele morreu mansinho, parecia um santo. Ficou lá, espetado”.<sup>411</sup> Também a fuga tem sentido religioso no aspecto de que, nesta guerra, Deus está do lado dos que estão buscando a justiça e procurando destruir o demônio Hermógenes: “Escorregando sem rumo, eu fui, vim, o Sesfrêdo comigo também, viemos. Com a graça de Deus, saímos fora da roda do perigo”.<sup>412</sup> Inferem-se os elementos cristãos nesse fragmento que ironicamente poderiam questionar a prática cristã ao misturar os elementos trágicos da batalha à vontade de Deus com alusões aos princípios de uma guerra santa.

---

<sup>407</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 199. De outro modo, Utéza afirma que a história de Jõe, além da relatividade do Bem e do Mal, coloca em questão o tema do sentimento de culpa do ser humano diante da obsessão por um código moral rígido criado e alimentado por ele mesmo até a morte. UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 140-143.

<sup>408</sup> *Ibidem*, p. 131.

<sup>409</sup> SANTOS e RIBEIRO argumentam, endossando o raciocínio de Araujo, afirmando que, “[...] no caso de Maria Mutema, a linguagem é concebida como um elemento transformador, já que é capaz de converter aquilo que se mostra como perverso, transgressor dos valores cristãos, o adultério e o assassinato, em algo positivo, a honradez feminina e a santidade”. SANTOS, Maricélia Nunes dos e RIBEIRO, Bruna Otani. *O mundo misturado no caso de Maria Mutema*. Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília. Volume 4 – Número 1 – Ano IV. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/2025/1728>>. Acesso em 5 de outubro de 2012.

<sup>410</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 69.

<sup>411</sup> *Ibidem*, p. 69.

<sup>412</sup> *Ibidem*, p. 69.

## 2. A vingança

A religiosidade, característica marcante do sertanejo que faz festa até com simples enterro implica que tudo é religioso e a vida na sua totalidade está ligada à religião: “O cortejo dos baianos dava presença com uma festa. No sertão, até enterro simples é festa”.<sup>413</sup> Essa ideia está presente na peregrinação pelo sertão de uma comunidade inteira do Jalapão à procura de melhores condições para se viver. E os jagunços, por alguns momentos, irão deixar de lado a guerra – o pacto de vingança – contra o bando de Hermógenes para participarem de uma experiência religiosa itinerante: “[...] população de um arraial baiano, inteira, que marchava de mudada – homens, mulheres, as crias, os velhos, o padre com seus petrechos e cruz e a imagem da igreja – tendo até bandinha-de-música, como vieram com todos, parecendo nação de maracatú! [...]. E, pelo prazer de tomar parte no conforto de religião, acompanhamos esses até à Vila da Pedra-de-Amolar”.<sup>414</sup> A vida nômade, o sair da terra, em busca de uma terra melhor, no caso, em busca dos diamantes, tem analogia com a tradição judaica, a começar por Abraão, Jacó, Moisés e até a Josué, que eram itinerantes em busca do leite e mel, na terra prometida<sup>415</sup>: “Iam para os diamantes, tão longe, eles mesmos dizendo: ‘...nos rios...’ Uns tocavam jumentos de almocreve, [...]. O padre, com chapéu-de-couro prà-trasado. Só era uma procissão sensata enchendo estrada, às poeiras, com o plequêio das alpercatas, as velhas tiravam ladainhas, gente cantável. Rezavam, indo da miséria para a riqueza”.<sup>416</sup> Os jagunços do bando de Riobaldo vão beber nessa fonte durante o tempo em que peregrinam juntos na jornada. O texto sugere também a ideia da travessia, da libertação e ressurreição. Sair da pobreza para a riqueza, das trevas para a luz, do mal para o bem e da mundanidade para a santidade. A memória do narrador destaca com satisfação o momento, em detalhes, desta experiência religiosa. A religião, enquanto vínculo e espaço de identidade do sertanejo e o padre, que simboliza a presença da autoridade institucional, representa a retidão da jornada. A procissão através do sertão, em nenhum momento será confundida com o cotidiano da doideira da guerra e nem com a falta de

---

<sup>413</sup> Ibidem, p. 58.

<sup>414</sup> Ibidem, p. 57-58.

<sup>415</sup> Bíblia, Gênesis e Êxodo.

<sup>416</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 57-58.

escrúpulo dos chefes. A narrativa propõe que o bando estivesse necessitando de novos ares, do sopro de um espírito ordenador a fim de que esses ventos os levasse para longe do caos instalado no sertão: “[...] pelo prazer de tomar parte no conforto de religião, acompanhamos [...]. Lá venta é da banda do poente, no tempo-das-águas; na seca, o vento vem deste rumo daqui”.<sup>417</sup> Infere-se da “matéria vertente”, a utilização recorrente dos contrastes com o propósito de valorizar a conversão, e a constatação de ter realizado a travessia em direção à salvação, que são temas cristãos intencionalmente colocados de forma ambígua a fim de romper com as interpretações maniqueístas.

Motivado por esse sentimento religioso da vingança, o texto narra as resoluções que o bando toma a fim de realizar a empreitada na captura dos bandos de Hermógenes e Ricardão: “Se pensou e falou em tudo por fazer e não fazer. Resultado foi este: que o principal era a gente mandar reforço, para Medeiro Vaz, [...]. Enquanto tanto, João Goanhá, Alípio Mota e Titão Passos, cada qual de lado seu, deviam de ir desmanchar os rastos na caatinga, e depois se esconderem, por uns tempos, em fazendas de donos amigos, até que a soldadesca se espairesse”.<sup>418</sup> Riobaldo, ao concluir a narrativa afirma que o projeto do bando tinha a aprovação moral e religiosa: “E era bom e era justo. Era certo. Deus em armas nos guardava”.<sup>419</sup> Infere-se a confiança no próprio projeto, considerando normal o tipo de vida guerreira que levavam, não se viam como foras da lei e entendiam que não havia contradição entre a vingança que tramavam, fazendo justiça com as próprias mãos, e a justiça divina. A imagem de Deus é a de um Deus justiceiro e de um instrumento poderoso de guerra, como uma arma contra os Judas. Nesse caso a religiosidade e a fé são instrumentalizadas também como crítica às religiões, por procurarem fechar a imagem de Deus em categorias e em visões preestabelecidas.

Dando sequência ao projeto de vingança, a narrativa afirma que Alaripe, Diadorim, Jesualdo e Riobaldo caminhavam às margens do rio São Francisco em direção ao bando de Medeiro Vaz e chamaram pelo barqueiro – barca de transportar lenha – para que pudessem passar e navegar em direção à foz do rio Urucuia a fim de prosseguirem no trajeto: “[...] Alaripe e eu, Diadorim e Jesualdo, andamos beira-rio, no vagorosamente. – ‘Você tem receio, Riobaldo?’ – Diadorim me perguntou. Eu?! [...] – ‘Vau do mundo é a coragem...’ –

---

<sup>417</sup> Ibidem, p. 58.

<sup>418</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 304.

<sup>419</sup> Ibidem, p. 304.

eu disse. E, com os rifles escorados, acenamos para uma grande barca – aquela, a cara-de-pau que tinha no bico da frente era uma cabeça de touro, boa-sorte nos dava”.<sup>420</sup> O texto sugere algumas imagens que misturam religiosidade e credices. A travessia do rio sugere coragem. É o que Riobaldo confirma com Diadorim: “[...]– ‘Você tem receio, Riobaldo?’– Diadorim me perguntou. Eu?! Com ele em qualquer parte eu embarcava, até na prancha de Pirapora! [...]”.<sup>421</sup> Riobaldo certamente lembra a experiência da primeira travessia – quando meninos Diadorim segurou a sua mão para que este se mantivesse equilibrado no balanço da canoa e ganhasse confiança na travessia. Travessia requer coragem, pois pode significar mudança de rumo na vida, conversão ou, como é o caso, nova estratégia para capturar os judas. A cabeça de touro na proa da grande barca, sugere o apego a forças sobrenaturais para alcançar sucesso no objetivo que tinham e significa o reconhecimento e a submissão a essa força por acreditar que tudo está marcado por certo destino. Por fim, o barqueiro apresenta a sua identidade religiosa cristã – por conta do tipo de saudação – o texto não oferece mais informações: “e nós entramos, depois que o patrão nos saudou, em nome de Nosso Senhor Cristo-Jesus, e disse: - ‘Eu cá sou amigo de todos, segundo a minha condição...’ E o Alaripe aceitou dele um gole de cachaça, aceitamos”.<sup>422</sup> Há a celebração do encontro e da amizade e da mistura de crenças.

De modo que o trajeto que os quatro companheiros empreendiam em direção ao bando de Medeiro Vaz traz a imagem da exuberância da natureza, como que dando as boas vindas aos itinerantes cansados da longa viagem: “o flaflo de vento agarrado nos buritis, franzido no gradeal de suas folhas altas; e, sassafrázal – como o da alfazema, um cheiro que refresca; e aguadas que molham sempre. Vento que vem de toda parte. Dando no meu corpo, aquele ar me falou em gritos de liberdade”.<sup>423</sup> E Riobaldo insere o tema da liberdade fazendo analogia à sensação que tem a partir daquela experiência cósmica. Também, por outro lado, paradoxalmente, apresenta o seu ceticismo em relação à existência da liberdade, por entender que todos estão presos ao destino: “mas liberdade – aposto – ainda é só alegria de um pobre caminhozinho, no dentro do ferro de grandes prisões. Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o bêco para a liberdade se

---

<sup>420</sup> Ibidem, p. 305.

<sup>421</sup> Ibidem, p. 305.

<sup>422</sup> Ibidem, p. 306.

<sup>423</sup> Ibidem, p. 306.

fazer”.<sup>424</sup> A liberdade, no seu entender, não passa de algo precário que cada um, ilusoriamente, constrói de forma fragmentada no itinerário da vida. Infere-se um olhar de um Riobaldo que nunca se sentiu livre continuando a viver com essa ambiguidade, seja no passado por estar preso à condição de jagunço ou no momento atual, sentindo-se preso à necessidade de salvação de sua alma, nas lembranças em busca de possível culpa.

E ainda, a chegada na fazenda Santa Catarina após longa viagem é marcada pela transcendência. O lugar, de acordo com a narrativa, já falava por si mesmo, por seu esplendor de natureza vibrante e, também, porque lá morava Otacília, a flor dos olhos de Riobaldo: “que’s borboletas! E era em maio, pousamos lá dois dias, flor de tudo, como sutil suave, no conhecimento meu com Otacília”.<sup>425</sup> O texto sugere uma peregrinação: o que os quatro companheiros estavam fazendo. A missão de se juntar ao bando de Medeiro Vaz ganha uma dimensão religiosa: “e que, com nosso cansaço, em seguir, sem eu nem saber, o roteiro de Deus nas serras dos Gerais, viemos subindo até chegar de repente na Fazenda Santa Catarina”.<sup>426</sup> Todo o sacrifício que estava sendo empreendido na longa viagem tinha um propósito, ou seja, vingar a morte de Joca Ramiro, portanto, um propósito de restauração do bem e de uma ordem que existia antes e foi mudada pelos Judas, por um lado. Por outro, a vingança representa a negatividade do sertão com sua natureza maligna e demoníaca. Muitas vezes o crente não vê com clareza e nem sabe o caminho que está percorrendo, mas tem confiança de que seu itinerário faz parte do plano de Deus. Isso é o que importa. O texto é ambíguo, mas parece sugerir essa imagem.

Outro momento de transcendência é o encontro de Riobaldo com o bando de Medeiro Vaz: novamente a natureza, como uma oração cósmica se manifesta no seu pensamento e o sentimento de celebração toma conta da alma de Riobaldo a ponto de se lembrar da Trindade, o fundamento do cristianismo: “Me alembro, meu é. Ver belo: o céu poente de sol, de tardinha, a roséia daquela cor. E lá é cimo alto: pintassilgo gosta daquelas friagens. Cantam que sim. Na Santa Catarina. Revejo. Flores pelo vento desfeitas. Quando rezo, penso nisso tudo. Em nome da Santíssima Trindade”.<sup>427</sup> A imagem que Riobaldo faz de Medeiro Vaz é a de um ser carismático e místico que lidera discípulos: “a um assim, a

---

<sup>424</sup> Ibidem, p. 307.

<sup>425</sup> Ibidem, p. 307.

<sup>426</sup> Ibidem, p. 307.

<sup>427</sup> Ibidem, p. 307.

gente podia pedir a benção, se prezar”.<sup>428</sup> A entonação do Aleluia: significa a alegria de juntos peregrinarem, sertão afora, em busca da restauração da justiça e possuídos pela coragem dos filhos de Deus. O luto representado no lenço preto de Diadorim era o estandarte que anunciava o significado da missão: “o só que Medeiro Vaz comandou foi isto: – ‘Alelúia!’. Diadorim tinha comprado um grande lenço preto: que era para ter luto manejável, funo guardado em sobre seu coração”.<sup>429</sup> De acordo com Rosenfield, a motivação da guerra de Medeiro Vaz está num obscuro sentimento messiânico que o leva a sacrificar as suas terras e o seu conforto pessoal a fim de adaptar-se a uma fé autêntica que se assemelha à figura medieval da *imitatio Christi*, ou seja, o resgate universal a partir do sofrimento crístico que levam os jagunços a participarem dessa fé e confiança na redenção.<sup>430</sup> A autora aponta no seu comentário os elementos cristãos que decorrem da figura de Medeiro Vaz no sentido de mostrar as analogias que o propósito do bando tem com o messianismo cristão medieval, entretanto, o comentário de Rosenfield se coloca a partir de uma perspectiva crítica de que as perdas diversas que caracterizam a campanha dos jagunços como sacrifício crístico, nada mais são de que a reprodução das sociopatologias do sertão e que o narrador ambigualmente ironiza esse falso propósito ao contrabandear as expressões cristãs para um contexto nada cristão.

Em consequência disso, Riobaldo, ao se sentir inconformado com a perseguição implacável que seu bando estava sofrendo dos soldados, enquanto que estes davam trégua ao bando de Hermógenes, questiona sobre as forças ocultas dessa situação: “– ‘E os Judas?’ – perguntei, com triste raciocínio: por que era que os soldados não deixavam a gente em paz, mas com aqueles não terçavam? – ‘Se diz que eles têm uma proteção preta...’ – João Goanhá me esclareceu: – ‘O Hermógenes fez o pauto. É o demônio rabudo que pune por ele...’[...]”.<sup>431</sup> Há uma mistura de magia e superstição que cerca os jagunços em torno da crença no demônio, também assumida momentaneamente por Riobaldo ao revelar o tema do medo e da morte que irão persegui-lo em todo o seu itinerário. A traição é a característica predominante que cerca a definição de demônio e de pacto: “Nisso todos acreditavam. Pela fraqueza do meu medo e pela força do meu ódio, acho que eu fui o primeiro que cri”.<sup>432</sup>

---

<sup>428</sup> Ibidem, p. 308.

<sup>429</sup> Ibidem, p. 308.

<sup>430</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 289.

<sup>431</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 66.

<sup>432</sup> Ibidem, p. 66.

Como, por exemplo, através do caso de Davidão e Faustino, Riobaldo trata religiosamente a vida como ligada a um destino, na tentativa de dar alguma explicação para a vida louca de jagunço. Ele não acredita que a banalização da vida pudesse chegar a tanto, por isso acha que, não só o Hermógenes vendeu a alma, mas todos venderam: “Tem horas em que penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma espécie de encanto. As pessoas, e as coisas, não são de verdade! E de que é que, a miúdo, a gente adverte incertas saudades? Será que, nós todos, as nossas almas já vendemos? Bobéia, minha. E como é que havia de ser possível? Hem?!”.<sup>433</sup> Davidão, por ter medo de morrer e por não gostar da vida de jagunço, compra a vida do Faustino porque se sente inexoravelmente preso ao jaguncismo, como a um destino. Apela para forças sobrenaturais – ritual de bruxaria para garantir a possibilidade, após deixar a vida de jagunço, de poder gozar da sua boa condição financeira: “[...], esse Davidão pegou a ter medo de morrer. [...]: o Davidão dava a ele [Faustino] dez contos de réis, mas, em lei de caborje – invisível no sobrenatural – chegasse primeiro o destino do Davidão morrer em combate, então era o Faustino quem morria, em vez dele. E o Faustino aceitou, recebeu, fechou. Parece que, com efeito, no poder de feitiço do contrato ele muito não acreditava”.<sup>434</sup> A morte, o tempo todo, ronda o jagunço. Não é sem razão, que, por meio de uma narrativa de um Riobaldo praticante de religião, infere-se a religiosidade desse tema. O caso do Davidão e do Faustino, referenciado no fragmento acima, é mais uma vez a forma utilizada pela narrativa para mostrar a mistura dos valores espirituais com os valores materiais, indicando esse universo confuso e ambíguo, característica marcante do romance, do qual o ser humano faz parte.

Essa mistura confusa faz com que o relato de Riobaldo sobre a decisão do bando em ir pela captura do bando de Hermógenes assumia um tom religioso, ao interpretar a sucessão desastrosa dos acontecimentos: “Saímos, sobre, fomos. Mas descemos no canudo das desgraças, ei, saiba o senhor. Desarma do tempo, hora de paga e perdas, e o mais, que a gente tinha de purgar, segundo se diz. Tudo o melhor fizemos, e tudo no fim desandava. Deus não devia de ajudar a quem vai por santas vinganças?! Devia”.<sup>435</sup> Se por um lado, a causa é justa e santa, como entender a presença de Deus no caos instaurado? É o dilema que Riobaldo tenta resolver com a suposta afirmação da existência do diabo: “Nós não estávamos forte em frente, com a coragem esporeada? Estávamos. Mas, então? Ah, então:

---

<sup>433</sup> Ibidem, p. 84.

<sup>434</sup> Ibidem, p. 84.

<sup>435</sup> Ibidem, p. 301.

mas tem o Outro – o figura, o morceirão, o tunes, o cramulhão, o dêbo, o carôcho, do pé-de-pato, o mal encarado, aquele – o-que-não-existe! Que não existe, que não, que não, é o que minha alma soletra”.<sup>436</sup> Paradoxalmente a negação da existência do demônio constitui-se na afirmação do mesmo diante da sorte de Hermógenes e do azar do bando comandado por Medeiro Vaz, levando Riobaldo a afirmar a crença em Nossa Senhora. Se o Hermógenes vendeu a sua alma, Riobaldo também se coloca como servo, doando a sua alma e se sacrificando a fim de obter a interseção e a proteção de Nossa Senhora da Abadia junto de Deus: “E da existência desse me defendo, em pedras pontudas ajoelhado, beijando a barra do manto de minha Nossa Senhora da Abadia! Ah, só Ela me vale; mas vale por um mar sem fim... Sertão. Se a Santa puser em mim os olhos, como é que ele pode me ver”?!<sup>437</sup> Amparado pelo demônio, o bando de Hermógenes espertamente safa-se do cerco feito e a narrativa de Riobaldo conclui que a luta, daquele momento em diante, seria travada entre Deus e o diabo: “Contra ele a gente ia. Contra o demo se podia? Quem a quem? Milagres tristes desses também se dão. Como eles conseguiram fugir das unhas da gente, se escaparam – o Ricardão e o Hermógenes – os Judas”.<sup>438</sup> Infere-se da narrativa de Riobaldo, o sertão como o lugar do mal, controlado pelo mal e habitado pelos jagunços, os protagonistas da guerra. Até mesmo a vingança santa está sob suspeita. Os judas já estão com o demônio que fala ao ouvido de Hermógenes e monta nas suas costas, enquanto Riobaldo vive uma situação condicional: “se a Santa puser...”. Contudo admite a luta do bem contra o mal e acredita na vitória de Deus que tem o poder como “um mar sem fim...”. A referência ao que envolve a imagem católica de Nossa Senhora da Abadia é o elemento cristão mais importante nesse fragmento por representar o polo oposto ao diabo. A ambiguidade do texto leva o leitor a imaginar que o sobrenatural tem a mesma função, ou seja, defender os Judas e defender os Medeiros Vazes, indicando uma confusão nos conceitos de bem e de mal. Afinal, os dois bandos precisavam de proteção para garantirem a própria sobrevivência. O mal a ser extirpado parece que depende apenas de um ponto de vista.

É o que ocorre no relato da guerra na Fazenda dos Tucanos, em que Riobaldo, ao buscar o bem da vida contra o mal da morte, destaca a agilidade e a habilidade de cada um dos jagunços em movimentar os objetos que pudessem servir de escudo a fim de

---

<sup>436</sup> Ibidem, p. 301.

<sup>437</sup> Ibidem, p. 301.

<sup>438</sup> Ibidem, p. 302.

entrincheirar o bando em posição vantajosa em relação aos Hermógenes. Também não se esquece de suplicar o perdão para salvar a alma, e a ajuda de Deus conforme o ritual cristão: “[...]: e fiz, com todo o respeito, o pelo-sinal. Sei que o cristão não se concerta pela má vida levável, mas sim porém sucinto pela boa morte – ao que a morte é o sobrevir de Deus, entornadamente”.<sup>439</sup> O relato de Riobaldo torna a morte um tema religioso fazendo perceber na morte do outro o medo da própria morte: “Datado que Deus, que me livrou, livrava também meu amigo [Diadorim] de todo comezinho perigo. [...] – “Vamos levar para a capela...” [...]. Assunto que era o Acrísio, morto no meio; torto. Devia ter se passado sem tribulação. Agora não caçavam uma vela, para em provisão dele se acender? – “Quem tem um rosário?”.<sup>440</sup> No meio do tiroteio buscava-se socorrer os feridos, enquanto Zé Bebelo atiçava os homens contra o inimigo, o Leocádio ao ser atingido no rosto ainda dava sinal de sua fé em Deus acenando positivamente que ainda podia continuar na luta: “– O que posso. Em nome de Deus e de meu São Sebastião guerreiro, o que posso”!<sup>441</sup> Enquanto paravam para o almoço, aproveitando a trégua do tiroteio, a aparição de uma borboleta estimula o tom religioso do silêncio da Guerra: “[...] – e era uma borboleta dessas de cor azul-esverdeada, afora as pintas, e de asas de andor. – ‘Ara, viva, maria boa-sorte!’ – o Jiribibe gritou. Alto ela entendesse. Ela era quase a paz”.<sup>442</sup> Os fragmentos contextualizados aqui apresentam diversos elementos do cristianismo e, como percebemos até agora, tais elementos se tornam mais evidentes nas situações de guerra e de proximidade com a morte. Ao relacionarmos essas cenas com o espírito da narrativa, podemos inferir também do narrador a necessidade em evidenciar uma experiência religiosa mais intensa na perspectiva da morte preocupando-se com a vida pós-morte.

Outro momento intenso de manifestação da espiritualidade do jagunço Riobaldo se deu quando, em golpe baixo, os hermógenes identificados com o diabo começaram a atirar nos cavalos que estavam presos no curral para que o bando de Zé Bebelo entrasse em pânico e se desestabilizasse no meio da guerra: “[...] cães aqueles, sem temor de Deus nem justiça de coração, se viravam para judiar e estragar, o rasgável da alma da gente – no vivo dos cavalos, a tôrto e direito, fazendo fogo! Ânias, ver aquilo”.<sup>443</sup> O jagunço intercede a fim de

---

<sup>439</sup> Ibidem, p. 326.

<sup>440</sup> Ibidem, p. 339.

<sup>441</sup> Ibidem, p. 329.

<sup>442</sup> Ibidem, p. 337.

<sup>443</sup> Ibidem, p. 339.

livrar os pobres animais da dor e do sofrimento: “A pois, então, me subi para fora do real; rezei! Sabe o senhor como rezei? Assim foi: que Deus era fortíssimo exato [...]”.<sup>444</sup> Araujo afirma que Riobaldo enfrenta a situação de prisão e morte em que estão no cerco da Fazenda, contrariando a situação do homem livre e vivo. A reza é a maneira que ele descobre para sair dessa situação de impotência e morte e também a maneira que ele acha de elevar-se para fora da situação real de prisão, de libertar-se, ou seja, com a fé e a esperança: “A fé e a esperança ajudam a razão e a vontade em momentos em que estas, sozinhas, de nada podem valer. Ajudam-nas a orientarem-se para Deus – que é liberdade de caminho aberto, que é verdade, que é vida”.<sup>445</sup> Mas como entender e julgar a vontade de Deus? A angústia do jagunço Riobaldo, contraditoriamente à sua profissão de fé, deriva de uma crise que implica em achar que com o demônio o contrato parece ser mais fácil pela sua proximidade, pois Deus parece que está distante: “Aquilo pedia que Deus mesmo viesse, carnal, em seus avessos, os olhos formados. Nós rogávamos as pragas. Ah, mas a fé nem vê a desordem ao redor. Acho que Deus não quer consertar nada a não ser pelo completo contrato: Deus é uma plantação”.<sup>446</sup> Em seguida, os próprios hermógenes atiraram nos cavalos a fim de aliviar, com a morte, o sofrimento dos pobres animais. “– ‘As graças de Deus!...’ – exclamou Zé Bebelo, [...]”.<sup>447</sup> A atitude dos hermógenes em sacrificar os cavalos foi vista pelo bando de Zé Bebelo como uma trégua no tiroteio, a fim de que não se escutasse mais o relincho de sofrimento dos animais. Riobaldo universaliza a ação humana ao afirmar que aquela situação negava a existência de Deus. Analogia bastante diferente, em outra parte do romance, se dá quando atesta a existência de Deus através das belezas naturais, em especial, a sua admiração pelo pássaro manóelzinho-da-crôa. O ser humano com sua ação no mundo parece confundi-lo ao provar a existência de Deus. A crise de fé do jagunço Riobaldo reflete a situação de guerra vivida nos Tucanos, por se colocar numa situação sem saída, entre a vida e a morte, aonde Deus parece não ter poder nenhum, sendo apenas um objeto manipulável: “Que Deus existe, sim, devagarinho, depressa. Ele existe – mas quase só por intermédio da ação das pessoas: de bons e maus. Coisas imensas no mundo. O grande-sertão é a forte arma. Deus é um gatilho?”.<sup>448</sup>

---

<sup>444</sup> Ibidem, p. 342.

<sup>445</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 220-221.

<sup>446</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 340.

<sup>447</sup> Ibidem, p. 342.

<sup>448</sup> Ibidem, p. 343.

Após a estratégica fuga dos jagunços da Fazenda dos Tucanos, Riobaldo sem poder esconder o seu sentimento por Diadorim, decide presenteá-lo com um “mimo”, ou seja, uma pedra de safira trazida de Arassuaí. Diadorim, embora manifeste gratidão e compreensão pela afetuosidade de Riobaldo, não aceita o presente no momento e diz que receberá a pedra após o cumprimento da vingança pela morte de Joca Ramiro. Riobaldo, então, propõe a Diadorim que eles abandonem a vida jagunça afirmando que Deus, além de não aprovar a vingança, sugere a vida e que Joca Ramiro precisa descansar o seu espírito pelas mortes todas já praticadas: “[...] – ‘Escuta, Diadorim: vamos embora da jagunçagem, que já é o depois-de-véspera, que os vivos também têm de viver por só si, e vingança não é promessa a Deus, nem sermão de sacramento. Não chegam os nossos que morremos, e os Judas que matamos, para documento do fim de Joca Ramiro?!’[...]”.<sup>449</sup> Infere-se um Riobaldo menos titubeante e mais convicto de sua decisão de afastamento do bando de jagunços em relação à empreitada caótica e em função de uma vingança estéril. No entanto, ao ouvir de Diadorim a manutenção do firme propósito de vingança, embora reaja com hostilidade, não concordando com os argumentos do amigo e nem se submetendo às suas ameaças, decide, contrariamente à sua crença, em deixar para depois a decisão de abandono da vida jagunça, e como se poderá verificar depois, tal fato só ocorrerá após a morte de Diadorim.

Quando o bando chega à Virgem-da-Lage, na fazenda de seô Habão, próximo ao povoado do Sucruíú, ao entrarem na casa encontra num recanto dentro de um quarto um oratório de madeira com algumas imagens e um pedaço de vela benta. A trajetória percorrida e a dura viagem levam os jagunços a manifestarem a religiosidade com o reconhecimento da intercessão de Nossa Senhora junto a Deus: “E nós, então, cada um depois dum, viemos ao quarto-do-oratório beijar a santa maior, que era no seu manto como uma boneca muito perfeita, que era a Minha Nossa Senhora Mãe-de-Todos”.<sup>450</sup> O bando segue viagem meio sem rumo e acompanhado pelo somítico seô Habão até as Veredas-Mortas. A estadia nesse lugar será de prejuízos e perda de tempo para os propósitos de caça ao bando de Hermógenes e, especialmente, para Riobaldo será como o deserto, ou seja, o lugar do vazio e da solidão, a fim de interiorizar a sua opção fundamental com o pacto assumindo a chefia do bando para, na destituição do poder de Zé Bebelo, dar sequência ao propósito da guerra. Os elementos religiosos desse fragmento estão colocados no âmbito cultural do sertanejo, com as devoções materializadas nas imagens dentro de oratórios

---

<sup>449</sup> Ibidem, p. 374.

<sup>450</sup> Ibidem, p. 398.

servindo como pequenos altares de cultos marcados por intercessões ligadas à vida e ao bem estar, âmbito este do qual o bando partilha.

Com a tropa reestruturada, de catrumanos, o cego Borromeu e o menino Guirigó simbolizando a desordem do sertão e a loucura da guerra, o bando segue sertão afora em busca de paz, justiça e vingança: “[...], enquanto vocês estiverem em glórias, por fora, guerreando para impor paz inteira neste sertão e para obrar vingança pela morte atraçoada de Joca Ramiro!...’ – eu [Riobaldo] determinei. – ‘Ij’ Maria, é ver, nós, de Cristo, jagunceando...’ – escutei dum”.<sup>451</sup> Inferem-se elementos de religiosidade que se comparam à missão de uma guerra santa e às promessas paradisíacas de um novo reino: “[...] – ‘Vamos sair pelo mundo, tomando dinheiro dos que têm, e objetos e as vantagens, de toda valia. E só vamos sossegar quando cada um já estiver farto, e já tiver recebido umas duas ou três mulheres, moças sacudidas, p’ra o renovame de sua cama ou rede!...’ [...]”.<sup>452</sup> Na transgressão moral, a proposta de Riobaldo ganha apoio dos catrumanos já acostumados com a ausência de interditos, embora conheçam elementos mínimos de ordenamentos religiosos e também ele recebe o apoio dos outros jagunços seus companheiros.

Atrás de hermógenes vinham os jagunços do bando de Riobaldo sedentos por vingança. Após a travessia do Liso do Sussuarão, empreitada realizada com sucesso mediante a nova estratégia adotada pelo bando, chegaram à fazenda de Hermógenes, e na guerra que fizeram logo liquidaram com os poucos jagunços que estavam de plantão. Como Hermógenes e seu bando não estavam, raptaram a sua mulher a fim de que esse insulto pudesse atrair a sua ira para enfim travarem a batalha final. A calma da mulher era o que intrigava os jagunços e cuja razão só mais tarde Riobaldo iria entender, contudo, ela tinha uma autoconfiança baseada no ódio que, naquela circunstância, poderia ser um motivo da sua esperança, tal ódio, porém, foi rechaçado pela religiosidade de Riobaldo: “Se o ódio, só, era que dava a ela certeza de si, o ódio então era bom, na razão desse sentido: que às vezes é feito uma esperança já completada. Deus que dele me livrasse!”.<sup>453</sup> Contudo, é o ódio que leva Riobaldo e o seu bando à captura e à execução de Ricardão em emboscagem feita numa cafua, exigindo a sua rendição que, em vez de julgamento, recebe uma bala mortal da mão direita de Riobaldo, com a religiosa justificativa do restabelecimento da ordem, como se

---

<sup>451</sup> Ibidem, p. 446.

<sup>452</sup> Ibidem, p. 446.

<sup>453</sup> Ibidem, p. 518.

fosse um mandado de Deus: “Acho que deveras que todo o mundo respirou com suspiro. Digo que esta minha mão direita, quase por si, era que tinha atirado. Segundo sei, ela devolveu Adão à lama”.<sup>454</sup> O mesmo ódio motiva também a empreita da guerra jagunça contra o hermógenes: “Assim apreciei a gente – às mansas e às bravas – a minha jagunçada. Agora eles estavam arrumando o mundo de outra maneira”.<sup>455</sup> E Riobaldo também sabe que o cumprimento da promessa de vingança de Diadorim está fundado nesse pacto de ódio: “Tive ódio dele? Muitos ódios. Só não sabia por quê. Acho que tirava um ódio por causa do outro, cosidamente, assim seguido de diante para trás o revendo todo”.<sup>456</sup> E que o abandono da sina jagunça depende desse episódio final para enfim depois desfrutar de uma vida agraciada por Deus ao lado de Otacília que se encontrava distante do caos da guerra: “Também eu queria que tudo tivesse logo um razoável fim, em tanto para eu então poder largar a jagunçagem. Minha Otacília, hora dessas, graças a Deus havia de parar longe dali, resguardada protegida”.<sup>457</sup> Já próximos da última batalha a ser travada com os judas – o desfecho do romance –, Riobaldo em conversa com Diadorim, apartada dos outros jagunços, sente que o pacto de ódio do amigo para vingar a morte de Joca Ramiro já não é mais o mesmo. Diadorim lhe confessa o arrependimento e a súplica do perdão de Deus pela má escolha feita: “[...] – ‘Por vingar a morte de Joca Ramiro, vou, e vou e faço, consoante devo. Só, e Deus que me passe por esta, que indo vou não com meu coração que bate agora presente, mas com o coração de tempo passado...[...]’ [...]”.<sup>458</sup>

A campanha de Urutu Branco deu cabo dos Judas cumprindo a sua missão de vingança, e o jagunço Riobaldo deu cabo de si mesmo ao deixar a jagunçagem entregando a sua vida, como narrador, ao pacato fazendeiro. Ambigualmente, Riobaldo pede que Deus o livre do pacto de ódio, contudo foi o pacto de ódio de Diadorim que o moveu até fim. Essa mistura de maldade e bondade e de amor e ódio é a condição humana revelada pelo romance, através dos elementos religiosos cristãos.

Em síntese, o item desenvolvido trouxe para a nossa reflexão, descrições sobre os elementos da religião cristã presentes no texto de Rosa. O fio condutor do texto foi a perseguição desses elementos religiosos, tanto os experimentados diretamente por Riobaldo,

---

<sup>454</sup> Ibidem, p. 558.

<sup>455</sup> Ibidem, p. 573.

<sup>456</sup> Ibidem, p. 573-574.

<sup>457</sup> Ibidem, p. 574.

<sup>458</sup> Ibidem, p. 533.

quanto os que estavam presentes de uma forma geral no conteúdo da narrativa, sem deixar de considerar a ambiguidade como elemento constante e como pressuposto da interpretação do romance. Portanto, perceber como o relato construiu uma história a partir de uma história vivida incluindo nessa os diversos elementos religiosos, sobretudo, os cristãos, foi o que o texto acima buscou elencar. Nesse texto, o diálogo feito com Rosenfield nos leva a concluir que a autora, embora tenha lidado com diversos elementos e costumes cristãos do romance, destituiu a possibilidade da religião cristã dos jagunços atribuindo esse caráter religioso ao estágio mítico, isto é, a um período pré-cristão. Contudo, a autora, pela sofisticação do seu texto, nos apresenta referenciais importantes para o propósito da tese. Quanto à interlocução feita com Araujo, contrariamente à leitura de Rosenfield, a autora assume uma postura cristã do protagonista e refere-se ao jagunço Riobaldo como personagem de fé que percorre um itinerário para Deus.<sup>459</sup> Explora bastante bem, e até com certo exagero quanto a algumas analogias, os elementos cristãos do romance, ligando-os a alguns temas fundamentais do cristianismo, tais como: o pecado, a graça, a salvação a conversão e a fé.

---

<sup>459</sup> Utéza admite que o narrador, com seu gesto, alia-se a algum tipo de religiosidade e que, o jagunço Riobaldo, assim como os outros jagunços e os homens do Hermógenes, mesmo que pratiquem gestos da religião cristã, estão longe de possuírem uma fé autêntica. A autenticidade destes consiste em se esfaquiarem encarniadamente até a morte. UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 243.

## PARTE II – ANÁLISE DOS ELEMENTOS CRISTÃOS NO CONTEXTO AMBÍGUO DA NARRATIVA RIOBALDIANA

A nossa proposta de tese ao se encaminhar com mais objetividade nessa segunda parte, não só focaliza com exclusividade os elementos do cristianismo inferidos do Grande Sertão, utilizando fragmentos que fazem ligação direta com o cristianismo, como também, os referencia ao senso comum dessa religiosidade.<sup>460</sup> Assumiremos o pressuposto da ambiguidade no texto de Rosa, pois, ao ser adotado com unanimidade pelos críticos,<sup>461</sup> não anula a coerência e a argumentação desses elementos cristãos. Será possível perceber o cristianismo presente no romance através de conceitos de Deus, tais como: redentor, salvador, onisciente, onipresente, onipotente, unicidade divina, bondade divina, Deus-criador; perceber a prática religiosa cristã individual e comunitária direcionada à salvação através dos sacramentos, das orações, da devoção mariana, ao Bom Jesus, aos mártires e aos santos, dos milagres, da fé na Santíssima Trindade, do sincretismo de Quelemém e dos ritos fúnebres; e a consciência do mal figurado no demônio que coloca diante do crente o livre arbítrio como processo de construção do caminho da salvação. Portanto, através da história do amor de Riobaldo por Diadorim, afirma Bolle, Rosa resgata os pressupostos históricos,

---

<sup>460</sup> Conforme já explicitamos na introdução, os referenciais cristãos utilizados nessa segunda parte da tese facilitam o nosso trabalho de análise dos principais elementos dessa religiosidade, por se colocarem como parâmetros a fim de que o leitor possa verificar a razoabilidade dos nossos argumentos. As citações de textos bíblicos e de exegetas cristãos nos permitirão analisar possíveis analogias entre elementos religiosos inferidos do romance e a literatura bíblica. Os temas gerais do cristianismo, que aparecem no romance, tais como: salvação, redenção, boa nova e graça, serão referenciados às teologias cristãs, particularmente, utilizaremos teólogos cristãos, como: Schillebeeckx e o catecismo católico. O catecismo católico se adequa melhor ao nosso texto, por trabalhar com alguns temas que são comuns às diversas teologias cristãs, e também, se adapta melhor, enquanto teologia, à influência do catolicismo popular no texto de Rosa. Como Araujo, na sua leitura do romance, utiliza a ideia de travessia (salvação), ligado à história e ao itinerário do narrador, encontramos na teologia de Schillebeeckx, que trabalha com o tema da salvação vinculado à história: “fora do mundo dos homens não há salvação” SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 30, a melhor referência para analisarmos a soteriologia cristã e o desenvolvimento desta até os nossos dias, em função da riqueza de elementos religiosos dessa natureza presentes no texto de Rosa.

<sup>461</sup> Utilizaremos fundamentalmente a noção de ambiguidade trabalhada por Walnice Nogueira Galvão no texto *As Formas do Falso: um estudo sobre a ambiguidade em Grande Sertão: Veredas*. Sperber afirma que a preocupação com a ambiguidade, desde o início, já fazia parte das investigações da crítica literária e que o fragmento “É, e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é...”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 11, segundo a autora, o “É e não é” roseano relaciona-se a “ambiguidade essencial da função poética, que reifica a mensagem, desdobrando o emissor, o receptor e o referente [...]”. SPERBER, Suzi Frankl. *Caos e Cosmos: leituras de Guimarães Rosa*, p. 109.

políticos e poéticos da paixão cristã. O sofrimento do velho Riobaldo é superado pelo ritual de luto, pela história, pelo ato de narrar e reviver essa paixão.<sup>462</sup>

---

<sup>462</sup> BOLLE, Willi. *Grandesertão.Br*, p. 228.

## CAPÍTULO 5: A FÉ CRISTÃ DO NARRADOR

Será perceptível no capítulo que segue a preocupação do protagonista em buscar um conceito de Deus, procurando construir uma identidade divina capaz de abarcar os seus sentimentos e a sua necessidade de entender a própria existência. Por isso, ao refazer o itinerário passado diante de seu ouvinte misterioso, reconstrói conceitos e imagina o futuro a partir da cadeira de balanço – de “range rede” – na condição de barranqueiro. Entretanto, tal conceito já se encontra na forma da sua narrativa embalada por uma experiência religiosa sincrética oriunda de sua formação, dando às diversas tradições religiosas – entre elas, a cristã – o voto de confiança necessário a fim de potencializar a vida e obter a salvação. A abundância da crítica literária a respeito do papel do narrador nos fez selecionar aquelas análises que mais estão implicadas com a religião cristã do Grande Sertão, tal como, Araujo, Albergaria, Rosenfield e Utéza, que colocam na pauta da leitura do perfil do narrador o conteúdo da redenção cristã e sua relação com a “matéria vertente”, ou seja, o sentido do passado narrado e do presente vivido com a busca por salvação. Como afirma Utéza, o narrador está a procura de sentido e de paz, por isso projeta-se numa volta às fontes religiosas para compreender o sentimento de culpa herdado de sua formação judaico-cristã e, também por essa razão, crê que o itinerário sagrado de Riobaldo no sertão brasileiro possui analogias no Novo Testamento, em relatos primordiais, como o Evangelho de São João, inferindo que o papel do narrador é o de celebrar a liturgia que traz como pano de fundo a Paixão do jagunço Riobaldo.<sup>463</sup>

### *1. Deus é alegria e coragem...*

---

<sup>463</sup> UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 408.

Através do relato do narrador ao interlocutor misterioso, o leitor perceberá que o protagonista realiza uma viagem por um universo religioso reconstruindo para si uma imagem de Deus, pois ao ingressar a sua narrativa na criação de uma identidade divina, proporciona um encontro com a própria identidade. Por isso, proclama a fé em Deus porque o amor e a misericórdia divina capaz de perdoar os pecados compreendem a precariedade do viver humano. Professa a fé na sabedoria divina como forma de se buscar a salvação. Assume a soberania de Deus sobre o livre arbítrio delegando ao ser humano a responsabilidade pelas consequências das suas escolhas. Declara a provisoriedade do mal figurado no demônio e a eternidade de Deus presente na bondade. Confia na onisciência, onipotência e onipresença divina, entregando nas mãos de Deus o destino do homem e do mundo revelados nas sagradas escrituras e na tradição apostólica. Reconhece o sacrifício salvífico de Cristo na cruz e sabe da existência do diabo e de suas artimanhas. Para o Riobaldo protagonista narrador, Deus é... sobretudo, alegria de coragem.

Riobaldo velho reconhece a natureza de Deus trino<sup>464</sup> ao afirmar a bondade divina. Esse reconhecimento é a conclusão de uma confissão que o narrador faz ao narratário silencioso por crer que a misericórdia de Deus compreenderá os seus pecados do tempo passado. No momento presente, com um olhar religioso e mais abrangente, entende melhor a sua vida do tempo da jagunçagem, do tempo em que vivia na ignorância e desconhecia o significado da bondade divina, por isso não sente remorso. Compreende que a liberdade recebida de Deus a fim de realizar o seu itinerário, de cumprir a travessia em momentos de deserto e escuridão sentindo-se dominado pelo demônio e até acreditando na sua existência, era a oportunidade que estava recebendo de Deus, com o propósito de se tornar uma pessoa melhor para hoje poder contar sobre erros e acertos do passado que o tornaram um instrumento mais afinado nas mãos de Deus.<sup>465</sup> É no mundo com suas tempestades que se

---

<sup>464</sup> Essa expressão faz parte do senso comum cristão e se fundamenta em: A Profissão de Fé Cristã que se encontra na segunda seção da primeira parte do *COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica*.

<sup>465</sup> “Do jeito é que retorço meus dias: repensando. Assentado nesta boa cadeira grandalhona de espreguiçar, que é das de Carinhonha. Tenho saquinho de relíquias. Sou um homem ignorante. Gosto de ser. Não é só no escuro que a gente percebe a luzinha dividida? Eu quero ver essas águas, a lume de lua... [...] serve, para o que digo: eu queria ter remorso; por isso, não tenho. Mas o demônio não existe real. Deus é que deixa se afinar à vontade o instrumento, até que chegue a hora de se dansar. Travessia, Deus no meio. Quando foi que eu tive minha culpa? [...] é preciso de Deus existir a gente, mais; e do diabo divertir a gente com sua dele nenhuma existência. O que há é uma certa coisa – uma só, diversa para cada um – que Deus está esperando que esse faça. [...] Digo ao senhor: tudo é pacto. Todo caminho da gente é resvaloso. Mas, também, cair não prejudica demais – a gente levanta, a gente sobe, a gente volta! Deus resvala? Mire e veja. Tenho medo? Não”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 309-313.

aprende a viver a vontade de Deus.<sup>466</sup> Seria mais fácil viver isolado, afastado do mundo – uma fantasia – como se fosse uma “cidade de religião”, mas ela não existe. Ao confessar a sua história, o protagonista professa a eternidade da natureza divina oposta à precariedade e efemeridade do sertão e da maldade humana, simbolicamente análoga ao dinamismo e à volatilidade demoníaca. Não acredita que vendeu a sua alma ao diabo no pacto, pois na sua alma está toda a sua história passada e estão todas as pessoas dessa história. Vender a alma significaria também ter vendido essa história. Não parece ser essa a crença do velho Riobaldo. Por isso acredita na grandeza e no amor de Deus capaz de compreender o ser na sua totalidade, percebendo que as precariedades do viver humano são apenas fragmentos no entendimento da misericórdia divina. Confia que Deus o conhece e sabe que os seus pecados participam dos pecados de todo ser humano e, mais importante do que viver do lamento dos erros do passado, é acreditar que os maus de hoje poderão, com a graça de Deus, ser os bons de amanhã. Ter um espírito elevado necessita de sabedoria. Sabedoria que ajuda a viver melhor, a perceber que o pecado não é o fim da alma, que o demônio não existe e “que Deus é alegria e coragem”.<sup>467</sup>

A partir dessa esperança do narrador, ao mesmo tempo em que se pode inferir uma profissão de fé dele, também se pode constatar a ambiguidade da narrativa através de algumas ideias que insinuam dúvidas e até mesmo descrença. O narrador parece não se comprometer completamente com essa fé. Em primeiro lugar, questiona sobre a culpa, sobre a existência desta, ou não, e em que momento ela existiu, se existiu. Faz algumas analogias que levam o interlocutor a concluir sobre a inevitabilidade e a naturalidade das práticas do jagunço Riobaldo, de tal modo que ao ter sido o que foi significou ter cumprido uma sina ou um destino sem culpa. Questiona a crença de que de fato Deus está em tudo, ao julgar a contradição dessa crença afirma que as pessoas estão mais preocupadas consigo mesmas, com o comum do viver, cuidando dos afazeres e dos negócios, por isso não podem pensar o tempo todo em Deus. Portanto, como sustentar essa crença e como se preocupar

---

<sup>466</sup> A ideia de salvação vinculada à história liga-se ao pensamento do teólogo cristão Schillebeeckx que relaciona o conceito de mundo ao de história, como lugar da comunicação, da revelação da identidade divina e a expressão salvação, com a finalidade da proposta de Deus; conceitos que perpassam como fio condutor toda a sua obra. O teólogo, sintonizado com os desafios do mundo atual assume a expressão que traduz o seu pensamento sobre a história da salvação afirmando que “Fora do mundo dos homens não há salvação”. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 30. Isto é, a proposta salvífica de Deus não se isola no universo espiritual destituída de significado histórico, ao contrário, encontra nas realidades de opressão e de libertação, sentido humano conectado ao sentido divino. Infere-se desse pensamento, em parte, um mundo e uma história humana como necessidade para a integral proposta salvífica de Deus.

<sup>467</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 309-313.

com a salvação e com o juízo final? É a dúvida do narrador. Por último, se Riobaldo velho confia em Deus e confia que Deus é a referência da coragem, pois Deus não resvala, por que não assume com convicção a misericórdia divina? É a ambiguidade que a palavra *acho*<sup>468</sup> produz na narrativa. Inferem-se, portanto, elementos cristãos significativos, tais como a redenção e a graça. Riobaldo narrador, embora questione a sua culpa do tempo da vida jagunça, reconhece no ser humano a maldade e a bondade, conseqüentemente a condição pecadora da natureza humana, por isso, ao criar uma história a partir de uma história vivida e ao insistir no tema da culpa, afirma ao seu interlocutor a necessidade de ter a justificação de seus pecados, assim como a fé de um cristão na redenção de Cristo. Assume a sua história como o lugar de construção dessa travessia e dessa salvação, semelhante ao entendimento que temos da crença cristã, de que Deus, historicamente encarnado em Jesus redimiu a humanidade do pecado original possibilitando a vida na graça. Adota a liberdade dada por Deus para errar e acertar, sempre junto com Deus, a fim de cumprir a história salvífica.<sup>469</sup> Sabe que uma vida santificada – e tem consciência disso na sua velhice por ter aprendido com Otacília, sua esposa – precisa dos dons do Espírito, em especial o dom da sabedoria para cuidar bem da alma, desconhecendo a existência do demônio, e perceber o quanto Deus está próximo com sua alegria e coragem. Contudo, não nega na sua narrativa ambígua o caráter paradoxal do ser humano que afirma e nega, crê e descrê. Se por um lado reconhece culpa e pecado na humanidade e a necessidade da redenção cristã, por outro, não assume explicitamente a própria culpa deixando para o silencioso interlocutor fazer o julgamento dos seus atos do tempo passado. E ao interrogar sobre a própria culpa questionando o pecado, se esquivava do propósito salvífico de Deus e também da necessidade da graça divina. Riobaldo também é cético em relação à presença de Deus em tudo. Acha uma contradição da crença humana, pois não há como Deus estar onde as pessoas não querem que Ele esteja, ou seja, as pessoas usam o próprio tempo com coisas gerais e se esquecem da própria salvação e do juízo final, portanto, da relação direta com Deus. Por fim, a palavra *acho* faz com que o narrador duvide da natureza divina através dos dons do Espírito Santo, abrindo a narrativa a outras interpretações e um caráter ambíguo que revela a ambiguidade do narrador. Tanto a crença quanto a descrença nos valores cristãos inferidos de Riobaldo narrador atestam a

<sup>468</sup> “Mas eu hoje em dia *acho* que Deus é alegria e coragem – que Ele é bondade adiante, quero dizer”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 313. Grifo nosso.

<sup>469</sup> Schillebeeckx sugere que o papel da religião no âmbito coletivo, ao proferir a sua insubstituível palavra, torna-se religião “referida ao mundo” com uma fé sustentada no Deus libertador e dirigida a um contexto social e histórico de seres humanos e de sua humanidade. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 20. Temos a partir do pensamento de Schillebeeckx uma ideia, no âmbito da subjetividade, da travessia, como o lugar histórico de onde emana a fé.

presença dos elementos cristãos no romance. No caso dos fragmentos analisados, destaca-se a profissão de fé num Deus trino com desdobramentos para se concluir sobre a natureza de Deus criador, manifestada na proximidade, na alegria e na misericórdia lembrada por Riobaldo; no papel do Deus redentor ao se colocar como vítima a ser sacrificada para salvar a todos e redimir todos os pecados da humanidade por amor, lembrando-se dessa conspiração em favor do bem que está em Deus; e o dom da sabedoria que mantém a alma elevada dada pelo Espírito Santo santificador. Também na negação dos elementos cristãos inferidos a partir da possibilidade da ambiguidade na narrativa, se pode afirmar que Riobaldo representa a identidade do humano enquanto ser de paradoxo e que o cristão também participa dessa condição, de modo particular, nas crises de fé. A negação, portanto, também é uma forma de reconhecer os elementos cristãos de *Grande sertão: Veredas*.

Embora assuma a convivência com esse conflito de fé, Riobaldo sabe que a sua velhice permite-lhe olhar e avaliar o passado com mais clareza e sabe que a verdade das coisas aconteceu durante a travessia<sup>470</sup>, ou seja, o acontecido que lhe dá conteúdo para as suas interpretações não está nem no início da vida jagunça, quando ainda não sabia o que estaria por vir, e nem no momento atual quando tudo o que lhe resta é buscar o sentido das coisas vividas. Reconhece hoje a sua condição de pecador e sabe que as infinitas vezes que obteve a absolvição de seus pecados no sacramento da confissão<sup>471</sup> pode lhe dar conforto e coragem, além da vida espiritual que tem procurado cultivar como forma de encontrar achego nas noites de pesadelos e de insônia. Rosenfield afirma que Riobaldo se escandaliza com a visão cristã de Céu, como a realidade da condição da união harmoniosa e definitiva das almas fundado na anulação do mal e de seu esquecimento. Para a autora, o esquecimento significa a anulação do campo da travessia, como procura demonstrar com a seguinte citação: “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. Mais à frente, a autora afirma que Riobaldo rejeita as noções-chave da salvação cristã – a do remorso como condição e fundamento da penitência que traz a redenção, a partir do seguinte fragmento: “Não tiro sombras dos buracos. Mas, também, não há jeito de me baixar em remorso”.<sup>472</sup> Embora haja coerência entre o desenvolvimento do raciocínio da autora e os fragmentos selecionados por ela no romance, contudo, existem

<sup>470</sup> “Fui o chefe Urutú-Branco – depois de ser Tatarana e de ter sido o jagunço Riobaldo. Essas coisas larguei, largaram de mim, na remotidão. Hoje eu quero é a fé, mais a bondade”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 544.

<sup>471</sup> “Minha vida não deixa benfeitorias. Mas me confessei com sete padres, acertei sete absolvições. No meio da noite eu acordo e pejejo para rezar”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 64. Grifo nosso.

<sup>472</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 368-369.

outros fragmentos, como o citado em nota anterior que demonstra não haver contradição entre o reconhecimento da culpa em função de uma esperança escatológica e o sentido assumido na história vivida durante a travessia. A outra citação da autora procura demonstrar a ausência do remorso no protagonista e, portanto, a desnecessária ação salvífica divina, mas se observarmos três linhas à frente nesse parágrafo inferiremos que Riobaldo fala do bom remorso derivado das benfeitorias que a sua vida jagunça não deixou e sente o desejo de salvação ao indicar a necessidade de se redimir, de se penitenciar e de rezar. Os argumentos apresentados por Rosenfield, portanto, atestam em parte o ceticismo do protagonista em relação ao catecismo da Boa Nova cristã do Compadre Quelemém, mas em relação aos posicionamentos do narrador, tais argumentos procedem menos ainda.

Tendo em vista esta questão, percebe-se uma coerência de Riobaldo ao assumir o seu passado como um todo não se esquivando com justificativas em fragmentos de bondade ou de maldade praticados no tempo da jagunçagem, apesar de julgar negativamente as práticas da vida jagunça, ao afirmar que a sua vida do tempo passado não deixa “benfeitorias”, não sente remorso porque não tem medo do julgamento de Deus e por isso se coloca confiante e confesso diante de seu interlocutor. No entanto, o texto ambíguo apresenta um paradoxo nessa fé assumida por Riobaldo ao sugerir que a religião que abriga as práticas cristãs instrumentaliza o arrependimento dando ao leitor a possibilidade da ironia do velho Riobaldo em relação à prática institucional da religião na expressão “acertei sete absolvições”. Ao assumir o sentido dessa interpretação, infere-se um narrador que professa a fé em Deus, mas desconectada da religião cristã.<sup>473</sup> O arrependimento de Riobaldo é apresentado de forma evidente no texto e pode ser inferido de diversas partes do texto. O mesmo acontece com a opção pela fé em Deus assumindo-se como homem convertido, mudado, não sentindo orgulho pelos feitos do passado, em especial aos que se referem à prática jagunça, levando-o a afirmar de forma cristã a sua fé no sacramento da penitência e a contrição com a absolvição dos pecados somados à necessidade de buscar conforto nas práticas das rezas suplicantes. Contudo, o texto tira-lhe a plenitude dessa prática religiosa ao possibilitar a ambiguidade do sentido do sacramento da penitência misturado à crítica do narrador à forma institucional da prática desse sacramento. Riobaldo ao ironizar sobre a relação de causa e efeito, isto é, como se a absolvição estivesse no campo do acerto institucional, parece expulsar a fé em Deus dessa relação criticando a manipulação de tal prática cristã. Pode-se interpretar ainda, que a ironia do narrador modifique a noção

---

<sup>473</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 64.

teológica desse sacramento, dando a entender, que haja no ato da confissão, a magia do perdão, mostrando com isso, que o mistério não pode ser alheio ao sacramento, pois o motivo da subversão promovida pelo catolicismo popular de Riobaldo seria o de devolver a magia inerente desse sacramento, que a formulação teológica, por meio de uma apresentação racional procurou esconder. Apresentadas as interpretações, tanto a que sugere à prática do sacramento da penitência pelo narrador, quanto a que critica tal prática cristã, e a que modifica o sentido dessa prática, infere-se a consideração e a referência a esse sacramento como um elemento de cristianismo presente no romance de Rosa.

O mesmo se pode verificar em outra situação em que o narrador professa a sua fé na sabedoria divina como forma de se buscar a salvação. Ao falar da paciência, do jeito e da pedagogia divina de revelar misteriosamente o seu projeto salvífico<sup>474</sup>, Riobaldo anuncia para o seu interlocutor a sua opção por Deus. As diversas analogias estrategicamente utilizadas pela narrativa rosiana, conduzem o leitor a inferir um narrador convicto de sua fé especialmente pela forma misteriosa na qual a sabedoria divina é apresentada. O cristianismo trata o tema da sabedoria divina a partir de uma longa tradição bíblica que se inicia no Antigo Testamento, de modo especial nos livros sapienciais, indo até o Novo Testamento, nas cartas paulinas, com o mesmo enfoque do mistério e da pedagogia própria de Deus<sup>475</sup> no desígnio salvífico que difere da sabedoria humana como corrobora o relato do narrador de *Grande Sertão: Veredas*.<sup>476</sup> Se por um lado é possível inferir da narrativa a sabedoria divina imbuída de compaixão assumindo como objetivo o resgate do humano, por outro, o narrador utiliza uma linguagem nas analogias feitas para definir essa sabedoria como se também tivesse a intenção em apresentar uma natureza divina menos compassiva a fim de se comunicar melhor com a dureza do sertão ao atribuir de forma positiva à prática divina ações, tais como: “Deus [...] não arrocha o regulamento”, “Deus espalha [...] pimenta”, “Deus [...] que venha armado”, “Deus é traiçoeiro”, “Deus ataca bonito”.<sup>477</sup> Entende-se, portanto, a ambiguidade do narrador em assumir a crença na sabedoria divina,

---

<sup>474</sup> “[...] o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro! Ah, uma beleza de traiçoeiro – dá gosto! A força dele, quando quer – moço! – me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 23.

<sup>475</sup> A natureza sábia de Deus é apresentada no Antigo Testamento, enquanto que no Novo Testamento, a sabedoria divina é dada a fim de um efetivo anúncio da Boa Nova: Salmo 111:10; Mateus 10:16; 1Coríntios 1:24.

<sup>476</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 17 e 23.

<sup>477</sup> *Ibidem*, p. 17, 19 e 23.

mas ao mesmo tempo, se faz entender que não a assume da mesma forma adotada pela tradição cristã, o que nos leva mais uma vez a percebermos a desconexão entre aquilo que se conclui de religião cristã no texto narrado e a crença do narrador ao rejeitar a forma utilizada pelo cristianismo em apresentar as suas verdades de fé. Embora o tema da sabedoria divina esteja presente de forma paradoxal no romance, não se pode negar que a sua presença constitui mais um elemento cristão inferido do relato do narrador.

Esse paradoxo também ocorre na ida para as Veredas Mortas, lugar da cena do pacto com o diabo, a narrativa declara a consciência de Riobaldo a respeito do livre arbítrio.<sup>478</sup> Assume que a sua decisão era contrária à vontade de Deus, contudo toma a liberdade de agir de acordo com a própria vontade. Afirma também sobre o perigo da decisão que estava tomando e por querer que Diadorim ficasse longe dessa cena sobrenatural decidiu que a ida para as Veredas Mortas fosse feita em segredo e que essa atitude boa, por amor, poderia ser considerada ao seu favor no juízo de Deus.<sup>479</sup> Também o tema do livre arbítrio, na visão de Araujo, se liga à condição do narrador, ou seja, mesmo ao afirmar o seu ser titubeante ou dizer que não sabe “contar direito”, o fato é que o velho barranqueiro já conhece o final da sua história jagunça. Como acredita que o homem tem o destino de ser livre, resta-lhe construir significados futuros a partir do relato de sua vida passada. Nesse sentido, a autora relaciona a vocação do narrador à vocação do cristão frente ao livre arbítrio, ao afirmar que a natureza humana antes da Queda era o livre arbítrio em sua plenitude. A Queda significou a perda da perfeita natureza humana original repleta de liberdade. Recuperar o livre arbítrio que está escondido pela mancha do pecado é o destino humano. O sentido humano seria, então, ao tentar eliminar o que obstrui, buscar o livre arbítrio reerguendo a natureza caída por meio de Cristo, o redentor. A morte de Cristo na cruz constitui, assim, o caminho de volta ao livre arbítrio. O papel de Riobaldo no seu relato contado é o da imitação de Cristo. O velho Riobaldo parece adotar esse papel ao assumir uma vida singular, individual como a de Cristo.<sup>480</sup> De igual maneira, Albergaria afirma que se antes da Queda o homem não conhecia os sistemas dualistas do bem e do mal, portanto não havia necessidade de reparação, então Riobaldo não poderia ter se conservado nesse

---

<sup>478</sup> “Adjaz o campo, então eu subi de lá, noitinha – hora em que capivara acorda, sai de seu escondido e vem pastar. Deus é muito contrariado. *Deus deixou que eu fosse, em pé, por meu querer, como fui*”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 418. Grifos nossos.

<sup>479</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 418.

<sup>480</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 185-186.

estado de inocência edênica,<sup>481</sup> sem possibilidade de falar em “salvação-da-alma”, pois, a forte necessidade de rezar, como sugere a narrativa, significa a posse do conhecimento da diferença entre o bem e o mal; a oração é a sua forma cristã de se afastar da loucura e do pecado no sentimento de culpa.<sup>482</sup> Riobaldo, conclui a autora, segue a vontade que permite a livre escolha, que permite a vontade do mal poder contrariar a vontade do bem, ou seja, Deus. Aceitar o livre-arbítrio escolhendo o grau de vontade para se atingir o bem desejável desenvolve em Riobaldo a ideia da travessia, portanto, de atingir a união com Deus.<sup>483</sup> Como vemos a interpretação cristã desse tema feita por Araujo e Albergaria segue a coerência dos argumentos já afirmados anteriormente sobre um estado de espírito religioso do narrador, voltado às preocupações escatológicas inerentes ao universo cristão. Por isso, o tema do livre arbítrio é amplamente difundido na tradição cristã e também está presente em relatos bíblicos do Antigo ao Novo Testamento<sup>484</sup>. Quando Riobaldo afirma que Deus permitiu a sua ida ao possível encontro com o diabo, está também afirmando a sua fé em Deus e assumindo a soberania de Deus sobre o livre-arbítrio com o conteúdo da tradição cristã que crê em Deus como a causa do livre-arbítrio, delegando ao ser humano a responsabilidade pelas consequências das suas escolhas. Há que se considerar também a reflexão sobre o estado de liberdade originário antes da Queda<sup>485</sup> em relação ao resgate do humano pela ação salvadora de Deus em Jesus, devolvendo ao homem pela graça a condição de liberdade perdida com o pecado original. Infere-se, portanto, a declaração de fé do velho Riobaldo em Deus como referência de liberdade e de responsabilidade, por isso reconhece a

---

<sup>481</sup> Albergaria, ao referir-se à condição de livre arbítrio do protagonista e a fim de desfazer a contradição detectada sobre o tema da Queda, percorre um caminho contrário ao pensamento de Rosa manifestado através de uma entrevista dada a Günter Lorenz: “O sertanejo perdeu a inocência no dia da criação, e não conhece ainda a força que produz o pecado original”. ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da Linguagem no Grande Sertão: Leitura dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa*, p. 30. Mais à frente, procura entender a lógica rosiana a respeito do tema ao afirmar: “[...], afastado o conhecimento da “queda” (“o sertanejo perdeu a sua inocência no dia da criação”), o mundo do sertão, tal como aparece em *Grande Sertão: Veredas*, não é um mundo recuperado, redimido; é antes um mundo a ser criado a partir de uma sacralização do espaço. Justamente esta “sacralização do espaço” vai permitir – numa equivalência ao pecado original da Tradição judaico-cristã – a possibilidade da diferenciação. E segue com a afirmação de Rosa na entrevista dada a Günter Lorenz: “Pois o diabo pode ser vencido simplesmente, porque existe o homem, a travessia para a salvação, que equivale ao infinito”. ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da Linguagem no Grande Sertão: Leitura dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa*, p. 32. Mais à frente, na p. 46, a autora retoma o debate provocado pela frase de Rosa sobre o pecado original.

<sup>482</sup> ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da Linguagem no Grande Sertão: Leitura dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa*, p. 30.

<sup>483</sup> *Ibidem*, p. 32.

<sup>484</sup> No Antigo Testamento, o livre arbítrio tem um caráter moral, enquanto que, no Novo Testamento está no âmbito da opção ou não por Cristo. Bíblia, Gênesis 24:41; Colossenses 3:11.

<sup>485</sup> Esse termo sintetiza a reflexão teológica sobre a origem do pecado e sua natureza que se fundamenta no primeiro capítulo, da segunda seção, da primeira parte do *COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica*.

intercessão de Nossa Senhora e teme pela atitude livre que estaria para realizar por ser contra o desejo de Deus. Por outro lado, a expressão “Deus deixou que eu fosse”,<sup>486</sup> representa a ambiguidade da narrativa. O leitor pode entender que a decisão de Riobaldo pudesse ter a aprovação de Deus e que sendo Deus o senhor de tudo – do bem e do mal – naquele momento estivesse permitindo o mal em função de um bem que viria depois contrariando assim a crença no livre-arbítrio ao afirmar um destino já dado por Deus a Riobaldo. Também precisa se considerar que tal interpretação se liga à doutrina do monoteísmo cristão que atribui a um único Deus a onipotência e que o mal figurado no demônio (Lúcifer) deriva dessa bondade onipotente. Entretanto, Rosenfield, mais uma vez destaca o pessimismo de Riobaldo em relação à opção do homem pelo bem ou pelo mal sugerida pela Boa Nova de Cristo ao afirmar que se Jesus ergue-se como Salvador contra a desordem, opondo à injustiça e à miséria do mundo a proposta de um mundo melhor; a maldade, o incesto e o crime criam a expectativa da incapacidade absoluta, da impotência e da ausência de esperança. Essa desordem choca com a existência de um princípio de ordem e com um Deus preocupado com o destino do homem.<sup>487</sup> Infere-se, a dubiedade da narrativa em relação ao livre arbítrio que coloca Riobaldo, primeiramente, como o representante do cristão que crê na plena liberdade dada por Deus e, na segunda interpretação, prevalece mais o determinismo, isto é, as escolhas são feitas em vista da predestinação. É possível encontrar práticas cristãs nessa segunda visão. O tema do livre-arbítrio, portanto, é o elemento da religião cristã que se pode verificar no romance, de modo particular, na tentativa de Riobaldo em realizar o pacto com o diabo nas Veredas Mortas. Essa verificação se dá a partir do pressuposto da ambiguidade do texto, permitindo-nos diversas interpretações.

Se o tema do livre-arbítrio está implicado na soteriologia cristã, entende-se então, que o mesmo ocorre com a preocupação da narrativa com a identidade religiosa do protagonista, pois ao relatar partes da história da sua infância e da sua identidade, Riobaldo relaciona esse tema com a religiosidade afirmando a provisoriedade do mal figurado no demônio e a eternidade de Deus presente na bondade. Assume a identidade como algo sagrado ao reportar-se negativamente à sua história de orfandade derivada do comportamento irresponsável, portanto, provisório e nômade, dos comerciantes em viagem atrás do negócio das mercadorias e de relações afetivas provisórias, como foi o seu pai e padrinho Selorico Mendes e a Bigri, sua mãe. Por outro lado, assume positivamente a

---

<sup>486</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 418.

<sup>487</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 370.

identidade do nome como forma de eternizar o lugar e a pessoa, referindo-se aos lugares e aos nomes bíblicos sagrados, como: Belém, Jesus Cristo e São José, ligando a identidade divina ao definitivo e eterno enquanto que o diabo relaciona-se ao provisório e mutável – “o azougue maligno”. A narrativa do velho Riobaldo se preocupa com a essência ao afirmar que a perda do ser está ligada à provisoriedade e por isso se apega à eternidade própria da divindade referindo-se a elementos do cristianismo. No entanto, se Riobaldo atribui valores religiosos à perenidade presente nos nomes de lugares e pessoas, paradoxalmente, vê o tempo longo da sua infância em especial o ódio que sentia por Gramacêdo como um desvalor e nada sagrado.<sup>488</sup> Infere-se um Riobaldo não só preocupado com a eternidade revelada através da identidade, também com a eternidade da vida. A sua velhice permite-lhe pensar religiosamente a sua crença na salvação visando à vida eterna. Por isso não admite que se renegue a identidade eternizada nos nomes sagrados cristãos que o encaminha para próximo de Deus afastando-o do diabo sinônimo da mutação e da efemeridade do viver humano. A narrativa também se apresenta ambígua ao permitir que o leitor infira significados opostos da identidade fundada na perenidade. Pois, se os valores de bondade atribuídos ao sagrado representado na divindade, de modo particular, a referência a Jesus Cristo devem ser eternizados, portanto, também o deve ser a maldade, atributo que sacraliza o demônio, por ter duração e tempo indeterminado, como a que está presente nas ações e nas relações irresponsáveis das pessoas, como a paternidade omitida na infância e o sentimento de ódio lembrado pelo narrador.

Em razão disso, a busca por uma existência significativa do velho Riobaldo, nos leva a entender que a profissão de fé a respeito da existência de Deus feita pelo narrador fundamenta-se na necessidade de um princípio divino de ordenamento universal em que Deus ao conspirar a favor do ser humano garante-lhe o cuidado e a proteção, e que mesmo diante da precariedade do viver humano, as coisas fazem sentido por se justificarem na razão

---

<sup>488</sup> “Nome de lugar onde alguém já nasceu, devia de estar *sagrado*. Lá como quem diz: então alguém havia de renegar o nome de *Belém* – de *Nosso-Senhor-Jesus-Cristo no presépio, com Nossa Senhora e São José?! Precisava de se ter mais travação. Senhor sabe: Deus é definitivamente; o demo é o contrário Dele... Assim é que digo: eu, que o senhor já viu que tenho retentiva que não falta, recordo tudo da minha meninice. Boa, foi. Me lembro dela com agrado; mas sem saudade. Porque logo sufusa uma aragem dos acasos. Para trás, não há paz. O senhor sabe: a coisa mais alonjada de minha primeira meninice, que eu acho na memória, foi o ódio, que eu tive de um homem chamado Gramacêdo... Gente melhor do lugar eram todos dessa família Guedes, Jidião Guedes; quando saíram de lá nos trouxeram junto, minha mãe e eu. Ficamos existindo em território baixío da Sirga, da outra banda, ali onde de - Janeiro vai no São Francisco, o senhor sabe”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 42. Grifos nossos.*

divina. Esse também é o credo dos cristãos que afirmam a existência de Deus<sup>489</sup> e confiam na sua onisciência, sua onipotência e sua onipresença entregando nas mãos de Deus o destino do homem e do mundo revelados nas sagradas escrituras e na tradição apostólica. O narrador também crê no demônio como o outro polo responsável pelo equilíbrio e pelo medo capaz de garantir que o ser humano, ao estar propenso ao mal, se responsabilize pelas escolhas que faz e tenha uma conduta em direção a Deus cumprindo os seus desígnios. No cristianismo, tal crença tem o seu fundamento na doutrina sobre o pecado original ao mostrar as razões que levaram o ser humano à Queda e também as razões que o levaram pelo sacrifício de Cristo a poder viver novamente na graça de Deus, de forma que ao ser justificado precisa se mostrar comprometido com o projeto de Deus. Ao afirmar que Deus é o padrão da bondade e que o diabo é o da maldade, questiona o argumento ambíguo – científico ou espírita – do rapaz doutor que explorava as pedras em Arassuaí e que também defendia a tese de que o problema do mal e do bem ou da saúde e da doença não estava na existência ou não de Deus. A proposição consistia em que as coisas seguíam o seu padrão natural, isto é, o princípio da evolução que responde aos problemas de saúde física e mental de uma prole defeituosa, como o caso das crianças que nasceram sem braços e sem pernas. De acordo com a narrativa, tinha uma relação de causa e efeito fundada no processo de evolução possivelmente podendo-se inferir o pressuposto da seleção natural ou da reencarnação. Ao posicionar-se em relação a esse conhecimento científico-religioso, o narrador esclarece que as pessoas do sertão precisam desse equilíbrio promovido pelo estado divino para que tudo não vire o estado do mal a ser instalado pelo demônio como já se via no sertão.<sup>490</sup> Infere-se o interesse de Rosa em promover um debate sobre a relação da

---

<sup>489</sup> Derivado da tradição apostólica, o Credo Apostólico e o Credo, Símbolo niceno-constantinopolitano, fruto dos primeiros dois Concílios Ecumênicos de Nicéia (325) e de Constantinopla (381) e ainda hoje comum a todas as grandes Igrejas do Oriente e do Ocidente se encontra esmiuçado no primeiro capítulo, da segunda seção, da primeira parte do *COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica*.

<sup>490</sup> “Mire veja: um casal, no Rio do Borá, daqui longe, só porque marido e mulher eram primos carnais, os quatro meninos deles vieram nascendo com a pior transformação que há: sem braços e sem pernas, só os tocos... Arre, nem posso figurar minha idéia nisso! Refiro ao senhor: um outro doutor, doutor rapaz, que explorava as pedras turmalinas no vale do Arassuaí, discorreu me dizendo que a vida da gente *encarna e reencarna*, por progresso próprio, mas que *Deus não há*. Estremeço. *Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra*. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar – é todos contra os acasos. *Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma! Porque existe dor. E a vida do homem está presa encantada – erra rumo, dá em aleijões como esses, dos meninos sem pernas e braços*. Dôr não dói até em criancinhas e bichos, e nos doidos – não dói sem precisar de se ter razão nem conhecimento? E as pessoas não nascem sempre? Ah, medo tenho não é de ver morte, mas de ver nascimento. Medo mistério. O senhor não vê? *O que não é Deus, é estado do demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver – a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo. O inferno é um sem-fim que nem não se pode ver. Mas a gente quer Céu é porque quer um fim: mas um fim com*

religião com a ciência. Embora seja uma discussão importante, não será esse o caminho que iremos explorar nessa reflexão. Ficaremos, portanto, apenas com a situação de Riobaldo que ao afirmar a existência de Deus e encontrar o paradigma da ciência e o da doutrina espírita para esclarecer o problema do mal, afirma a pequenez humana e sua dependência da grandeza de Deus. Os elogios feitos ao saber do doutor não significam que abrirá mão de seu pressuposto sagrado para a compreensão das relações causais nos determinismos humanos. Riobaldo adota o sagrado como espaço importante para a sua vida e para a vida do sertão adotando juntamente o mistério que, ao mesmo tempo, produz temor e representa a identidade do sagrado. Essa concomitância entre fé e temor produz a ambiguidade no texto do romance, pois se o sagrado está no campo do mistério ligado à crença e se diferencia do pensamento lógico que o anula no mistério, leva o narrador a se contradizer por afirmar e negar ao mesmo tempo a importância do conhecimento no espaço religioso. Se, por um lado, o mal figurado no demônio causa medo porque é o espaço sagrado sem limites, sem lógica e sem destino, por outro, aprender a optar pelo bem, ajudar a ir para o Céu e poder ver tudo junto de Deus é um conhecimento desejado pelo narrador para essa situação que não combina com a sua descrença em relação às idéias do rapaz doutor. Infere-se, portanto, que o ponto central dessa reflexão é destacar a preocupação com a existência de Deus e com as suas possíveis provas, como um elemento importante na história do cristianismo, debatidas no âmbito bíblico e teológico, e que propositadamente está presente na narrativa do velho Riobaldo. Além dessa preocupação do narrador, infere-se o tema do mal e suas consequências morais com implicações soteriológicas que têm feito parte com certa frequência da sua experiência religiosa.

Diante das provocações desse suposto ceticismo do narrador, percebe-se novamente a sua tentativa de afirmar uma profissão de fé em relação a um contexto em que Diadorim, sem poder revelar o seu segredo a Riobaldo e também sem poder manifestar o verdadeiro sentimento que nutria por ele, cobra de Riobaldo o pacto da vingança da morte de Joca Ramiro diante da sua aproximação e do seu interesse por Otacília. Exige que ele lhe dê uma resposta afirmativa sobre o destino até então traçado para ser cumprido na campanha guerreira sob o comando de Medeiro Vaz. Sentindo-se pressionado por uma atitude meio diabólica de Diadorim, Riobaldo repentinamente afirma que não sabe nada a respeito do próprio destino dando ao demônio o poder desse conhecimento. Ao afirmar que o demo é o

---

*depois dele a gente tudo vendo. Se eu estou falando às flautas, o senhor me corte. Meu modo é este. Nasci para não ter homem igual em meus gostos. O que eu invejo é sua instrução do senhor...”*. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 60. Grifos nossos.

responsável pelo seu destino, sente-se fracassado por não ter entendimento suficiente para poder ter pronunciado o nome de Deus, ter exaltado o poder da cruz e ter pedido perdão por professar a crença no diabo. Sente-se incapaz de ter uma visão de Deus naquele momento. O próprio Diadorim se lhe apresenta com os olhos trêmulos e brilhantes como a manifestação do demo e a mentira dita reproduz a egoísta necessidade de afastar-se da guerra e gozar de todos os prazeres fantasiados ao lado de Otacília. Embora lamente a ausência de sabedoria para aquela hora, reconhece diante de seu interlocutor a sua postura servil ao diabo.<sup>491</sup> Contudo, é possível inferir do texto que Riobaldo reconhece o sacrifício salvífico de Cristo na cruz, professa sua fé em Deus e sabe da existência do diabo e de suas artimanhas. A incapacidade de ver de Riobaldo equivale à queda e o reconhecimento do poder da cruz significa a abertura à graça através da redenção. Se por um momento ele se coloca sob o domínio do demônio, por outro se lembra do poder de Deus e de seu santo nome que deve ser pronunciado por lábios purificados. Supõe-se que esse testemunho de fé dado pelo personagem tenha ganhado mais significado no relato do narrador que, ao recontar o passado, procura enfatizar os aspectos religiosos que correspondem ao seu estado de espírito no momento da narração, ou seja, de um homem velho dedicado à religião e à procura da própria salvação. No entanto, não podemos negar que o testemunho de Riobaldo não é tão transparente quanto parece, pois a ambiguidade do texto nos leva a inferir a sua condição de pecador e de necessária permanência no pecado. Aceita passivamente o estado de pecado, sem perspectivas da graça, sem esperança, como se o humano dentro de si, ao viver simplesmente o momento, no seu caso, a sua riobaldança, tivesse que se afastar de Deus em obediência ao diabo. Se Riobaldo, ao afirmar o poder de Deus e reconhecer na cruz de Cristo o propósito salvífico, se abre ou não à graça, o texto não nos permite assumir nem para mais e nem para menos uma determinada posição. Contudo, é possível reconhecer na sua declaração o elemento cristão que fundamenta a tradição, ou seja, a identidade divina e a história da salvação culminada no sacrifício na cruz e na vitória da vida sobre a morte e da graça sobre o pecado alcançada pela força do ressuscitado.

Em síntese, é possível afirmar que o tema do livre arbítrio e do pecado original, portanto, da condição humana antes da Queda e do ideal cristão que busca a recondução da

---

<sup>491</sup> “[...] – “Você sabe do seu destino, Riobaldo?” – ele reperguntou. Aí estava ajoelhado na beira de mim. – “Se nanja, sei não. O demônio sabe...” – eu respondi. – “Pergunta...” Me diga o senhor: por que, naquela extrema hora, eu não disse o *nome de Deus*? Ah, não sei. Não me lembrei do *poder da cruz*, não fiz esconjuro. Cumpri como se deus. Como o *diabo* obedece – vivo no momento. Diadorim encolheu o braço, com o punhal, se defastou e deitou de corpo, outra vez. Os olhos dele dansar produziam, de estar brilhando. E ele devia de estar mordendo o correíame de couro”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 196. Grifos nossos.

humanidade à graça e à condição plena do livre-arbítrio pela ação redentora de Cristo, tem na reflexão das autoras – Araujo, Albergaria e Rosenfield – relações de semelhança e de diferença, tais como: Riobaldo narrador frente ao livre-arbítrio tem a vocação do cristão, ou seja, sabe da natureza humana antes da Queda e persegue o livre-arbítrio em sua plenitude. Esse pensamento de Araujo se equipara ao de Albergaria que afirma a prática do livre-arbítrio do narrador, isto é, a ideia da travessia, ao decidir sobre o grau de vontade com o objetivo de atingir o bem desejável, portanto, a união com Deus. Por isso, no sentimento de culpa, reza para afastar-se do pecado. Rosenfield, de forma diferente, destaca a crise de fé e o pessimismo de Riobaldo afirmando a sua indiferença em relação ao livre-arbítrio, pois as promessas de salvação de Cristo não mudam a natureza má do sertão afirmando a realidade da contradição de que Deus não se preocupa com o destino humano. Em relação ao tema da culpa, a autora afirma que Riobaldo rejeita as noções-chave da salvação cristã – a do remorso como condição e fundamento da penitência que traz a redenção – e se escandaliza com a visão cristã de Céu, como a realidade da condição da união harmoniosa e definitiva das almas fundado na anulação do mal e de seu esquecimento, anulando o campo da travessia. Rosenfield opta pela análise de alguns dos fragmentos de caráter religioso, pois em outros, Riobaldo velho mostra desejoso de salvação, aceita a ação da graça redentora de Cristo ao adotar através de seu relato uma travessia de fé que está implicada no plano salvífico de Deus.<sup>492</sup> Infere-se daí a dupla travessia de Riobaldo: a cronológica ligada à kairológica. Com isso, identificamos diversos elementos da religião cristã presentes no romance e nas críticas de alguns de seus leitores, seja, ao afirmar, ou, ao negar a fé cristã do narrador.

## ***2. Muita religião, seu moço...***

No Grande Sertão, a religião apresentada pelo narrador tem diversas funções, ou seja, afasta o mal expulsando demônios, constrói sentidos afastando a loucura, aumenta a fé realizando milagres que diminuem as sociopatologias do sertão, sustenta devoções que

---

<sup>492</sup> Schillebeeckx nos dá uma ideia do significado dessa travessia de fé ao afirmar que “Fora do mundo dos homens não há salvação”. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 30, pois o cristão de hoje deve ter uma fé sustentada no Deus libertador e dirigida a um contexto social e histórico de seres humanos e de sua humanidade.

ajudam a fugir das artimanhas de satanás e segue rituais no cumprimento de promessas no santuário do Senhor Bom Jesus da Lapa. Tais produtos derivados das diversas tradições religiosas não podiam deixar de fazer parte da busca por salvação empreitada pelo velho Riobaldo, levando-nos a entender a sua sede por água de diversas fontes, inclusive a cristã.

Embora Riobaldo se mostre titubeante em relação a existência do diabo, admite que a tradição cristã a reconheça, encontrando-se confirmação dessa crença na Bíblia. A prática do exorcismo também presente no cristianismo aparece na narrativa através do padre e de seu ajudante seminarista que iam expulsar o demônio. No evangelho Jesus autoriza os seus apóstolos a expulsarem demônios em seu nome e essa função mais tarde foi dada pelo cristianismo aos bispos, padres e pastores<sup>493</sup>. No ritual, o exorcista procura identificar o tipo de demônio presente no corpo do possesso a fim de rezar a oração mais adequada para expulsá-lo, conforme o relato a respeito do material que o seminarista estava levando<sup>494</sup>. Para Araujo, ir ao encontro do mal figurado no demônio a fim de vencê-lo é uma forma de imitar Cristo. De acordo com a autora, as travessias do Rio São Francisco feitas por Riobaldo foram sempre em direção ao mal, isto é, na outra margem se dá o encontro com o mal. Na primeira, enquanto criança, com o Menino Diadorim, há o encontro com o mulato. A segunda, rumo à travessia do Liso do Sussuarão, representa a figuração do inferno. E a terceira travessia, a definitiva, leva Riobaldo para as Veredas Mortas e para a batalha final no Paredão. É o movimento típico de Cristo, nos Evangelhos, ao atravessar o rio Jordão, cruzar o Mar da Galileia passando para a outra margem e dirigindo-se, muitas vezes, ao encontro do mal, como relatado no episódio do Evangelho de São Marcos 5:1-20, sobre o homem possuído pelo demônio, em território estrangeiro e infernal, em Gerasa. Como se pode verificar, Riobaldo imita Cristo, pois o roteiro de Deus assumido por ele é Cristo, o caminho: São João 14:6.<sup>495</sup> Infere-se de Araujo uma reflexão sobre a travessia espiritual feita por Riobaldo a partir do ponto em que se encontra o narrador. O Riobaldo velho, convertido, atribui significados soteriológicos à sua vida passada, o que possibilita inferências análogas às travessias realizadas pelos cristãos presentes em diversas reflexões teológicas a partir dos

<sup>493</sup> O ministro de Deus deve estar preparado como um soldado a fim de enfrentar a astúcia e as ciladas do diabo: Efésios 6:10-11.

<sup>494</sup> “Não seja. Eu, pessoalmente, quase que já perdi nele a crença, mercês a Deus; é o que ao senhor lhe digo, à pureza. Sei que é bem estabelecido, que grassa nos Santos-Evangelhos. Em ocasião, conversei com um rapaz seminarista, muito condizente, conferindo no *livro de rezas e revestido de paramenta, com uma vara de maria-preta na mão* – proseou que ia adjutorar o padre, para extrair o Cujo, do corpo vivo de uma velha, na Cachoeira-dos-Bois, ele ia com o vigário do Campo-Redondo... Me concebo. O senhor não é como eu? Não acreditei patavim [...]”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 9. Grifos nossos.

<sup>495</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 171-173.

textos neotestamentários. O leitor certamente percebe que a visão do velho Riobaldo a respeito do diabo é ambígua, residindo na existência ou não existência do diabo, na realização ou não realização do pacto e em ter ou não ter vendido a alma, a condição paradoxal.<sup>496</sup> E também percebe que a angústia do narrador em relação a essa ambigüidade, encontra no ceticismo da existência do diabo e na matéria que verte de seu relato, o sentido para a sua vida, no instante em que narra.<sup>497</sup> No entanto, ao interpelar por várias vezes o interlocutor silencioso, afirma, sem duvidar, que a alma é de Deus e não pode ser vendida.<sup>498</sup> Para corroborar essa crença do narrador, os cristãos concordam com São Paulo na carta que escreveu aos Gálatas sobre a pertença da alma a Deus através da fé no ressuscitado: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”.<sup>499</sup> Infere-se um narrador que adota o referencial divino de forma diferente às crenças sobrenaturais comuns dos outros sertanejos, por isso, ao buscar clareza na formação letrada do doutor afirma pensar por si mesmo, distinto das credences do sertão. Também, ao refazer o passado através da sua narrativa, se preocupa com a alma e conseqüentemente com a sua salvação. Pois, a negação da existência do demônio e a negação do pacto implica em negar a possibilidade de ter vendido a alma, afirmando que não se vende o que não se tem, pois a Deus a alma pertence. Portanto, a característica ambígua da narrativa verifica-se no descompasso entre a crença que o Riobaldo jagunço admite ter assumido no momento do pacto com o demo, e, a opção do narrador que contraditoriamente destitui de valor as crenças sertanejas através do seu outro eu figurado no narratário doutor dando à matéria vertente uma direção menos guerreira e mais soteriológica. Quanto aos elementos cristãos que se podem recolher dessa interpretação, destacam-se a fundamentação bíblica da crença no demônio e seus espíritos malignos com suas legiões; embora o narrador não aceite, admite que os evangelhos atestem a existência desses espíritos, o que também leva o leitor a entender o caráter abrangente da religiosidade de Riobaldo; e, por fim, a crença na alma que pertence a Deus pela graça

---

<sup>496</sup> O autor recorre a Santo Agostinho para interpretar o diabo no romance de Rosa, ao tratar o tema do mal fundamentado no cristianismo medieval como ausência. SOARES, Andrei. *A falta que falta: “Grande Sertão: Veredas” e a subversão de Satã*. XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. 13 a 17 de julho de 2008. USP – São Paulo, Brasil. Disponível em: <[http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/054/ANDREI\\_SOARES.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/054/ANDREI_SOARES.pdf)>. Acesso em 6 de outubro de 2012.

<sup>497</sup> BINGEMER acentua a aproximação da literatura rosiana com o cristianismo ao afirmar que “A narrativa mítico-antropológica da vida e da experiência do jagunço Riobaldo pode encontrar respaldo e referência nos mitos fundadores da tradição judaico-cristã, e portanto ser pensada pela teologia cristã”. BINGEMER, Maria Clara e YUNES, Eliana. (org.). *Bem e mal em Guimarães Rosa*, p. 121.

<sup>498</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 25.

<sup>499</sup> Bíblia, Gálatas 2:20.

alcançada através da fé na salvação do Cristo ressuscitado devolvendo ao ser humano a possibilidade de viver para Deus e em Deus ao romper com a condição imposta pelo pecado original.

Se a sede do velho Riobaldo por fontes espirituais é uma realidade, então se entende o motivo das repetidas vezes e em várias partes do romance, em que a palavra religião aparece, levando-nos a inferir que o propósito do relato também seria afirmar uma necessidade espiritual e não só uma preocupação do narrador em relação aos efeitos positivos da religiosidade. Conclui-se também que há um predomínio do cristianismo através de uma narrativa que intencionalmente destaca expressões que se referem a conteúdos e símbolos cristãos, tais como: rezas, texto sagrado e instituições cristãs.<sup>500</sup> Riobaldo direciona a necessidade de entender a loucura do mundo se livrando da própria loucura através da religião. A religião ao mesmo tempo em que produz um efeito catártico também é produtora de sentido e de ordenamento racional. Na velhice, tudo que o narrador precisa é de uma vida significativa que o conduza a uma esperança final através dos caminhos da salvação da própria alma. E o universo da cultura cristã, possivelmente o que mais influenciou os pressupostos religiosos de Rosa, é o que mais se destaca nessa parte do romance, levando-nos a inferir que os valores espirituais priorizados pelo narrador somando-se à sua necessidade de lucidez a respeito do passado e do presente se encontram nesse universo religioso cristão. De acordo com Araujo, o Riobaldo que viaja para Deus, pode, pelo pecado, viajar no sentido contrário a Deus, contrário ao bom sentido, invertendo e virando de cabeça para baixo. Posicionar-se ao contrário, portanto, significa a confusão e a loucura.<sup>501</sup> Araujo afirma o papel salutar da religião para os propósitos de vida do narrador. Contudo, o fio condutor da ambiguidade que perpassa todo o romance, como tem sido analisado em reflexões anteriores, também aparece nesse momento do texto para afirmar que, embora haja a predominância significativa de elementos religiosos cristãos, tais elementos não são diretamente assumidos por Riobaldo, pois a narrativa assume com insistência que Riobaldo tem uma postura aberta a diversos credos propondo-se como um

---

<sup>500</sup> “Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de *religião*: para se desendoidecer, desdoidar. *Reza* é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a *salvação-da-alma*... Muita *religião*, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de *religião*. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. *Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou a Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles*”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 16. Grifos nossos.

<sup>501</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 63.

crente de todo tipo de opção religiosa. Da mesma forma, Araujo conclui que Riobaldo, frente à diversidade do mundo e da vida, suspende o julgamento sobre a essência de Deus, afirmando que para ele todas as crenças religiosas parecem equivaler-se.<sup>502</sup> E Rosenfield também caminha na mesma linha, inferindo um Riobaldo que se aproxima de Deus, entretanto, se mantém distante das tradições religiosas convencionais.<sup>503</sup> Essa posição adotada por ele, leva o leitor a inferir que indiretamente tanto o Riobaldo jagunço quanto o narrador, criticam os posicionamentos dogmatizantes das tradições religiosas, ao direcionar a sua crença para fora do cristianismo enquanto instituição, por exemplo, mas não fora do espírito dessa religião cristã. Rosenfield acrescenta que o afastamento de Riobaldo das estruturas imaginárias do cristianismo em favor de modelos mais próximos do misticismo judaico não é suficiente, em uma análise, para atribuir ao personagem ou ao narrador uma religiosidade judaica. Como afirma a autora, o apreço de Riobaldo pela religião deve ser lido polifonicamente.<sup>504</sup> Portanto, a ambiguidade da narrativa consiste em dar ao Riobaldo narrador, no momento em que articula a sua fala ao seu ouvinte silencioso, grande quantidade de elementos cristãos sem, contudo, fazer do cristianismo, a sua única opção religiosa. Sintonizada com essa visão, Albergaria afirma que Riobaldo opta por um ecletismo religioso a fim de garantir a própria salvação, sem ser uma opção desordenada. Ao participar de várias práticas religiosas, ele procura a lucidez em vez do confinamento ao dogmatismo de uma doutrina inviabilizando a eficácia das demais.<sup>505</sup> A fim de elucidar melhor o propósito da tese, infere-se que a ambiguidade do texto de *Grande Sertão: Veredas*, insistentemente assumida por todos os críticos, primordialmente em função do caráter titubeante e escorregadio do personagem e narrador Riobaldo, não anula o elemento religioso cristão como característica marcante no romance, ao contrário, a narrativa usa esse elemento como matéria que transcende a opção religiosa do narrador mesmo ao afirmar a fé cristã de outros personagens, tais como a do compadre Quelemém, das rezadeiras e de sua esposa Otacília.

---

<sup>502</sup> Ibidem, p. 356.

<sup>503</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 123.

<sup>504</sup> Ibidem, p. 371.

<sup>505</sup> ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da Linguagem no Grande Sertão: Leitura dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa*, p. 29. Para o tema da Religiosidade o teólogo Schillebeeckx admite a necessidade da pluralidade religiosa e afirma que há no ser humano uma vontade salvífica universal, por isso as religiões, igrejas e toda forma de manifestação de religiosidade representam a lembrança e o desejo vivo dessa vontade. Se antes se afirmava que não havia fé sem revelação e nem revelação sem fé, no entanto, do ponto de vista humano, hoje, se pode falar da fé sem revelação. Por essa razão, não há como restringir a salvação prometida por Deus a lugares e culturas específicas, denominados religiões. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 29.

Em razão disso, a referência que Riobaldo faz ao caso da moça do Barreiro Novo, novamente liga a religião ao estado de consciência e de saúde mental. Antes dissera que religião ajuda a desendoidar ou sarar da loucura, agora, antes do relato do caso, evidencia a saúde ligada à busca de religião e de Céu contraposta ao estado patológico da pseudoreligião na qual estavam inseridos os milagres da moça e também as sociopatologias do sertão, carente de justiça, de liberdade e de humanidade.<sup>506</sup> O contexto bíblico do Antigo e do Novo Testamento trata os milagres como a intervenção sobrenatural da divindade a partir da fé enquanto dom de Deus a fim de criar a ligação do crente com a divindade. O episódio das dez pragas do Egito<sup>507</sup> relacionam a fé de Moisés e seu propósito libertador com a intervenção divina através de milagres que causavam danos à estrutura social do faraó a fim de que este pudesse ter clareza da vontade divina e libertasse os israelitas. Os milagres realizados por Jesus<sup>508</sup> buscavam em primeiro lugar a conversão e a declaração de fé daquele que apresentava a sua carência, contudo, esses milagres buscavam reparar os problemas da estrutura social e moral de seu tempo, tais como: a fome, a doença, o mal e o preconceito, dando o sentido dos valores do reino desejado por Deus, de modo diferente dos de Moisés. Mas, tanto os milagres realizados pela fé de Moisés, quanto os de Jesus, promoveram um embate com a estrutura social e moral vigente, seja a do faraó, ou a do tempo de Jesus, ambas em nome da fé lidaram com os milagres que promoveram algum tipo de libertação. Os milagres que surgiram ao redor da moça derivados de seu sacrifício e de sua insanidade, conforme concorda o narrador, nos levam a inferir que não se assemelham aos de Jesus, pois o sacrifício de Jesus ao aproximar o crente de Deus pela graça é caracterizado pela sanidade, pela fé e pelos valores do reino de Deus. Além de que, a doença

<sup>506</sup> “Mas diverso do que se vê, ora cá ora ali lá. Como deu uma moça, no Barreiro-Novo, essa desistiu um dia de comer e só bebendo por dia três gotas de água de *pia benta*, em redor dela começaram *milagres*. Mas o delegado-regional chegou, trouxe os praças, determinou o desbando do povo, baldearam a moça para o hospício de doidos, na capital, diz-se que lá ela foi cativa de comer, por armagem de sonda. Tinham o direito? Estava certo? Meio modo, *acho foi bom*. Aquilo não era o que em minha crença eu prezava. Porque, num estalo de tempo, já tinham surgido vindo milhares desses, para *pedir cura, os doentes condenados: lázaros de lepra, aleijados por horríveis formas, ferimentos, os cegos mais sem gestos, loucos acorrentados, idiotas, héticos e hidrópicos, de tudo: criaturas que fediam*. Senhor enxergasse aquilo, o senhor desanimava. Se tinha um grande nojo. Eu sei: nojo é invenção, do Que-Não-Há, para estorvar que se tenha dó. E aquela gente gritava, exigiam saúde expedita, *rezavam alto*, discutiam uns com outros, desesperavam *de fé sem virtude* – requeriam era sarar, não desejavam *Céu* nenhum. Vendo assaz, se espantava da seriedade do mundo para caber o que não se quer. Será acerto que os aleijões e feiezas estejam bem convenientemente repartidos, nos recantos dos lugares. Se não, se perdia qualquer coragem. O sertão está cheio desses. Só quando se jornadeia de jagunço, no teso das marchas, praxe de ir em movimento, não se nota tanto: o estatuto de misérias e enfermidades. Guerra diverte – o *demo* acha”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 59. Grifos nossos.

<sup>507</sup> Bíblia, Êxodo 7-12. Confira a exegese desse episódio em: *O Mundo da Bíblia*. [editado por David e Pat Alexander; tradução de José Raimundo Vidigal], p. 157-160.

<sup>508</sup> Bíblia, Mateus 8:2-4; Marcos 1:40-42; Lucas 5:12-13.

mental e a doença física que continuavam a escravizar a moça e os doentes não representam o sentido de libertação fundamentado na fé dos milagres. Há, portanto, no caso, a intenção de retratar a aspereza e a maldade no sertão derivadas de uma estrutura social marginalizante que usa o paradigma religioso cristão para retratar a ausência de humanidade, de fé e de razão no sertão.<sup>509</sup>

No entanto, o narrador torna o seu relato ambíguo ao questionar sobre a atitude daqueles que entregaram a moça para ser internada no hospício, dando a entender que os seus milagres e a sua forma de entender a religião também deveriam ser considerados. Infere-se, de um lado, a preocupação do narrador em ampliar o sentido da religião. Pois, se antes afirmava que a prática da religião criava lucidez, agora sugere que a lucidez possa ser questionada ao considerar a possibilidade de saúde mental da moça. Por outro lado, como o caso menciona o demônio, se poderia interpretar que a prática miraculosa narrada é a ação sobrenatural do diabo através da moça e que os milagres podem decorrer tanto das forças divinas quanto das demoníacas. Infere-se a relação de contraposição que o narrador faz do sertão como o lugar do mal e do inferno e o seu desejo de salvação e de Céu. A narrativa, portanto, se utiliza de diversos elementos cristãos a fim de comprovar a intenção do romance em misturar o itinerário do Riobaldo jagunço com as pretensões soteriológicas do Riobaldo narrador. Ou seja, o tema do demônio que perpassa o romance, de forma mais específica, nesse caso, retrata o tema do milagre de forma cristã através dos doentes e das curas milagrosas realizadas por Jesus no seu tempo, dando ao narrador a possibilidade de tratar do tema da religião, de seu papel na vida do sertanejo e de como ela o influencia no momento da sua narrativa. Por outro lado, Rosenfield segue um caminho diferente para debater esse tema. Embora a autora admita que haja no romance a representação do Juízo Final na escatologia cristã através da imagem do “fazendão de Deus” com a ideia da *civitas Dei*,

---

<sup>509</sup> Schillebeeckx afirma que: “Somente história libertadora humana pode se experimentar como história da salvação”. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 27. Ou seja, a tradição cristã vincula a experiência de liberdade humana como antevisão da experiência futura de salvação. Por isso, o incentivo de práticas libertadoras do homem e da sociedade fundadas na fé em Deus é insinuado por uma práxis moral da tradição cristã. Desta inferência se pode ligar com o tema da justiça ao se perceber a opção fundamental do cristianismo, na visão do teólogo, pelos fracos, pobres, humilhados. Faz uma autocrítica do cristianismo, ao afirmar que não se pode crer no Deus que mediante a religião magoa e humilha seres humanos. *Ibidem*, p. 89. De um Deus que padece sofrimento junto com os pobres e sofredores. Assume como ético tudo aquilo que tem por objeto expresso a humanização ou a promoção do homem enquanto homem. *Ibidem*, p. 124. E, ao referir-se a Levinas afirma que no reino vigora a práxis da partilha. *Ibidem*, p. 153. Infere-se da teologia cristã de Schillebeeckx no que se refere à relação entre liberdade e justiça – é o que o autor realmente espera desse cristianismo – uma posição clara da escolha responsável do ser humano pelo humano como caminho de salvação e de vida eterna.

sustenta que essa fantasia será negada através do relato que apresenta outro contraponto, ou seja, o fim da época de milagres e de transcendência na Terra. A moça com o seu sacrifício do jejum, ao operar curas milagrosas atraindo, como os milagres no tempo de Jesus, os doentes dos arredores, é entregue ao hospital de loucos. O seu sacrifício, portanto, e a sua motivação para os milagres são tratados como doença física e mental. O delegado, o representante do espírito moderno, destituído de visão de um fim transcendente, nada vê a não ser a deficiência, a patologia passível de ser tratada. Com essa provocação, Rosenfield quer ampliar a ambiguidade do texto de Rosa, afirmando a volatilidade da religião cristã presente no romance através da desconfiança do protagonista a respeito do conceito de mal fundado no arquétipo cristão da Justiça e da Bondade divinas, induzindo também para modelos racionais de entendimento do mal como pura negatividade. O relato paradoxal de Riobaldo, de acordo com a autora, polariza a esperança na redenção cristã com seu plano escatológico sustentado na transcendência, na justiça e na bondade de Deus, por um lado, e por outro, afirma um fim puramente fatural, um término sem qualquer sentido transcendente.<sup>510</sup> Compreende-se de Rosenfield, então, a apresentação da terceira via da ambigüidade, ou seja, a destituição total da dimensão religiosa implicada no caso da moça do Barreiro Novo.

Conforme consta, a carência e o vazio parecem impulsionar o narrador para a fé e a necessidade de potencializar a vida – como no caso da moça milagreira – também através da devoção a São Bento, manifestada pelo jagunço Riobaldo no momento em que estava rastejando atocaiado ao lado de Hermógenes em captura dos soldados de Zé Bebelo e da reza da jaculatória do santo.<sup>511</sup> Para os cristãos, São Bento protege contra as ciladas do

---

<sup>510</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 224-226 e 232. João Roberto Maia, em consonância com a opinião de Rosenfield, sobre o caráter ambíguo do texto de Rosa, afirma que: “há muita ambigüidade e paradoxo nas declarações do grande escritor de Cordisburgo; a própria entrevista citada [com Lorenz] está eivada de opiniões que estão em conflito umas com as outras. [...] não me parece temerário imaginar que mesmo Rosa torceria o nariz para certas leituras que acomodam seu universo ficcional à idéia de uma harmonização progressiva, que estaria fundada na vitória final do Bem, entendido de acordo com a inspiração cristã. [...] A tradição crítica fixou elementos característicos da figura do jagunço de *Grande sertão* que são hoje incontornáveis. A começar por sua situação à parte em relação ao criminoso comum. Ele não é assassino qualquer ou simples salteador, mas sim homem de guerra, com lealdades a manter e honras a defender. Sua condição, que é do sertanejo pobre, é marcada também pela ambigüidade, caracterizando-se pela liberdade e sujeição. Aliás, a ambigüidade já foi ressaltada como verdadeiro princípio organizador do romance”. MAIA, João Roberto. *Sobre a Crítica de Guimarães Rosa. Espéculo. Revista de estudos literarios*. Universidad Complutense. 2007. Disponível em <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero37/guimaro.html>>. Acesso em 5 de outubro de 2012.

<sup>511</sup> “A gente amassa com a barriga espinhos e gravetos, é preciso de saber quando é que é melhor se calcar no estrepe firme com gosto – que é o que mais defende d’ele não se cravar. O inimigo pode estar engatinhando também, versa por detrás, nunca se tem certeza. O cheiro da terra agoura mal. Capim de beira em fio, que corta a cara. E uns gafanhotos pulam, têm um estourinho, tlique, eu figurava que era das estrelas remexidas, titique

demônio e também é o padroeiro da boa morte. O devoto deve se conduzir pela cruz sagrada de Cristo, não se deixar aconselhar pelas coisas vãs de satanás e nem beber do cálice do mal – o veneno do demônio representado na serpente cunhada na medalha do santo. A cena da tocaia que narra o descontentamento de Riobaldo daquela situação ao lado de Hermógenes – a figuração do diabo – também o medo da traição do escuro da noite e da possibilidade em ser pego de surpresa com o bote mortal de cobras venenosas, como a cascavel e a surucucu, o impele à experiência religiosa da oração de São Bento.<sup>512</sup> Infere-se a ligação dessa situação com o conteúdo simbólico da devoção ao santo, pois ao afastar-se do mal, das serpentes e de Hermógenes através do pedido de proteção ao padroeiro dessas causas, significava fugir de satanás e de suas artimanhas malignas. Utéza também está de acordo com o fato descrito anteriormente de que Riobaldo herdou as crenças da cultura cristã por acreditar que o mal absoluto age no mundo através do diabo e a pessoa do Hermógenes é a representante concreta dessa ideia, pois o pacto que esse chefe assinou com Satanás, por necessitar de uma lógica e de uma explicação, acabou por convencer Riobaldo desse mito presente no interior do cristianismo.<sup>513</sup> Contudo, também é possível inferir do texto que a jaculatória de São Bento pudesse ser utilizada por Riobaldo como se fosse uma mágica ou um amuleto da sorte aprendido e decorado por costume para ser proferido em situações de perigo e de morte sem que ele pudesse entender o conteúdo religioso das palavras que compõe a oração, distanciando-se, dessa forma, do verdadeiro propósito cristão que seria o comprometimento com a fé, com a conversão, com as virtudes da cruz de Cristo e principalmente o gozo da amizade com Deus e em estado de graça. Visto por esse lado, o texto se apresenta ambíguo, dando ao leitor outra oportunidade de questionar a fé de Riobaldo e o uso de expressões cristãs desconexas que fazem mais sentido para o narrador por sua condição espiritual atual do que propriamente para o jagunço Riobaldo. Entretanto,

---

delas, caindo por minhas costas. Trabalhos de unha. O capim escorria, do sereno da noite, lagrimado. Ah, e cobra? Pensar que, num corisco de momento, se pode premer mão numa rodilha grossa de cascavel, numa certa morte dessas. Pior é a surucucu, que passeia longe, noturnazã, monstro: essa é o que há com mais dôida ligeireza neste mundo. *Rezei a jaculatória de São Bento*. A água do sereno me molhava, da macega, das folhas, – é o que digo ao senhor; me desgostava”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 206. Grifos Nossos.

<sup>512</sup> “Ó glorioso Patriarca São Bento, que vos mostrastes sempre compassivo com os necessitados, fazei que também nós, recorrendo à vossa poderosa intercessão, obtenhamos auxílio em todas as nossas aflições, que nas famílias reine a paz e a tranquilidade; que se afastem de nós todas as desgraças tanto corporais como espirituais, especialmente o mal do pecado. Alcançai do Senhor a graça...que vos suplicamos, finalmente, vos pedimos que ao término de nossa vida terrestre possamos ir louvar a Deus convosco no Paraíso. Amém”. Disponível: <<http://www.paroquiadesaobento.com.br/site/index.php?secao=conteudo&from=lateral&pagina=Devo%27%E3o+a+S%E3o+Bento&cod=37>>. Acesso em 7 de outubro de 2012.

<sup>513</sup> UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 313.

infere-se o elemento cristão da devoção aos santos, de modo especial pelos sertanejos, divulgada e praticada através das rezas de súplicas pela interseção do santo e celebrações em datas especiais em comemoração ao seu dia.

Como visto, o tema da fé e da coragem presente no episódio que narra o primeiro encontro entre Riobaldo e Diadorim e também a primeira travessia do rio São Francisco, revela a intenção do narrador em explorar aspectos religiosos de um tempo passado que aparentemente poderia apresentar pouca religiosidade. Riobaldo-menino, ao cumprir a promessa feita por sua mãe em função da graça da saúde recebida de ter se livrado da morte por conta de uma doença grave, foi ao porto à beira do São Francisco pedir esmolas a fim de pagar a reza de uma missa com a metade recolhida e a outra metade seria colocada dentro de uma cabaça bem fechada para ser lançado ao rio abaixo em direção ao santuário do Senhor Bom Jesus da Lapa. O mesmo porto também é o lugar do encontro com o Menino-Diadorim que o convida para um passeio de canoa. O passeio será também o primeiro momento da revelação da coragem de Diadorim e da manifestação da confiança de Riobaldo. A fé assumida pela mãe de Riobaldo ao Senhor Bom Jesus, conforme se pode inferir do texto de Rosa, tem como referência a cidade de Bom Jesus da Lapa, às margens do rio São Francisco, no sertão baiano, onde está situado o santuário do Senhor Bom Jesus da Lapa.<sup>514</sup>

No santuário encontra-se a cruz levada pelo seu fundador que após longa peregrinação e meditação pelo sertão encontrou nessa gruta o lugar ideal para que o amor de Cristo pelos pobres e sofredores pudesse ser divulgado aos fiéis peregrinos. Com palavras simples de sertanejo, os fiéis romeiros rezam suplicantes e de coração penitente ao Bom Jesus fazendo pedidos, agradecimentos e pagando as promessas feitas em retribuição aos benefícios recebidos das mãos de Deus. A mãe de Riobaldo, sem poder peregrinar ao santuário, cumpre esse ritual usando as moedas conseguidas por meio de esmola e o poder

---

<sup>514</sup> A fé e a religiosidade são temas que também estão ligados entre si pelo tema da salvação e ao assumirem um aspecto mais ético se propõem a pensar a provisoriedade e a particularidade vista pelo teólogo holandês em relação a esses dois temas. Cada um desses é referenciado em diversos momentos da teologia de Schillebeeckx. Quanto ao primeiro, a Fé, o autor assume o seu caráter dinâmico atribuindo ao crente a responsabilidade na alteração de seu sentido de acordo com a época, isto é, a compreensão da fé hodierna no ano de 2010 está vinculada ao nosso contexto sócio-histórico e cultural do ano de 2010. Se a compreensão de fé foi a da Idade Média, foi com o contexto sociocultural da época. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 65. O aspecto do tempo é visto pelo teólogo através da dimensão kairológica, ou seja, o tempo significativo, necessário para a salvação. Nesse contexto, a história da humanidade, enquanto trajetória cultural, se torna elemento necessário como lugar da construção do reino de Deus e, portanto, a linguagem salvífica de Deus. Schillebeeckx afirma que somente o sentido humano dos eventos históricos pode se tornar a matéria de um sentido religioso, isto é, o material da revelação. *Ibidem*, p. 26. Ou ainda, ao referir-se ao momento atual: “A modernidade é, com efeito, fator relativizante e por isso um desafio para a fé em Deus”. *Ibidem*, p. 78.

do rio São Francisco para levar ao Senhor Bom Jesus o pagamento e o cumprimento dessa promessa.<sup>515</sup> Se a fé é a manifestação do poder de Deus na vida de Riobaldo e de sua mãe, também a coragem de Diadorim na travessia do rio liga-se à fé do velho Riobaldo e ao sentido que a travessia da vida teve por tê-lo conhecido enquanto Menino no porto do de-Janeiro. Utéza caminha nesta mesma direção, ao afirmar que a insistência do narrador sobre o caráter religioso da promessa materna e o encontro proporcionado pela aparição do Menino constituem a resposta do todo poderoso Bom Jesus da lapa, pois o poder divino pode se manifestar na beira do rio.<sup>516</sup> O balanço da canoa e as águas barrentas e profundas do São Francisco causam temor em Riobaldo, colocando-o em crise de confiança no teste que o amigo estava lhe propondo. O tom solene das palavras de Diadorim encontra um sentido análogo no contexto bíblico das palavras de Jesus no Evangelho, segundo são Marcos 4:35-41, na cena da travessia do mar da Galileia em que Jesus testa a coragem e a fé de seus discípulos: “E, naquele dia, sendo já tarde, [Jesus] disse-lhes: Passemos para o outro lado. E eles, deixando a multidão, o levaram consigo, assim como estava, no barco; e havia também com ele outros barquinhos. E levantou-se grande temporal de vento, e subiam as ondas por cima do barco, de maneira que já se enchia. E ele estava na popa, dormindo sobre uma almofada, e despertaram-no, dizendo-lhe: Mestre, não se te dá que pereçamos? E ele, despertando, repreendeu o vento, e disse ao mar: Cala-te, aquietate. E o vento se aquietou, e houve grande bonança. E disse-lhes: Por que sois tão tímidos? Ainda não tendes fé? E sentiram um grande temor, e diziam uns aos outros: Mas quem é este, que até o vento e o mar lhe obedecem? [...]”.<sup>517</sup>

---

<sup>515</sup> “Pois tinha sido que eu acabava de sarar duma doença, e minha mãe feito *promessa* para eu cumprir quando ficasse bom: eu carecia de tirar *esmola*, até perfazer um tanto – metade para se pagar uma *missa*, em alguma *igreja*, metade para se pôr dentro duma cabaça bem tapada e breada, que se jogava no *São Francisco*, a fim de ir, *Bahia* abaixo, até esbarrar no *Santuário do Santo Senhor Bom-Jesus da Lapa*, que *na beira do rio tudo pode*. Ora, lugar de tirar *esmola* era no porto. Mãe me deu uma sacola. Eu ia, todos os dias. [...] Terceiro ou quarto dia, que lá fui, apareceu mais gente. Dois ou três homens de fora, comprando alqueires de arroz. [...] Arcavam com aqueles sacos, e passavam, nas canoas, para o outro lado do de-Janeiro. [...] Aí pois, de repente, vi um menino, encostado numa árvore, pitando cigarro. Menino mocinho, pouco menos do que eu, ou devia de regular minha idade. [...] Escondido enrolei minha sacola, aí tanto, mesmo em fé de promessa, tive vergonha de estar *esmolando*. [...] A ser que tinha dinheiro de seu, comprou um quarto de queijo, e um pedaço de rapadura. Disse que ia passear em canoa. Não pediu licença ao tio dele. Me perguntou se eu vinha. [...] Ele me deu a mão, para me ajudar a descer o barranco. [...] Tive medo. Sabe? Tudo foi isso: tive medo! Enxerguei os confins do rio, do outro lado. Longe, longe, com que prazo se ir até lá? Medo e vergonha. [...] – “Carece de ter *coragem*...” – ele me disse. Visse que vinham minhas lágrimas? Doí de responder: - “Eu não sei nadar...” O menino sorriu bonito. Afiançou: – “Eu também não sei.” *Sereno, sereno*. Eu vi o rio. Via os *olhos* dele, produziam uma *luz*”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p.101-107. Grifos nossos.

<sup>516</sup> UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 261.

<sup>517</sup> Em outro trecho do Evangelho de São Marcos, Marcos 6: 45-52, Rosenfield mostra a distinção do discurso de Diadorim que é menos “sertanejo” e “oral” em relação ao dos outros jagunços e o de Riobaldo ao comparar

Contudo, considera-se o aspecto ambíguo da narrativa ao entendermos que Riobaldo lida com a fé e a devoção de sua mãe. Se por um lado o texto transmite na memória do narrador a insinuação na própria fé, por outro, em nenhum momento assume diretamente para si as promessas feitas e cumpridas e as graças recebidas. A atitude do Riobaldo-menino em cumprir o ritual à beira do rio, além de constrangedora, é o sinal de obediência e respeito à mãe, portanto, destituída de fé própria, porém, não de religiosidade. Entretanto, infere-se o cristianismo da mãe de Riobaldo que intenciona cumprir a promessa feita através filho. Também se compreende o cristianismo presente na referência que a obra faz às devoções e às peregrinações ao santuário do Senhor Bom Jesus da Lapa e deriva-se o tema da fé e da coragem presentes na relação de Cristo com seus discípulos, verificada também na relação que deu início à amizade entre Riobaldo e Diadorim por ocasião da primeira travessia. Araujo, ao afirmar que o rio é uma figura da eternidade e que “o cruzar do rio repetidamente indica, muito claramente, a figura da cruz” infere que Riobaldo segue o Cristo pelo caminho da cruz, e sua viagem pela eternidade surge, assim, como uma *imitatio Chisti*. É aquele que atravessa (baldear) o rio: Rio-baldo acrescentando, portanto, outro aspecto da religião cristã presente nesse episódio<sup>518</sup>

Para finalizar, podemos inferir dos críticos, o seguinte: Araujo se posiciona claramente a favor do comprometimento de Riobaldo em relação às tradições religiosas, por proporcionarem saúde espiritual. Pois, quando o protagonista se dirige ao encontro do mal atravessando o São Francisco, ele imita Cristo, que na outra margem, em Gerasa, expulsou o demônio. Mas, pelo pecado, ao viajar em sentido contrário a Deus, conclui a autora, Riobaldo pode adoecer e ficar louco. Embora ela identifique, em Riobaldo, o crente que adota o modelo cristão, entretanto, afirma que para ele todas as crenças religiosas equivalem-se. Tal posição tem uma inferência unânime de outros autores, tal como a proposta de Rosenfield que afirma a crítica de Riobaldo em relação aos posicionamentos dogmatizantes das religiões, e a de Albergaria, ao assumir um ecletismo religioso que amplia a dimensão salvífica adotada por Riobaldo.<sup>519</sup> Se o relato da moça do Barreiro Novo,

---

a primeira travessia do Menino com as palavras de Cristo enquanto caminhava sobre as águas: “Vendo-o caminhar sobre o mar, julgaram [os apóstolos] que fosse um fantasma e começaram a gritar, pois todos o viram e ficaram apavorados. Ele, porém, logo falou com eles, dizendo: ‘Tende confiança. Sou eu. Não tenhais medo’ [...] Eles, porém, no seu íntimo estavam cheios de espanto, [...] mas o seu coração estava endurecido”. ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 251.

<sup>518</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 63.

<sup>519</sup> Na mesma linha, Schillebeeckx admite a necessidade da pluralidade religiosa e afirma que há no ser humano uma vontade salvífica universal, por isso as religiões, igrejas e toda forma de manifestação de religiosidade representam a lembrança e o desejo vivo dessa vontade, portanto, não há como restringir a

por um lado, revela a miséria do sertão e o sentido oposto da escatologia cristã, por outro, o desfecho da história sobre a entrega da moça ao hospício, induz à reflexão elaborada por Rosenfield que destitui o relato de qualquer fim transcendente. A transcendência presente no tema do mal, vista por Utéza, afirma que Riobaldo herdou as crenças da cultura cristã – no caso, a oração de São Bento – por acreditar que o mal absoluto age no mundo através do diabo e da pessoa do Hermógenes. Repleta de transcendência é a fé de Riobaldo no Senhor Bom Jesus da Lapa, conforme recebeu de sua mãe. Ao realizar os procedimentos rituais, segundo Utéza, o narrador afirma a relação religiosa entre a aparição do menino, a promessa materna e o poder de Deus manifestado na beira do rio como espaço sagrado. O rio é uma figura da eternidade e “o cruzar do rio repetidamente indica, muito claramente, a figura da cruz”, argumenta Araujo.<sup>520</sup> Rituais, tradições, promessas e orações, entre tantas, mostram a riqueza de elementos religiosos cristãos presentes nessa reflexão sobre o tema religião enquanto espaço de transcendência. Para o narrador, pouca religião é que não pode ser.

---

salvação prometida por Deus a lugares e culturas específicas, denominado religiões. Na visão de Schillebeeckx, a religião não pode ser instrumento de injustiça. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 27.

<sup>520</sup> É nesse sentido que Schillebeeckx afirma o significado da fé contextualizada e dinâmica no espaço sócio-cultural – por exemplo, o santuário do Bom Jesus da Lapa – e seu sentido soteriológico. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 65.

## CAPÍTULO 6: O ENSINO CRISTÃO DOS MESTRES

Temas importantes da tradição religiosa cristã estão presentes no capítulo que segue através dos ensinamentos dados a Riobaldo por alguns dos mestres que o influenciaram. O próprio Riobaldo carrega em si a aura da maestria ao ser indicado por mestre Lucas para o ofício de professor de Zé Bebelo. De Quelemém, recebe respostas oriundas da doutrina espírita kardecista e da Boa Nova cristã que explicitam o plano de salvação divino ancorado na redenção cristã, o sacrifício crístico e as promessas do reino de Deus. Das mulheres, Nhorinhá, Otacília e Diadorim, recebe o amor e a amizade, colocando-o no roteiro de Deus, seja através de imagens, crenças, orações e rezas ou do reconhecimento de Deus através da admiração das suas criaturas no esplendor da natureza, levando-o nas imagens do passado e do presente a construir significativamente o caminho para a salvação. Entretanto, a crítica literária acrescenta peculiaridades que levam o leitor a perceber novos sentidos do papel desses mestres, tal como a crítica de Rosenfield que se organiza a partir das desconfianças de Riobaldo na crença de Quelemém fundada na Boa Nova Cristã que, nas explicações do mestre, se revela contraditória, ingênua e destinada aos ignorantes. Tanto Utéza, quanto Araujo e Rosenfield, inferem da maestria das mulheres – Nhorinhá, Otacília e Diadorim – o tema do amor e do feminino. Se, para Utéza, a aura do sagrado presente no feminino remete às imagens bíblicas neo e véterotestamentárias, para Araujo, incita a devoção à Maria e a figuração da paixão de Cristo; enquanto que, para Rosenfield, Diadorim representa o modelo da Virgem medieval que exclui o feminino através de uma castidade estéril deturpando o sentido do amor de Cristo e de sua morte na cruz. Espera-se, pois, do texto que segue, a identificação e a argumentação dos mais significativos elementos do cristianismo presentes no entorno dessas personagens.

### 1. *Deus nunca desmente...*

Compadre Quelemém é um homem dedicado a ajudar as pessoas e gosta de se sentir livre para levar os seus conselhos espirituais àqueles que precisam de orientação e de encontrar um sentido para o caminho da salvação – “um homem fora de projetos”. O conteúdo de seus ensinamentos é derivado da doutrina espírita kardecista e da Boa Nova cristã. Para Riobaldo, Quelemém de Góis é homem simples da Jijujã, de bom coração e a sua lida na lavoura desde a madrugada não o impede de oferecer aos que o procuram o conforto espiritual da sua crença. Questionado sobre o problema do mal, o compadre procura traduzir de forma lógica o conteúdo de sua fé, mostrando a relação entre o plano salvífico de Deus pela graça da redenção e o livre arbítrio humano mergulhado no mistério que se encerra no poder e na sabedoria divina. Para Quelemém, “Deus nunca desmente” porque utiliza a história humana como mediação para comunicar o seu plano de salvação. Na singularidade do itinerário de Riobaldo, contempla-se a universalidade da história humana que caminha do pecado para a graça – “Sertão: é dentro da gente”.

Os conselhos espirituais do compadre Quelemém assumem uma dimensão de afirmação de elementos religiosos do cristianismo, tais como: a existência do mal e a fé no poder e na bondade de Deus. Inicialmente a narrativa apresenta Quelemém como praticante da doutrina espírita de Allan Kardec, mas no decorrer do texto o leitor descobre que Quelemém pratica um sincretismo afirmando elementos fundamentais da Boa Nova cristã. E Rosenfield concorda com essa visão ao afirmar que estão presentes nas histórias edificantes de Quelemém a ideia de uma justiça última – o Juízo Final – que revelará a Verdade dos justos e dos injustos, assim como a remissão dos pecados,<sup>521</sup> dando ao mal uma natureza provisória através dos dispositivos de resgate e redenção da providência divina, em que a dor e o sofrimento afirmados pela doutrina de Quelemém representam o meio da redenção e o acesso ao “Outro Mundo”.<sup>522</sup> Riobaldo o considera um homem simples, disposto para trabalhar de madrugada na produção de rapadura e no plantio de algodão e que tem um coração aberto pronto a ajudar e a ouvir as pessoas e os seus problemas. É um mestre espiritual do sertão que ajudará Riobaldo a encontrar um sentido para o trágico desfecho de seu itinerário de jagunço e para as relações de amizade e amor que estabeleceu com Diadorim na vida jagunça.<sup>523</sup> Quelemém orienta a respeito das preocupações de Riobaldo

---

<sup>521</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 368.

<sup>522</sup> *Ibidem*, p. 388.

<sup>523</sup> “Compadre meu Quelemém é um homem *fora de projetos*. O senhor vá lá, na Jijujã. Vai agora, mês de junho. A estrela-d’alva sai às três horas, madrugada boa gelada. É tempo da cana. Senhor vê, no escuro, um quebra-peito – e é ele mesmo, já risonho e suado, engenhando o seu moer. O senhor bebe uma cuia de garapa e

com a salvação de sua alma e sobre a relação dos seus pecados derivados de sua vida pregressa com a implicação para a vida após a morte. Afirma o poder e a sabedoria divina ao explicar que o viver humano é um mistério que segue um plano dado por Deus e por seu projeto salvífico, sem tirar do humano o livre arbítrio e a possibilidade das escolhas.<sup>524</sup> Ao insistir na liberdade, Quelemém mostra a Riobaldo que os desígnios misteriosos da bondade divina<sup>525</sup> possuem motivos em permitir as escolhas de bondade ou de maldade feitas pelo homem.<sup>526</sup> Riobaldo velho quer livrar-se da culpa derivada das maldades praticadas no passado, por isso converte-se e dedica-se à religião para passar pelo processo de purificação da justiça divina sugerido pelo compadre a fim de merecer a salvação e o Céu.<sup>527</sup> O problema do mal e da sua origem é o ponto que mais o preocupa e é sobre o que Quelemém oferecerá algumas explicações a fim de acalmar a sua aflição. A Boa Nova cristã ensina que o poder de Deus tudo criou, que o mal existe e que a sua existência deriva das razões morais inerentes à bondade de Deus, incompreensíveis ao ser humano. Se Deus é o responsável pela compreensão do mal, através da paixão de Cristo, a liberdade humana é a responsável pela realidade desse mal.<sup>528</sup> Ao afirmar que todo o mal feito tem um preço, Quelemém busca convencer Riobaldo sobre o projeto salvífico de Cristo, fruto da graça de Deus, e sobre o seu legado que convida a humanidade, mediante a fé, o sofrimento e o sacrifício, a transformar o mal em bem, resgatando o paraíso perdido. Quelemém ainda afirma a crença no purgatório, justificando a necessidade de que as almas precisam estar purificadas, e, na medida em que

---

dá a ele lembranças minhas. *Homem de mansa lei, coração tão branco e grôso de bom*, que mesmo pessoa muito alegre ou muito triste gosta de poder conversar com ele”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 58-59. Grifos nossos.

<sup>524</sup> “[...] – “Essas são as *horas da gente*. As outras, de todo tempo, são *as horas de todos*” – me explicou o compadre meu Quelemém. Que fosse como sendo o *trivial do viver* feito uma água, dentro dela se esteja, e que tudo ajunta e amortece – só *rara vez se consegue subir* com a cabeça fora dela, feito um *milagre*: peixinho pediu”. *Ibidem*, p. 138-139.

<sup>525</sup> Diversos relatos bíblicos demonstram a natureza misteriosa de Deus: Deuteronômio 29:29; Isaías 55:9; João 1:1-2.

<sup>526</sup> “Compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do sertão? Sertão: é dentro da gente. O senhor me *acusa*? Defini o alvará do Hermógenes, referi minha *má cedência*. Mas minha *padroeira é a Virgem*, por orvalho. Minha vida teve meio-do-caminho? Os morcegos não *escolheram* de ser tão feios tão frios – bastou só que tivessem *escolhido* de esvoaçar na sombra da noite e chupar sangue. *Deus nunca desmente*. O *diabo é sem parar*”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 309. Grifos nossos.

<sup>527</sup> “Bom, ia falando: questão, isso que me sovaça... Ah, formei aquela pergunta, para compadre meu Quelemém. Que me respondeu: que, por perto do Céu, a gente *se alimpou tanto*, que todos os *feios passados se exalaram de não ser* – feito sem-modez de tempo de criança, más-artes. Como a gente não carece de ter *remorso* do que divulgou no latejo de seus pesadelos de uma noite. Assim que: *tosou-se, floreceu-se!* Ahã. Por isso dito, é que a ida para o Céu é demorada. Eu confiro com compadre meu Quelemém, o senhor sabe: razão da crença mesma que tem – que, por todo *mal*, que se faz, um dia se *repaga*, o exato”. *Ibidem*, p. 22. Grifos nossos.

<sup>528</sup> A respeito da essência do mal e da permissão de Deus para a sua existência, o *COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica*, no primeiro capítulo da segunda seção da primeira parte esmiúça uma reflexão.

se aproximam de Deus passando por esse processo, tendem a esquecer as maldades praticadas para estarem aptas à vida na graça.<sup>529</sup> Ao confirmar a crença no inferno como o lugar do eterno afastamento de Deus, Riobaldo compreende a lógica de Quelemém que explicita a natureza do inferno, de seus espíritos inferiores e medonhos como o lugar sobrenatural por excelência do mal e da maldade. Portanto, vender a alma ao diabo ou fazer o pacto com ele, para Quelemém, pouco importa.<sup>530</sup> O que importa é a opção por Deus através da fé e das boas ações. Para o tema da fé, Riobaldo assume uma postura mais reflexiva por ser um personagem titubeante e desconfiado, tendo necessidade de melhores explicações para perceber de forma mais clara a relação entre Deus e as suas necessidades existenciais. Nesse sentido, o espiritismo kardecista do compadre Quelemém lhe será mais útil para construir esse entendimento. A fé de Riobaldo, em diversos fragmentos do romance, se mostra mais prática e menos espiritual, tal como a crença em Diadorim, no empreendimento de Joca Ramiro, nos comandos de Medeiro Vaz, em Zé Bebelo e nas histórias de Jõe Bexiguento. Infere-se do romance uma fé no sagrado (divino ou demoníaco) com exigência de uma mediação lógica ou com o pressuposto de um conhecimento prévio que sustente alguma confiança. O mergulho na escuridão como expressão de fé talvez não fizesse sentido para a condição de jagunço. No entanto, ele parece não concordar inteiramente com o compadre, pois se a proposta de salvação do cristianismo está fundada na história e na mediação do mundo, da qual partilha o catecismo de Quelemém, então o desejo de afastamento desse mundo de maldades e de pecados vivido pelo jagunço no sertão – o lugar do mal – sugerido por ele mesmo como uma espécie de fazendão de Deus, à espera da morte e do reino de Deus,<sup>531</sup> choca com essa mensagem cristã que vê no sacrifício, na prática das virtudes e na imitação de Cristo o caminho para Deus e, portanto, para a

---

<sup>529</sup> Araujo confirma o sincretismo de Quelemém com a crença no Purgatório. ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 168.

<sup>530</sup> “A gente viemos do inferno – nós todos – compadre meu Quelemém instrui. Duns lugares inferiores, tão monstro-medonhos, que Cristo mesmo lá só conseguiu aprofundar por um relance a graça de sua substância alumiável, em as trevas de véspera para o Terceiro Dia. Senhor quer crer? Que lá o prazer trivial de cada um é judiar dos outros, bom atormentar; e o calor e o frio mais perseguem; e, para digerir o que se come, é preciso de esforçar no meio, com fortes dores; e até respirar custa dor; e nenhum sossego não se tem. Se creio? Acho proseável”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 48-49. “[...] – “O senhor [Compadre Quelemém] acha que a minha *alma* eu vendi, pactário?!” Então ele sorriu, o pronto sincero, e me vale me respondeu: – “Comprar ou vender, às vezes, são as ações que são as *quase iguais...*” [...]”. Ibidem, p. 607. Grifos nossos.

<sup>531</sup> Em relação ao reino de Deus, Schillebeeckx o explicita em duas dimensões. A primeira é o Jesus histórico, ou seja, Jesus tinha uma práxis do reino de Deus, o caminho de vida de Jesus era o caminho do reino. A segunda é a missão da igreja, isto é, ao testemunhar o caminho de vida de Jesus, mostra o rumo do reino de Deus. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 162.

salvação.<sup>532</sup> Outra forma que Riobaldo tem de discordar de Quelemém é explicitada pela inferência feita por Rosenfield desses fragmentos ao pressupor do Compadre uma fé genuína e inabalável na onisciência, onipotência e bondade de Deus que constitui a “salvação dos ignorantes”, entretanto, Riobaldo sabe que a salvação do Evangelho por ser diferente da complexidade da realidade, muitas vezes se contradiz, exigindo, ao contrário da fé, o espírito crítico a fim de libertar-se da ignorância, dos dogmas, das doutrinas e das narrativas legadas da longa tradição cristã, pois ao subverter esses conteúdos dogmáticos, aparecerão os deslizamentos, as aporias e os problemas da matéria evangélica. Para ilustrar e sustentar o argumento a respeito das desconfianças de Riobaldo sobre a Bondade divina, a autora cita uma das histórias exemplares, o caso de Aleixo. É uma história que segue rigorosamente o modelo da narrativa cristã por excelência, ou seja, a imitação de Cristo é a referência desse relato. Em outras palavras, a redenção se realiza através de um sofrimento capaz de salvar tornado viável por intermédio do amor, isto é, depois da queda, a ascensão. Aleixo é resgatado de sua maldade assassina ao ser atingido pelo sofrimento através da dor de seus filhos. Ou seja, o sofrimento no sentido cristão o direciona para o amor paterno, levando esse assassino a aprender a respeitar a vida humana e a assumi-la como um valor. Segundo a autora, Deus na sua infinita Bondade tem um plano salvífico no qual tudo se explica, levando Riobaldo a desconfiar do significado e da dimensão transcendente desse caso e, sobretudo dessa bondade divina.<sup>533</sup> Essa tensão presente no texto, além de mostrar a capacidade de observação e de perspicácia do protagonista, revela a característica ambígua da narrativa.

Adotar ou não a proposta cristã ensinada por Quelemém é a situação de ambiguidade que o relato do velho Riobaldo quer mostrar. Uma vida de abstinências e sacrifícios parece não combinar com o reino de justiça e amor prometido por Deus. Riobaldo compreende que a imitação da *via crucis* – reviver a paixão de Cristo – constitui um caminho para a salvação, contudo, se sente incomodado com a lógica da justiça divina que resgata o pecador com o sacrifício dos inocentes, por exemplo, o caso do Aleixo e seus meninos doentes.<sup>534</sup> O espírito das bem aventuranças<sup>535</sup> transmitido por Quelemém o deixa

<sup>532</sup> “Mesmo, pela arrependida humildade que ela principiou, em tão pronunciado *sofrer*, alguns diziam que Maria Mutema estava ficando *santa*”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 227. Grifos nossos.

<sup>533</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 219-220.

<sup>534</sup> “Mas, em verdade, filho, também, abranda. Olhe: um chamado Aleixo, residente a légua do Passo do Pubo, no da-Areia, era o homem de maiores ruindades calmas que já se viu. [...] Um dia, só por graça rústica, ele matou um velhinho que por lá passou, desvalido rogando esmola. [...] Esse Aleixo era homem afamalhado, tinha filhos pequenos; aqueles eram o amor dele, todo, despropósito. Dê bem, que não nem um ano estava

confuso, pois ao mesmo tempo em que manifesta a fé nos méritos do sacrifício de Cristo desejoso de salvação buscando os meios para merecer o reino de Deus, também não vê sentido na anulação e no esvaziamento do mundo humano e sua relação com o paraíso celeste, por isso o jagunço opta pelos caminhos do erro e do pecado.<sup>536</sup> O relato do conceito de mal identificado ao conceito de demônio dá ao leitor, por exemplo, ora um entendimento de uma realidade autônoma de uma entidade demoníaca, ora sugere um conceito de maldade implicada nas ações humanas. A tentativa ambígua de entender as explicações de Quelemém faz com que Riobaldo ao mesmo tempo em que descrê no diabo, sugira diversos nomes para esse ser sobrenatural. Vê-se, portanto que a ambiguidade implicada no romance não deriva apenas das discordâncias do catecismo do compadre, mas se amplia para a relação entre o jagunço e o narrador se estendendo para a ressignificação no ato de contar a história vivida. Se por um lado, as explicações de Quelemém, por estarem colocadas no universo religioso, se apresentam um tanto quanto misteriosas, por outro, o mistério se coloca na ambiguidade do relato que tem sua origem na relação entre o personagem, o narrador, o interlocutor e o leitor que entre si estão próximos e distantes ao mesmo tempo.

Por isso, o encontro de Riobaldo com o compadre Quelemém proporciona a inferência de elementos religiosos cristãos que estão colocados no âmbito central das

---

passado, de se matar o velhinho pobre, e os meninos do Aleixo aí adoeceram. Andaço de sarampão, se disse, mas complicado; eles nunca saravam. [...] Cegos, sem remissão dum favinho de luz dessa nossa! O senhor imagine: uma escadinha – três meninos e uma menina – todos cegados. Sem remediável. O Aleixo não perdeu o juízo; mas mudou: ah, demudou completo – agora vive da banda de *Deus*, suando para ser *bom e caridoso* em todas suas horas da noite e do dia. Parece até que ficou o feliz, que antes não era. Ele mesmo diz que foi um homem de sorte, porque *Deus* quis ter *pena* dele, transformar para lá o rumo de sua *alma*. Isso eu ouvi, e me deu raiva. Razão das crianças. Se sendo castigo, que *culpa* das hajas do Aleixo aqueles meninozinhos tinham?!”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 12. Grifos nossos.

<sup>535</sup> “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados”: Mateus 5:4.

<sup>536</sup> “Compadre meu Quelemém, muitos anos depois, me ensinou que todo desejo a gente realiza alcança – se tiver ânimo para cumprir, *sete dias* seguidos, a energia e paciência forte de só fazer o que dá desgosto, nojo, gastura e cansaço, e de rejeitar toda qualidade de *prazer*. Diz ele; eu *creio*. Mas ensinou que, maior e melhor, ainda, é, no fim, se rejeitar até mesmo aquele desejo principal que serviu para animar a gente na *penitência de glória*. E dar tudo a *Deus*, que de repente vem, com novas coisas mais *altas*, e paga e repaga, os *juros* dele não obedecem medida nenhuma. Isso é do compadre meu Quelemém. Espécie de *reza*? Bem, *rezar*, aquela noite, eu não conseguia. Nisso nem pensei. Até para a gente se lembrar de *Deus*, carece de se ter algum costume. Mas foi aquele grão de idéia que me acucou, me argumentou todo. Ideiazinha. Só um começo. Aos pouquinhos, é que a gente abre os olhos; achei, de per mim. E foi: que, no dia que amanhecia, eu não ia pitar, por forte que fosse o vício de minha vontade. E não ia dormir, nem descansar sentado nem deitado. E não ia caçar a companhia do Reinaldo, nem conversa, o que de tudo mais prezava. Resolvi aquilo, e me alegrei. O medo se alargava de meus peitos, de minhas pernas. O medo já amolecia as unhas. Íamos chegando numa tapera, nas Lagoas do Córrego Mucambo. Lá nós tínhamos pastos bons. O que resolvi, *cumpri. Fiz*. [...] Ah, aquele dia me carregou, *abreviei o poder de outras aragens*. Cabeça alta – digo. Esta vida está cheia de *ocultos caminhos*. Se o senhor souber, sabe; não sabendo, não me entenderá. [...] Nem não tinha sono nenhum, desmenti fadiga. Reproduzi de mim outro fôlego. *Deus* governa grandeza. *Medo* mais? Nenhum algum! Agora viesse corja de zebebelos ou tropa de meganhas, e me achavam. Me achavam, ah, bastantemente”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 153-154. Grifos nossos.

verdades dessa tradição. As interpelações de Riobaldo e as explicações do compadre suscitam a preocupação a respeito de condutas passadas que podem estar conectadas à realidade presente do narrador. Portanto, ao optar por uma vida virtuosa, orientada por Quelemém, Riobaldo sabe que deveria optar também pela visão escatológica do reino de Deus. Em busca do Céu, sabe que a prática evangélica das bem-aventuranças e do sacrifício e do sofrimento imposto pela imitação de Cristo implicado no Mistério Pascal, como graça de Deus, constitui a essência da vida cristã. Ao aceitar as orientações do compadre, tem consciência de que a sua fé estará orientada para um plano de salvação que faz parte da Boa Nova cristã que pressupõe o livre arbítrio, ou seja, a liberdade de escolher entre o bem e o mal implicados no pecado e na graça. Tal aceitação significa também a afirmação da crença nas realidades do demônio e do inferno como realidade definitiva do afastamento de Deus e do purgatório como o lugar de purificação espiritual daquele que deseja a salvação e o Céu. Confiar que Deus tem razões morais para que o mal exista significa ter fé no mistério de seu plano salvífico e, portanto, no seu poder, na sua sabedoria e na sua bondade. Tais afirmações derivadas das explicações e dos questionamentos do narrador, inferidos no romance, constituem alguns dos elementos fundamentais da revelação cristã.

Entende-se, então, o problema central apontado pela interpretação de Rosenfield, ou seja, o tipo de salvação fundada na Boa Nova cristã do catecismo de Quelemém que se baseia no esquecimento dos pecados e no sacrifício redentor como forma de acesso ao reino de Deus, não é visto com bons olhos por Riobaldo. Ele se coloca com ceticismo diante da ingenuidade e da simplicidade da crença do Compadre que confia no poder e na sabedoria divina, por saber das contradições existentes entre a proposta evangélica e a realidade vivida. Nota-se a ambiguidade da crença de Riobaldo provocada pela ambiguidade presente no relato do velho Riobaldo, isto é, ora adotando a fé genuína cristã, ora desconfiando dela. Constata-se a presença de elementos religiosos cristãos, explicitados por Rosenfield, através dos ensinamentos que Riobaldo recebe do mestre Quelemém, fundados na “salvação dos ignorantes”, como os que foram explicitados anteriormente no caso do Aleixo e de seus meninos doentes.

## ***2. Aquele assunto de Deus ...***

As mulheres influenciaram religiosamente a travessia de Riobaldo. Nhorinhá, ao oferecer o seu amor e a sua fé sincrética encantando um Riobaldo carente de afeto e de sentido, o influencia com a esperança de uma vida para além do ódio do pacto de guerra, afirmando a impotência humana diante do transcendente através da necessidade da proteção pela fé e devoção numa estampa de santa milagrosa. Otacília, além do amor, oferece a sua fé contextualizada no cristianismo, alimentada na devoção aos santos, em Nossa Senhora e inspirada na transcendência imanada da Fazenda Santa Catarina. Influencia Riobaldo como esposa, com o poder das suas orações e dos trabalhos espirituais do grupo de rezadeiras intermediado por ela e com o valor da castidade e da fidelidade derivado da veneração à pureza de Nossa Senhora e recomendado como princípio moral ao crente arrependido, no caso, o velho barranqueiro e suas lembranças de uma vida jagunça promíscua. Diadorim, apesar do pacto de ódio contra o Hermógenes a fim de vingar a morte do pai e apesar de alienar-se do feminino em favor de um segredo estéril, dedica amor em forma de amizade, acompanhando e ensinando Riobaldo, desde o primeiro encontro – ainda menino – a ter fé e coragem. Ensina Riobaldo a perceber a presença de Deus através das suas adoráveis criaturas, tal como, o pássaro manuelzinho-da-crôa; transfigura-se diante do amigo na imagem da santidade e da pureza de Nossa Senhora da Abadia; e diante do corpo nu de Deodorina, Riobaldo recorre à crença na ressurreição sabendo que Diadorim, dom de Deus, a Deus foi dada desde o seu nascimento no batistério da matriz de Itacambira. Infere-se, portanto, a maestria das mulheres, um assunto de Deus, que acompanha o itinerário do velho Riobaldo.

As devoções aos santos e a busca por milagres e proteção fazem parte das tradições cristãs desde o início, quando as peregrinações à terra santa e a necessidade de preservação da memória de santos e mártires se tornaram importantes. No relato do encontro de Riobaldo com Nhorinhá, além do amor e da sabedoria oferecidas por ela, num momento de magia e de “casamento sponsal” ultrapassando o possível preconceito do encontro entre um jagunço e uma meretriz, há o oferecimento da religiosidade. Numa perspectiva judaico-cristã, Utéza afirma que a relação entre Riobaldo e Nhorinhá faz dela uma nova Amada do Cântico dos Cânticos e também faz lembrar-se da prostituta dos Evangelhos, ao compará-la às ninfas do Verde-Alecrim, contextualizando uma referência à pecadora que lavou os pés de Cristo na casa de Simão, perdoadando-lhe ele os pecados por ter manifestado muito amor<sup>537</sup>. Tal analogia, conclui o autor, projeta sobre Nhorinhá a aura divina ao ser lembrada pelo narrador

---

<sup>537</sup> Bíblia, Lucas 7:36-50.

em sua eterna juventude.<sup>538</sup> Além dessa perspectiva sugerida por Utéza, Nhorinhá também partilha com Riobaldo as suas crenças, isto é, o amuleto que traz proteção contra mordida de cobra e a veneração a uma estampa de santa milagrosa revelando a dimensão cristã da sua fé.<sup>539</sup> Certamente esse encontro com Nhorinhá se estendeu para outras dimensões pertinentes a um jagunço errante atrás de guerra e vingança, no entanto, a narrativa do velho Riobaldo prioriza a peculiaridade da crença dando ao leitor, mais uma vez, o tom das suas preocupações religiosas no momento em que relata o fato vivido. E é nesse intervalo entre o fato e o relato que se percebe a ambiguidade do texto, pois se a religiosidade transmitida por Nhorinhá, no primeiro momento, é vista como dom e como desfecho feliz de uma relação amorosa, carnal e espiritual significativa, por outro, a perseguição de Diadorim e de Medeiro Vaz à magia da mãe de Nhorinhá – Ana Duzuza – que previra o futuro do fracasso da travessia do Liso do Sussuarão – o inferno – revela uma narrativa que dá a condição de poder para aquela que dialoga com o sobrenatural, provocando o conflito, a marginalização e o desconhecimento dessa manifestação religiosa, por aqueles que, de alguma forma, se sentiram ameaçados.<sup>540</sup> Infere-se, portanto, uma contraposição, ou seja, a afirmação e a negação do sentido dessa religiosidade. No entanto, é possível identificar nessa multiplicidade significativa que o relato do velho Riobaldo oferece o elemento religioso cristão da devoção aos santos e às suas intercessões miraculosas.

Se com o ensinamento e a experiência religiosa de Nhorinhá, Riobaldo alimenta a sua fé cristã da devoção aos santos, então, com a imagem de Otacília, figurada por ele na aparição sonhada de Nossa Senhora, dá a si mesmo a oportunidade de pisar em solo sagrado. Era o que ela, naquele instante, alheio à guerra e aos tormentos do amor nebuloso por Diadorim, além da paz e da espiritualidade da Fazenda Santa Catarina, lhe podia oferecer e ensinar-lhe. Os textos do Novo Testamento e a tradição cristã atestam que Maria de Nazaré, ao ser escolhida por Deus para ser a mãe de Jesus, se transformou na mulher mais venerada entre os cristãos, e desde os primeiros séculos o cristianismo a considerou santa por ter dado

---

<sup>538</sup> UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 336.

<sup>539</sup> “Se chamava Nhorinhá. Recebeu meu carinho no cetim do Pêlo – alegria que foi, feito *casamento, esponsal*. Ah, a mangaba boa só se colhe já caída no chão, de baixo... Nhorinhá. Depois ela me deu de presente uma *presa de jacaré*, para traspasar no chapéu, com talento contra mordida de cobra; e me mostrou para beijar uma *estampa de santa*, dita meia *milagrosa*. Muito foi”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 33. Grifos nossos.

<sup>540</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 33-40.

à luz o filho de Deus.<sup>541</sup> Portanto, a forte influência dessa verdade de fé estava presente na formação religiosa que Riobaldo recebeu de sua mãe, e, por isso, a analogia entre a figura aparente de Otacília no enquadro da janela e a aparição de Nossa Senhora o transporta para o universo religioso, dando-lhe não somente o acesso a imagens recebidas no passado, mas a um sentido existencial necessário para o momento que a fé de um devoto poderia oferecer-lhe.<sup>542</sup> Essa reflexão é endossada por Araujo ao afirmar que o tema da devoção a Maria, seguido do amor cortês, liga-se à descoberta da humanidade de Deus, aflorada no século XII e presente no romance de Rosa.<sup>543</sup> Ambas, Nhorinhá e Otacília, mestras, em nome do amor levam Riobaldo às fontes de transcendência a fim de matar a sua sede através da aceitação da magia, da devoção aos santos e à Nossa Senhora como forma de preencher o vazio causado pela esterilidade do amor por Diadorim e pela bestialidade da guerra jagunça fundada no ódio e na vingança. Rosenfield, nesse momento, reforça essa opinião ao afirmar que a decisão de Riobaldo pelo noivado com Otacília significa optar pela proposta erótica e carnal muitas vezes escondida nas palavras bem-educadas, diferente de decidir por um amor espiritual da moça de família pura e virgem.<sup>544</sup> O leitor pode inferir dessa narrativa uma dupla preocupação do velho Riobaldo reforçando o caráter ambíguo do texto. A primeira é a tendência a valorizar os aspectos religiosos. Se considerarmos que no momento da narração a realidade do jagunço Riobaldo é apenas uma lembrança a ser narrada, portanto já tendo passado pelo julgamento moral feito por e para si mesmo, as manifestações religiosas do personagem entram como contrapondo à atitude indesejável do jagunço e desejável pelo velho Riobaldo que está à procura de sentido, de religião e de salvação. A segunda é o compromisso com o interlocutor mudo – o narratário – pois ao armar o ponto de um fato não pode desrespeitá-lo ignorando os fatos, ou seja, precisa assumir quem foi o jagunço Riobaldo, deixando claro ao seu ouvinte silencioso a natureza da sua identidade e da sua trágica história. Ou seja, se a religiosidade ganha espaço e privilégio ao relatar, o contraste apresentado no romance entre a vida jagunça no sertão identificado ao mal e ao demo,

<sup>541</sup> A respeito de Maria de Nazaré, a mãe de Deus, o *COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica*, no segundo capítulo da segunda seção da primeira parte elaborou uma reflexão sustentada nas crenças desenvolvidas a partir da tradição cristã.

<sup>542</sup> “Moça de carinha redonda, entre compridos cabelos. E, o que mais foi, foi um sorriso. Isso chegasse? Às vezes chega, às vezes. Artes que morte e amor têm paragens demarcadas. No escuro. Mas senti: me senti. Águas para fazerem minha sede. Que jurei em mim: a *Nossa Senhora* um dia em sonho ou sombra me aparecesse, podia ser assim – aquela cabecinha, figurinha de rosto, em cima de alguma *curva no ar, que não se via*. Ah, a mocidade da gente reverte em pé o impossível de qualquer coisa! Otacília. O prêmio feito esse eu merecia?”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 158. Grifos nossos.

<sup>543</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 353.

<sup>544</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 284-285.

portanto, a uma vida de pecados vivida e participada pelo jagunço Riobaldo, e uma vida voltada ao bem e à religião do velho Riobaldo, se adéquam à religião cristã que tem como proposta resgatar, pela graça de Deus, através do sacrifício de Cristo, o pecador, a ovelha perdida. O itinerário para Deus buscado pelo narrador é orientado, portanto, pela experiência religiosa dos santos, dos mártires e de Nossa Senhora vislumbrada na chegada à Fazenda Santa Catarina, como o lugar de Deus.

Já com Diadorim, Riobaldo aprende a acreditar que se pode afirmar a existência de Deus e se aproximar d'Ele através das suas criaturas. Ao referir-se à natureza falando dos pássaros como um assunto de Deus, reconhece que os ensinamentos recebidos de Diadorim somados à exuberante paisagem da Fazenda Santa Catarina ao lado de Otacília, o ajudavam a afastar-se do demônio e das ruindades do Hermógenes.<sup>545</sup> Na bíblia, por exemplo, no salmo oito, encontram-se referências da afirmação da presença de Deus através da sua criação, e, também no cristianismo ao longo da sua trajetória se desenvolveram formas de diálogo com Deus por meio da contemplação das suas criaturas e se aprendeu com os ensinamentos de Jesus nos evangelhos a exaltar o poder de Deus na manifestação da simplicidade de vida dos pássaros e da beleza dos lírios do campo, superando a pomposidade do Rei Salomão.<sup>546</sup> Francisco de Assis, que recebeu de Deus a graça de poder se aproximar d'Ele através das criaturas, desenvolveu uma mística cristã com orações, hinos e ações que exaltavam a simplicidade, a pureza e a beleza da obra divina, estendendo ao cristianismo a possibilidade de professar a grandeza de Deus na humildade da criação. O tom amarronzado da cor da terra das penas da cotovia, visto por São Francisco como o símbolo da simplicidade e depois adotado como a cor do hábito vestido pelos frades franciscanos, é análogo também à admiração de Riobaldo pela cor marrom do pássaro manuelzinho da croa.<sup>547</sup> Riobaldo, ao aprender com Diadorim sobre a presença de Deus na

---

<sup>545</sup> “Fazenda Santa Catarina era perto do céu – um céu azul no repintado, com as nuvens que não se movem. A gente estava em maio. Quero bem a esses maios, o sol bom, o frio de saúde, as flores no campo, os finos ventos maiozinhos. A frente da fazenda, num tombado, respeitava para o espigão, para o céu. Entre os currais e o céu, tinha só um gramado limpo e uma restinga de cerrado, de donde descem borboletas brancas, que passam entre as régua da cerca. Ali, a gente não vê o virar das horas. [...] Minha Otacília, fina de recanto, em seu realce de mocidade, mimo de alecrim, a firme presença. Fui eu que primeiro encaminhei a ela os olhos. Molhei mão em mel, regrei minha língua. Aí, falei dos pássaros, que tratavam de seu voar antes do mormaço. Aquela visão dos pássaros, *aquele assunto de Deus*, Diadorim era quem tinha me ensinado”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 188 e 189. Grifos nossos.

<sup>546</sup> "Olhai para os lírios do campo, como eles crescem: não trabalham, nem fiam. Eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles" (Mateus 6:28-29).

<sup>547</sup> Chiara Frugoni em seu livro descreve a simplicidade e a humildade das cotovias que inspirava a prática do evangelho buscado como ideal de vida religiosa por Francisco e seus frades. FRUGONI, Chiara. *Vida de um homem: Francisco de Assis*, p. 93. No romance, Diadorim ensina à Riobaldo o caminho de Deus através dos

criação, reconhece na contemplação da Fazenda Santa Catarina uma vida de simplicidade, de Deus e de um viver comum que, no momento, em função da campanha de guerra, não se podia ter.<sup>548</sup> Araujo também acrescenta que Diadorim, ao ensinar Riobaldo a perceber a beleza da Criação através dos pássaros o ensina sobre “o amor de Deus, sem que ele saiba”.<sup>549</sup> Paradoxalmente, o relato do velho Riobaldo coloca o episódio do primeiro encontro com Otacília contornado de religiosidade manifestada na contemplação da criação e daquele assunto de Deus que o lugar proporcionava como algo isolado e fora do real, pois a verdadeira função da sua estadia na Fazenda era parte da estratégia da guerra, aproximando-o muito mais dos complexos princípios hermogêneos e demoníacos como a um destino trágico, e menos da afirmação de Deus e de sua simplicidade através de suas adoráveis criaturas. Essa ambiguidade percebida da narrativa no seu conjunto reforça a visão da personalidade titubeante de Riobaldo que, por um lado, quer cumprir a sina da vingança ao lado de Diadorim, mas por outro, com olhar de narrador, vê o significado a partir de um propósito salvífico da presença de Deus afirmado em um evento isolado reconstituído na história narrada. Professar Deus através da sua criação, portanto, é a inferência do cristianismo presente nesse relato do romance em que Riobaldo por algum momento se distancia da real maldade do sertão, transcendendo-se para os ensinamentos recebidos de Diadorim que acreditava na revelação de Deus através da sua criação e para a beleza simples da Fazenda Santa Catarina que o impulsionava para a contemplação da simplicidade da criação divina ao lado de Otacília. Tal inferência também é percebida nos contrastes propositalmente presentes na narrativa entre o bem e o mal, o feio e o belo, o complexo e o simples, e Deus e o diabo, que revelam a condição do humano no mundo vista pelo cristianismo como itinerário para Deus. Ou seja, se o cristão vive num mundo em que tudo é muito misturado, cabe-lhe a exemplo de Jesus discernir o caminho para Deus e para o seu propósito salvífico. O narrador, de forma discreta, conforme se pode ver, assume essa posição.<sup>550</sup>

---

pássaros: “De todos, o pássaro mais bonito e gentil que existe é mesmo o manuelzinho-da-crôa”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 143.

<sup>548</sup> No capítulo *Grandes Veredas*, Araujo desenvolve uma reflexão a partir de São Boaventura (autor da biblioteca de Rosa) sobre a ciência filosófica e a ciência teológica buscando analogias dessas ciências no texto do Grande Sertão, tal como a chegada de Riobaldo na Fazenda Santa Catarina marcada por profundo cristianismo. ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 97.

<sup>549</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>550</sup> Para Schillebeeckx, o tema Deus é visto como problemático no mundo contemporâneo. Longe do dualismo, afirma que existe no mundo atual uma mistura enigmática e constante de bem e mal, de sentido e sem-sentido, sem que a história possa responder a esse problema, contudo a fé em Deus a partir de uma experiência religiosa

Se a presença de Riobaldo na Fazenda Santa Catarina ao lado de Diadorim e Otacília era um assunto de Deus, então, também era de Deus, conforme a narrativa nos leva a inferir, a orientação cristã de uma conduta moral para a castidade, presente como mandamento de Deus desde a origem do cristianismo.<sup>551</sup> A imagem da virgem pura e santa, presente nas devoções a Nossa Senhora e às santas, tem servido de modelo e de conteúdo para os sermões e textos religiosos cristãos a fim de orientar a vida de todo aquele que ao ser batizado precisará ser educado nesses princípios e, em especial, a conduta daqueles que farão de suas vidas uma entrega total ao serviço de Deus e de seu reino. A castidade é vista pelos cristãos como vida celibatária, isto é, a abstinência total da sexualidade entre um homem e uma mulher e também como sacramento em que estão presentes a aliança de fidelidade e a sexualidade desejada por Deus com os fins da procriação. Otacília e Diadorim representam em dois momentos esse modelo cristão. O velho Riobaldo certamente conhecia esse referencial cristão da castidade. O primeiro é o da virgem – figuração de Nossa Senhora. Atributo também dado a Diadorim, que se apresenta transfigurado para Riobaldo na imagem da santidade e da pureza de Nossa Senhora da Abadia por ocasião do encontro acidental com um leproso, em que a impureza do doente coloca Riobaldo diante de sua própria impureza movida por instintos sexuais pecaminosos.<sup>552</sup> Enquanto que Diadorim, ao se mostrar sereno na cena, leva Riobaldo extaticamente a vê-lo como diferente, conforme o fragmento citado. Portanto, a tendência do narrador com o poder do conteúdo da história vivida é assumir Diadorim como parte de uma fantasia e transformá-la na virgem sobrenatural. O segundo é o da esposa fiel, devota e dedicada à religião. Otacília, diferente de Diadorim, traz a castidade que não nega o feminino, afastando Riobaldo da esterilidade da atividade guerreira, da regra do celibato de Joãozinho Bem-bem e da ausência da mulher

---

voltada para a humanização – “o sim em aberto” – como dom de Deus, resgata essa esperança perdida sustentando a resistência do “não” contra toda forma de sofrimento. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 22 e 23.

<sup>551</sup> Neitzel afirma que: “Numa remissão ao Paraíso sobre a Terra — missão escatológica do mito marial — encontramos Otacília vivendo de acordo com o ideal cristão definido no final do século IV, quando a virgindade – de significado escatológico – era a garantia da ascense, o retorno à origem. A continência foi uma imposição religiosa cristã, que gravitava numa problemática da superação da alma sobre o corpo e suas concupiscências. A castidade constituiu, durante longos séculos, tema do cristianismo, apanágio para a existência de um modelo exemplar”. NEITZEL, Adair de Aguiar. *Otacília: um prolongamento da visão mítica de Maria*. Disponível em <periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/download/5368/4749>. Acesso em 6 de outubro de 2012. Também a respeito da castidade, o *COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica*, no segundo capítulo da segunda seção da quarta parte desenvolveu argumentos teológicos sobre o mandamento de Jesus do amor ao próximo a partir do sexto mandamento da lei de Deus: “Não cometerás adultério”.

<sup>552</sup> “[...]: Diadorim, nas asas do instante, na pessoa dele vi foi a imagem tão formosa da minha *Nossa Senhora da Abadia!* A santa... [...] Aí peguei o cordão, o fio do *escapulário da Virgem* – que em tanto cortei, por não poder arrebentar – e joguei para Diadorim, que aparou na mão”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 495. Grifos nossos.

ao lado dos principais chefes jagunços. No entanto, a ambiguidade da narrativa dá ao comportamento sexual do jagunço Riobaldo um duplo sentido. Primeiramente ele se assume como promíscuo, medonho e pecador. Depois, ao relatar o seu respeito pelas mulheres meretrizes, ambigualmente retira os elementos religiosos desses encontros ao contrapor a conduta selvagem e instintiva dos outros jagunços que tinham aca e manejavam quando estavam precisando de mulher. Ou seja, a narrativa dá ao leitor a possibilidade de que o narrador se veja, a partir das relações estabelecidas no momento com sua esposa Otacília, como o jagunço pecador e promíscuo que afirma ter abandonado tais costumes, mas respeitoso com as prostitutas, sugerindo que esses encontros eram desejados por Deus por serem humanos na busca do prazer mútuo, diferindo radicalmente da brutalidade instintiva do comportamento comum de um jagunço.<sup>553</sup> Outra possibilidade para o leitor, seria a de perceber a armação do relato do barranqueiro que procura esquivar-se de seu passado jagunço incompatibilizando a sua natureza jagunça através dessa ambiguidade ao narrar. Como se sente arrependido por ter participado de crueldades e selvagerias, procura através da sua narrativa justificar e amenizar a condição vivida como presa a um destino que o transformou num barranqueiro dedicado à esposa e à religião. Infere-se, portanto, do narrador, o elemento religioso cristão da castidade como valor presente através da figura de Otacília e da relação estabelecida no passado jagunço com outras mulheres, a fim de se aproximar de Deus e de seus propósitos salvíficos. De acordo com Rosenfield, no que se refere à castidade, o romance coloca Riobaldo e Diadorim em lados opostos. Enquanto Riobaldo se encontra no campo da carnalidade e “sujo”, Diadorim representa o universo puro da Virgem cristã. A autora criticamente afirma a obsessão do cristianismo do século XII pela pureza que hostilizava violentamente toda marca de exuberância feminina, dando a Diadorim, semelhante aspecto medieval, uma imagem angélica que contrasta com a

---

<sup>553</sup> “[...] –“Mulher é gente tão infeliz...”– me disse Diadorim, uma vez, depois que tinha ouvido as estórias. Aqueles homens, quando estavam precisando, eles tinham aca, almiscravam. Achavam, manejavam. *Deus* me livrou de endurecer nesses costumes perpétuos. A primeira, que foi, bonita moça, eu estava com ela somente. Tanto gritava, que xingava, tanto me mordida, e as unhas tinha. Ao cabo, que pude, a moça – fechados os olhos – não bulia; não fosse o coração dela rebater no meio peito, eu entrevia medo. Mas eu não podia esbarrar. Assim tanto, de repente vindo, ela estremeceuzinha. Daí, abriu os olhos, aceitou minha ação, arfou seus prazeres, constituído *milagre*. Para mim, era como eu tivesse os mais amores! Pudesse, levava essa moça comigo, *fiel*. Mas, depois, num sítio perto da Serra Nova, foi uma outra, a moreninha miúda, e essa se sujeitou fria estendida, para mim ficou de pedras e terra. Ah, era que nem eu nos *medonhos* fosse – e, o senhor crê? – a mocinha me agüentava era num *rezar*, tempos além. Às *almas* fugi de lá, larguei com ela o dinheiro meu, eu mesmo *roguei pragas*. Contanto que nunca mais *abusei* de mulher. Pelas ocasiões que tive, e de lado deixei, ofereço que *Deus* me dê alguma minha recompensa. O que eu queria era ver a satisfação – para aquelas, pelo meu *ser*. Feito com a Rosa’uarda, sempre formosa, a filha de Assis Wababa, sonhos meus, turcamente; e que a qual, não lhe disse: o pai dela, que era forte negociante, em todo tempo nanja que não desconfiou”. Ibidem, p. 172 e 173. Grifos nossos.

sensualidade assumida de Riobaldo.<sup>554</sup> No que se refere ao aspecto moral das estruturas religiosas cristãs e à concepção de Deus, a crítica de Rosenfield apresenta de forma negativa o valor da castidade do cristianismo medieval, explicitando que o culto à Virgem fundado na substituição da devoção popular pelas deusas pagãs aos poucos supera o desprezo que as correntes monacais alimentavam contra a mulher e o feminino. E mais, Rosenfield liga o voto de castidade e de dedicação de Diadorim a uma causa única, ou seja, o sacrifício de si em nome do pai, representando o modelo da paixão de Cristo reforçada através da estrutura de alguns casos que deturpam a mensagem cristã, tal como o do menino do *Nazaré* que, embora tenha o nome semelhante ao de Jesus de Nazaré, a sua violência vingativa e assassina nega a Boa Nova da bondade e da não-violência de Cristo; o outro caso, Rudugério de Freitas tem um comportamento paterno que contrasta com o amor paterno do Deus cristão; e a inversão da mensagem cristã aparece no caso da moça milagrosa, cujos milagres de cura diferem da fé, da confiança, da esperança e do amor fraterno presentes nos milagres de Cristo. A autora afirma, portanto, que a Paixão de Cristo do amor desencarnado, cujo mistério fundamenta a vida cristã, aparece nessas condições de convivência com a morte no sertão, através de seus protagonistas, como uma fatal inversão. Ou seja, o amor místico de Cristo e as formas viáveis do amor humano foram substituídos pela maldade pura.<sup>555</sup>

Entretanto, é possível reconhecer no romance que o velho Riobaldo sabe do poder da oração<sup>556</sup>, por isso coloca as rezas em destaque na sua história contada. Otacília protagoniza a presença dessas rezas na vida de Riobaldo desde o primeiro contato na Fazenda Santa Catarina. O sonho de casar-se com Otacília, transformado em realidade após o abandono da vida jagunça, foi nutrido inicialmente pela aura religiosa da esposa. Ao imaginar a casa e os filhos sendo cuidados por ela, a ida às festas da cidade de braços dados e os preparativos para a noite diante da imagem, de joelhos e a reza feita por ela evocando no narrador o sentimento religioso da qual ele participa alimentando a sua fé.<sup>557</sup> A propósito,

---

<sup>554</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 266-267. Schillebeeckx afirma que o posicionamento, ainda patriarcal, do cristianismo, afeta a disposição dos seres humanos para a crença em Deus, “pois, muitos crentes, principalmente mulheres, têm a impressão de que se lhes exige crer no Deus que mediante a religião magoa e humilha seres humanos, sobretudo mulheres”. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 89.

<sup>555</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 382-383.

<sup>556</sup> A quarta parte do *COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica* é dedicada à reflexão da Oração Cristã.

<sup>557</sup> “[...]. E Otacília tomando conta da casa, de nossos filhos, que decerto íamos ter. Otacília no quarto, *rezando ajoelhada diante de imagem*, e já aprontada para a noite, em camisola fina de ló. Otacília indo por meu braço

Araujo afirma que com Otacília Riobaldo encontra o “amor e a luz, sinais do Espírito Santo e de Cristo”, e que os ares de liberdade proporcionados por esse paraíso são o indício de Deus Pai, da existência plena e do roteiro de Deus, portanto, ele encontra nesse lugar a figuração da Trindade, inferindo-se dessas analogias da autora, o sustento da fé do narrador transformado em oração. E acrescenta que, em grego, o significado do nome *Otacília* é “aquela que ouve” e Riobaldo significa “aquele que vê”, que tem boa pontaria e que capta o espírito por detrás da letra. Otacília se torna, portanto, a parte da alma de Riobaldo capaz de ouvir a palavra de Deus seguindo a exortação evangélica de são Mateus e de são João: “ouça aquele que tem ouvidos”. E outro versículo: “Em verdade, em verdade vos digo, aquele que escuta minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna”.<sup>558</sup> Contudo, se Otacília é realidade no momento em que narra, ao reviver a história narrada, sentindo-se no universo da fantasia pela sua condição jagunça passada e pelo peso dos atributos que essa existência lhe conferia, se desconsola ao imaginar a reação hostil do pai de Otacília em relação ao casamento da filha. Por isso, o jagunço reza às Nossas Senhoras do sertão, mesmo sabendo que tais rezas se dissiparão na chuva e no vento e não poderão garantir a realização de seu sonho ao lado de Otacília.<sup>559</sup> Vê-se, portanto, um posicionamento favorável do narrador em direção à eficácia das orações e também um assumir próprio como agente da oração, diferindo do posicionamento anterior quando se colocava como participante das rezas da esposa ou de outras pessoas ao encomendar, em troca de pagamento, o serviço de rezadeiras afamadas a fim de que pudesse interceder proteção por ele junto a Deus, garantindo pelas Chagas de Cristo o mérito da salvação.<sup>560</sup> Tais implicações referentes às rezas presentes no romance denotam a influência exercida das diversas tradições religiosas e, de modo particular, a tradição cristã que dá à Nossa Senhora e aos santos o papel intercessor e protetor que o protagonista tanto aspira ao se movimentar o tempo todo em direção ao tema soteriológico. Por outro lado, a adoção da prática das rezas feita pelo

---

às festas da cidade, vaidosa de ser feliz e de tudo, em seu vestido novo de molmol”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 378. Grifos nossos.

<sup>558</sup> Bíblia, Mateus 13:9; João 5:24-25. ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 81.

<sup>559</sup> “Para isso rezei, a todas as minhas *Nossas Senhoras Sertanejas*. Mas rebotei de lado aquelas *orações*, na água fina e no ar dos ventos”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 410. Grifos nossos.

<sup>560</sup> “Olhe: tem uma preta, Maria Leôncia, longe daqui não mora, as *rezas* dela afamam muita *virtude* de *poder*. Pois a ela *pago*, todo mês – encomenda de *rezar* por mim um *terço*, todo santo dia, e, nos *domingos*, um *rosário*. Vale, se vale. Minha mulher não vê mal nisso. E estou, já mandei recado para uma outra, do Vau-Vau, uma Izina Calanga, para vir aqui, ouvi de que *reza* também com grandes *meremerências*, vou efetuar com ela trato igual. Quero punhado dessas, me defendendo em *Deus*, reunidas de mim em volta... *Chagas de Cristo!*”. *Ibidem*, p. 16. Grifos nossos.

narrador e o seu viver da “banda de Deus” não combinam com a natureza essencialmente má da condição jagunça e da realidade maligna do sertão, dando ao romance no seu conjunto a condição de debater o sentido e a existência do mal e da maldade experienciado pelo jagunço Riobaldo, levando o leitor a desconfiar da coerência da narração. Em alguns dos trechos do romance acima referidos, a narrativa sobre o valor da reza antecede à decisão do protagonista em favor do pacto com o diabo, proporcionando ao leitor uma inferência ambígua do relato, supondo que o velho Riobaldo ao negar o seu passado jagunço poderia ter implantado ao reconstruir e re-significar a história vivida – a matéria vertente – uma religiosidade das rezas, embora latente, contudo, jamais praticada pelo protagonista. Assumir a ambiguidade da narrativa, nesse caso, seria a maneira mais confiável de se buscar a coerência entre o vivido e o narrado que o narratário – o interlocutor silencioso (no momento em que ouve a história) – e o leitor poderão fazer. A inferência dos elementos cristãos presentes no tema das rezas de Riobaldo, de Otacilia e de outras personagens do romance, apesar da condição ambígua do relato são evidentes e perceptíveis através das expressões cristãs, tais como: Nossa Senhora, a reza feita diante da imagem de santo e as Chagas de Cristo contextualizadas na crença do narrador. Mesmo que pudéssemos atribuir outras interpretações não religiosas dessas expressões e que a crítica literária tenda a afirmar que o autor tinha a intenção de transmitir algo não-cristão a partir do relato do protagonista, ainda assim, tais conceitos inerentes ao cristianismo não perderiam a carga significativa que historicamente carregam no contexto religioso cristão.

Se a preocupação com a própria salvação é pertinente para o velho Riobaldo, então, com igual valor, o tema escatológico também o é, ao se constatar que o protagonista participara de vários velórios. Entre tantos, o de Medeiro Vaz e o de Diadorim são os mais detalhados por Riobaldo e também são os que afirmam significados religiosos cristãos.<sup>561</sup> As tradições religiosas, em geral, veem a morte como passagem e transformação. Os cristãos afirmam que a morte é a transição para uma vida melhor<sup>562</sup> e, portanto, aquele que se tornou filho de Deus pelo sacramento do batismo simplesmente muda de mundo, pois sai de um que é temporal, para um que é eterno, onde a glória de Deus é a luz e felicidade plena.<sup>563</sup> Ao receber o corpo de Diadorim das mãos da mulher do Hermógenes, certamente é sincera

---

<sup>561</sup> Conforme o contexto narrado já explicitado no capítulo 2: Os Mestres que narra o velório de Diadorim; e no Capítulo 4: Os Chefes que explicita o velório de Medeiro Vaz.

<sup>562</sup> Bíblia, Filipenses 1:21-23; 2 Coríntios. 5:4,8.

<sup>563</sup> Ibidem, Apocalipse 7:16-17; 14:13; 21:4.

intenção e desejo do protagonista em recorrer à crença na ressurreição: “[...] e levantei mão para me benzer [...]” e em relatar a identidade cristã de Deodorina no livro de batistério da matriz de Itacambira.<sup>564</sup> A ressurreição é o fundamento do cristianismo. E aquele que assume a identidade cristã, através do sacramento do batismo, de gestos, como o sinal na cruz, da oração do rosário, da oração pela alma daquela que faleceu e do sepultamento cristão, acreditam na ressurreição. Utéza explora, sob a ótica religiosa cristã, o nome de batismo de Maria Deodorina descrevendo que as dominantes femininas inscritas em seu nome – *Maria, Marins* (água) e *Bettancourt* (terra, jardim) – cercam o núcleo luminoso *Deodorina da Fé* que revela o Espírito Santo. E o seu prenome *Deo Doron* significa dom de Deus, votado a Deus, aplicando-se essa expressão ao Espírito Santo.<sup>565</sup> A Bíblia, de modo especial, o Novo Testamento também apresenta o tema da morte fundado na história da salvação, isto é, se por conta do primeiro pecado de Adão e Eva, a humanidade participante desse pecado separou-se de Deus e essa ruptura consequentemente trouxe a morte ao mundo: “todos pecaram e carecem da glória de Deus”;<sup>566</sup> portanto, quando o Novo Testamento fala sobre morte, os seus textos estão falando de viver uma vida sem Deus e que a morte afeta todos os aspectos da vida, pois viver sem Cristo significa viver com medo da morte colocando-se na condição de estar espiritualmente morto e sob o domínio do diabo que governa o mundo por ser o senhor da morte.<sup>567</sup> Pensar no demônio como o senhor da morte que governava o mundo era possível antes da vitória de Cristo sobre a morte em favor da humanidade, pois ao morrer, ser colocado no túmulo e ter ressuscitado ao terceiro dia, houve a quebra definitiva do poder que a morte tinha sobre o mundo, conforme atestam os textos neotestamentários.<sup>568</sup> Portanto, a restauração da comunhão da humanidade com Deus se deu na morte e na ressurreição de Cristo transformando morte em vida eterna.<sup>569</sup> Se o Hermógenes, na luta entre Deus e o diabo, representa satã que foi derrotado na batalha final

<sup>564</sup> “[...] – “A *Deus* dada. Pobrezinha...” [...]; e levantei mão para me *benzer* [...], ainda depositou o cordão com o *escapulário* que tinha sido meu, e um *rosário*, de coquinhos de ouricuri e contas de *lágrimas-de-nossa-senhora*. [...] O Quipes veio, com as *velas*, [...]. Como tinham ido abrir a cova, *crístãmente*. [...] Só um leteiro achei. Este papel, que eu trouxe – *batistério*. Da *matriz* de Itacambira, onde tem tantos mortos enterrados. Lá ela foi levada à *pia*. Lá registrada, assim. Em um 11 de setembro da era de 1800 e tantos... O senhor lê. De *Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins* (grifo do texto) – que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor... *Reze* o senhor por essa minha *alma*” (ROSA, 2006, p. 599-605). Grifos nossos.

<sup>565</sup> Bíblia, Atos dos Apóstolos 2:38; 8:20; 10:45; 11:17 e Evangelho de Lucas 11:9;13 e que significa sabedoria. UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 365.

<sup>566</sup> Bíblia, Romanos 3:23.

<sup>567</sup> *Ibidem*, Hebreus 2:14.

<sup>568</sup> *Ibidem*, Filipenses 2:8; "Ele morreu por todos": II Coríntios 5:15; I Pedro 3: 18-19.

<sup>569</sup> *Ibidem*, II Coríntios 5:17.

do Paredão; Diadorim, o dom de Deus – “A Deus dada” – é o anseio do narrador pela eternização da vida através da salvação dada por Cristo daquela guerreira que se colocou ao lado de Deus e contra o diabo. Segundo Araujo, na morte de Diadorim, Riobaldo também morre, “de certa forma, e renasce para outra vida – converte-se: deixa a jagunçagem e dedica-se a uma vida pacífica. E, ainda, especulando ideia, espera pela morte da vida terrena, que o introduzirá na vida eterna”.<sup>570</sup> Infere-se de Araujo a condição atual do velho Riobaldo, isto é, a sua profissão de fé cristã. E mais, continua a autora, se no ventre da Virgem a redenção da humanidade pela cruz se tornou realidade, então Diadorim, morto é a figuração da Virgem e de Cristo morto na cruz. O sono de Diadorim na morte imita o sofrimento de Cristo e o mistério da cruz. E na cruz do combate do Paredão, conclui a autora, a condição de Riobaldo lembra a paixão de Cristo: entre os ladrões do Sucruuiu, entre o menino e o cego – entre a inocência infantil e a deficiência física – ao expressar: “Ai, Jesus!”. Evocando o total desamparo da morte na cruz.<sup>571</sup>

Em razão disso, os hábitos fúnebres também fazem parte das diversas tradições religiosas fundadas na crença de que a vida continua após a morte, buscando através de rituais fúnebres apropriados conduzirem os mortos a alcançar o seu destino final. Os cristãos com base na tradição bíblica costumavam seguir algumas regras a fim de enterrar ou colocar seus mortos numa gruta. Era importante o cuidado e o respeito com o cadáver.<sup>572</sup> O choro e a tristeza intensa causada pela morte e pelo ritual fúnebre faziam parte do luto.<sup>573</sup> A crença de que o corpo também ressuscita é o fundamento dos rituais fúnebres, por isso, o cuidado de lavar, perfumar, vestir e velar circundado com velas, fazendo vigílias, lendo passagens das Escrituras que se referem à ressurreição e proferindo palavras que elogiam o morto e confortam os vivos, é também a representação da vida eterna presente na fé dos cristãos e tais ritos são percebidos na narrativa do romance que detalhou os preparativos do funeral de Diadorim: no preparo do corpo, a mulher do Hermógenes. Diadorim foi enterrado num lugar separado “[...] num aliso de vereda”.<sup>574</sup> O choro tomou conta de todos. Infere-se uma estreita ligação do funeral de Diadorim com o funeral que está presente na religião cristã, dando ao leitor a percepção clara desse elemento religioso presente no texto do romance.

<sup>570</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 55.

<sup>571</sup> Ibidem, 88 e 259.

<sup>572</sup> Bíblia, Deuteronômio 28:26; 21:23; I Reis 11:15; Marcos 15:46; João 11:44.

<sup>573</sup> Ibidem, Mateus 11:17.

<sup>574</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 599-600.

No entanto, a ambiguidade do texto leva o leitor para outra interpretação a respeito da morte. Se, por um lado, recolheram-se da matéria narrada elementos da teologia cristã sobre a morte, inferindo desse universo a derrota do mal e da morte pela vitória do ressuscitado, por outro, ela faz parte do sentido da vida jagunça e parece ter um fim em si mesmo em contraposição à fé do crente que a vê como meio para a vida eterna. Como vimos em capítulos anteriores, em várias circunstâncias o movimento jagunço se estruturou a partir de e com a morte. O medo da morte também era a necessidade de persegui-la para manter-se próximo dela. A morte era o mal a ser derrotado, mas ao mesmo tempo a natureza má do jagunço trazia em si o sentido da morte como se infere da busca obstinada contra os judas para vingar a morte de Joca Ramiro, pois para livrar-se do mal praticado por Hermógenes e Ricardão busca-se a morte. Paga-se com a morte a fim de anular a morte. Esse paradoxo está presente em vários fragmentos do romance que já foram anteriormente contextualizados. Lembramos como exemplo, apenas alguns, que são: a cena antropofágica do assassinato de José dos Alves na tentativa de matar a fome na primeira travessia do Liso do Sussuarão,<sup>575</sup> a moça milagreira do Barreiro-Novo que desistiu de viver a fim de produzir milagres de cura,<sup>576</sup> a morte do Rasga-em-Baixo e do José Félix no ato de posse do chefe Urutu Branco,<sup>577</sup> o soldado que morreu pregado sem nenhuma reação na taipa da cafua com o facão do Ataliba em empreitada contra os bebelos,<sup>578</sup> o tiro certo de “nhambu baixo” em emboscada contra os judas dado por Jiribibe e Zé Bebelo,<sup>579</sup> o assassinato premeditado do pai – Rudugério de Freitas – pelos dois filhos a fim de vingar o mando de morte do próprio pai,<sup>580</sup> a morte sem sentido de Medeiro Vaz causando uma reviravolta na campanha guerreira dos jagunços;<sup>581</sup> o medo da morte que ronda a vida do jagunço, ao narrar os detalhes da batalha final, já, sem as armas de fogo, só na luta corpo-a-corpo, com faca, dos dois personagens mais importantes da sua narrativa, ou seja, Diadorim e Hermógenes que nasceram para guerrear e morrer,<sup>582</sup> o dom de atirar com o espírito – explicado pelo alemão

---

<sup>575</sup> Ibidem, 54-55.

<sup>576</sup> Ibidem, 59.

<sup>577</sup> Ibidem, 436-437.

<sup>578</sup> Ibidem, 69.

<sup>579</sup> Ibidem, 96.

<sup>580</sup> Ibidem, 75.

<sup>581</sup> Ibidem, 78.

<sup>582</sup> Ibidem, 595.

Vupes – que significava saber atirar para acertar e matar;<sup>583</sup> como a morte sempre ronda o sertão, por isso faz sentido a fuga da morte, na descrição de Rosa, sobre uma comunidade inteira de baianos que fugiam da fome e da morte em busca da terra dos diamantes; como a vida de jagunço é efêmera, no sentir a morte, tornando-o um ser para a morte; e por fim, o tema da morte volta com as marcas das cruzes nas coronhas das armas e o cuidado dos jagunços com as suas próprias armas. Na guerra, é preciso estar preparado para as surpresas do inimigo, pois o objetivo, sempre, é matar e vencer. Quem morreu, na lei do jagunço, precisava morrer. Infere-se, portanto, do romance, um contexto de morte destituída da positividade pregada pela Boa Nova cristã, pois através dos diversos fragmentos narrados ela assume um caráter mais prático e menos místico. Essa outra possibilidade inferida pelo leitor através da ambiguidade do relato do narrador, sem negar os elementos religiosos cristãos presentes no sentido teológico dos textos do Novo Testamento das mortes e dos funerais presentes, como já verificados no texto narrado aqui explicitado, faz parte da empreitada épica do protagonista ao assumir a sua condição de jagunço como participante da natureza de morte impregnado no sertão. Enquanto que, ao narrar aquela experiência de morte que atinge a própria condição humana retirando-lhe o sentido da vida, como a morte de Medeiro Vaz e de Diadorim, o narrador se assume como protagonista ao atribuir elementos da escatologia cristã a fim de dar um significado para a estúpida condição de morte no sertão. A partir, então, dessas duas possibilidades de leitura sobre o tema da morte, infere-se um cristianismo perceptível através de expressões e símbolos diretamente cristãos presentes no texto de Rosa e também através do sentido que o roteiro narrado sobre a morte de Diadorim proporciona ao leitor que está em busca de elementos dessa religiosidade.

Pois, na tarde da morte de Diadorim e no ritual fúnebre de seu corpo de mulher, Riobaldo dá por encerrada a sua missão jagunça, a sua chefia e o pacto de ódio e vingança assumido com o amigo. Adoentado e fraco por causa da febre tifo que o afligia, recebe inicialmente os cuidados dos companheiros jagunços e depois é internado na casa de seo Ornelas na fazenda Barbaranha aonde recebe tratamentos especiais das mulheres dessa casa a fim de se curar de suas enfermidades. Dias depois, quando já se sentiu curado e bom: “Tudo agradei, dei as despedidas, ao seo Ornelas e os dele – gente-do-evangelho”,<sup>584</sup> isto é, reconhece, em forma de gratidão, os valores evangélicos da caridade desejável ao cristão. Sentiu-se amado por aquela família e pelo seu chefe dono da fazenda, sem mesmo ser tão

---

<sup>583</sup> Ibidem, 125.

<sup>584</sup> Ibidem, 604.

próximo para merecer esse amor, como determina o segundo mandamento de Jesus,<sup>585</sup> por um amor que o transformou e por ter sido capaz de posicioná-lo do lado oposto da dimensão maligna e obtusa do sertão jagunço que não via o mundo além da guerra e da morte.

Em síntese, infere-se dos críticos citados no item, a percepção de alguns elementos religiosos cristãos que levam o leitor para o âmbito da experiência religiosa transmitida pelas mulheres que trilham o Grande Sertão ao lado de Riobaldo. De Utéza entende-se que tanto em Nhorinhá quanto nas prostitutas do Verde-Alecrim e no nome de Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins reside a aura divina e imagens bíblicas do Antigo e do Novo Testamento. Para Araujo, o tema do amor centraliza a relação de Riobaldo com a sabedoria feminina e com o sagrado. A devoção riobaldiana ao amor liga-se à devoção a Maria, à descoberta da humanidade de Deus e à descoberta do amor de Deus através da beleza da Criação. O amor esponsal – Nhorinhá e Otacília – representa o encontro de Riobaldo com a luz, sinais do Espírito Santo, o roteiro de Deus, figuração da Trindade. A paixão eterna por Diadorim – diante de seu corpo nu no sono da morte – figura a paixão redentora de Cristo que leva Riobaldo a deixar a jagunçagem, dedicando-se a uma vida pacífica. De fato, a maestria das mulheres, como um assunto de Deus, seja no amor ou na morte representam para Riobaldo o referencial de fé e de salvação. Rosenfield, entretanto, com outra interpretação, não necessariamente contrária às anteriores, critica o posicionamento moral no que se refere à concepção do feminino e do papel da mulher no contexto medieval afirmando que a exclusão da dimensão erótica, a hostilização da exuberância feminina e a castidade estéril fundada no modelo da Virgem, através da relação figurada entre os personagens – Diadorim e Riobaldo – deturpam a mensagem cristã e o sentido do amor de Cristo e de sua morte na Cruz. Infere-se da autora que o sertão com a sua maldade invertem essa relação de amor.

---

<sup>585</sup> Jesus disse-lhes: “*Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é-lhe semelhante: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo [...]*”. Bíblia, Mateus 22:37-39.

## CAPÍTULO 7: A ORIENTAÇÃO CRISTÃ DOS CHEFES

Os textos a seguir propõe-se a demonstrar ligações importantes entre a liderança de alguns chefes de jagunços e os referenciais da tradição cristã revelados pelas escrituras, fundados na experiência de Jesus a frente de seus discípulos. Ao trazer os temas do perdão, da devoção mariana, da morte e ressurreição de Jesus, do senhorio de Cristo e do diálogo com Deus através das rezas, ditos populares da religião cristã, tais como, *Lux Aeterna* e *louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo*, e expressões bíblicas como *messias* e *aleluia*, o capítulo intenciona apresentar o protagonismo de chefes míticos como Sô Candelário, Medeiro Vaz, Joca Ramiro, Zé Bebelo e Urutu Branco. Esses temas serão colocados sob a investigação de autores como Rosenfield, Utéza, Albergaria e Araujo, ou seja, os elementos do cristianismo aparecerão de forma a remeter aos problemas cristológicos e mariológicos, de forma que, simultaneamente, a consideração da ambiguidade da narrativa pelos autores colocará as implicações do ceticismo e do ecletismo religioso presentes na orientação religiosa desses chefes.

### 1. *Um messias!...*

Será possível reconhecer, através do texto que segue, elementos da religião cristã presentes nas condutas que determinam a identidade dos chefes, Sô Candelário, Joca Ramiro e Medeiro Vaz. Sô Candelário, sintonizado ao testemunho cristão, é o chefe que perdoa o jovem baiano acusado de espionagem e é intercessor do perdão para Zé Bebelo, o chefe dos soldados, no momento de seu julgamento. Joca Ramiro ao ter o seu caminho preparado por Sô Candelário é apresentado como o messias da fazenda Paraíso, tendo na sua epifania entre os jagunços a aura de um senhorio semelhante ao *Kyrios* do Cristo ressuscitado. Medeiro Vaz, praticante da reza do rosário, orienta a devoção mariana entre seus liderados e, a exemplo da Virgem, carrega uma reputação ilibada presente nas considerações morais da

narrativa de Riobaldo que também narra o contexto das mortes de Medeiro Vaz e Joca Ramiro, cercando-as de transcendência e permitindo-nos fazer diversas analogias ao cenário da morte de Jesus. Ver-se-á, portanto, elementos religiosos cristãos que marcam a orientação desses chefes no comando dos bandos de jagunços que propositadamente a narrativa do Grande Sertão procurou retratar.

O sentido do perdão no cristianismo se liga à história de Jesus e de sua morte na cruz, dando aos cristãos através dos textos neotestamentários a possibilidade da imitação de Cristo e de sua prática religiosa da não-violência. Ao afirmar – no momento da crucificação – “Pai perdoa-lhes, porque eles não sabem o que fazem”,<sup>586</sup> Jesus revela a sabedoria divina e os valores do reino de Deus.<sup>587</sup> E Sô Candelário, sem precisar erguer a bandeira de nenhuma instituição religiosa, em meio ao costume jagunço do ferro e fogo sem piedade, contrariando o habitual modo de proferir as sentenças de morte precedidas de tortura física e psicológica como aquele costumeiramente praticado por Hermógenes, a ponto de chamar a atenção de Riobaldo, perdoa cristãmente a infância ingênua do baiano, pois o jovem, sob a proteção do olhar compassivo de Sô Candelário, de sua sabedoria e de sua crença no reino da justiça derivada da sabedoria divina, demonstra não pertencer àquele universo de guerra, portanto, na sua ingenuidade, não sabia o que fazia.<sup>588</sup> Em condições parecidas, ao adotar os méritos do perdão, a chefia de Sô Candelário dá outro rumo à empreita jagunça culminando com o seu testemunho no julgamento de Zé Bebelo em favor da absolvição dos seus crimes e de

---

<sup>586</sup> Bíblia, Lucas 23:34.

<sup>587</sup> “O significado concreto do reino de Deus ultrapassa a nossa capacidade humana de imaginação. Dele obtemos fraca ideia, por um lado, mediante experiências humanas de bondade e justiça, de sentido e amor, e, por outro lado, no espelho de nossas resistências a situações em que sentimos o humano em nós pessoal e socialmente ameaçado, escravizado e aviltado. Mas, de acordo com a concepção cristã, só adquirem o relevo que lhes cabe no horizonte do luminoso caminho de vida de Jesus: de sua mensagem tal qual se comunica sobretudo em suas parábolas do reino de Deus, no seu procedimento pessoal de caminhar à frente na práxis do reino de Deus em que se mantém firme até a morte. A visão do que o reino de Deus pode ser para os homens consegue na morte sua figura mais expressiva. Reino de Deus tem a ver essencialmente com a própria pessoa de Jesus de Nazaré. O Novo Testamento expressou esse aspecto, ao fixar sua lembrança mais antiga, dizendo que com Jesus o reino de Deus, o próprio Deus, vem para muito perto de nós”. Esse conceito de Reino de Deus do teólogo Schillebeeckx encontra conexões com o tema da esperança presente na relação entre os jagunços e seus chefes e o significado religioso possível de ser inferido do texto do Grande Sertão. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 151-152.

<sup>588</sup> “Mas, quem seria que ia cumprir de dar o fim n’aquele *pobre moço*? O *Hermógenes*? Decerto era ele. Cocei os olhos, eu [Riobaldo] queria saber e não saber. Sabia nem o nome, como se chamava o rapaz, que ia morrer, assim no meio de toda boa ordem, por necessidade nossa – porque, se solto, ele tornava a se juntar com os outros, dar relatórios. Vim para a beira do córrego. Vendo como levavam o rapaz, como ele caminhava normal, *seguindo para aquilo com seus dois pés*. [...] Assim o que me contaram: que não ia morrer, não, iam matar não, *Sô Candelário tinha favorecido perdão a ele*, por causa de sua *mocidade*. – Ele é *baiano*, para a Bahia volta, vamos levar mais adiante, para se soltar, para lá...” ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 240-241. Grifos nossos.

sua liberdade, revivendo o sentido cristão do perdão ao apontar as vantagens dessa prática religiosa.<sup>589</sup> De modo que, a liderança desse chefe descrita em poucas páginas do romance está envolta de aura religiosa, sintonizada ao espírito de Jesus, pela misericórdia demonstrada aos que o torturaram, trazendo novos ventos à dureza do sertão, em meio à guerra, o sopro de um espírito de paz.<sup>590</sup> No entanto, a narrativa encontra outra possibilidade para o entorno religioso desse chefe devido à sua natureza ambígua mostrada através do olhar titubeante do jagunço Riobaldo, ou seja, se no primeiro momento, Sô Candelário se vê imerso na imitação de Cristo pela misericórdia demonstrada ao jovem baiano imaturo e ignorante das consequências de sua ação guerreira da parte de Zé Bebelo, de outra parte, o comando de Sô Candelário se utiliza também do sobrenatural para a tortura psicológica ao jovem baiano a fim de que ele não pudesse mais oferecer perigo ao bando, pois, rezar sobre o rapaz uma reza, feito ato de mandracaria para deixá-lo abobado, tirando-lhe a coragem de guerra,<sup>591</sup> significava condenar parte de sua vida à morte, destituindo-lhe a possibilidade da maturidade futura formada na coragem, na liberdade e na consciência. Tal inferência da sequência do relato de Riobaldo torna-se inevitável, pois coloca em contradição a atitude misericordiosa anterior do chefe, ou então, no mínimo, sob suspeita. Apesar desse paradoxo, o conjunto do texto de Rosa em torno da chefia de Sô Candelário nos possibilita destacar o elemento cristão do perdão, fundamentado na segunda parte da oração do “Pai-Nosso”, invocação supostamente conhecida e rezada por esse chefe pelo uso de expressões típicas de um fiel cristão.

Como o tema do perdão ocupa um espaço importante na tradição cristã, também esse espaço é ocupado pela temática dos rituais de louvor, como se pode verificar através dos textos bíblicos: vétero e neotestamentários, mais especificamente os Salmos e o

---

<sup>589</sup> “[...] Mas, se a gente der condena de absolvido: *soltar este homem Zé Bebelo*, a mãvazias, punido só pela derrota que levou – então, eu acho, é fama grande. *Fama de glória*: que primeiro vencemos, e depois soltamos...[...] ‘... Seja fama de glória! Só o que sei... *Chagas de Cristo!*...’ – êta *Sô Candelário* tornou a atalhar. Desadorou-se! Senhor de bofé bruto, sapateou, de arrompe: os de perto se afastando, depressa, por a ele darem espaço. [...] Somente que, em vez de trestampo, que a gente esperasse, e que ninguém bridava, ele *Sô Candelário* espiou para cima, às pasmas, consoante sossegado estúrdio recitou, assim em tom – *a bonita voz, de espírito*: – ‘... Seja a fama de glória... Todo o mundo vai falar nisso, por muitos anos, *louvando* a honra da gente, por muitas partes e lugares. Hão de botar verso em feira, assunto de sair até divulgado em jornal de cidade...’ [...]”. Ibidem, p. 275. Grifos nossos.

<sup>590</sup> “Sô Candelário galopava em frente de todos. Se ia – feito o rei dos *ventos*”. Ibidem, p. 241. Grifo nosso.

<sup>591</sup> “Conforme mais me deram explicação, aquele não oferecia perigo mais de tornar a se juntar com os outros bebelos e vir outra vez de armas contra a gente: porque se tinha providenciado de *rezar nele uma reza de tirar a coragem de guerra*, feito ato, *mandraca de se abobar!*” . Ibidem, p. 242. Grifos nossos.

Apocalipse,<sup>592</sup> que são posteriormente retomados com o sentido da expressão aleluia na liturgia pascal do sábado santo. Romper a aleluia significa, nesse contexto, a exaltação ao poder divino que venceu a morte e ressuscitou. A Ele, todo louvor, poder e glória, porque é vitorioso, assim é o sentido na entonação dos hinos e das orações cristãs em todo o tempo pascal, a festa central do cristianismo.<sup>593</sup> Ao afirmar que os jagunços estão rompendo as aleluias sob a liderança carismática de Sô Candelário,<sup>594</sup> Riobaldo pretensiosamente através do relato do fato vivido leva para dentro da ação guerreira a intervenção divina e o sentido esperado na vitória contra os bebelos para a exaltação e o louvor do poder e da glória de Deus. Apesar da expressão contextualizada no cristianismo, a ambiguidade da narrativa também pode nos levar para o campo puramente profano, se inferirmos que o relato apenas atribui a tenência de Sô Candelário para a guerra e que o romper das aleluias assume como significado a certeza da vitória contra os soldados de Zé Bebelo, ou seja, que sejam preparadas as festividades, pois já se irrompe a alegria da vitória; pode-se, então, perceber o outro lado da narrativa desprovida de caráter religioso ao se contrabandear a palavra aleluia para uma linguagem cotidiana de guerra e de suas implicações. A mesma indicação de leitura, se pode inferir também das palavras proferidas por Zé Bebelo, quando, tempos depois assume o comando do bando.<sup>595</sup> Contudo, apesar da duplicidade de sentido, o caráter religioso cristão dessa expressão colocada na boca de Riobaldo se configura como um elemento importante da liturgia pascal cristã derivada da tradição bíblica.

Tanto que, reconhecer Jesus Cristo como Senhor, o Kyrios, era a prática apologética dos primeiros cristãos, em especial, o trabalho missionário de Pedro e Paulo na fundação, organização e sustentação das primeiras comunidades cristãs diante das perseguições das autoridades romanas e judaicas, como narram o livro dos Atos dos

---

<sup>592</sup> “Aleluia. Louvai o Senhor, porque ele é bom, porque sua misericórdia é eterna”. Bíblia, Salmos 135:1; “Depois disso, ouvi no céu como que um imenso coro que cantava: *Aleluia!* A nosso Deus a salvação, a glória e o poder”. *Ibidem*, Apocalipse 19:1. Grifos nossos.

<sup>593</sup> O mistério pascal e a sua liturgia estão explicitados com todos os seus fundamentos bíblicos e teológicos no primeiro capítulo, da primeira seção, da segunda parte do COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica.

<sup>594</sup> “Agora, era a guerra, mesmo, estariam rompendo as aleluias, lá por lá”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 247.

<sup>595</sup> “Mas os assassinos de Joca Ramiro vão pagar, com seiscentos-setecentos!...” – ele definiu, apanhando um por um de nós no olhar. – “Assassinos – eles são os *Judas*. Desse nome, agora, que é o deles...” – explicou João Concliz. – “Arre, vote: dois Judas, podemos romper as aleluias! Aleluia! Aleluia! Carne no prato, farinha na cuia!...” – ele aprovou, deu aquilo feito um viva”. *Ibidem*, p. 90.

Apóstolos e as cartas paulinas.<sup>596</sup> A analogia que Riobaldo faz entre o senhorio de Cristo e o de Joca Ramiro,<sup>597</sup> além de demonstrar conscientemente uma profissão de fé cristã possivelmente herdada de sua mãe e intensificada – no momento em que narra – pela influência de Otacília sua esposa, não tem a intenção de rebaixar o poder divino, ao contrário, a partir desse poder procura entender a estatura do poder que Joca Ramiro exercia sobre Diadorim, sobre seus comandantes e jagunços. Se os primeiros cristãos movidos pela fé se tornaram discípulos, enfrentando corajosamente os seus inimigos ao entregarem-se como mártires pela causa do reino e das promessas de Cristo, é possível entender o questionamento de Riobaldo, pois à véspera da travessia do deserto – o liso do sussuarão – sob o comando de Medeiro Vaz, sente-se pressionado por Diadorim sobre a fé no projeto de vingança da morte de Joca Ramiro. Riobaldo infere que para os jagunços Joca Ramiro é como se fosse Cristo Nosso Senhor, mas não aceita de imediato essa profissão pela fé, exigindo de Diadorim uma mediação pela lógica a fim de que possa se apoderar de sua autonomia e, portanto, optar ou não pelo pacto de vingança. É, portanto, a partir da revelação da filiação de Diadorim a Joca Ramiro que Riobaldo se sente impulsionado ao discipulado e motivado a aceitar o credo do amigo. Por outro lado, o caráter titubeante do protagonista dito através da ambiguidade de sua narrativa épica, colocará em dúvida o credo de Diadorim, sem jamais trair essa amizade. Isto é, as motivações de Riobaldo para a guerra jagunça não são suficientes para convencê-lo tanto quanto a sua proximidade do amigo, que trará no desfecho trágico, o real sentido de sua crença e devoção. Tal dúvida é registrada por Rosenfield ao afirmar que Diadorim fecha-se na fé tipicamente cristã, do dogma da redenção, materializada em Joca Ramiro – o “imperador em três alturas” – o chefe que é visto como a garantia do bem e da salvação, ou seja, o representante de Deus na terra, tornando Diadorim cego às selvagerias da natureza jagunça, que inicialmente foram percebidas por Riobaldo na ocasião de sua entrada no bando.<sup>598</sup> Se Riobaldo de fato aceita a soberania de Joca Ramiro, não nos seria possível inferir essa certeza, mas o elemento cristão

---

<sup>596</sup> “Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. De sorte que, ou vivamos ou morramos, somos do Senhor”. Bíblia, Romanos 14:8. “E a mão do Senhor era com eles; e grande número creu e se converteu ao Senhor”. Ibidem, Atos 11:21.

<sup>597</sup> “Joca Ramiro tinha sido a admiração grave da vida dele [Medeiro Vaz]: *Deus no Céu* e Joca Ramiro na outra banda do Rio. [...] todo o mundo, então, todos, tinham de viver honrando a figura daquele, de Joca Ramiro, *feito fosse Cristo Nosso Senhor*, o exato?! E por aí eu já tinha pitado dois cigarros. Ser dono definitivo de mim, era o que eu queria, queria. Mas Diadorim sabia disso, parece que não deixava: – Riobaldo, escuta, pois então: Joca Ramiro era o meu pai... – ele disse – não sei se estava pálido muito, e depois foi que se avermelhou. Devido o que, abaixou o rosto, para mais perto de mim”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 36-38. Grifos nossos.

<sup>598</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 261.

de que Cristo é o Senhor presente na narrativa faz parte da consciência e possivelmente da fé do protagonista.

Outro atributo de Jesus Cristo, o de Messias – o ungido – ligando o Antigo ao Novo Testamento, da espera para a religião judaica à concretização da promessa para os cristãos, estende a natureza soteriológica do cristianismo e sua realização a partir de suas profecias mais antigas.<sup>599</sup> É também o conteúdo da definição do preto de-Rezende, ao ampliar a bondade de Joca Ramiro para messias,<sup>600</sup> isto é, um enviado de aura sagrada que exerce a sua liderança sobre seus discípulos e com o poder de restaurar a justiça no sertão.<sup>601</sup> Por conta da dimensão sagrada da liderança, do tom solene ao falar e do mistério que envolve esse personagem, pode-se inferir do texto diversas analogias entre Joca Ramiro e Jesus, e com diversas expressões cristãs proferidas pelos seus imediatos e jagunços percebe-se uma orientação cristã como referência ao definir o carisma de Joca Ramiro. Por outro lado, não esquecendo a ambiguidade da narrativa, a expressão: “risonho bobeento”, ao designar o comportamento do preto de-Rezende sugere a obtusidade e a idiotice de quem ignora e não sabe o que diz indicando um sentimento crédulo e ingênuo, porém, do ponto de vista lógico, pouco confiável e que apenas serve para confirmar o ceticismo de Riobaldo. Apesar da duplicidade significativa em torno de Joca Ramiro, inferem-se elementos religiosos cristãos que estão no centro da revelação cristã colocados na missão salvadora de Jesus, ou seja, se Joca Ramiro representa um messias para os seus discípulos, certamente esse conceito narrado refere-se ao messianismo cristão.<sup>602</sup>

---

<sup>599</sup> “Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar, e para edificar a Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas; as ruas e o muro se reedificarão, mas em tempos angustiosos”. Bíblia, Daniel 9:25. “Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus”. Ibidem, Isaías 40:3. “Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel”. Ibidem, Isaías 7:14. “Replicou-lhe a mulher: Eu sei que vem o Messias (que se chama o Cristo); quando ele vier há de nos anunciar todas as coisas”. Ibidem, João 4:25.

<sup>600</sup> Sperber afirma que o judaísmo estava entre os diversos estudos que Rosa fazia sobre as religiões. Como no judaísmo, afirma, o tema da idade do ouro está ligado à ideia de messianismo, entende-se, então, a messianização de Joca Ramiro. SPERBER, Suzi Frankl. *Caos e Cosmos: Leituras de Guimarães Rosa*, p. 124.

<sup>601</sup> “Quando que conversamos, perguntei a ele se Joca Ramiro era homem bom. Titão Passos regulou um espanto: uma pergunta dessa decerto que nunca esperou de ninguém. Acho que nem nunca pensou que Joca Ramiro pudesse ser bom ou ruim: ele era o amigo de Joca Ramiro, e isso bastava. Mas o preto de-Rezende, que estava perto, foi quem disse, risonho bobeento: – “Bom? *Um messias!*...” [...]”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 149. Grifo Nosso.

<sup>602</sup> Schillebeeckx opta pela fundamentação bíblica que descreve a vida de Jesus para a melhor explicação dos atributos dados a Ele, incluindo o de messias, ao afirmar que “o caminho pessoal de vida de Jesus de Nazaré explica o que significa Messias, Filho de Deus e Senhor, não sendo estes últimos títulos nenhuma explicação dada pelo próprio Jesus durante sua vida terrena. Não sabemos de antemão o que significa Filho de Deus com referência a Jesus, e também o fato de o rei de Israel e o próprio Israel terem sido chamados filhos de Deus não

Tal como um messias, um salvador, a manifestação de Joca Ramiro no bando de jagunços,<sup>603</sup> com a sua chegada triunfal, saudado com vivas e hosanas, no seu cavalo branco, como a imagem de um santo em um andor, causando comoção com a sua voz da verdade que permanecia e levando os seus ouvintes à contemplação como se estivessem diante da Epifania<sup>604</sup> de Jesus, dá a Joca Ramiro a condição de divindade e aos seus comandados o papel de discípulos. E a analogia se torna ainda mais real, quando na despedida de Joca Ramiro, Sô Candelário entoia “viva Jesus”, referindo-se, não só, ao ressuscitado, mas também àquele que sai da rudeza e infernal condição do sertão para se apartar num lugar sagrado, na sua Fazenda Paraíso.<sup>605</sup> Novamente vê-se a presença do cristianismo juntamente com a intencionalidade do narrador em constantes desdobramentos ao referir-se a essa religiosidade, apesar de que a ambiguidade da narrativa também pode nos levar a inferir do comportamento dos jagunços e, em especial, de Sô Candelário, em vez do sentimento de devoção e fé manifestados através de expressões do contexto cristão, apenas admiração, respeito pela liderança carismática de Joca Ramiro e confiança no seu projeto de guerra, conseqüentemente a espera dos resultados econômicos e sociais que fazem parte dessa

---

nos pode dizer em que sentido Jesus pode e deve ser chamado Filho de Deus. O caminho de vida próprio de Jesus deve explicar o que contém esta designação ou este título de soberania. O mesmo vale para a expressão: Jesus é nosso redentor. Nem conteúdos antigos de libertação nem novos podem servir neste caso, a não ser sob o critério do caminho de vida de Jesus a partir da narrativa bíblica ou em relação com a necessidade de libertação em nossa situação de hoje. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 145.

<sup>603</sup> “Aí o mundo de homens anunciando de si e sobre o vasto chegando, da banda do Norte. Joca Ramiro! – “Joca Ramiro!” – se *gritava*. Sô Candelário pulou em sela, assim como ele sempre era: mola de aço. Deu um galope, em encontro. Nós todos, de começo, ficamos atarantados. Vi um *sol* de alegria tanta, nos olhos de Diadorim, até me apoquentou. Eu tinha ciúme? – “Riobaldo, tu vai ver como ele é!” – Diadorim exclamou, se abraçou comigo. Parecia uma criança pequena, naquela bela resumida satisfação. [...] Gritavam *vivas* para a gente, saudavam. E Joca Ramiro. *A figura* dele. Era ele, num cavalo branco – cavalo que me olha de todos os altos. Numa sela bordada de Jequié, em lavores de preto-e-branco. As rédeas bonitas, grossas, não sei de que trançado. E ele era um homem de largos ombros, a cara grande, corada muito, aqueles olhos. Como é que vou dizer ao senhor? Os cabelos pretos, anelados? O chapéu bonito? Ele era um homem. Liso bonito. Nem tinha mais outra coisa em que se reparar. A gente *olhava*, sem pousar os olhos. A gente tinha até medo de que, com tanta aspereza da vida, do sertão, machucasse aquele homem *maior*, ferisse, cortasse. E, quando ele saía, o que ficava mais, na gente, como agrado em lembrança, era a *voz*. Uma *voz sem pingo de dúvida*, nem tristeza. Uma *voz que continuava*. [...] – “Não é que ele é mesmo o *chefe* de todos? Não é que é mandante?” – Diadorim me perguntava. Era. Mas eu não percebi o *vivo* do tempo que passava. Eles já estavam indo de saída. Montado no cavalo branco, Joca Ramiro deu uma despedida. Vi que ele com os olhos caçou Diadorim. Sô Candelário gritou:– “*Viva Jesus*, em rotas e vantagens!” E, num bufúrdio, todos esporaram, andaram, ao assaz. A alta poeira, que *demorava*. Aquilo parecia uma *música* tocando”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 248-250. Grifos nossos.

<sup>604</sup> A Epifania é a manifestação de Jesus como Messias, Filho de Deus e salvador do mundo. Juntamente com o batismo no Jordão e as bodas de Caná, a Epifania celebra a adoração de Jesus pelos “magos” vindos do Oriente. *COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica*, 528.

<sup>605</sup> “Arreamos, montamos, saímos. Naquela mesma da hora, Joca Ramiro dava partida também, de volta para o São João do *Paraíso*. Lá ia ele, deveras, em seu cavalo branco, ginete – ladeado por Sô Candelário e o Ricardão, igual iguais galopavam. [...] Diadorim olhou, e fez o *signal-da-cruz*, cordial. – “Assim, ele me botou a *benção*...” – foi o que disse”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 286. Grifos nossos.

empreita. A mesma perspectiva ambígua é revelada por Albergaria ao afirmar que Joca Ramiro possuía uma beleza e uma imponência, era “luminoso”, montado em seu cavalo branco e com uma voz que o identificava. Pode-se, então, a partir da caracterização física feita por Riobaldo, aproximá-lo da representação da figura do Cristo – “Bom Pastor” – da igreja grega primitiva que aparece com cabelos pretos, anelados e com botas de peles. A transposição sugestiva dos elementos do drama bíblico do assassinato de Joca Ramiro pelos “Judas”, também faz coincidir as iniciais (JR) com as de *Jesus Rex*. No entanto, afirma a autora, a presença desses diversos pontos de intercessão entre Joca Ramiro e Cristo não significa a correspondência entre um e outro, pois Cristo, antes de tudo é o mediador e Joca Ramiro, de modo algum poderia assumir esse papel. Joca Ramiro é paternal e lhe caberia maior proximidade com a primeira pessoa da Santíssima Trindade do que com o Filho e o Espírito Santo formando a natureza divina. Como as coisas não podem ser simplificadas dessa maneira, conclui a autora que uma interpretação teologizante do ponto de vista do cristianismo exigiria uma definição dos elementos da Trindade, e como a representação de Joca Ramiro no romance, apesar das analogias feitas que o coloca ao lado da divindade, não o mantém na posição de metáfora do Filho ou do Pai, pressupondo as características próprias de cada um deles.<sup>606</sup> Portanto, a partir de tais considerações, se não é possível afirmar uma fé cristã dos jagunços a partir dos episódios em torno de Joca Ramiro, contudo, não se pode negar que os termos ligados ao cristianismo presentes nesses fragmentos são comprovações da presença desses elementos no romance.

Da ligação de elementos religiosos cristãos a Joca Ramiro, também se chega ao tema da oração que liga Medeiro Vaz ao cristianismo, que desde o início, trouxe para dentro de sua prática religiosa a importância da oração. Textos do Novo Testamento, de modo particular, os Atos dos Apóstolos, trazem referências sobre a importância que os primeiros cristãos davam às orações.<sup>607</sup> Com o passar do tempo, além de presença participativa no culto cristão dos primeiros tempos, Maria mãe de Jesus se torna referência de admiração e veneração pelas primeiras comunidades cristãs decorrentes dos motivos de louvor presentes nos textos neotestamentários, de tal forma que, nos dias atuais, o resultado dessa história de experiência religiosa levou os cristãos, quando rezam a Deus, a lembrarem do nome de

---

<sup>606</sup> ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da Linguagem no Grande Sertão: Leitura dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa*, p. 56-57.

<sup>607</sup> “Todos estes perseveravam unanimemente em oração e súplicas, com as mulheres, e Maria mãe de Jesus, e com seus irmãos”. Bíblia, Atos 1:14.

Maria como mãe do Senhor e modelo de fé.<sup>608</sup> Com isso, as devoções populares, como a oração do *Angelus*, três vezes ao dia, e a oração do rosário com a recitação de seus quinze mistérios ganharam importância, dando a Maria o papel preferencial entre os cristãos nas orações de súplicas dirigidas a Deus. De acordo com a narrativa, Medeiro Vaz, outro chefe, se fazia presente entre os jagunços com a aura da devoção mariana. A notoriedade de sua fé inspirada num cristianismo que seguia o modelo da fé da mãe do Senhor, fez com que o narrador detalhasse o seu costume como um ritual religioso, demonstrando que, na calma e na paz do momento, a oração, em vez de súplica, podia ser de gratidão pela vida preservada.<sup>609</sup> Pois, em outra situação, no momento da guerra, o sentido da oração se modificava, ou seja, em vez de ação de graças, eram as súplicas e o perdão que faziam mais sentido, em função da batalha empreitada.<sup>610</sup> Infere-se da chefia de Medeiro Vaz, não só o cultivo particular de uma fé cristã inspirada nos cultos à Maria, como também, a necessidade prosélita de demonstração simbólica dessa cultura de devoção mariana aos seus liderados, a fim de que pudessem igualmente participar dessa experiência religiosa.<sup>611</sup> Tanto as imagens do sagrado em geral, quanto as imagens de Deus estão abundantemente presentes no romance e de modo particular no costume dos jagunços conforme temos detalhado no decorrer desse capítulo. Alinhada a esse raciocínio, mas de forma contida, Rosenfield afirma que Medeiro Vaz entrega-se à guerra jagunça motivado por um sentimento messiânico inexplicável, tendo como base o sacrifício de seus bens materiais e de seu bem-estar pessoal. Seu gesto de penitente orante enquadra-se na prática de uma fé autêntica típica da figura medieval da imitação de Cristo que através do sacrifício promove o resgate universal na

<sup>608</sup> “*Em que é que a oração cristã é mariana?* Em virtude da sua singular cooperação com a acção do Espírito Santo, a Igreja gosta de orar a Maria e de orar com Maria, a Orante perfeita, para com Ela engrandecer e invocar o Senhor. De facto, Maria, «mostra-nos o caminho» que é o Seu Filho, o único Mediador. *Como é que a Igreja reza a Maria?* Antes de mais com a *Ave Maria*, oração mediante a qual a Igreja pede a intercessão da Virgem. Outras orações marianas são o *Rosário* o hino *Acatistos*, a *Paraclisis*, os hinos e os cânticos das diversas tradições cristãs”. *COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica*, 562 e 563.

<sup>609</sup> “Medeiro Vaz, em lugares assim, fora de guerra, prazer dele era dormir com camisolão e barrete; antes de se deitar, *ajoelhava e rezava o terço*. Aqueles foram meus dias. Se caçava, cada um esquecia o que queria, de comer não faltava, pescar peixe nas veredas... O senhor vá lá, verá”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 27. Grifos nossos.

<sup>610</sup> “Se ele em honrado juízo achasse que estava certo, Medeiro Vaz era solene de guardar o *rosário* na algibeira, se traçar o *sinhal-da-cruz* e dar firme ordem para se matar uma a uma as mil pessoas”. *Ibidem*, p. 31. Grifos nossos.

<sup>611</sup> Tal experiência religiosa nos leva, de acordo com Schillebeeckx, à construção de imagens de Deus fundadas em experiências humanas. Ou seja, a oração do crente ao Deus real e vivo se coloca apenas diante de imagens de Deus que se esfacelam na própria oração pelo referente real ao qual a nossa oração é dirigida. Não oramos, portanto, a uma imagem de Deus, mas ao falarmos a Deus, o fazemos nos referindo às imagens de Deus. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 105.

redenção, levando os seus jagunços a participarem por algum momento desse tipo de fé.<sup>612</sup> Contudo, não se pode adotar uma única via para a narrativa do velho Riobaldo, sem se levar em conta a sua dimensão ambígua. Pois, a inferência feita anteriormente de um Medeiro Vaz devotado ao cristianismo, através de seu culto mariano, pode também ser traduzida para um misticismo mais abrangente, destituído de qualquer fundamento cristão. Ou seja, Medeiro Vaz, de acordo com o modo jagunço, também poderia, conforme a narrativa, utilizar-se do rosário e de símbolos cristãos, como o sinal da cruz, para a mesma finalidade, isto é, fechar o seu corpo e o dos seus contra os perigos de morte, como um amuleto, sem o conteúdo de fé originariamente cultivado pelo cristianismo, assim como era o costume entre os jagunços a adoção de amuletos e símbolos diversos, com a finalidade de obter proteção contra os perigos decorrentes da vida que levavam. A imagem que Utéza faz de Medeiro Vaz reforça a necessidade de olhar a ambiguidade da narrativa, pois esse chefe, afirma o autor, portador do gládio de São Miguel, como se fosse um arcanjo do sertão incumbido de abrir o caminho da justiça do Pai, antes da ordem de ataque, guarda cuidadosamente o rosário, afastando o símbolo da Mãe de misericórdia.<sup>613</sup> Entretanto, é possível identificar na narrativa do velho Riobaldo, independentemente da fé em alguma tradição religiosa do chefe Medeiro Vaz, os elementos religiosos cristãos expressos, traduzindo a importância dada pelo cristianismo, desde o seu início, às orações dirigidas a Deus presentes no culto à Maria.

Como também ocorre com o contexto narrado que cerca a morte de Joca Ramiro e de Medeiro Vaz, no qual encontram-se referenciais dos fundamentos da fé cristã. Na última ceia, ao se apresentar como protagonista de uma Nova Aliança, Jesus fala de seu sacrifício salvífico, colocando-se no lugar da humanidade e de seus pecados a fim de tornar possível, com sua morte e ressurreição, o diálogo entre Deus e o homem.<sup>614</sup> Nesta mesma ceia identifica a situação de traição presente entre os seus mais próximos: Judas Iscariotes que o entrega ao poder instituído por trinta moedas e Pedro que o renega para não se comprometer.<sup>615</sup> No momento da morte de Jesus as forças cósmicas se manifestaram através

---

<sup>612</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 289.

<sup>613</sup> UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 329.

<sup>614</sup> “E disse-lhes: Isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, que por muitos é derramado”. Bíblia, Marcos 14:24. “E a Jesus, o Mediador de uma nova aliança, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel”. Ibidem, Hebreus 12:24.

<sup>615</sup> “Disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, três vezes me negarás”. Ibidem, Mateus 26:29. “E, acabada a ceia, tendo o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que o traísse”. Ibidem, João 13:2.

da escuridão do céu<sup>616</sup> e o seu sepultamento foi feito por um admirador da sua proposta religiosa – José de Arimateia – conforme o costume.<sup>617</sup> Se para o cristianismo a morte de Jesus é o cumprimento da promessa divina e a instauração de uma nova lei a ser realizada com o advento do reino de Deus, para os jagunços, a morte de Joca Ramiro e de Medeiro Vaz também significa a continuidade de uma promessa, ou seja, acabar com o mal no sertão figurado na ação traidora de Hermógenes e Ricardão. O sangue a ser derramado por Jesus simbolizado no vinho na celebração da última ceia que revela a traição de Judas dá lugar à dor de Diadorim com a notícia da morte do pai e ao gole de cachaça que simbolizará a vingança na perseguição aos judas.<sup>618</sup> Com a morte, Jesus se separa de sua humanidade, prosseguindo o plano salvífico de Deus, assim como os chefes: Joca Ramiro e Medeiro Vaz, se separam de sua condição jagunça dando transcendência e sentido novo ao destino do bando. As espessas nuvens que cobriram o céu em trevas e a tempestade no momento da morte de Jesus se assemelham à tarde chuvosa de lamentação cósmica da morte de Medeiro Vaz.<sup>619</sup> Embora difira da manifestação cósmica que cerca a notícia da morte de Joca Ramiro, de modo proporcional, esta cena do romance também revela o sentido transcendente assumido pelos jagunços com a notícia da morte desse chefe.<sup>620</sup> Como José de Arimateia assume os preparativos para o sepultamento de Jesus, conforme a narrativa dos textos

<sup>616</sup> “E, chegada a hora sexta, houve trevas sobre toda a terra até a hora nona”. Ibidem, Marcos 15:33.

<sup>617</sup> “E havia um horto naquele lugar onde fora crucificado, e no horto um sepulcro novo, em que ainda ninguém havia sido posto”. Ibidem, João 19:41.

<sup>618</sup> “Aí, atiraram em Joca Ramiro, *pelas costas*, carga de balas de três revólveres...[...] Diadorim tanto empalidecesse; ele pediu *cachaça*. Tomou. Todos tomamos. Titão Passos não queria ter as lágrimas nos olhos. – “Um homem de tão *alta bondade* tinha mesmo de correr perigo de morte, mais cedo mais tarde, vivendo no meio da gente tão *ruim*...” – ele me disse, dizendo num modo que parecia ele não fosse também *jagunço*, como era de se ser. Mas, agora, tudo principiava terminado, só restava a guerra. Mão do homem e suas armas. A gente ia com elas buscar doçura de vingança, como o rominhol no panelão de calda. Joca Ramiro *morreu* como o *decreto de uma lei nova*”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 298. Grifos nossos.

<sup>619</sup> “A *tarde* foi escurecendo. [...] Aí, chamaram: – Acode, que o chefe está no fatal! Medeiro Vaz, arquejando, cumprindo tudo. E o queixo dele não parava de mexer; grandes momentos. Demorava. E deu a panca, troz-troz forte, como de propósito: uma *chuva* de arrobas de peso. Era quase sonoite. Reunidos em volta, *ajoelhados*, a gente segurava uns couros abertos, para proteger a morte dele. Medeiro Vaz – O rei dos gerais –; como era que um daquele podia se acabar?! A água caía, às despejadas, escorria nas caras da gente, em *fiões pingos*. Debruçando por debaixo dos couros, podia-se ver o fim que a *alma* obtém do corpo. E Medeiro Vaz, se governando mesmo no remar a agonia, travou com esforço o ronco que puxava gosma de sua goela, e gaguejou: – “Quem vai ficar em meu lugar? Quem capitaneia?...” “[...] Deviam de tocar os *sinos* de todas as igrejas! Cobrimos o corpo com palmas de buriti novo, cortadas molhadas. Fizemos *quarto*, todos, até ao quebrar da barra. Os sapos gritavam *latejado*. O sapo-cachorro arranhou seu rouco. Alguma anta assoviava, assovio mais fino que o relincho-rincho dum poltrinho”. De aurora, cavamos uma *funda cova*. A terra dos gerais é boa”. Ibidem, p. 79 e 80. Grifos nossos.

<sup>620</sup> “[...] – “Mataram Joca Ramiro!...” Aí *estralasse* tudo – no meio ouvi um *uivo* doido de Diadorim -: todos os homens se encostavam nas armas. Aí, ei, *feras*! Que no *céu*, só vi tudo *quieto*, só um moído de *nuvens*. Se gritava – o *araral*. As *vertentes verdes* do pindaibal avançassem feito gente pessoas. Titão Passos bramou as ordens. Diadorim tinha caído quase no chão, meio amparado a tempo por João Vaqueiro”. Ibidem, p. 295. Grifos nossos.

bíblicos, no romance, Gavião-Cujo informa, para o conforto espiritual de Diadorim, que Joca Ramiro certamente teria sido sepultado de acordo com o costume cristão,<sup>621</sup> podendo-se inferir o mesmo de Medeiro Vaz. Tais ligações da religião cristã entre Jesus, Joca Ramiro e Medeiro Vaz não anulam a ambiguidade da narrativa que também pode propor como imagem desses chefes, a do cavaleiro medieval detentor de um ethos e de uma aura capazes de causar admiração e respeito de seus subordinados e, portanto, distante da imagem de uma divindade que as expressões religiosas presentes no romance possam sugerir.<sup>622</sup> Contudo, inferem-se do cenário de morte desses chefes elementos religiosos cristãos presentes no discurso, nos gestos e na crença dos jagunços.

Conclui-se do pensamento de Rosenfield e de Albergaria que tratam sobre os aspectos religiosos em torno de Joca Ramiro, por um lado, o reconhecimento de pontos de intercessão entre esse personagem e os aspectos da teologia cristã a respeito de Jesus Cristo e, por outro, a impossibilidade de transformar Joca Ramiro na figuração do Cristo, o redentor. Ou seja, para Rosenfield, se Diadorim materializa em Joca Ramiro o dogma da redenção, dando a esse chefe o poder de garantir o bem e a salvação como se fosse o representante de Deus na terra, o faz às cegas ignorando totalmente a verdadeira natureza jagunça presente no projeto de Joca Ramiro. O mesmo ocorre com o pensamento de Albergaria que aproxima esse chefe da imagem do Cristo – o “Bom Pastor” – que foi traído pelos “Judas”, contudo, Joca Ramiro não preenche o requisito de divindade, pois não é o mediador e por não ter natureza divina, numa interpretação da teologia cristã, não pode ser colocado ao lado de nenhuma das três pessoas da Trindade. Enquanto que as ideias de Utéza e de Rosenfield a respeito do comando de Medeiro Vaz o colocam como o cristão modelo – na imitação de Cristo. Para Utéza, Medeiro Vaz é como um arcanjo, em nome do Pai, está encarregado de promover a justiça no sertão. O gesto de guardar o rosário na algibeira antes do mando de ataque significa o afastar intercessor da Mãe de misericórdia. Na mesma linha, Rosenfield caracteriza Medeiro Vaz como penitente e orante que pratica uma fé autêntica, pois o sacrifício de seus bens materiais e de seu conforto pessoal o faz participar – na imitação de Cristo – do sacrifício redentor universal levando os jagunços a vivenciarem por

<sup>621</sup> “[...] “E *enterraram* o corpo?” – Diadorim perguntou, numa voz de mais dor, como saía ansiada. Que não sabia – o Gavião-Cujo respondeu; mas que decerto teriam enterrado, conforme *cristão*, lá mesmo, na Jerara, por certo”. Ibidem, p. 298. Grifos nossos.

<sup>622</sup> Galvão ao referir-se a esses ideais éticos mais altos e mais abstratos, por exemplo, afirma que “Medeiro Vaz vem a ser o único cavaleiro andante (versão moderna) deste romance, sem um deslize, sem uma motivação menor, nem o poder, nem o interesse privado, nem a política, nem a aliança de dominação”. GALVÃO, Walnice Nogueira. *As Formas do Falso*, p. 66.

algum momento esse costume cristão. Infere-se, portanto, desses autores, ainda que precariamente, os elementos do cristianismo já apontados anteriormente em nossa reflexão, ou seja, temas cristológicos e mariológicos.<sup>623</sup>

### ***1. Lux eterna***

Se o texto narrado do velho Riobaldo, como argumentado anteriormente, não ofereceu limites para inferências da fé em um cristianismo dos chefes Joca Ramiro, Sô Candelário e Medeiro Vaz, agora, porém, ao se tratar da chefia de Zé Bebelo, a limitação do texto parece colocar esse chefe no universo do ceticismo religioso e dificilmente se poderá ligá-lo, assim como os outros, a um comprometimento com essa fé cristã. O texto de Rosa, portanto, ao retratar essa chefia, amplia a ambiguidade em torno desse personagem, pois ao mesmo tempo em que o apresenta imbuído dos temas e das crenças cristãs das quais se utiliza para afinar o seu discurso de chefe, também se mostra cético e até mesmo irônico quando o assunto é a crença e a devoção alheia. Ou seja, Zé Bebelo em nome da prática se distancia da religiosidade. Por exemplo, na travessia do povoado do Sucruíú que estava tomado pela peste, convive apaticamente com o medo dos jagunços que se confortam com as petições aos santos e a Nossa Senhora. Na Água-Alimpada de Rudugério de Freitas, julga e absolve ironicamente em nome de Nossa Senhora o crime do pai e dos filhos, transformando a barganha espiritual desejada pelos filhos e a fé dos jagunços em dinheiro resultado da venda da junta de bois surrupiada. Na fuga da Fazenda dos Tucanos, embora estivesse ao lado de Riobaldo, não consegue perceber o sentimento de fé do narrador ao descrever os ares da liberdade e a visão iluminada de Nossa Senhora. E a mesma luz – *lux eterna* – desejada para Medeiro Vaz no gozo da eternidade junto do ressuscitado, falada também em gesto na persignação, significa apenas palavras de um chefe recém empossado. Tal discrepância, porém, como se poderá ver no texto que segue, não anula o itinerário desse chefe marcado pela convivência com elementos da religião cristã que o narrador procurou não esquecer na sua memória.

A premissa da neutralidade religiosa de Zé Bebelo é confirmada por Albergaria pela referência feita ao nome *José Rebelo Adro Antunes*,<sup>624</sup> evidenciando uma pista para a

---

<sup>623</sup> Constituição Dogmática *Lumem Getium*, 66.

interpretação esotérica desse nome. “Adro” é a posição profana de Zé Bebelo, semelhante aos catecúmenos da Igreja Primitiva.<sup>625</sup> Na liturgia dessa Igreja, os catecúmenos se retiravam após a celebração do Credo, permanecendo no interior do templo apenas aqueles que já tinham recebido o sacramento do batismo, enquanto que os não batizados – os catecúmenos – se retiravam para o *adro* ou *atrium*, espaço externo.<sup>626</sup> Tal posicionamento radical não é partilhado por Utéza, pois esse autor liga a figura de Zé Bebelo à encarnação do messianismo do Antigo Testamento, ou seja, como Moisés, Zé Bebelo vem do rio, numa balsa de papiro-buriti sonhando em fazer do sertão a nova Terra Prometida, toma decisões parecidas com as de Moisés organizando o povo desorganizado com estruturas militares e proclamando-se – como candidato a deputado – paladino da Lei.<sup>627</sup> Outro referencial para fazer eco ao messianismo político-religioso de Zé Bebelo e que ocupa o lugar central no livro do Profeta Ageu é Zorobabel. Sucessor de Davi, ao se fazer presente na genealogia de Cristo, restabelece o messianismo monárquico com uma nova ordem na reconstrução do templo, lugar em que mais tarde o próprio Cristo viria a atuar.<sup>628</sup> O autor conclui que a ligação entre Zé Bebelo, Moisés e Zorobabel representa o testemunho da Antiga Aliança, e que Urutu Branco, ao receber o comando se conscientiza da presença efetiva de um chefe histórico de primeira linha.<sup>629</sup> Embora a sua autoridade de chefe, para fins práticos e propósitos pessoais, utilize expressões, gestos e palavras da religiosidade referenciada por Utéza, não se pode afirmar que Zé Bebelo opta por uma fé religiosa de natureza cristã, pois transparece em diversos momentos de sua ação, conforme a narrativa, o seu distanciamento e a sua lógica da neutralidade religiosa que coaduna com a sua identidade e com o significado de seu nome evidenciado por Albergaria. A expressão em latim *Lux aeterna* denota no cristianismo a ressurreição de Jesus como referencial de luz eterna para aqueles que desejam segui-lo pela fé no caminho da salvação, assim como a persignação significa o

---

<sup>624</sup> “[...] Eu, José, Zé Bebelo, é meu nome: José Rebêlo Adro Antunes! Tataravô meu Francisco Vizeu Antunes – foi capitão-de-cavalos... Demarco idade de quarenta-e-um anos, sou filho legitimado de José Ribamar Pachêco Antunes e Maria Deolinda Rebêlo; e nasci na bondosa vila mateira do Carmo da Confusão...”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 278.

<sup>625</sup> Aqueles que se preparavam para uma participação integral no sacramento da Eucaristia. COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica, 1258-1261; 1281-1283.

<sup>626</sup> ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da Linguagem no Grande Sertão: Leituras dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa*, p. 135.

<sup>627</sup> “Escolheu em Israel homens capazes e os colocou como chefes do povo: chefes de mil, de cem, de cinquenta e de dez. Eles administravam regularmente a justiça para o povo: os assuntos complicados, eles passavam para Moisés; e os simples, eles próprios resolviam”. Bíblia, Êxodo 18:25-26.

<sup>628</sup> “Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, tomar-te-ei, ó Zorobabel, filho de Salatiel, servo meu, diz o Senhor, e te farei como um anel de selar, porque te escolhi, diz o Senhor dos Exércitos”. Ibidem, Ageu 2:23.

<sup>629</sup> UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 214-215.

comprometimento com essa fé e a crença na Trindade e no seu mistério salvífico como realização das promessas divinas.<sup>630</sup> Contudo, Zé Bebelo, de acordo com a narrativa, não se comporta como um devoto fiel e não se compromete com essa fé, pois a sua ação teatral apenas revela a necessidade de acessar o bando para garantir a autoridade de chefe através da aura religiosa de Medeiro Vaz. Assim se pode entender a ironia do texto do velho Riobaldo, que aos poucos vai revelando o perfil de Zé Bebelo e a sua relação com o universo da religião cristã.<sup>631</sup> Situação parecida se dá na distribuição do espólio de Medeiro Vaz, em que Zé Bebelo opta por apropriar-se de um amuleto religioso sugerindo a necessidade da apropriação da autoridade do falecido chefe.<sup>632</sup> Mas, sem poder esquecer o caráter ambíguo do texto e a volatilidade do personagem, generalizar o ateísmo desse chefe implicaria em erro, pois, após o desfecho trágico do romance, a orientação religiosa recebida do Compadre Quelemém capaz de recolocar Riobaldo de volta à vida parte da indicação de Zé Bebelo.<sup>633</sup> A leitura religiosa para esse chefe, portanto, ao mesmo tempo em que difere em relação às que foram feitas para os outros, em razão do projeto de guerra para vingar Joca Ramiro, inicialmente, o aproximará das motivações religiosas dos jagunços e de seus falecidos líderes como instrumento de comunicação com esse universo.

Decorre disso que o itinerário de Zé Bebelo à frente do bando no início será marcado pela tomada de consciência da maldade do sertão, narrada pelo velho Riobaldo através de pequenos casos que não escondem a inexistência de uma ética e de uma ordem nesse universo hostil. No sertão, a mentira, o incesto, a tortura, o roubo, a pena de morte e o homicídio, juntamente com a sacralização dessas práticas que propõem a espiritualização da matéria e a materialização do espírito, transformam a desordem em regra.<sup>634</sup> Os elementos

<sup>630</sup> Segunda sessão da primeira parte do *COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica*.

<sup>631</sup> “– A pois. Salve Medeiro Vaz!...” – “Deus com ele, amigo. Medeiro Vaz ganhou repouso...” – “Aqui soube. *Lux eterna...*” – e Zé Bebelo tirou o chapéu e se *persignou*, parando um instante *sério*, num ar de *exemplo*, que a gente até se *comoveu*”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 89. Grifos nossos, exceto, *Lux eterna*.

<sup>632</sup> “Mas, para si mesmo, Zé Bebelo guardou somente o pelego berbezim, de forrar sela, e um *bentinho milagroso*, em três baetas confeccionado”. *Ibidem*, p. 91. Grifos nossos.

<sup>633</sup> “Tinha de ser Zé Bebelo, para isso. Só Zé Bebelo, mesmo, para meu destino começar de salvar. Porque o bilhete era para o Compadre meu Quelemém de Góis, na Jijujã – Vereda do Burití Pardo”. *Ibidem*, p. 607.

<sup>634</sup> “Pois essa estória foi espalhada por toda a parte, viajou mais, se duvidar, do que eu ou o senhor, falavam que era sinal de *castigo*, que o mundo ia se acabar naquele ponto, causa de, em épocas, terem castrado um *padre*, ali perto umas vinte léguas, por via do padre não ter consentido de *casar* um filho com sua própria mãe. A que, até, cantigas rimaram: do Fogo-Azul-do-Fim-do-Mundo. Hê, He?... [...] Semelhante não foi, quando um homem, Rudugério de Freitas, dos Freitas ruivos da água-Alimpada, mandou obrigado um filho dele ir *matar* outro, buscar para matarem, esse outro, que roubou *sacrário* de ouro da igreja da *Abadia*. Aí, então, em vez de cumprir o estrito, o irmão combinou com o irmão, os dois vieram e mataram mesmo foi o velho pai deles, distribuído de foçadas. Mas primeiro *enfeitaram* as foices, urdindo com cordões de embira e várias flores. [...]

da cultura religiosa cristã presentes no texto narrado, tais como a missão do padre e a negação da bênção cristã que seria dada para a relação incestuosa que destituía a ordem familiar e as relações sociais, a ordem fraticida de um pai por conta do roubo do sacrário de ouro da igreja da Abadia, e o parricídio premeditado dos filhos que enfeitaram a arma do crime certos da necessidade da intercessão da Santíssima Virgem para o perdão do pecado praticado mostram, por um lado, a consciência do narrador sobre o valor religioso dado a esses elementos, e por outro, os transporta para o campo meramente profano pela ambiguidade na narrativa, permitindo ao espírito prático de Zé Bebelo a ironia sarcástica desses elementos cristãos. Como tudo em torno de Zé Bebelo é ambíguo, como sugere a narrativa, os casos contados que provocam respostas, gestos e reações em Zé Bebelo também são ambíguos. O caso da castração do padre, por exemplo, além de um fato irônico e redundante, pois o texto nos permite essa inferência, pode também significar a dilaceração física como instrumento de tortura que se coaduna com a natureza má do sertão. O outro caso, a história do Rudugério, narra que o pai é o mandante ao aplicar desproporcionalmente – como pressuposto da desordem – a pena de morte para o próprio filho como punição para o roubo do sacrário. A caixa dourada que guarda as partículas consagradas e que tem para os cristãos católicos um grande valor religioso, também pode ter – no caso do pai – apenas o valor econômico do metal, o peso em ouro. Ao mencionar a Virgem como a intercessora do perdão de Deus pelos pecados praticados simbolizados no enfeite da foice, os irmãos reconhecem o poder de Nossa Senhora, mas ao mesmo tempo ignoram o sentido da fé cristã transformando o gesto em um ritual macabro, levando Zé Bebelo ao riso discreto e novamente a teatralizar a sua referência à santidade da virgem. A demonstração da distância e da neutralidade religiosa que propositadamente Zé Bebelo faz questão de adotar em relação a qualquer tipo de crença religiosa, se dá no momento em que assume o lugar de Deus e do papel intercessor de Nossa Senhora ao perdoar os crimes praticados pelos dois irmãos, confiscando-lhes o rebanho de bois herdado do pai – nesse caso, sem ironizar – sugerindo outra ordem para o sertão, baseada nas relações econômicas, portanto, distante da justiça divina e de seus valores que supostamente envolviam o bando

---

A papo: – “Co-ah! Por que foi que vocês enfeitaram premeditado as foices?” – ele interrogou. Os dois irmãos responderam que tinham executado aquilo em *padroeiragem* à *Virgem*, para a *Nossa Senhora* em adiantado remitir o *pecado* que iam obrar, e obraram dito e feito. Tudo que Zé Bebelo se entesou sério, em pufo, empolo, mas sem rugas em testa, eu prestes vi que ele estava se *rindo* por de dentro. Tal, tal, disse: – “*Santíssima Virgem...*” E o pessoal todo tirou os chapéus, em alto *respeito*. – “Pois, se ela perdoa ou não, eu não sei. Mas eu perdôo, em nome dela – a *Puríssima, Nossa Mãe!*” – Zé Bebelo decretou. – “O pai não queria matar? Pois então, morreu – dá na mesma. *Absolvo!* Tenho a honra de resumir circunstância desta decisão, sem admitir apelo nem revogo, legal e lealdado, conformemente!...” Aí mais Zé Bebelo disse, como apreciava: – “*Perdoar* é sempre o justo e certo...” – *pirlimpim, pimpão*”. Ibidem, p. 74-76. Grifos nossos.

naquele momento. Os dados acima derivados dos casos, portanto, revelam que os elementos religiosos cristãos narrados pelo velho Riobaldo, inseridos em contextos ambíguos, dão possibilidades diversas de interpretação, contudo, sustentam continuamente o comportamento descrente de Zé Bebelo, e que o narrador insiste em apresentá-lo como aquele que vê na maldade do sertão a derivação da ação humana e não a obra do diabo.

Dessa forma, sob a liderança do chefe Zé Bebelo, os jagunços se veem livres do cerco de Hermógenes na Fazenda dos Tucanos. O Chefe havia armado uma estratégia para que os Hermógenes fossem cercados pelos soldados do governo enquanto partiam em retirada da fazenda.<sup>635</sup> Se antes, durante o cerco, a confiança de Riobaldo em Zé Bebelo entrara em crise, por conta da suspeita de que Zé Bebelo estivesse armando traição pactuada com os soldados, porém, com o sucesso da retirada, o seu ânimo e a confiança agora são recuperados e a inspiração divina da imagem de Nossa Senhora faz com que o caminhar em fuga na noite enluarada o transporte para além da guerra e da lógica de Zé Bebelo.<sup>636</sup> Inúmeras vezes, no decorrer do romance, Riobaldo se refere a Nossa Senhora, sendo que, em algumas dessas, essa referência liga-se analogamente a alguma imagem como se o fenômeno tomasse a configuração de uma aparição com características de luminosidade, por exemplo, a aparição de Nossa Senhora da Abadia, muito citada pelo narrador se deu a partir de um efeito de luminosidade permitindo que a imagem fosse descoberta por eremitas na entrada de uma gruta, conforme a história dessa devoção. Como também, no cristianismo, mais especificamente, nas devoções marianas dos católicos, outras diversas aparições de Nossa Senhora aconteceram contornadas pela luz, tal como a revelação de Maria aos três pastores

---

<sup>635</sup> “Ei, ai, vamos ver. Que tenho esquadrão reiúno: esses é que vão vir me dar retaguarda!” – ele falasse. Eu escrevesse, com mais urgência. Os bilhetes – missiva para o senhor oficial comandante das forças militares, outro para o excelentíssimo juiz da comarca de São Francisco, outro para o presidente-da-câmara de Vila Risonha, outro para o promotor. – “Apresta. A massa do volume deles também dá valor...” – ele regendo. Acertei. Escrevi. O teor era aquilo mesmo, o simples: que, se os soldados no soflagrante viessem, de rota abatida, sem desperdiçar minuto, então aqui na Fazenda dos Tucanos pegavam caça grossa, reunida – de lobo, jaguatirica e onça – de toda a jagunçada maior reinante no vezvez desses gerais sertões. A rasa, à justa, e cerrar com fecho formal: Ordem e Progresso, viva a Paz e a Constituição da Lei! Assinado: *José Rebêlo Adro Antunes, cidadão e candidato*. Ibidem, p. 330-331. “[...] Desde aí, no concorrer, se saía por uma porta. O quanto a noite se atravava de bom grosso. Adiante primeiro foram mandados João Concliz, Moçambicão e Suzarte, para reconhecerem se estava limpo o caminho, rumo de fuga, sem o estorvável. Ponto que os poucos feridos, que havendo se queixavam em condições, mesmo o Nicolau, que se escorava no rifle e às vezes se retardava. Só ficando na Casa os mortos, que não careciam de se rezar a eles adeus, os soldados amanhã que viessem, que enterrassem”. Ibidem, p. 370.

<sup>636</sup> “E Zé Bebelo, segredando comigo, espiou para trás, observou assim, pegando na minha mão:– “Riobaldo, escuta, botei fora minha ocasião última de engordar com o Governo e ganhar galardão na política...” Era verdade, e eu limpei o haver: ele estava pegando na mão do meu caráter. Aí, aclarava – era o fornido crescente – o azeite da lua. Andávamos. Saiba o senhor, pois saiba: no meio daquele luar, me lembrei de *Nossa Senhora*”. Ibidem, p. 370. Grifos nossos.

em Fátima, Portugal, no dia 13 de maio de 1917. Infere-se que a presença de Nossa Senhora contemplada na luz do luar pelo jagunço Riobaldo assume o significado de uma aparição a fim de poder expressar a gratidão pela manutenção da vida através da intercessão da Virgem. Se o destino dos jagunços, após se verem livres das ameaças de Hermógenes e dos soldados do governo era a Virgem-Mãe, equivocadamente, Zé Bebelo, traído pelo seu espírito prático se dirige para a Virgem-da-Lage, lugar que dá início a uma dolorosa via-crucis a ser percorrida pelo bando com o seu projeto de vingança. O encontro com os catrumanos e a entrada do bando no povoado do Sucruiú inicia a crise de liderança de Zé Bebelo. Distante de qualquer temor divino ou superstição, o chefe determina a travessia do Sucruiú, pois, ao testemunhar o sofrimento das pessoas desse lugar, os jagunços são tomados pelo temor incitando-os às rezas à Virgem de Nazaré e ao apego devocional dos santos protetores.<sup>637</sup> Tal empreita leva ao inevitável desgaste da autoridade de Zé Bebelo, culminando mais tarde com a perda da chefia para Urutu Branco. Próximo desse lugar, a narrativa dita as últimas palavras da chefia de Zé Bebelo confirmando a ambiguidade do personagem movido pela razão e pela suposta neutralidade religiosa.<sup>638</sup>

Se a religiosidade de alguma forma afeta o sentimento dos jagunços, então se verifica que o mesmo não ocorre com Zé Bebelo, que é homem prático e que, embora dialogue com o universo religioso dos jagunços, não sente atração e nem medo do sagrado, assim como não sentiu o temor dos jagunços pelo castigo da peste que Deus impingia sobre o Sucruiú, não deu graças à intercessão da Virgem pela fuga bem sucedida no cerco da Fazenda dos Tucanos e muito menos fez considerações a respeito do pacto de Hermógenes com o diabo. A partir desse pressuposto, infere-se das ideias de Albergaria algo semelhante, ou seja, a neutralidade religiosa de Zé Bebelo liga-se esotericamente ao seu nome, *José Rebelo Adro Antunes*, afirmando que “Adro” é a posição profana de Zé Bebelo, pois lembra *atrium*, o espaço externo da igreja. Entretanto, essa posição difere do pensamento de Utéza que busca no Antigo Testamento ligações da missão de Zé Bebelo com o protagonismo de importantes líderes da Antiga Aliança, tais como Moisés e Zorobabel. Segundo o autor, tanto Moisés quanto Zé Bebelo proclamam-se arautos de um messianismo político-religioso,

<sup>637</sup> A experiência desse sentimento e a sua ligação com a religião cristã será descrita no próximo capítulo que tratará especificamente do costume cristão dos jagunços.

<sup>638</sup> “Zé Bebelo se encolheu um pouco, só. Aí ele não tremeu, no sucinto dos olhos. –“A rente, Riobaldo! Tu o chefe, chefe, é: tu o chefe fica sendo... Ao que vale!...” – ele dissezinho fortemente, mesmo mudado em festivo, gloriando um fervor. Mas eu temi que ele chorasse. [...] –“Mas, você [Riobaldo] é o outro homem, você revira o sertão... Tu é terrível, que nem um urutú branco...” O nome que ele me dava, era um nome, rebatismo desse nome, meu”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p.437-438.

ou seja, Zé Bebelo como candidato a deputado sonha em fazer do sertão uma nova Terra Prometida, e, como Moisés, propõe uma nova organização no bando. Zorobabel, ao restabelecer o messianismo monárquico, traz uma nova ordem que garante a reconstrução e a manutenção do templo no qual, mais tarde, Cristo terá uma participação importante. E Zé Bebelo, para não comprometer o projeto de vingança garante a sucessão de Urutu Branco à frente do bando que mais tarde levará a missão iniciada por Medeiro Vaz até o fim. A posição de Utéza não faz de Zé Bebelo um homem religioso no sentido do cristianismo que temos tomado em relação ao narrador e em relação a alguns jagunços, mas a interpretação, além de confirmar consistentemente a ambiguidade do personagem, principalmente pela divergência com as ideias de Albergaria, certamente o coloca ao lado do messianismo religioso dos outros chefes aqui comentados.

## ***2. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!***

Chama-nos a atenção, nesse item, o desejo do chefe Urutu Branco de estabelecer uma comunicação com o espaço sagrado. Se antes a chefia de Zé Bebelo desejava através da neutralidade o não-diálogo com o universo religioso apesar de estar envolto por essa realidade, ao contrário, o comando de Urutu Branco, diante de situações aparentemente destituídas do sagrado, assume que o diálogo com esse universo é a fonte transformadora que dá à narrativa ambígua do velho Riobaldo o tom do elemento religioso cristão de quem narra. Três imagens são utilizadas para a fundamentação desse pressuposto: a primeira é a subida de Urutu Branco no Itambé – a montanha de pedra – para meditar, análoga ao costume de Jesus de subir o monte para orar; a segunda é o renascimento de Riobaldo como Urutu Branco no pobre menino e numa pobre esteira, que se relaciona ao acontecimento do natal e às condições humildes do nascimento do menino Jesus numa manjedoura; e a terceira é o diálogo de Urutu Branco com os urucuianos que inicialmente pronunciam insignificadamente a sentença “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”, em seguida tal expressão significativamente se transforma numa profissão de fé, transportando-a para o universo das rezas intercessoras de outras pessoas capazes de proporcionar proteção e sucesso na campanha guerreira de Urutu Branco. Portanto, percorrer o itinerário desse chefe significa perceber temas da religiosidade que se apresentam subentendidos na orientação cristã do bando de jagunços, assim como já foram percebidos na descrição de outros chefes.

Quando precisava se afastar da multidão para rezar e buscar na fonte divina orientações para o cumprimento de sua missão, Jesus escolhia os montes e se isolava no silêncio de seus cumes, ora só, ora com alguns dos discípulos mais próximos. E quanto mais próxima se tornava a sua entrada triunfal em Jerusalém, mais informações sobre o seu ministério no mundo derivado da sua liderança eram reveladas a Pedro, Tiago e João, os apóstolos que mais tempo passavam junto com Jesus, tal como a passagem da transfiguração no alto do monte. Em várias passagens registradas pelos quatro evangelistas se pode encontrar a confirmação desse comportamento de Jesus.<sup>639</sup> Ao transportarmos essa imagem para o romance, encontraremos o chefe Urutu Branco recém empossado, precisando colocar o seu bando na trilha da vingança de Joca Ramiro. Mas, antes dessa empreita sente-se impelido ao isolamento no alto de uma montanha de pedra a fim de organizar o seu pensamento com a aura do poder de sua liderança para melhor cumprir a sua missão.<sup>640</sup> Embora, aparentemente, por conta de sua ambiguidade, o fragmento esteja destituído de caráter religioso, não há como não pressupor a intenção do narrador – por encontrar-se num momento existencial em que aflora mais intensamente a sua religiosidade – em lembrar-se desse episódio em uma analogia com as narrativas do Novo Testamento a respeito desse comportamento de Jesus. Segundo Utéza, há uma contaminação bíblica na posse de Urutu Branco em que Habão-Abraão, Zé Bebelo-Beelzebu-Moisés-Zorobabel e João Goanhá-João Batista representam – no sertão –, no dia de São João, vinte e quatro de junho, os avatares brasileiros dos quatro maiores precursores de Jesus Cristo, ou seja, João Batista, Zorobabel, Moisés e Abraão.<sup>641</sup> As analogias de Utéza certamente devolvem a dimensão religiosa aos eventos imediatos que antecederam e que sucederam a posse de Urutu Branco como chefe dos jagunços. Essa matéria vertente – diante de um momento rápido e isolado do romance, embora tenha outros significados, tal como a interiorização do poder despótico – ainda assim, faz mais sentido a partir do referencial da religião cristã. Ou seja, tanto Jesus, quanto

---

<sup>639</sup> “E, tendo-os despedido, foi ao monte orar”. Bíblia, Marcos 6:46. “E aconteceu que, quase oito dias depois destas palavras, tomou consigo a Pedro, a João e a Tiago, e subiu ao monte a orar. E, estando ele orando, transfigurou-se a aparência do seu rosto, e a sua roupa ficou branca e mui resplandecente”. Ibidem, Lucas 9:28-29.

<sup>640</sup> “O que eu carecia era de uns instantes sempre meus, para estribar meu uso. Era primeira viagem saída, de nova jagunçagem; e as extraordinárias cousas, para que todos admirassem e vissem, eu estava em precisão de fazer. E vi um Itambé de pedra muito lisa; subi lá. Mandeí os homens ficassem em baixo, eles outros esperavam. Minha influência de afã, alegria em artes, não padecesse de se estorvar em monte de pessoas nenhuma. De despico, olhei: eles nem careciam de ter nome – por um querer meu, para viver e para morrer, era que valiam. Tinham me dado em mão o brinquedo do mundo. Fiquei lá em cima, um tempo. Quando descí, umas coisas eu resolvía”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 439-440.

<sup>641</sup> UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 215-217.

Urutu Branco tinham uma missão a cumprir e precisavam do poder sobrenatural para melhor desempenhar o papel de liderança a fim de obter sucesso na realização do projeto.

Outra analogia ocorre com o cenário do nascimento de Jesus narrado pelos evangelistas São Mateus e São Lucas<sup>642</sup> e representado franciscanamente no presépio<sup>643</sup> que afirma o dogma da encarnação – “O Verbo se fez carne” – e o dogma de Maria imaculada a mãe de Deus – Theotokos<sup>644</sup>. O romance insinua essa cena evangélica através do bando de Urutu Branco no instante – diante das andanças do bando – em que o protagonista recebe o recado de que uma pobre mulher estava em trabalho de parto. Se de um lado a estrela-guia orientou o itinerário dos reis magos, a simplicidade do estábulo utilizado pelos pastores serviu de abrigo no momento do parto e a manjedoura acondicionou o menino Jesus, conforme a narrativa dos evangelistas, de outro, o episódio mostra que a noite de luar é a referência astrológica de Riobaldo, a casa de “papirí à toa” que nem rancho era, servia de proteção e uma esteira no chão serviria de aconchego para a mãe e para aquele que estava prestes a nascer. A analogia ainda se estende ao momento em que o protagonista, ao assumir compassivamente aquela situação de carência material, doa à mulher uma cédula de dinheiro: “Toma, filha de Cristo, senhora dona compra um agasalho para esse que vai nascer [...]”,<sup>645</sup> e assume a entonação e o conteúdo da sentença proferida pelo anjo a José esposo de Maria na narrativa de São Mateus ao determinar através do nome a missão sagrada do recém nascido: “[...] para esse que vai nascer defendido e são, e que deve se chamar Riobaldo...”.<sup>646</sup> Ao concluir a encenação, o texto sentencia na fala do protagonista o propósito da Nova Aliança na história da salvação: “Minha Senhora Dona: um menino nasceu – o mundo tornou a começar!...”.<sup>647</sup> Para Araujo, esse episódio figura o nascimento de Cristo, na mais extrema pobreza na gruta de Belém, nascendo agora na alma de Riobaldo, que numa atitude evangélica agasalha o pequenino referindo-se à sua mãe como sendo a indicação da presença da *Madona* – Nossa Senhora.<sup>648</sup> A narrativa pretensiosamente atribui

<sup>642</sup> Bíblia, Mateus 1:18-25 e Lucas 2:1-7.

<sup>643</sup> São Francisco de Assis em 1223 encena o Natal em Greccio. Nasce, então, a tradição do presépio. FRUGONI, Chiara. *Vida de um homem: Francisco de Assis*, p. 120.

<sup>644</sup> O Concílio de Éfeso decretou esta doutrina dogmaticamente em 431, de acordo com o Compêndio, no segundo capítulo, da segunda seção e da primeira parte. COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica.

<sup>645</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 467.

<sup>646</sup> *Ibidem*, p. 467.

<sup>647</sup> *Ibidem*, p. 468.

<sup>648</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 239-240.

um valor sagrado a essa cena e o Urutu Branco como um anjo enviado de Deus protagoniza diante de seu bando o caráter sagrado da sua chefia, ao reviver o contexto cristão do nascimento daquele que seria o salvador da humanidade.<sup>649</sup> Se a glória de Deus, no Menino Jesus, se faz manifestar através da pobreza e da simplicidade ao assumir a história humana, o protagonista ao dar atenção a essa pobre mulher em trabalho de parto sugere novamente a via do sacrifício e da humildade da doutrina cristã para obter a glória em sua campanha guerreira. Como chefe Urutu Branco, a sua primeira demonstração de acolhida dos humildes e dos pobres se dá através da integração do velho cego Borromeu e do menino Guirigó em seu bando ocupando o lugar de destaque ao lado de sua chefia.<sup>650</sup> Contudo, o caráter ambíguo da narrativa leva o leitor a suspeitar da reta religiosidade do protagonista sugerindo que ele poderia estar ironizando o fato sagrado do Natal certamente conhecido por todos. Diadorim, ao desconfiar dessa boa intenção de Riobaldo, chama-lhe a atenção afirmando que ele quer “dansação e desordem”<sup>651</sup> e que poderia estar possesso deixando que o demônio lhe desse as ordens e precisaria voltar a ser o chefe de antes. Rosenfield, ciente dessa ambigüidade, confirma o caminho sinuoso da campanha de Urutu Branco, que ora corre por remansos, ora por leito bravo desvendando a ilusão do caminho reto e da pureza ideal do herói medieval – o soldado de Cristo. De tal forma que retruca diante da exaltação de um jagunço que se afirma na ilusão de guerrear em nome de Cristo.<sup>652</sup> Embora a narrativa aponte para inferências contrárias, é certo lembrar que o narrador – velho e doente –

---

<sup>649</sup> “Mas a minha sina formava o rebrilhar; em tudo, digo ao senhor. Conforme fatos houve. Da mulher – que me chamaram: ela não estava conseguindo botar seu filho no mundo. E era noite de luar, essa mulher assistindo num *pobre rancho*. Nem rancho, só um papirí à-tôa. Eu fui. Abri, destapei a porta – que era simples encostada, pois que tinha porta; só não alembro se era um *couro* de boi ou um *tranço* de buriti. Entrei no olho da casa, *lua* me esperou lá fora. Mulher tão precisada: pobre que não teria o com que para uma caixa-de-fósforo. E ali era um povoado só de papudos e pernósticos. A mulher me viu, da esteira em que estava jazendo, no pouco chão, olhos dela alumiarão de pavores. Eu tirei da algibeira uma *cédula* de dinheiro, e falei: – “Toma, *filha de Cristo*, senhora dona: compra um agasalho para esse que vai nascer defendido e são, e que deve se *chamar Riobaldo*...” Digo ao senhor: e foi menino nascendo. Com as lágrimas nos olhos, aquela mulher rebeijou minha mão... Alto eu disse, no me despedir: – “Minha Senhora Dona: *um menino nasceu* – o mundo tornou a *começar!*...” – e saí para as *luas*”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 467-468. Grifos nossos.

<sup>650</sup> “Pois, então, que viesse também o Borromeu, viesse. Mandeí que montassem o dito num cavalo manso, que da banda da minha mão direita devia sempre se emparelhar. Alguns riram. E, pelo que riram, de certo não sabiam – que um desses, viajando parceiro com a gente, advinha a vinda das pragas que outros rogam, e vão defastando o mau poder delas; conforme aprendi dos antigos. [...] Ele se chamava Guirigó; com olhares demais, muito espertos. – “Guirigó, tu vem vestido, ou nú?” Como que não vinha? Aprontaram um cavalo para ele só, que devia de se emparelhar com o meu, da banda de minha mão esquerda”. *Ibidem*, p. 446-447.

<sup>651</sup> *Ibidem*, p. 468.

<sup>652</sup> –“Ij’ *Maria*, é ver, nós, de *Cristo*, jagunçando...” – escutei, dum. Daí, declarei mais: – “Vamos sair pelo mundo, tomando dinheiro dos que têm, e objetos e as vantagens, de toda valia. E só vamos sossegar quando cada um já estiver farto, e já tiver recebido umas duas ou três mulheres, moças sacudidas, p’ra o renovame de sua cama ou rede!...” Ah, ô gente, oh e eles: que todos, geral, reluzindo aprovação”. *Ibidem*, p. 446. Grifos nossos. ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 313.

propositadamente ao incluir esse episódio no discurso feito ao ouvinte silencioso, tem uma intenção mais religiosa e menos moral em relação à descrição de si mesmo no passado como chefe Urutu Branco. A referência à filiação cristã que o protagonista faz ao dirigir-se à mulher que estava prestes a dar à luz e o cenário que alude ao nascimento de Jesus afirmando as crenças da encarnação e da maternidade divina da Virgem Imaculada, elementos essenciais da história salvífica que estão no centro da Boa Nova cristã, constituem os principais elementos da religião cristã dessa via que o narrador decidiu expor a respeito de si mesmo para o interlocutor silencioso e conseqüentemente para o leitor interessado em reunir elementos religiosos de natureza cristã desse conteúdo narrado. Outra forma de percebermos as características cristãs desse episódio será a partir das inferências de Araujo. A autora compara o surgimento de um novo Riobaldo nas Veredas Mortas, como Urutu Branco, ao menino que nasce na pobre choupana e que recebe o nome de Riobaldo. Esse episódio retrata, ao mesmo tempo, o renascimento de Riobaldo nas Veredas Mortas e, igualmente, o nascimento de Cristo em condições humildes na gruta de Belém e também na alma do narrador. A autora lembra, em nota, alguns dos sermões do monge dominicano Mestre Eckhart que falam do nascimento de Cristo na alma do homem despojado, pobre de espírito. E Riobaldo, numa atitude evangélica, protege o pequenino e dirige-se à mulher – *Minha Senhora Dona* – ao usar as maiúsculas, indicando a presença de Nossa Senhora: a *Madona*. E, por outro lado, dirige-se apelativamente como “filha de Cristo” fazendo lembrar a famosa oração de São Bernardo à Virgem.<sup>653</sup> Para a autora, o renascimento de Riobaldo é uma forma de imitar Cristo, acrescentando que outra forma de vermos no nascimento do pobre menino a imagem do nascimento de Cristo se dá pelo fato de que Riobaldo deixa o tempo para traz ao entrar no rancho, afirmando que deixou a lua no céu ao entrar e que a encontrará novamente ao sair, pois, para os antigos, o movimento dos astros era a forma de marcar o tempo, calculando as estações do ano, os dias e as noites. Dentro do rancho, o tempo não existe e Riobaldo está fora do tempo, portanto, está na eternidade da natividade de Cristo, conclui a autora.<sup>654</sup>

A expressão: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!”, pronunciada por Riobaldo, o Urutu Branco é interpretado no relato como forma de transmitir a autoridade que o momento exigia, utilizando o sagrado como forma de comunicação. A profissão de fé

<sup>653</sup> *Vergine Madre, figlia del tuo figlio, umile e alta più che creatura, termine fisso d'eterno consiglio, tu se' colei che l'umana natura nobilitasti sì, che'l suo fattore non disdegnò di farsi sua fattura.* A Divina Comédia, Paradiso, XXXIII, 1-6.

<sup>654</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 238-240.

tem a intenção de afirmar o espaço de Deus em contraposição ao espaço do diabo, feita através da analogia do rosto dos urucuianos com suas largas ventas viradas para baixo representando no relato a figura demoníaca.<sup>655</sup> A proposição cristã, presente nos hinos e nas orações cristãs, representa a declaração de fé daquele que assume o senhorio de Cristo, vencedor da morte e do pecado, corrobora o propósito parecido ao de Riobaldo, isto é, afirmar a presença e o lugar de Deus diminuindo as forças sagradas do mal. No entanto, Riobaldo muda a sua impressão a respeito dos urucuianos ao perceber que não há neles indício de traição e que a resposta cristã dada por eles à sua antífona é o sinal da confiança e do respeito deles no momento em que mencionou o nome do Santíssimo. A partir desse âmbito, Riobaldo entende o poder de Deus e a importância das súplicas feitas a Ele através das rezas e orações. Por isso aproveita para lembrar-se das pessoas que se preocupavam com ele, como Otacília, e das rezas, novenas e orações feitas por outras pessoas a fim de pedir proteção e êxito na campanha guerreira.<sup>656</sup> Por isso lamenta de ter se esquecido de pedir para que também aqueles urucuianos, como seres diferentes, pudessem rezar em sua intenção. E até mesmo o interlocutor, em outro momento do romance, não escapa aos insistentes apelos do narrador pedindo reza para que a alma fique repleta de sentido e afastada da loucura e do pecado.<sup>657</sup> Infere-se o valor da oração e o seu conteúdo dogmático, reforçado através das rezas repetitivas e a construção de um itinerário significativo a partir da articulação dos interesses humanos com os misteriosos desígnios divinos. Utéza, ao refletir sobre a intenção de Riobaldo de praticar diversos rituais – católicos, metodistas, espíritas, entre outros – sugere que ele se arrisca não numa beatice senil fechando-se na crença de uma única verdade, mas numa perturbação mental derivada da angústia e da falta de sentido. Por isso invoca os serviços espirituais das rezadeiras e de todos aqueles que possam ouvir os apelos

---

<sup>655</sup> “[...] Aqueles outros homens, os do todo sertão, das brenhas, os com as ventas largas para baixo, cada-um um cão – o que era que eles achavam em meu ser? Repensei: ah! Ah, então, para avaliar em prova a dúvida deles, tive um recurso. A manha, como de inesperadamente de repente eu muito disse: – *Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!* Senhor vendo como foi, o supetão de susto que ele teve, arregalado conforme me olhava e naquilo ouvido não acreditava, o tanto que retardou para responder, todo baixo, o: *...Para sempre...* Ah. Despedidos estavam, podiam ir, Ah. Ah, não. A bobeira. Se ele em fato estranhou, foi somente por causa do tom de minha voz. Se foi por minha voz, foi porque, no afã de querer pronunciar sincero demais o santíssimo nome, eu mesmo tinha desarranjado fala – essas nervosias...”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 499-501.

<sup>656</sup> “Achava. Adiante, dias de caminho, achei de querer e não querer, em contrários instantes: que *rezassem* por mim, a *rogo* e paga. Reza boa, de outros, singela, que mais me valesse – essas *avemariazinhas, novenas*”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 501. Grifos nossos.

<sup>657</sup> “*Reze* o senhor por essa minha alma. O senhor acha que a vida é tristonha? Mas ninguém não pode me impedir de rezar; pode algum? O *existir da alma* é a reza... Quando estou rezando, estou fora de *sujidade*, à parte de toda *loucura*”. Ibidem, p. 605. Grifos nossos.

de seu coração tirando-o dessa agonia.<sup>658</sup> O mesmo se verifica com Albergaria ao afirmar que o ecletismo religioso de Riobaldo é uma garantia de salvação, pois no momento em que participa de todas as práticas exotéricas ele está garantindo para si mesmo a lucidez, evitando com isso o aprisionamento em uma única doutrina dogmática que poderia levar à ineficácia das demais. Para a autora, Riobaldo não era o homem religioso que seguia apenas os preceitos da religião cristã.<sup>659</sup> Inferem-se desses autores o reconhecimento do espaço religioso presente na vida do jagunço e do narrador, manifestando entre tantas formas de religiosidade, também a cristã. Por outro lado, no entanto, é também possível inferir, através da ambiguidade do personagem na narrativa, um valor relativo dado à oração por Urutu Branco. Ao citar e colocar diversas pessoas como responsáveis por rezar pelo seu destino, assume a oração como um atributo da fé alheia dando a entender que não partilha daquela crença e nem assume aquele tipo de devoção. Vê-se nisso uma contradição, de modo particular, ao princípio cristão que pede ao seu fiel que não tenha medo de anunciar a verdade de Jesus, os valores do reino e a sua boa nova através da palavra, das orações e das celebrações. A mesma impressão é partilhada por Rosenfield ao afirmar que a fé confiante na redenção e na remissão dos pecados, típica da prática religiosa encomendada por Riobaldo às diversas pessoas, às rezadeiras e, sobretudo, à Otacília, não o convence e parece que ele nunca chega a assumir como sua.<sup>660</sup> Outra situação que nos permite questionar a fé de Riobaldo é a resposta: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!” dada aos urucuianos. Como Urutu Branco afirma que ia usar essa tática para perceber a reação dos homens, infere-se um contrabando da expressão para um contexto nada religioso e muito menos cristão. Se a expressão deveria ser uma profissão de fé, nesse caso não passa de uma artimanha de uso da fé alheia como estratégia de guerra ou de comando bem parecido com as artimanhas belzebuzianas da chefia de Zé Bebelo. Como, de fato, se pode perceber, o contexto da narrativa possui o elemento cristão da profissão de fé na segunda pessoa da Trindade<sup>661</sup> e também o valor dado às orações, rezas e novenas como forma de manter o vínculo com Deus e, assim, sustentar a experiência religiosa independentemente da postura religiosa de Riobaldo. Infere-se, portanto, que o texto intencionalmente ambíguo liga o

<sup>658</sup> UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 70.

<sup>659</sup> ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da Linguagem no Grande Sertão: Leitura dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa*, p. 29 e 45.

<sup>660</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 368.

<sup>661</sup> De acordo com a tradição cristã, explicitada no segundo capítulo, da segunda seção, da primeira parte do Catecismo, Jesus é o Verbo encarnado e a segunda pessoa da Santíssima Trindade. *COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica*.

personagem Urutu Branco ao contexto religioso cristão, deixando várias interpretações desse personagem para que o leitor possa tirar a própria conclusão.

Os autores, Utéza, Rosenfield, Araujo e Albergaria concordam quanto à presença de elementos da religião cristã que se fazem presente na campanha de Urutu Branco, desde a sua posse a partir das Veredas Mortas até o fim da sua chefia. A posse desse chefe, segundo Utéza, no dia vinte e quatro de junho, dia de São João, acompanha os maiores precursores de Cristo, ou seja, Abraão, Moisés, Zorobabel e João Batista através de seus avatares do sertão: Habão, Zé Bebelo e João Goanhá, portanto, uma contaminação bíblica para aquele que têm uma missão a cumprir. Urutu Branco, na sua campanha guerreira, não assume ser um soldado de Cristo – como Medeiro Vaz – pois, no momento da sua posse, retruca a um jagunço exaltado que afirma lutar em nome de Cristo, mas também, não afirma não sê-lo. Para Rosenfield, em Urutu Branco predomina a ambiguidade, isto é, recém empossado, ora corre por remansos, ora por leito bravo confirmando o seu caminho sinuoso. Araujo é a autora que mais sintoniza o propósito de chefia de Riobaldo aos princípios da tradição cristã. Para Araujo, Urutu Branco é o novo Riobaldo que nasce igualmente nas Veredas Mortas, nas condições humildes do nascimento de Cristo na gruta de Belém e na alma do narrador, pois numa atitude evangélica agasalha o pobre menino que acaba de nascer referindo-se à sua mãe como sendo Nossa Senhora, a mãe de Jesus. Tal atitude de Urutu Branco que retrata o presépio, significa o seu renascimento e, portanto, a imitação de Cristo. Se as inferências de Araujo condicionam Riobaldo ao cristianismo, o mesmo não acontece com Utéza, Albergaria e Rosenfield, que procuram ampliar a religiosidade desse chefe para outras fontes. Utéza afirma que Riobaldo invoca os serviços espirituais das rezadeiras e de todos aqueles que possam ouvir os seus apelos, seja católico, metodista, espírita, ou outros, portanto, não se fecha na crença de uma única verdade. Da mesma forma, Albergaria afirma que Riobaldo pratica um ecletismo religioso e que não segue apenas os preceitos da religião cristã, pois precisa garantir a salvação evitando se aprisionar em uma única doutrina dogmática. Rosenfield vai além, ao afirmar que Riobaldo nunca se convenceu e nunca assumiu como sua a crença cristã da redenção e da remissão dos pecados praticadas por Otacília e pelas rezadeiras, mas que as encomendou inúmeras vezes. Contudo, inferem-se desses autores o reconhecimento do espaço religioso presente na vida do chefe Urutu Branco, estando entre tantas formas de religiosidade, também a cristã.

## CAPÍTULO 8: O COSTUME CRISTÃO DOS JAGUNÇOS

Para esse capítulo, Riobaldo, Jõe Bexiguento e Joé Cazuzo são os jagunços que trarão sob o olhar do narrador os elementos religiosos do costume cristão dos jagunços. E, sob a crítica de Araujo, Rosenfield, Albergaria, Utéza e Bolle, temas da tradição cristã, como a salvação, o pecado, a fé, a graça, a comunidade, o bem e o mal, serão problematizados a partir desses personagens a fim de respaldar, sob essa ótica, elementos da religião cristã no Grande Sertão. Por exemplo, enquanto Utéza vê na posição de Jõe a relativização do bem e do mal, Araujo vê na história de Maria Mutema a conversão do jagunço, a salvação da comunidade do São João Leão, a passagem do pecado para a graça e a libertação de Riobaldo. Se, de um lado, há um evidente pacto com Deus, através de devoções feitas pelos jagunços – o jagunço Riobaldo também participa desses pactos – a fim de se livrarem das doenças, do inimigo e de tudo o que leva à morte, de outro lado, não se pode, de acordo com Rosenfield, Utéza, Albergaria e Bolle, afirmar uma fé cristã dos jagunços pelas contradições presentes na ambigüidade da narrativa. Mesmo a conversão e a prática religiosa de Joé Cazuzo, de acordo com Rosenfield, não poderiam representar o costume num sertão marcado pela violência. Tanto que os soldados do coronel respeitaram a vida diante do surto de Joé, e que a mudança de vida de Cazuzo, segundo Bolle, representa a importância dada pelo sertão à relação entre religião e violência.

### *1. Deus a gente respeita...*

O romance reservou poucas páginas para o diálogo entre Jõe Bexiguento e Riobaldo. Essa conversa noturna de curta duração, ao redor de uma fogueira, após um dia de batalha desnordeante, leva o protagonista a buscar algumas respostas para o sentido daquela empreitada jagunça. Jõe, representante de uma tradição oral fundada na cultura dos grotões –

“broeiro peludo do Riachão do Jequitinhonha” – além do calor do fogo leva luz ao obscuro universo de Riobaldo. Utéza identifica Jõe como distinto de todos os outros jagunços, possuindo uma sonoridade estranha em seu prenome, um apelido afetuoso de João, apresentando-se como um primeiro sinal da revelação joânica.<sup>662</sup> De todas as imagens religiosas que envolvem os jagunços no romance, pode-se dizer que Jõe é um legítimo representante mítico desse costume. De Jõe, Riobaldo recebe uma noção de salvação cristã fundamentada na relação entre o mal enquanto pecado e o bem enquanto graça, dom de Deus dado àquele que a deseja através da fé. Iniciam a conversa abordando a noção de pecado e o respeito pelo nome de Deus, e terminam com o caso de Maria Mutema e Padre Ponte que alegoricamente apresenta o itinerário do crente em direção a Deus, ao fazer a travessia do pecado para a graça. Será possível perceber, através do costume religioso de Jõe – “Deus a gente respeita...” – a importância dada por Riobaldo ao tema do mal e a sua ligação com o universo jagunço.

Riobaldo, motivado pelas histórias do jagunço Jõe Bexiguento, reconhece os próprios pecados derivados das maldades praticadas na vida jagunça. Questiona a possibilidade de um jagunço poder estar com Deus diante do abismo de pecado que o separa da santidade divina. E como na guerra a iminência da morte era constante, pergunta sobre o perdão de Deus capaz de gerar proteção garantindo a vida, e se o jagunço com a sua condição pecadora estaria ao alcance dessa dádiva divina. Nota-se o desespero de um Riobaldo pecador que se encontra no caos da guerra à procura de um sentido para a vida e que, ao tentar entender a morte de alguns dos companheiros na campanha de guerra, do batismo de fogo daquele dia, assume a fé e a esperança em Deus a fim de um propósito salvífico capaz de desfazer aquela situação caótica. Na condição de pecador em que se encontra por ter adotado a doideira da vida jagunça, sabendo que a sua participação nos crimes e nas barbáries da guerra o coloca na conta de tantos pecados, cria a consciência da condenação e da perdição, por um lado, e, por outro, a esperança na salvação, mediante a concessão do perdão na redenção. Riobaldo acredita que no mundo as coisas estejam misturadas, que a esperança sai do meio do desespero e que na dureza e no amargor da vida se encontra o macio e o doce de uma existência significativa.<sup>663</sup> Por isso, reconhece-se

<sup>662</sup> UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 130.

<sup>663</sup> O bem e o mal, na reiterada consideração do teólogo Schillebeeckx, se encontram misturados e por isso contemporaneamente causam confusão e conseqüentemente geram uma crise de sentido de tal modo que o sentido e o sem-sentido se misturam. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 22. O bem, muitas vezes, por ser assumido como algo natural, se torna sem graça e pouco se fala ou se escreve sobre ele. Enquanto que o mal tem história muito movimentada, levando muitos a fazerem apologia em relação

pecador e acredita em Deus, na esperança de que aquela noite de agonia passe logo e que, ao chegar, a aurora possa trazer-lhe outro sentido para o seu ser. Ao considerar o tema da redenção cristã inerente às preocupações do velho Riobaldo, Rosenfield afirma que as reflexões rosianas são influenciadas por esse tema por trazer, através das *Confissões* de Santo Agostinho e de relatos do início do cristianismo – Vidas de Santos –, a concepção de mal como princípio subordinado ao Amor divino, em busca de uma ordem universal e do Senhor de uma razão transcendente que garantirá a vitória final do Bem.<sup>664</sup> Infere-se o elemento cristão do pecado e da salvação, pois, ao se preocupar com a fé em Deus, o testemunho de Riobaldo confere à reconstrução do relato do narrador um posicionamento que permite ao leitor perceber uma clara opção da narrativa que justifique o estado espiritual do velho Riobaldo sintonizado com o contexto soteriológico cristão. Por isso, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, rechaça a prática pecaminosa dos jagunços, também não deixa, como jagunço que é, de participar dessa campanha de guerra.<sup>665</sup>

Para Riobaldo, Jõe Bexiguento parecia ter uma clareza de fé e devoção digna de admiração, mas ao mesmo tempo de desconfiança. Gostava de conversar com Jõe e de ouvir as suas histórias e os seus causos que revelavam aparentemente a sua visão do bem apartada

---

a ele. Ibidem, p. 118 e 119. Fala de males satânicos em nossa história, como exemplo: Auschwitz. O autor propõe uma reflexividade capaz de fazer distinção entre os temas do bem e do mal como é próprio da perspectiva cristã. Ibidem, p. 119.

<sup>664</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 224.

<sup>665</sup> “[...] – “Você era amigo do Garanço, Jõe?” – em manso perguntei. – “Assim, o dito, pela rama. Que foi com ele? Deu o fim, mesmo, legal? Acho que esse sempre se esteve meio caipora... Ele mesmo sabia que era...” Ainda ouvindo as palavras, conheci que tinha perguntado pelo Garanço só para depois perguntar por Diadorim, digo: o Reinaldo. Mas outra coragem não tive. Faltou razão para mim. Que desconversei: – “Caipora se cura, Jõe? Você sabe *rezas fortes*?” – por aí devo que indaguei; bobéia minha, assunto. – “A que cujo, se caipora não curasse? Todo o mundo dela tem, nos tempos...” – ele me repositou. – “... Mas desses *ensalmos* quis aprender não. Memória que *Deus* me deu não foi para *palavrear avesso* nele, com *feitas ofensas*...” *Pecados, vagância de pecados*. Mas, a gente estava com *Deus*? Jagunço podia? Jagunço – criatura paga para crimes, impondo o sofrer no quieto arruado dos outros, matando e roupihando. Que podia? Esmo disso, disso, queri, por pura toleima; que sensata resposta podia me assentar o Jõe, broeiro peludo do Riachão do Jequitinhonha? Que podia? A gente, nós, assim jagunços, se estava em permissão de *fé para esperar de Deus perdão de proteção*? Perguntei, quente. [...] Um, que estava com sua rede ali a próximo, decerto acordou com meu vozeio, e xingou xú. Baixei, mas fui ponteando opostos. Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados... Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a *esperança* mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito *misturado*... Mas Jõe Bexiguento não se importava. Duro homem jagunço, como ele no cerne era, a idéia dele era curta, não variava. – “Nasci aqui. Meu pai me deu minha sina. Vivo, jaguncêio...” – ele falasse. Tudo poitava simples. Então – eu pensei – por que era que eu não podia ser assim, como o Jõe? Porque, veja o senhor o que eu vi: para o Jõe Bexiguento, no sentir da natureza dele, não reinava mistura nenhuma neste mundo – as coisas eram bem divididas, separadas. – “*De Deus? Do demo?*” – foi o respondido por ele – “*Deus a gente respeita, do demônio se esconjura e aparta*... Quem é que pode divulgar o corisco de raio do borro da chuva, no grosso das nuvens altas?” [...]”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 220-221. Grifos nossos.

do mal e do poder de Deus sobre esse mal. Talvez sugerindo a derrota do mal figurado na morte futura de Hermógenes, o demônio encarnado. O caso de Maria Mutema e Padre Ponte, por exemplo – contado por Jõe – além da presença dos elementos cristãos e das ambiguidades inerentes à narrativa do velho Riobaldo, ressalta o itinerário do crente em direção a Deus ao fazer a travessia do pecado para a graça. Araujo afirma que a história de Maria Mutema figura em ponto pequeno o desenrolar da história de Riobaldo. A autora centraliza, a partir do tema do segredo, a ligação do itinerário para Deus entre Mutema e Riobaldo. As inferências sobre esse tema, diferentes das nossas, como veremos mais adiante, mostram que a “revelação do segredo transforma o crime – a morte – instrumento de *salvação* para Mutema – em vida, pois significa a revelação de Deus, o encontro com a Trindade”. De acordo com a autora, Maria Mutema, através da “fé braba” dos missionários, copia a Trindade em si, e depois de três dias de missões no arraial do São João Leão, no dia seguinte, o domingo que seria a “festa de comunhão geral e glória santa”, a Mutema copia, igualmente, o Cristo redentor, ao ressurgir no terceiro dia, no dia da ressurreição do Senhor.<sup>666</sup> Infere-se de Araujo a ênfase na revelação do segredo, em confissão pública, e na salvação alcançada pela Mutema ao se tornar bendita aos olhos de Deus pelas palavras dos padres missionários similares à revelação do segredo de Diadorim pela mulher do Hermógenes – “a Deus dada pobrezinha” – dando a Riobaldo acesso à salvação no abandono da vida jagunça. Maria Mutema é a mulher que propositadamente mata o marido, enquanto dormia, com chumbo derretido despejado no buraco do ouvido e mata o Padre Ponte com as palavras mentirosas ao ouvido no segredo da confissão, enquanto cumpria a sua missão de padre. É condenada pela justiça dos homens, mas absolvida nas palavras de perdão das pessoas simples da comunidade, representante da redenção de Cristo. Vê-se, no relato de Jõe, que o povo do arraial do São João Leão procura demonstrar a fé em Deus em busca de salvação através da prática da religião e que os sinais visíveis dos sacramentos, de modo especial os sacramentos da penitência, da eucaristia, da unção dos enfermos e da ordem, são perceptíveis através do serviço sacerdotal do Padre Ponte.<sup>667</sup> Em tempos de missões, a

---

<sup>666</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 131-132.

<sup>667</sup> O tema Jesus Cristo é o mais trabalhado pelo teólogo Schillebeeckx. Mais de dois terços de sua trilogia são dedicados a Ele. A trilogia cristológica do teólogo holandês Edward Schillebeeckx consiste em: “Jesus: a história de um vivente” (1975), “Cristo e os cristãos: a história de uma nova práxis de vida” (1977) e “História humana: revelação de Deus” (1989). Na sequência de sua proposta que valoriza a história como elemento integrante da salvação, o Jesus histórico tem importância pedagógica fundamental para que o ser humano ao reconhecer-se na humanidade de Jesus possa construir o sentido de seu itinerário para Deus buscando a salvação. Os textos de Schillebeeckx exploram exaustivamente a historicidade de Jesus, obviamente buscando fazer a mediação para o Cristo ressuscitado. A Igreja é comunidade de Deus, memória viva da história de Jesus e o lugar em que a salvação, é vista como realizada pela palavra de Deus, recebida na fé e testemunhada numa

presença marcante e a ação evangelizadora da pregação dos missionários criam na comunidade o espírito das bem-aventuranças análogo ao desejo de Jesus descrito nos evangelhos. A missa festiva e a procissão no domingo, o dia do Senhor, o último dia de missões, representa a conversão, a presença da graça de Deus e a interiorização, por parte da comunidade, da fé no ressuscitado como caminho para a salvação. Se a tarefa dos missionários na comunidade, por um lado, é a de pregar a salvação, por outro, também é a de exorcizar, “em nome de Jesus e da cruz”, expulsando o demônio figurado em Maria Mutema. Ao mudar a voz, em meio à oração da salve-rainha, o missionário impõe-se com o poder de Deus a fim de colocar para fora da igreja e da vida da comunidade o gesto invasivo e demoníaco de Mutema. Contudo, o demônio parece não estar mais ali e o missionário percebe a mudança da Mutema ao vê-la colocando-se como pecadora arrependida que não deseja mais edificar o mal, pedindo o perdão de Deus e confessando-se publicamente; e de imediato – ao entoar o *Bendito, louvado seja!* – o sacerdote atribui à misericórdia divina a capacidade de redimir a Mutema. Tal gesto ajudou a edificar a comunidade e o povo perdoou, rezou por ela e até afirmou que a Mutema estava ficando santa. Utéza acrescenta, ao referir-se à Mutema, que a partir do exemplo de seus crimes, de seus remorsos e de seu arrependimento, o catolicismo oficial tira uma lição edificante. De acordo com o autor, a história de Jõe, além da relatividade do Bem e do Mal, coloca em questão o tema do sentimento de culpa do ser humano diante da obsessão por um código moral rígido criado e alimentado por ele mesmo até a morte, por não colocá-lo em questão. Os missionários, afirma o autor, duplamente vindos de fora, dissolvem e limpam os valores esclerosados para fixar as vias novas da fé. Jõe, então, mensageiro de fora, a exemplo dos missionários, terminada a missão, retorna para a noite ao reencontro dos pobres de espírito que têm no Reino dos Céus, segundo o Evangelho, um lugar reservado.<sup>668</sup> Infere-se do autor, através da parábola de Maria Mutema, o reconhecimento e a identificação de elementos religiosos que se referem a crenças ligadas à escatologia cristã.

A ambiguidade do texto, no entanto, leva o leitor a pensar outras possibilidades a respeito dos elementos religiosos cristãos presentes no romance, isto é, em vez de uma

---

práxis eclesial. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 29. Por isso é engajada, assume tanto os conflitos decorrentes da relação do homem com Deus quanto os das relações entre os homens e o reino de Deus. Além de uma dimensão espiritual, assume também a dimensão cósmica, isto é, a terra é muito mais do que mero “mundo do homem”, pois o respeito pela criação de Deus passa pela mediação da comunidade eclesial. *Ibidem*, p. 304.

<sup>668</sup> UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 140-143.

afirmação desses elementos, sugere a negação de seus valores e de seus verdadeiros significados. Infere-se, portanto, desse caso, o falseamento da interpretação dos sacramentos e sacramentais permitindo, em diversos momentos, ver a prática de alguns sacramentos de forma diferenciada. Também os personagens e a sequência dos fatos na história dão ao leitor a possibilidade de diversas analogias com a religião cristã. Explicitando melhor. Morreu o marido de Mutema, sem poder receber o sacramento da unção dos enfermos sinalizando, na morte repentina, a dificuldade da igreja em poder dar assistência com este sacramento a todas as almas que precisariam do conforto e do perdão de Deus no momento final da vida. A ida frequente de Mutema à igreja e a necessidade de confessar-se sugere a banalização do sacramento da confissão e a duvidosa autenticidade da prática religiosa. As repetidas vezes, de três em três dias, que a Mutema se confessava, aludem à ineficácia do sacramento da confissão e à representação de negação da Trindade a partir do sentido de comunhão e amor que deveria acontecer na relação da Mutema com a igreja intermediada pelo Padre Ponte. A carolice indicada na falsa seriedade e na aparente preocupação com a salvação de si mesma e o falso interesse libidinoso pelo padre são a banalização da igreja como comunidade e sinal da presença de Cristo no mundo. O prazer que ela tinha era derivado da mentira contada ao padre no confessionário. Também a santidade aparente interpretada pela Mutema indica o falseamento da fé na Santíssima Trindade. A interrupção da salve-rainha por Maria Mutema também pode sinalizar a marginalização da importância de Maria, a mãe de Jesus pela fé cristã, ao centralizar a Mutema como a Maria pecadora e demoníaca que entra na igreja modificando o sentido do sacramento do batismo como entrada e pertença à comunidade eclesial e maculando o sábado de vigília em preparação ao domingo, o dia do Senhor. Se a mulher da salve-rainha – Maria mãe de Jesus – é a intercessora junto a Deus, a mulher mediadora do mal e da maldade – a Mutema – representa satã. Maria Mutema, a senhora das maldades, a serpente traidora, assassina e enganadora símbolo do pecado original pede o perdão de Deus. A confissão pública de Mutema, aos prantos, invertendo a ordem das coisas, tira o significado do segredo desse sacramento e o nega diante da igreja presente na comunidade. O Padre Ponte também representa a negação do voto de castidade e de um celibato não vivido na geração de três filhos numa mulher simplória, portanto questionando o sacramento da ordem e seus valores. Modifica o sentido do sacramento da eucaristia ao utilizar-se da hóstia consagrada apenas como instrumento de conforto às pessoas do povoado, e apesar de cumprir o seu dever de padre, não foi capaz de aplicar as virtudes do conteúdo do próprio sermão nas missas que rezava para orientar a sua conduta e livrar-se das mentiras de

fornicação de Maria Mutema. O sofrimento do Padre, por outro lado, de ter de carregar os pecados da Mutema no segredo imposto pelo sacramento se martirizando, tem analogia aos sofrimentos dos santos e dos mártires que, motivados pelo sacrifício de Cristo que abraçou os pecados da humanidade com a morte na cruz, deram a própria vida pela fé no ressuscitado. No entanto, o serviço dos sacramentos, a unção dos enfermos e a eucaristia não foram dadas ao Padre Ponte para conforto de sua pobre alma antes da morte, inferindo-se possivelmente a descrença do próprio sacerdote no sentido de tais sacramentos. Consoante também a negação do sentido desses rituais na vida do sertanejo que, por falta de padres, tinha pouco acesso a esses serviços espirituais. A presença dos missionários estrangeiros por três dias na comunidade de São João Leão enfraquece o trabalho pastoral do padre de paróquia, pois a necessidade de intervenção das missões, além de negar a eficácia da ação daquele pastor que cotidianamente deveria suprir as necessidades espirituais da comunidade eclesial, também nega o sentido do sacramento da ordem. Se o missionário deve reconstruir em três dias o sentido de comunidade<sup>669</sup>, semelhante ao modelo da Trindade, que o consagrado ordenado local, conhecido de todos, não foi capaz de realizar, talvez por indolência ou conformismo, portanto, necessitando de outro para fazê-lo, então será o estranho que o fará com mais força, mais poder e mais fé. O poder do missionário se faz notar por se colocar como mensageiro da Trindade ao resgatar o valor da oração na comunidade que é negada pela atitude demoníaca de Mutema ao irromper para dentro da igreja cortando ao meio a oração da salve-rainha que de joelhos começada, tem de ter suas palavras ditas até o fim. O missionário, semelhante a um exorcista, expulsa a Mutema da comunidade simbolizada na igreja, aos berros, para se fazer entender por todos sobre a gravidade da sua ação pactada com o diabo. A fala reveladora do missionário nega mais uma vez o valor da confissão feita em segredo anteriormente e sugere que o juízo de Deus sobre os mortos tenha justificativas na confissão e na penitência de Maria Mutema, como um castigo a ser cumprido na porta do cemitério onde está enterrada a prova do homicídio praticado. Os missionários representam o Deus justiceiro, vingador e implacável. É o Deus que se apresenta no barulho e na tempestade para demonstrar o Seu poder e a Sua glória; e não no silêncio ou na brisa mansa. Por isso causa impacto, pois com o demônio não se brinca e colocá-lo de volta ao inferno exige coragem e pacto com Deus. Contudo, o poder hierárquico da igreja que fala em nome de Deus representado na autoridade dos missionários

---

<sup>669</sup> Alusão ao evangelho de Marcos, sobre a morte, ressurreição e ascensão de Jesus: ao mencionar a destruição do templo de Jerusalém e a construção do templo vivo simbolizado na comunidade. “Nós o ouvimos declarar: Eu destruirei este santuário edificado por mãos humanas e, em *três dias*, construirei outro, não por mãos humanas”. Bíblia, Marcos 14:58.

é negado, através do julgamento de Mutema, pelas pessoas simples que sentiram o seu sofrimento como suficiente para merecer o perdão divino. Trouxeram-lhe palavras de conforto, o perdão da Maria do Padre e de seus meninos e orações que geraram paz e edificação na comunidade. Por essa razão, novamente o poder religioso foi tirado da igreja ao canonizar a Mutema como santa do povo. A santidade da Mutema foi inferida não por um processo canônico com suas instâncias regulares, mas pelo seu estado de sofrimento percebido pelo povo como o estágio que antecede ao recebimento da graça divina, comum aos santos e mártires cristãos.<sup>670</sup>

---

<sup>670</sup> “Existia uma mulher, por nome Maria Mutema, pessoa igual às outras, sem nenhuma diversidade. Uma noite, o marido dela morreu, amanheceu morto de madrugada. [...] O que deu em nota foi outra coisa: foi a *religião* da Mutema, que daí pegou a ir à *igreja todo santo dia, afora que de três em três agora se confessava*. Dera em carola – se dizia – só constante na *salvação de sua alma*. Ela sempre de preto, conforme os costumes, mulher que não ria – esse lenho seco. E, estando na *igreja*, não tirava os olhos do padre. [...] Padre Ponte, era um sacerdote bom-homem, [...] uma pecha ele tinha: ele relaxava. Gerara três filhos, com uma mulher, simplória e sacudida, que governava a casa e cozinhava para ele, [...] antigamente, essas coisas podiam, todo o mundo achava trivial. Os filhos, bem-criados e bonitinhos, eram “os meninos da Maria do Padre”. E em tudo mais o Padre Ponte era um *vigário* de mão cheia, cumpridor e caridoso, pregando com muita virtude seu *sermão* e atendendo em qualquer hora do dia ou da noite, para levar aos roceiros o conforto da *santa hóstia do Senhor ou dos santos-óleos*. Mas o que logo se soube, e disso se falou, era em duas partes: que a Maria Mutema tivesse tantos *pecados* para de *três em três dias necessitar de penitência* de coração e boca; e que o Padre Ponte visível tirasse desgosto de prestar a ela pai-ouvido naquele *sacramento*, que entre dois só dois se passa e tem de ser por ferro de tanto segredo resguardado. [...] E se viu, bem, que Padre Ponte todas as vezes fazia uma cara de verdadeiro sofrimento e temor, no ter de ir, a junjo, escutar a Mutema. Ia, porque *confissão* clamada não se nega. Mas ia a poder de ser padre, e não de ser só homem, como nós. E daí mais, que, passando o tempo, como se diz: no decorrido, Padre Ponte foi adoecido ficando, de doença para morrer, se viu logo. [...] Morreu triste. E desde por diante, mesmo quando veio outro padre para o São João Leão, aquela mulher Maria Mutema nunca mais voltou na *igreja*, nem por *rezar nem por entrar*. [...] Por fim, no porém, passados anos, foi tempo de *missão*, e chegaram no arraial os *missionários*. Esses eram dois *padres estrangeiros*, p’ra fortes e de caras coradas, bradando *sermão* forte, com forte voz, com *fé* braba. De manhã à noite, durado de *três dias*, eles estavam sempre na *igreja*, *pregando, confessando, tirando rezas e aconselhando*, com entusiasmos exemplos que enfileiravam o povo no bom rumo. A *religião* deles era alimpada e enérgica, com tanta saúde como virtude; e com eles não se brincava, pois tinham de *Deus* algum encoberto poder, conforme o senhor vai ver, por minha continuação. Só que no arraial foi grassando aquela boa *bem-aventurança*. Aconteceu foi no derradeiro dia, isto é, véspera, pois no seguinte, que dava em *domingo*, ia ser festa de *comunhão* geral e *glória santa*. E foi de noite, acabada a *benção*, quando um dos missionários subiu no púlpito, para a *prédica*, e tascava de começar de *joelhos, rezando a salve-rainha*. E foi nessa hora que a Maria Mutema entrou. Fazia tanto tempo que não comparecia em igreja; por que foi, então, que deu de vir? Mas aquele missionário governava com *luzes* outras. Maria Mutema veio entrando, e ele esbarrou. Todo o mundo levou um susto: porque a *salve-rainha é oração que não se pode partir em meio* – em desde que de joelhos começada, tem de ter suas palavras seguidas até ao trespim. Mas o missionário retomou a fraseação, só que com a *voz* demudada, isso se viu. E, mal no *amém*, ele se levantou, cresceu na beira do púlpito, em brasa vermelho, debruçado, deu um sôco no pau do peitoril, parecia um touro tigre. E foi de grito:– “A pessoa que por derradeiro entrou, tem de sair! A p’ra fora, já, já, essa mulher!” [...] – “Que saia, com seus maus segredos, em *nome de Jesus e da Cruz!* Se ainda for capaz de um *arrepentimento*, então pode ir me esperar, agora mesmo, que vou ouvir sua *confissão*... Mas *confissão* esta ela tem de fazer é na porta do cemitério! Que vá me esperar lá, na porta do cemitério, onde estão dois defuntos enterrados!...” Isso o missionário comandou: e os que estavam dentro da igreja sentiram o rojo dos *exércitos de Deus*, que lavoram em fundura e sumidade. [...] E Maria Mutema, sozinha em pé, torta magra de preto, deu um gemido de lágrimas e exclamação, berro de corpo que faça estraçalha. Pediu *perdão!* *Perdão* forte, *perdão* de fogo, que da dura bondade de *Deus* baixasse nela, em dores de urgência, antes de qualquer hora de nossa morte. E rompeu fala, por entre prantos, ali mesmo, a fim de *perdão* de todos também, se *confessava*. [...] Que tinha matado o marido, aquela noite, sem motivo nenhum, sem malfeito dele nenhum, causa nenhuma –; por que, nem sabia. Matou – enquanto ele estava dormindo – assim despejou no buracinho

Inferre-se desse caso, portanto, elementos religiosos cristãos tais como a prática da religião do povoado do São João Leão através dos sacramentos: do batismo, da penitência, da eucaristia, da ordem e da unção dos enfermos; a ação evangelizadora dos missionários e a valorização do domingo festivo como o dia do Senhor; a utilização da oração da salve-rainha e do hino – *Bendito, louvado seja!* – com a finalidade de reconhecer o poder de Deus sobre todas as coisas e de afastar o demônio e suas maldades da comunidade; a aceitação e a acolhida do pecador arrependido e a prática do perdão como princípio evangélico; a compreensão da santidade como proposta da vida cristã; a fé na Santíssima Trindade manifestada através da comunhão e do amor na comunidade e afirmada na história da salvação; a devoção mariana e as orações que traduzem o papel da mãe de Jesus como intercessora junto a Deus pela humanidade; o voto de castidade dos padres e a regra do celibato como forma de dedicação integral ao serviço da igreja; o sermão na liturgia da missa com o objetivo de orientar a conduta dos fiéis nos ensinamentos de Jesus; o sentido do sofrimento e do sacrifício e a sua relação com a prática do cristianismo pelos santos e mártires; por fim, a hierarquia da igreja com a sua forma de administrar o poder sobre os valores religiosos derivados de seus fiéis. Tais elementos cristãos implicados na história contada por Jõe levam o leitor a concluir que a matéria vertente utilizada pelo narrador ao refletir a sua preocupação com as práticas religiosas do momento direciona o seu relato para detalhes religiosos que no tempo original do caso vivido por Riobaldo, em função da missão de guerra imposta pela vida jagunça, não fariam muito sentido. Em razão disso, podemos afirmar que o velho Riobaldo e a preocupação com a salvação da própria alma

---

do ouvido dele, por um funil, um terrível escorrer de chumbo derretido. [...] E, depois, por enjoar do Padre Ponte, também sem ter queixa nem razão, amargável mentiu, no confessional: disse, afirmou que tinha matado o marido por causa dele, Padre Ponte – porque dele gostava em fogo de amores, e queria ser concubina amásia... tudo era mentira, ela não queria nem gostava. Mas, com ver o padre em justa zanga, ela disse tomou gosto, e era um prazer de cão, que aumentava de cada vez, pelo que ele não estava em poder de se defender de modo nenhum, era um homem manso, pobre coitado, e padre. Todo o tempo ela vinha em igreja, confirmava o falso, mais declarava – edificar o mal. E daí, até que o Padre Ponte de desgosto adoeceu, e morreu em desespero calado... Tudo crime, e ela tinha feito! E agora implorava o *perdão de Deus*, aos vivos, se esguedelhando, torcendo as mãos, depois as mãos no alto ela levantava. Mas o missionário, no púlpito, entoou grande o *Bendito, louvado seja!* (grifo do texto) – e, enquanto cantando mesmo, fazia os gestos para as mulheres todas saírem da igreja, [...]. E no outro dia, *domingo do Senhor*, o arraial ilustrado com arcos e cordas de bandeirolas, e espôco de festa, foguetes muitos, *missa cantada, procissão* – mas todo o mundo só pensava naquilo. Maria Mutema, recolhida provisória presa na casa-de-escola, não comia, não sossegava, sempre de joelhos, clamando seu remorso, pedia *perdão e castigo*, e que todos viessem para cuspir em sua cara e dar bordoadas. Que ela exclamava – tudo isso merecia. [...] Só que, nos dias em que ainda esteve, o povo perdoou, vinham dar a ela palavras de consolo, e juntos *rezarem*. Trouxeram a Maria do Padre, e os meninos da Maria do Padre, para *perdoarem* também, tantos surtos produziam bem-estar e *edificação*. Mesmo, pela arrependida humildade que ela principiou, em tão pronunciado sofrer, alguns diziam que Maria Mutema estava ficando *santa*”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 222-227. Grifos nossos.

produzem mais significados na direção dos elementos religiosos cristãos com o seu relato ambíguo do que o jagunço Riobaldo ao ter protagonizado o acontecido dos fatos.

Em síntese, Araujo enfatiza o tema do segredo que, ao ser revelado, liberta a Mutema do pecado colocando-a no campo da salvação. O tema da comunidade também é explorado pela autora ao referir-se à comunidade do São João Leão que, por três dias, recebe a visita de padres missionários a fim de orientar a conduta na fé e reavivar o sentimento religioso desse arraial. O último dia de missões – “a festa de comunhão geral e glória santa” – coincide com a conversão e o itinerário da Mutema para a santidade, copiando o Cristo que, no terceiro dia, ressurgiu dos mortos. Se, por um lado, Riobaldo avalia a mistura entre bem e mal no caso da Mutema como demoníaca, por outro, encontra na simplicidade dos ensinamentos de Jõe, clareza e delimitação, pois o que conta é o respeitar Deus de um lado, e o apartar-se do demônio, do outro. Já Utéza vê na postura de Jõe a relativização do bem e do mal colocando em questão o tema do sentimento de culpa derivado de um obsessivo pseudocódigo moral rígido, acrescentando que a partir do exemplo dos crimes da Mutema, de seus remorsos e de seu arrependimento, permite ao catolicismo oficial poder modificar a orientação moral de seus fiéis. Tais conclusões derivadas das críticas desses autores produzem conexões importantes entre os costumes de Jõe e alguns elementos religiosos da tradição cristã.

## 2. *Minha Nossa Senhora Mãe-de-Todos*

Se, por um lado, a leitura do romance feita pela maioria acentua mais o suposto pacto com o diabo intencionado pelo jagunço Riobaldo,<sup>671</sup> por outro, veremos no item que segue que fazia parte do estilo jagunço de ser, apesar da falta de critério moral para isso, o pacto com Deus; ou seja, a necessidade de defender a vida dos companheiros e a própria dos adversários figurados como pactários do diabo e a urgência de proteção contra as doenças contagiosas que gratuitamente levavam à morte, estimulam o narrador a potencializar a precária vida jagunça no espaço do sagrado através das devoções aos santos, das

---

<sup>671</sup> “Mas coragem e munição não faltavam. – “E os Judas?” – perguntei, com triste raciocínio: porque era que os soldados não deixavam a gente em paz, mas com aqueles não terçavam? – “Se diz que eles têm uma *proteção preta...*” – João Goanhá me esclareceu: – “O Hermógenes fez o *pauto*. É o demônio rabudo quem *pune* por ele...” Nisso *todos* acreditavam. Pela fraqueza do meu medo e pela força do meu ódio, acho que eu fui o primeiro que *cri*”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 66. Grifos nossos.

intercessões marianas e da fé em Deus. Ou em forma de ação de graças à “Minha Nossa Senhora a Mãe-de-todos” e de conversão – como Joé Cazuzo. Como já acentuamos em itens anteriores, a fé em Deus Trino está no centro da revelação cristã e também ao longo da história do cristianismo, a tradição escrita e oral desenvolveu as devoções aos santos e a Maria mãe de Jesus de tal modo que ao serem incorporadas nos textos e nos sermões de padres e pastores fizeram com que fossem aos poucos interiorizadas pelos fiéis e devotos de lugares distantes de centros religiosos cristãos – os mais ermos, como o Sucruíú e o povoado do Jalapão – a fim de serem reproduzidas em situações de carência e necessidades extremas, como as que são mencionadas no romance. Tal pressuposto, não obstante a ambiguidade do texto, encontra justificativas em diversos fragmentos do Grande Sertão dando ao leitor a possibilidade de também inferir a existência de um costume cristão entre os jagunços que o velho Riobaldo, sedento por beber em fontes religiosas salvíficas, não deixa de enfatizar.

Assim como os fiéis cristãos veem no poder de Deus o instrumento que potencializa a condição humana perante as forças hostis à vida através de intercessões e súplicas aos santos e à Maria mãe de Jesus,<sup>672</sup> também se encontram no texto de Rosa inferências religiosas da natureza cristã testemunhada por Riobaldo que levam o jagunço a suplicar pela vida diante da eminência da morte provocada pela atividade guerreira e por forças malignas.<sup>673</sup> O encontro com os catrumanos e a passagem pelo povoado do Sucruíú que estava infestado pela peste, por exemplo, atesta o contraste entre a morte representada pelo castigo e abandono de Deus e a vida dada àqueles que supostamente podem contar com

---

<sup>672</sup> Por exemplo, orações que pedem cura e proteção, tais como a desses santos católicos: “Piedosíssimo *São Camilo* que chamado por Deus para ser o amigo dos pobres enfermos, consagrastes a vida inteira a assisti-los e confortá-los, contemplai do Céu os que vos invocam confiados no vosso auxílio. Doenças da alma e do corpo fazem de nossa pobre existência um acúmulo de misérias que tornam triste e doloroso este exílio terreno. Aliviai-nos em nossas enfermidades, obtende-nos a santa resignação às disposições divinas, e na hora inevitável da morte confortai o nosso coração com as esperanças imortais da beatífica eternidade. Assim seja. São Camilo de Lélis, rogai por nós. *São Sebastião* glorioso mártir de Jesus Cristo e poderoso advogado contra a peste, defendei a mim, minha família e todo o país do terrível flagelo da peste e de todos os males para que servindo a Jesus Cristo alcancemos a graça de participar de vossa Glória no céu”. Folhetos distribuídos na Paróquia de São Sebastião – Poços de Caldas-MG, em 20 de janeiro de 2010.

<sup>673</sup> “Que *rezavam*. Jõe Bexiguento, mesmo, quis que diversos tomassem parte em *novena*, numa *mal rezada* novena, a *santo* de sua redobrada *tenção*, e a qual ele nem teve persistência para nos dias medidos completar”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 234. “E da existência *desse* me defendo, em pedras pontudas *ajoelhado*, beijando a barra do manto de minha *Nossa Senhora da Abadia!* Ah, só *Ela* me vale; mas vale por um mar sem fim... Sertão. Se a *Santa* puser em mim os olhos, como é que ele *pode* me ver?!”. Ibidem, p. 301. “No meio do tiroteio buscava-se socorrer os feridos, enquanto Zé Bebelo ataçava os homens contra o inimigo, o Leocádio ao ser atingido no rosto ainda dava sinal de sua *fé em Deus* acenando positivamente que ainda podia continuar na luta: “– O que posso. Em nome de *Deus* e de meu *São Sebastião* guerreiro, o que posso!” [...]”. Ibidem, p. 329. “[...] – e era uma borboleta dessas de cor azul-esverdeada, afora as pintas, e de asas de *andor*. – “Ara, viva, *maria* boa-sorte!” – o Jiribibe gritou. Alto ela entendesse. Ela era quase a *paz*”. Ibidem, p. 337. “Datado que Deus, que me *livrou*, *livrava também* meu amigo [Diadorim] de todo comezinho perigo”. Ibidem, p. 339. Grifos nossos.

essa dádiva sobrenatural, ou seja, as travessias dos jagunços em campos de morte contadas pelo narrador sugerem também o pacto com Deus ancorado em preces, símbolos e rituais cristãos.<sup>674</sup> Contudo, o apego a elementos do cristianismo, tais como, bentinhos, verônicas e novena rezada às pressas, não atestam a fé cristã dos jagunços e nem significa que eles praticam essa religiosidade consciente de seu conteúdo e de suas verdades, isto é, a ambiguidade da narrativa pode produzir uma aparente prática religiosa do bando de jagunços ao insinuar a superstição através de elementos do cristianismo que são contrabandeados para o cenário de morte do Sucruíú. Infere-se, portanto, elementos cristãos que sugerem a necessidade de proteção da vida através de súplicas intercessoras a Deus presentes nos hábitos e costumes dos jagunços. Contudo, não é possível inferir que a presença desses elementos seja suficiente para afirmar uma fé cristã do bando. Utéza, ao interpretar um comportamento religioso geral dos jagunços que difere da religiosidade do narrador, afirma, numa direção parecida com a nossa, que o gesto cristão de Riobaldo manifesta a fé mais autêntica, pois o narrador ao comentar o seu comportamento coloca-se com este gesto do lado de Deus. Entretanto, os jagunços em geral e os homens do Hermógenes também manifestaram gestos cristãos, mas nem por isto Deus ou o diabo estarão preocupados em reconhecer seus filhos no meio de uma guerra em que os jagunços todos se esfaquearão encarniçadamente sem que o sobrenatural possa interferir ou impedir. Diante dessa leitura, o autor afirma que a interpretação é carente de objetividade.<sup>675</sup> De modo que, como já concluímos no capítulo quinto que trata sobre a fé cristã do narrador, o mais apropriado seria afirmar a fé do velho Riobaldo no momento em que narra.

Se não for possível assegurar a manutenção da vida, então será preciso pensar na vida após a morte. Tal postura religiosa presente no cotidiano dos jagunços em função de uma precária expectativa de vida pode ser extraída da narrativa em diversos momentos. Para

---

<sup>674</sup> O velho Riobaldo assemelha os catrumanos a seres míticos, desprovidos de racionalidade e de religiosidade: “que viviam *tapados de Deus*, assim nos ocos”, ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 384, feito rito fúnebre: “ossos e queixos; e aquela voz que o homem guardava nos baixos peitos, era tão que nem de se responder em *ladainha dos santos*, encomendação de mortos, *responsório*”. Ibidem, p. 385. Estavam vigiando o caminho para que ninguém passasse pelo povoado do Sucruíú, de onde vieram, a fim de alertar sobre a epidemia, conforme a narrativa, decorrente da maldição e do abandono de Deus: “*castigo de Deus Jesus!* Povo do Sucruíú, gente dura de ruim... [...]”. Ibidem, p. 386. Zé Bebelo, contudo, insistiu na travessia pelo povoado que estava tomado pela peste e a urgência por proteção e manutenção da vida invadiu o espírito religioso dos jagunços. “Só que se tinha confiança nos *bentinhos* e *verônicas*”. Ibidem, p. 392. “Correu o boato de que Jõe Bexiguento sabia a oração para *São Camilo de Lelis* e *São Sebastião* para se verem livres daquela doença e Jõe ia tratar de praticar alguma *reza* resumida, enquanto todos, em constante repetição iam com *fé forte* rezar as *ave-marias* e os *padre-nossos*”. Ibidem, p. 392. Finda a travessia e Riobaldo nem olha para trás. Relata a pobreza geral do povo do Sucruíú, pois “o que rogava eram coisas de *salvação* urgente, [...]”. Ibidem, p. 393. Grifos nossos.

<sup>675</sup> UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 243.

os cristãos, a fé na ressurreição de Cristo representa o centro do projeto salvífico divino, ou seja, a morte daqueles que acreditam significa a passagem para o universo glorioso do Cristo ressuscitado.<sup>676</sup> A guerra e a peste traziam a ronda da morte. Como lutar contra ela? Era o desafio que cotidianamente os jagunços tinham pela frente. Nessas condições a manifestação de fé e a crença de que Deus com o seu poder aguardava o crente contrito em seu reino de glória poderia ser um conforto para aqueles que testemunhavam o fim da vida de companheiros próximos ao insinuarem a prática de ritos cristãos, tal como a persignação e o acender de velas em súplica do ressuscitado.<sup>677</sup> Contudo, a característica titubeante do jagunço Riobaldo, ao mesmo tempo em que nos leva a uma convicção religiosa na ressurreição dos mortos apresenta, através de uma narrativa ambígua, certo grau de ironia ou talvez de confusão causada pelo desespero diante do cenário de guerra.<sup>678</sup> Embora esse gesto do jagunço não seja capaz de traduzir claramente a sua consciência religiosa, ainda assim é possível inferir que a preocupação com uma vida após a morte se aproxime mais do elemento religioso cristão da ressurreição presente em atitudes, símbolos e expressões comuns ao cristianismo diante da visão de tantos companheiros mortos.<sup>679</sup> Tal inferência que nos ajuda a obtermos uma pequena compreensão da história dessa fé, também se liga às razões do narrador que endossa um costume de fé cristã dos jagunços.

<sup>676</sup> A Ressurreição é o ápice da Encarnação. Ela confirma a divindade de Cristo, como também tudo o que Ele fez e ensinou, e realiza todas as promessas divinas a nosso favor. Além disso, o Ressuscitado, vencedor do pecado e da morte, é o princípio da nossa justificação e da nossa Ressurreição: desde agora nos dá a graça da adoção filial que é real participação da sua vida de Filho único; depois, no final dos tempos, ele ressuscitará o nosso corpo. *COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica*, 2005. 651-655; 658.

<sup>677</sup> “As raivas, naquela varanda, vinham e caíam, demasiadas, vi. Tiros altos, revoantes: eram os bandos de balas. Assunto de um homem que estava deitado mal, atravessado, pensei que assim em pouco descanso. – “Vamos levar para a capela...” [...]. Assunto que era o Acrísio, morto no meio; torto. Devia ter se *passado* sem tribulação. Agora não caçavam uma *vela*, para em provisão dele se acender? – “Quem tem um *rosário*?” [...]”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 339. “[...]: e fiz, com todo o respeito, o *pelo-sinal*. Sei que o *cristão* não se concerta pela má vida levável, mas sim porém sucinto pela boa morte – ao que a morte é o *sobrevir de Deus*, entornadamente”. *Ibidem*, p. 326. “Mas não se deixa um *cristão* amigo deitar seu sangue no capim das moitas, feito um traste roto, caititu caçado. [...]. Todo vejo, o sangue dele a mofos cheirasse. Anda que vinham vôo os mosquitos chupadores, e mosca-verde que se ousou, sem o zumbo friso, perto no ar. Porque os tiros. E nem um momento de *vela acesa* o Garança não ia poder ter”. *Ibidem*, p. 215. “Aqueles tropeiros, no Cururú, tinham achado o Santos-Reis, que morria urgente; tinham acendido *vela*, e enterrado. Febres? Ao menos, mais, a *alma* descansasse. O pensar na morte se dá de forma religiosa. As pessoas que trazem a notícia, as trazem com postura religiosa. Lembra do sinal da cruz se benzendo, do acender as velas, do descanso da alma, o gesto de tirar o chapéu, a consternação. A gente tirou chapéus, em voto todos se *benzendo*. E o Santos-Reis era o homem que vivo fazia mais falta – [...]”. *Ibidem*, p. 63. Grifos nossos.

<sup>678</sup> “Aí ergui mão para coçar minha testa, aí me cisme: e fiz, com todo o respeito, o *pelo-sinal*”. *Ibidem*, p. 326.

<sup>679</sup> O anseio pela vida, na realidade da ressurreição que suscitou a fé pascal, segundo Schillebeeckx, levou os primeiros cristãos à compreensão de Deus pregada por Jesus dando sentido à nossa cristologia soteriológica. Pois foi com a ressurreição que Deus avalizou a pessoa, a mensagem e todo o caminho de vida de Jesus, contradizendo a realidade de tortura e morte feita a Jesus pelos homens. Do mesmo modo que não se pode separar a vida de Jesus de sua morte, assim também o seu caminho de vida não pode ser separado de sua ressurreição. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 172.

Apesar desse aparente paradoxo, o jagunço tinha muito a agradecer a Deus. Riobaldo explicita através da sua narrativa as razões da ação de graças e da manutenção da fé. Ao mesmo tempo em que deseja o fim da guerra, agradece pela sua Otacília que se encontra longe daquele inferno e ao reconhecer o poder de intercessão da mãe de Deus, pratica o gesto da gratidão através de rezas e de persignação diante da imagem.<sup>680</sup> Tais costumes, bastante comuns no cristianismo desde a sua origem e que nos dias atuais ganharam grandes proporções capazes de levar milhares de devotos peregrinos às visitações em santuários movidos pelo sentimento de fé, são orações de súplicas e de gratidão pelas graças alcançadas.<sup>681</sup> Se a presença rara desse costume religioso entre os jagunços, por um lado, nos permite inferir elementos religiosos cristãos, por outro, a ambiguidade da narrativa pode nos transportar para o verdadeiro sentido da peregrinação jagunça, ou seja, a vingança da morte de Joca Ramiro, destituindo, portanto, desses rituais isolados, o motivo que poderia levar a piedosa devoção dos jagunços diante da imagem da virgem à condição de peregrinos no sentido atual. Além disso, havia uma ambígua moralidade religiosa que orientava a conduta dos jagunços, pois ao mesmo tempo em que os aproximava de seres avessos à civilização e aos valores do reino de Deus, os definia como pessoas tementes a Deus e conscientes de seus desígnios de bondade.<sup>682</sup> Verifica-se ainda a ambiguidade do texto quando a religião cristã é posta no campo da barganha, isto é, se a morte e a condenação eram encaradas como algo a ser temido, a salvação e o poder de Deus eram necessários aos propósitos humanos, dando aos jagunços a possibilidade tanto da sobrevivência terrena

---

<sup>680</sup> “A pois, então, me subi para fora do real; *rezei!* Sabe o senhor como rezei? Assim foi: que *Deus* era fortíssimo exato [...]”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 342. “Também eu queria que tudo tivesse logo um razoável fim, em tanto para eu então poder largar a jagunçagem. Minha Otacília, hora dessas, *graças a Deus* havia de parar longe dali, resguardada protegida”. *Ibidem*, p. 574. “E nós, então, cada um depois dum, viemos ao *quarto-do-oratório* beijar a santa maior, que era no seu manto como uma boneca muito perfeita, que era a *Minha Nossa Senhora Mãe-de-Todos*”. *Ibidem*, p. 398. Grifos nossos.

<sup>681</sup> Concentrações de fiéis cristãos como as peregrinações à festa do Círio de Nazaré, em Belém, a de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida e a marcha para Jesus, em São Paulo expressam bem esses sentimentos de súplica e de gratidão a Deus.

<sup>682</sup> “O Fonfrêdo tinha um blibloquê, a gente brincava de jogar. Tudo jogado a dinheiro baixo. Os espertos, teve quem pôs a jogo até *bentinho* de pescoço, sem dizer *desrespeito*. E faziam negócio desses *breves*, contado que alguns arrumavam até *escapulários falsos*”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 233. “Era o Feijó, um sacudido oitavão, ele manobrava rifle de três canos. Que simpatia demonstrada era essa, eu nunca tinha dado fé naquele Feijó?– “A vamos. Hoje se faz o que não se faz...”– um se exaltava assim, tive medo de *castigo de Deus*. Quem quisesse *rezar*, podia, tinha praça; outros, *contritos*, acompanhavam”. *Ibidem*, p. 200. “[...] Assaz toda espécie de roupa, divulguei: até sujeito com cinta larga de lã vermelha; outro com chapéu de lebre e colete preto de fino pano, cidadão; outros com coroca e bedém, mesmo sem chuva nenhuma; só que de branco vestido não se tinha: que com terno claro não se guerreia. Mas jamais ninguém ficasse *nú-de-Deus* ou indecente descomposto, no meio dos outros isso não e não”. *Ibidem*, p. 163. “[...]: será que eu mesmo já estava pegado do *costume* conjunto de ajagunçado? Será, sei. Gostar ou não gostar, isso é coisa diferente. O sinal é outro. Um ainda não é um: quando ainda faz parte com todos. Eu nem sabia”. *Ibidem*, p. 185. Grifos nossos.

quanto da celeste através da instrumentalização do espaço religioso e do sobrenatural.<sup>683</sup> Contudo, inferem-se os elementos religiosos cristãos da devoção mariana e do ritual da missa como forma de dialogar com Deus e, portanto, de buscar a justificação e a remissão dos pecados provenientes dessa moralidade jagunça.

Essa dicotomia também pode ser percebida quando o jovem Riobaldo vislumbrou pela primeira vez os jagunços de Joca Ramiro na casa do Padrinho Selorico Mendes, dando credibilidade às histórias de aventuras e proezas dos bandos de jagunços contadas pelo seu Padrinho. Daí a aspiração de Riobaldo para a vida jagunça figurada no herói da canção de Siruiz cantada pelo jagunço Siruiz.<sup>684</sup> Rosenfield chama a atenção para essa metáfora bipolar de uma linguagem que traz a noção de catástrofe e reversão, paraíso e queda, presentes na canção de Siruiz – a cantiga do universo harmonioso da antiga cidade de Urubu – que ao tratar do mito do paraíso perdido e de seu destino colocado nas mãos dos homens é assumida por Urutu Branco que interioriza a destruição da guerra, do mesmo modo que o termo “Siruiz” significa o verter das coisas.<sup>685</sup> Na mesma direção, Albergaria estende a bipolaridade para o cavalo Siruiz que se configura na epifania das forças supraterrêneas, ou seja, são elementos impulsores que direcionam a travessia de Riobaldo por demonstrarem a relatividade do mal. O mal pode ser colocado a serviço de ações positivas e pode ser utilizado para a obtenção do bem. Riobaldo assume o postulado de que o mal é apenas a face

---

<sup>683</sup> “Eu tinha receio de que me achassem de coração mole, soubessem que eu não era feito para aquela infruição, que tinha pena de toda cria de *Jesus*. – “E *Deus*, Diadorim?” – uma hora eu perguntei. Ele me olhou, com silenzozinho todo natural, daí disse, em resposta: – “Joca Ramiro deu *cinco contos de réis* para o *padre* vigário de Espinoza...” [...]”. Ibidem, p. 170. “[...] “Por que foi que vocês *enfeitaram premeditado* as foices?” – ele interrogou. Os dois irmãos responderam que tinham executado aquilo em *padroeiragem à Virgem*, para a *Nossa Senhora* em adiantado remitir o pecado que iam obrar, e obraram dito e feito. [...], vi que ele estava se rindo por de dentro. [...] disse: – “*Santíssima Virgem*...” E o pessoal todo tirou os *chapéus*, em alto respeito”. Ibidem, p. 75-76. Grifos nossos.

<sup>684</sup> “*Urubu é vila alta,*  
*mais idosa do sertão:*  
*padroeira, minha vida –*  
*vim de lá, volto mais não...*  
*Vim de lá, volto mais não?...*

*Corro os dias nesses verdes,*  
*meu boi mocho baetão:*  
*buriti – água azulada,*  
*carnaúba – sal do chão...*

*Remanso de rio largo,*  
*viola da solidão:*  
*quando vou p’ra dar batalha,*  
*convido meu coração...*”. Ibidem, p. 119.

<sup>685</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 202-203.

oculta do bem guiando em seu itinerário.<sup>686</sup> Então, conclui a autora, canção e cavalo, ambos denominados Siruiz, são elementos esotéricos responsáveis pelo renascimento do homem Riobaldo. Como o Cristo que visitou os infernos ao terceiro dia, Riobaldo tinha de se conhecer antes de encontrar a redenção.<sup>687</sup> O pacto com o mal e o pacto com o bem parecem, segundo a leitura de Utéza, fazer parte das crenças da mitologia cristã herdadas por Riobaldo em que o mal absoluto age no mundo sob a forma do diabo, no qual Hermógenes se coloca como o suporte concreto dessa ideia. No dizer do autor, comentava-se sobre o pacto feito com o diabo que esse chefe havia assinado levando a consciência do herói a se convencer dessa proeza satânica, de modo que os dois Judas – Ricardão e Hermógenes – ao assassinares o Pai tornam-se a encarnação do mal a ser liquidado. A solução toma efeito através do projeto de vingança iniciado por Medeiro Vaz, mas é o espírito do herói Riobaldo Tatarana, diante da ineficiência da tropa do bem, sob a liderança de Zé Bebelo, que intenciona destruir o Mal pelo mesmo caminho de que o próprio Mal teria se utilizado para dominar, ou seja, através do pacto com o sobrenatural.<sup>688</sup> Tal ambiguidade da narrativa percebida por Rosenfield e Albergaria, através dessas representações – canção e cavalo –, trazem a real imagem do jagunço, ou seja, um ser desprovido de civilidade e de humanidade, como cães selvagens à procura de caça, tal como a primeira impressão tida por Riobaldo diante do bando de Hermógenes, diferente, portanto, do herói a ser imitado. Pouca positividade, de acordo com o texto do Grande Sertão, se pode recolher daquele que dedica a sua vida ao jaguncismo. E também se adéqua à interpretação de Utéza que traz as categorias soteriológicas cristãs para a interiorização dos personagens do velho barranqueiro. Entretanto, se por um lado o texto relata em diversas situações a inserção de novos integrantes à vida jagunça, paradoxalmente, por outro, além do próprio narrador, a notícia de abandono desse tipo de vida é a de Joé Cazuzo que tem a sua história destacada

<sup>686</sup> ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da Linguagem no Grande Sertão: Leitura dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa*, p. 106.

<sup>687</sup> *Ibidem*, 109.

<sup>688</sup> UTÉZA, Francis. *João Guimarães Rosa: Metafísica do Grande Sertão*, p. 313. Schillebeeckx, a partir dos fundamentos do cristianismo, explicita a superação desse paradoxo afirmando que não existe “nenhum futuro para a maldade e opressão, ao passo que o bem e, em decorrência, o homem bom conhece futuro até para além da morte, graças à mão estendida de Deus que o ampara. Deus não se vinga: abandona a maldade à sua própria lógica limitante. Portanto, existe de fato diferença entre bem e mal, entre pessoas piedosas e más (a mais profunda distinção entre céu e inferno), mas se poupa aos piedosos deverem se alegrar pela condenação e tormento eternos dos companheiros de humanidade. A santidade intocável de Deus consiste antes em que não queira deixar ninguém entrar sob coação no reino de Deus enquanto o único reino de homens libertos e livres. O ‘eschaton’ ou o ‘novíssimo’ é exclusivamente positivo; não existe ‘eschaton’ negativo ou nenhuma realidade última negativa. O bem, e não o mal, tem a última palavra. Essa é a mensagem da práxis humana de vida de Jesus de Nazaré que, por isso, os cristãos confessam como o Cristo”. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 182-183.

propositadamente pela narrativa a fim de referir-se à mudança do sentido de sua vida e de sua identidade do meio do jaguncismo.<sup>689</sup> O destaque para a história de Joé implica na relação do narrador com a clara possibilidade de conversão de um jagunço que utiliza da sua conversa com o ouvinte silencioso como um espelho a fim de olhar para a sua condição no momento do relato. Pois a valentia de Joé Cazuzo é utilizada para a sua conversão que ao posicionar-se de joelhos no meio da guerra em submissão a Deus, com sincero arrependimento dos pecados praticados na vida jagunça, ergue os braços em sinal da sua libertação do jugo do jaguncismo na vida terrena para se dedicar aos valores do reino celeste sob a proteção e a intercessão da Virgem e de seus anjos. Entretanto, Rosenfield afirma que a conversão de Joé Cazuzo se coloca em um espaço isolado em relação ao aspecto da maldade gratuita e bestial da natureza jagunça, pois não é a experiência religiosa e o milagre da Virgem que constituem a regra no sertão, mas a maldade dos perversos.<sup>690</sup> Da mesma forma em que o narrador se apresenta ao seu interlocutor silencioso como um homem de paz que abandonou o jaguncismo dedicando-se à religião sob as orações de sua esposa Otacília, assim também, Joé Cazuzo em sua história – como um espelho para Riobaldo – assume a identidade do pacífico cristão convertido ao dedicar-se aos cuidados da religião como sacristão e como um assumido catecúmeno fabricante de azeite.<sup>691</sup> Se podemos fazer essa inferência a respeito do narrador, igualmente o tema da maldade e da violência são assumidos por Rosenfield e na mesma linha Bolle afirma que a passagem de jagunço a sacristão tem sentido social e cultural, pois o que se destaca na história de Joé é a convivência entre religião e violência no sertão. Ou seja, no decorrer do Grande Sertão os jagunços fazem referências à imagem da Virgem Maria com rezas e súplicas, a tal ponto que os soldados do coronel respeitaram a conversão de Joé Cazuzo mostrando que o culto à Nossa Senhora fazia parte daquele universo cultural e que, inclusive Riobaldo, inserido

---

<sup>689</sup> “De jagunço comportado ativo para se arrepender no meio de suas jagunçagens, só deponho de um: chamado Joé Cazuzo – foi em arraso de um tiroêi’, p’ra cima do lugar Serra-Nova, distrito de Rio-Pardo, no ribeirão Traçadal. A gente fazia má minoria pequena, e fechavam para riba de nós o pessoal dum Coronel Adalvino, forte político, com muitos soldados fardados no meio centro, comando do Tenente Reis Leme, que depois ficou capitão. Aguentamos hora mais hora, e já dávamos quase de cercados. Aí, de bote, aquele Joé Cazuzo – homem muito valente – se ajoelhou giro no chão do cerrado, levantava os braços que nem esgalho de jatobá seco, e só gritava, urro claro e urro surdo: – “*Eu vi a Virgem Nossa, no resplendor do Céu, com seus filhos de Anjos!...*” Gritava não esbarrava. – “*Eu vi a Virgem!...*” Ele almou?”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 19-20.

<sup>690</sup> ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa*, p. 235.

<sup>691</sup> “Diga o anjo-da-guarda... Mas, conforme eu vinha: depois se soube, que mesmo os soldados do Tenente e os cabras do Coronel Adalvino remitiram de respeitar o assopro daquele Joé Cazuzo. E que esse acabou sendo o homem mais *pacífico* do mundo, fabricante de *azeite* e *sacristão*, no *São Domingos Branco*. Tempos!”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 21. Grifos nossos.

nesse meio, projeta a figura da santa tanto sobre Otacília quanto sobre Diadorim.<sup>692</sup> Essas considerações de Bolle, ao mesmo tempo em que justificam as preocupações de Rosenfield com os temas do bem e do mal ambientados na cultura sertaneja, possibilitam a inferência dos elementos cristãos da conversão, da devoção à Virgem e da prática da religião, colocados no romance ao sugerir que Joé Cazuzo se aproxima dos trabalhos espirituais dos sacramentos e dos sacramentais na função de auxiliar do sacerdote como sacristão.

O relato da procissão dos baianos do Jalapão é outra situação propositadamente colocada, com todos os seus pertences e costumes religiosos. Faz parte de um conjunto de lembranças avivadas pelo narrador que se iniciam com esse episódio e se estendem até o caso de Maria Mutema, salientando diversos *exempla*<sup>693</sup> com elementos da religião cristã, podendo, então, ser úteis à nossa interpretação.

Como se sabe, os jagunços de Medeiro Vaz, ao se colocarem como peregrinos a fim de participarem por algum momento do espírito religioso no itinerário que os baianos estavam percorrendo, se abrem para esse universo e por algum tempo prazerosamente participam da religião cristã daquela gente, deixando de lado o espírito guerreiro. A religião cristã também estava presente no arraial do Jalapão pela realização do sacramento do batismo pelo padre do lugar no qual Riobaldo foi convidado para ser o padrinho.<sup>694</sup> Assim como antes aquela gente do Jalapão recebera a preciosa água do batismo, agora ia, em festa, como povo de Deus, buscar nos rios do Jequitinhonha a preciosidade do diamante e ao encontro do sopro do espírito no poente, lugar que simboliza a escatologia celeste, e o qual escolheria como a terra prometida, para passar os últimos dias de vida. A procissão dos baianos representava a passagem – a páscoa – da escravidão do sofrimento e da pobreza para a libertação na vida nova da riqueza dos diamantes, e, com a fé na religião cristã, buscavam longe do Jalapão a experiência do reino de Deus prometida pelas bem-aventuranças realizadas no Cristo ressuscitado.<sup>695</sup> A presença do padre com seus instrumentos religiosos, a

---

<sup>692</sup> BOLLE, Willi. *Grandesertão*. Br. p. 418.

<sup>693</sup> *Exemplum*: gênero literário medieval que consiste na elaboração narrativa de aspectos dogmáticos e doutrinários. Os *exempla* se desdobram em uma história da vivência concreta (a vida de um santo) os conceitos fundamentais da doutrina cristã (por exemplo, a paixão de Cristo, o mistério da redenção). ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Grande Sertão: Veredas*, p. 144.

<sup>694</sup> “De todo batizando se requer a profissão de fé, expressa pessoalmente, no caso do adulto, ou pelos pais e pela Igreja, no caso da criança. Também o padrinho ou a madrinha e toda a comunidade eclesial têm uma parte de responsabilidade na preparação para o Batismo (catecumenato), bem como no desenvolvimento da fé e da graça batismal”. *COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica*, 1253-1255.

<sup>695</sup> “Jesus, pois, vendo as multidões, subiu ao monte; e, tendo se assentado, aproximaram-se os seus discípulos, e ele se pôs a ensiná-los, dizendo: Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.

cruz e a imagem da padroeira, revela a identidade cristã daquela gente, que em forma de procissão, com fé e devoção caminhava rezando, e ao responder a ladainha pedia proteção aos santos e salvação urgente,<sup>696</sup> como se estivessem no meio de uma festa religiosa.<sup>697</sup> Tal inferência liga-se à identidade religiosa presente no romance na comunidade itinerante do Jalapão. No entanto, a ambiguidade da narrativa pode dar outro sentido ao espírito religioso dos jagunços ao se considerar que o bando estava em constante fuga, buscando a todo instante esquivar-se da perseguição dos soldados do governo e, portanto, o “prazer de tomar parte no conforto de religião” pode ser visto como forma de camuflar o jagunço ao utilizar como escudo aquela gente de um arraial inteiro do Jalapão como prática de estratégia de guerra, e apesar da motivação religiosa do narrador, porém, distante de um comprometimento religioso vivido pelo jagunço Riobaldo no momento daquela travessia arriscada. Contudo, embora não seja possível afirmar uma crença no cristianismo por parte dos jagunços, infere-se do contexto da narrativa a fé cristã do arraial dos baianos percebida através da prática do sacramento do batismo, do uso de símbolos e sacramental cristãos pelo padre que liderava a peregrinação daquela gente e pelas orações e ladainhas cantadas puxadas pelas mulheres do Jalapão. Todas essas iscas religiosas inseridas pelo autor do romance levam-nos a concluir, nesse episódio, a presença de elementos da religião cristã.

---

Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados. Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque eles serão fartos. Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus. Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós por minha causa. Alegrai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram aos profetas que foram antes de vós”. Bíblia, Mateus 5:1-12.

<sup>696</sup> Schillebeeckx chama a atenção para as manifestações religiosas cristãs, por serem o sacramento que celebra a salvação realizada por Deus no mundo, representam a vontade salvífica universal do Deus criador com um rosto humano através de Jesus que foi lançado à cruz com julgamento humano e profano. SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*, p. 33.

<sup>697</sup> “Por aí, estremando, se chegava até no Jalapão – quem conhece aquilo? – tabuleiro chapadoso, proporema. Pois lá um geralista me pediu para ser *padrinho* de filho. O menino recebeu nome de Diadorim, também. Ah, quem oficiou foi o *padre* dos baianos saiba o senhor: população de um arraial baiano, inteira, que marchava de mudada – homens, mulheres, as crias, os velhos, o padre com *seus petrechos e cruz e a imagem da igreja* – tendo até bandinha-de-música, como vieram com todos, parecendo nação de maracatú! Iam para os diamantes, tão longe, eles mesmos dizendo: “...nos rios...” Uns tocavam jumentos de almocreve, outros carregavam suas coisas – sacos de mantimentos, trouxas de roupas, rede de caroá a tiracol. O padre, com chapéu-de-couro prà-trasado. Só era uma *procissão* sensata enchendo estrada, às poeiras, com o plequêio das alpercatas, as velhas *tiravam ladainhas*, gente cantável. *Rezavam*, indo da miséria para a riqueza. E, pelo prazer de tomar parte no *conforto de religião*, acompanhamos esses até à Vila da Pedra-de-Amolar. Lá *venta* é da banda do poente, no tempo-das-águas; na seca, o vento vem deste rumo daqui. O cortejo dos baianos dava presença com uma *festa*. No sertão, até enterro simples é festa”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 57-58. Grifos nossos.

Outra afirmação da fé cristã se dá na circunstância em que Riobaldo acompanhado de seus companheiros jagunços cruza o rio e se dirige até a Fazenda Santa Catarina a fim de se juntar ao comando de Medeiro Vaz. O cruzar as águas dos rios que correm em direção ao sol significa para o protagonista encontrar Otacília e com ela vivenciar o amor e a luz, sinais do Espírito Santo e de Cristo – *lux sapientiae*. O indício de Deus Pai, da existência plena e o roteiro de Deus estão nos ares da liberdade dessa Fazenda, conclui Araujo.<sup>698</sup> Durante o percurso, na travessia do Rio São Francisco, se deparam com um momento de cristianismo através da saudação do barqueiro que revela a sua identidade religiosa e a sua fé no senhorio de Jesus, como geralmente é o costume de um cristão prosélito saudar.<sup>699</sup> “Nosso Senhor Cristo-Jesus”, na forma da narrativa de Riobaldo reforça o dogma da ressurreição – o Kyrios – apresentando o Cristo glorioso como o centro da revelação cristã.<sup>700</sup> Se, por um lado, o diálogo do barqueiro com o grupo de jagunços revela nitidamente o conteúdo de sua crença, por outro, a ambiguidade da narrativa abre espaço para a possibilidade de outra intencionalidade ao dar a seguinte voz ao dono do barco: “sou amigo de todos, segundo a minha condição...”, ou seja, por temor, o pobre barqueiro pode ter utilizado a fé cristã através do nome de Cristo como instrumento de defesa a fim de proteger a própria vida de seres tão temidos como normalmente os jagunços eram vistos e, naquele momento, armados e focados na estratégia de guerra a ser concretizada do outro lado do rio, também poderiam conseguir o que queriam ao mando da violência conforme a natureza da maldade jagunça. A esquiva do homem pode se confirmar com o gesto amistoso em oferecer a bebida – “Alaripe aceitou dele um gole de cachaça” – como se também fosse jagunço e estivesse no projeto de vingança contra os Judas, do mesmo lado. Contudo, infere-se a afirmação da identidade cristã através do nome de Jesus, dando à narrativa o conteúdo da religião cristã bastante utilizada pelos cristãos cotidianamente ao se encontrarem e ao se cumprimentarem. E

<sup>698</sup> ARAUJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*, p. 81.

<sup>699</sup> “Somente ficados com um cavalinho só, Alaripe e eu, Diadorim e Jesualdo, andamos beira-rio, no vagarosamente. A gente esperava o que acontecesse. Ali mais adiante, era um porto-de-lenha. – “Você tem receio, Riobaldo?” – Diadorim me perguntou. Eu?! Com ele em qualquer parte eu embarcava, até na prancha de Pirapora! – “Vau do mundo é a coragem...” – eu disse. E, com os rifles escorados, acenamos para uma grande barca – aquela, a cara-de-pau que tinha no bico da frente era uma cabeça de touro, boa-sorte nos dava. O barqueiro tocou um berro no buzo, encostaram. A gente os quatro, com o cavalo, era nada – as arrobazinhas. E nós entramos, depois que o patrão nos saudou, em *nome de Nosso Senhor Cristo-Jesus*, e disse: - “Eu cá sou amigo de todos, segundo a minha condição...” E o Alaripe aceitou dele um gole de cachaça, aceitamos”. ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 305 e 306. Grifos nossos.

<sup>700</sup> “Depois de quarenta dias, período em que se mostrou aos Apóstolos sob os traços de uma humanidade comum que escondiam a sua glória de Ressuscitado, Cristo sobe aos céus e se senta à direita do Pai. Ele é o Senhor que reina agora com a sua humanidade na glória eterna de Filho de Deus e intercede incessantemente a nosso favor junto ao Pai. Envia-nos o seu Espírito e nos dá a esperança de estar com ele um dia, tendo-nos preparado um lugar”. *COMPÊNDIO do Catecismo da Igreja Católica*, 659-667.

subentende-se, a partir do comentário de Araujo, que o outro lado do rio, além da motivação guerreira, reserva para Riobaldo o espaço para a transcendência em conformidade com o costume cristão.

Em síntese, se podemos, por um lado, inferir elementos da religião cristã derivada dos costumes religiosos dos jagunços, conforme argumentamos no decorrer desse item e também em parte de outros; por outro, contudo, de acordo com Rosenfield, Utéza, Albergaria e Bolle, não seria possível derivar desses costumes uma fé cristã dos jagunços, pois esses autores interpretam que a ambiguidade da narrativa, ao impedir a objetividade necessária a respeito da religiosidade dos jagunços, afirma, através de metáforas, posições divergentes e bipolares. À exceção de Araujo que estabelece uma linearidade no itinerário de conversão do jagunço – Riobaldo – que sai do inferno para o purgatório, se preparando para o céu. Ao cruzar o rio com os seus companheiros jagunços, do outro lado Riobaldo encontrará a transcendência, ou seja, na Fazenda Santa Catarina está Otacília que é o sol e o amor, sinais do Espírito Santo e de Cristo. Utéza, de forma diversa, afirma que também o Hermógenes e os seus homens manifestam gestos da religião cristã em meio aos desatinos da guerra, mas nem por isso se vinculam à filiação divina. Rosenfield e Albergaria, ao trazerem a imagem de Siruiz – uma metáfora bipolar – com a noção de catástrofe e reversão, paraíso e queda, sugerem o verter das coisas e a relatividade do mal, ou ainda, o mal que pode ser colocado a serviço de ações positivas, podendo ser utilizado para a obtenção do bem. Ou, conforme Utéza, o jagunço Riobaldo herda da mitologia cristã a crença de pactos com o mal e com o bem, e diante da ineficiência do exército do bem, intenciona-se destruir o mal pela mesma regra de que o mal se utilizou para se impor, isto é, pelo pacto com o sobrenatural. Embora esses autores reconheçam elementos soteriológicos no costume religioso dos jagunços, veem de forma ambígua essa relação em seres dedicados ao jaguncismo. Não por acaso, Rosenfield vê a conversão do jagunço Joé Cazuzo, motivada pela visão da Virgem e, mais tarde, a dedicação de sua vida à religião, como exceção e não como regra, pois a violência era a norma do sertão e da natureza do jagunço. No caso de Joé, Bolle explica que há um sentido cultural na passagem de jagunço a sacristão, pois o que importa no sertão é a convivência entre religião e violência, fortalecendo a nossa inferência inicial acerca do universo ambíguo em que se encontra a religião cristã dos jagunços.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos esse trabalho mencionamos a importância que se tem dado às pesquisas sobre João Guimarães Rosa e afirmamos a necessidade de ampliar as investigações acerca da dimensão religiosa, de modo particular, presente no Grande Sertão. Como a trajetória da nossa pesquisa foi inicialmente motivada pelo gosto e pela admiração do jeito mineiro e regional dos textos de Rosa, como também, pela leitura da sofisticada produção da crítica literária, que tem feito esforços para promover a aproximação entre teologia e literatura, acreditamos que o desenvolvimento do nosso projeto poderia somar algo a mais, contribuindo para essa aproximação. O destaque dado no início às pesquisas de autores, como Sperber, Uteza, Albergaria, Araujo e Rosenfield, demonstra a importância do trabalho realizado por esses autores em torno do narrador e do personagem Riobaldo e de suas múltiplas faces do humano. Cada um desses pesquisadores buscou ao seu modo, perceber a abrangência do universo religioso de Riobaldo, a dimensão eclética de sua religiosidade e a presença do cristianismo oriundo do catolicismo popular recebido de sua mãe e das práticas religiosas de rezadeiras, benzedadeiras e jagunços do sertão.

Além da motivação intelectual, a espiritualidade cristã tem sido a companheira da nossa trajetória pessoal e do nosso sentido de ser, motivando-nos emocionalmente para o trabalho dessa pesquisa, e criativamente para interpretar, analisar e recolher elementos cristãos do romance de Rosa, de modo a proporcionar ao leitor a possibilidade de novos olhares. O nosso envolvimento com o cristianismo, a nossa formação teológica nessa tradição e o conhecimento demonstrado na qualidade das intervenções do trabalho da orientação da tese a esse respeito, representou um suporte importante para o seu desenvolvimento, orientando-nos metodologicamente nas escolhas que fizemos dos referenciais cristãos. Para essa parte, os textos bíblicos, o catecismo católico e a teologia cristológica de Schillebeeckx, ao serem organizadas em três níveis de referência, nos foram úteis para exemplificar situações e argumentar sobre inferências recolhidas de fragmentos explicitamente religiosos do romance.

Considerando o problema colocado no início de nossas investigações, que foi o de ler e interpretar o romance *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa, levando em conta a ambiguidade de seu discurso, a fim de identificarmos a presença de elementos da religião cristã, podemos afirmar que o resultado dessa pesquisa, através do texto produzido, alcançou o seu objetivo. Entretanto, se o pequeno número de referências bibliográficas encontradas sobre os elementos do cristianismo do romance representou um limite para a nossa pesquisa, de outra forma, procuramos superar essa dificuldade e desenvolver satisfatoriamente o trabalho com o diálogo com os textos disponíveis e com a interpretação dos 431 fragmentos de natureza explicitamente religiosa retirados do texto de Rosa. Na sequência, apresentamos alguns pontos definidores de nossa conclusão.

*Grande Sertão: Veredas* é o encontro do narrador com o personagem dispostos a viajar. Enquanto viaja pelo interior do sertão, realiza a travessia no interior de si mesmo. Riobaldo é o representante da condição do humano, ou seja, um peregrino em busca de salvação, um *homo viator*, semelhante ao Ulisses, o herói contado por Homero. Ao assumirmos que o velho Riobaldo se coloca na estrada de sua história de vida em busca de sentido, que irá se construindo na medida em que narra, então, podemos entender que será inevitável, nessa viagem, o encontro do narrador com o universo religioso. E como apresentamos no início, a viagem de Riobaldo foi articulada em quatro momentos distintos, de encontros com companheiros de viagem. O primeiro foi o encontro com o momento da narrativa diante de seu interlocutor silencioso. O segundo foi com a sabedoria de Nhorinhá, Otacília, Diadorim e o Compadre Quelemém, seus mestres. O terceiro foi com a autoridade e a justiça dos chefes Sô Candelário, Joca Ramiro, Medeiro Vaz, Zé Bebelo e Urutu Branco. E o quarto encontro e tão intenso quanto os outros, foi com os companheiros jagunços, de modo particular, com Jõe Bexiguento. Como se poderá perceber na sequência, todos os momentos foram marcados por intensa presença de religiosidade e de cristianismo.

Por isso, “Armar o ponto dum fato”<sup>701</sup> foi a maneira encontrada pelo narrador de revelar-se e de articular situações antagônicas como a vida itinerante e guerreira de jagunço no passado com a de homem pacato, sedentário, preocupado com o bem e com a religião no presente. É o que o leitor encontra já nas primeiras páginas do romance. E conforme a leitura vai avançando, temas religiosos, no contexto do cristianismo, como destino, salvação, Deus e diabo, vão aparecendo permitindo-nos entender que a narrativa de Riobaldo é

---

<sup>701</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 216.

articulada com elementos da religião cristã. A necessidade de compreender a própria existência e administrar os sentimentos diante dos mistérios desse percurso, passa pela busca de Deus, pelo desejo de salvação e pela procura da identidade divina. Mostra-se aberto ao sobrenatural ao referir-se no seu relato ao conforto que todas as formas religiosas trazem: o beber de todas as fontes. Embora o conteúdo e a forma da sua narrativa sejam influenciados pela sua formação sincrética, que se abre a toda proposta religiosa, podemos perceber, que o sentido religioso da redenção cristã se adequa ao perfil do narrador pela consciência do sentimento de culpa herdado de sua formação judaico-cristã, ou seja, enquanto viaja com a sua narrativa, ritualiza, em outro plano, a Paixão do jagunço Riobaldo.

Entretanto, sem que se comprometa a presença dos elementos cristãos no relato de Riobaldo, a viagem do narrador não é linear. Como um barco a vela, levado pelo vento, que vai de um lado para outro, titubeando, ele passa ao leitor a natureza ambígua da sua narrativa e, portanto, as desconfiças de sua opção religiosa e de sua necessidade de Deus. Por isso, assume a sua dificuldade no contar por precisar dar conta da ambiguidade marcante de sua personalidade, ironizando o interlocutor – doutor – ao considerar-se ignorante. Além disso, é possível afirmar que o tema do livre arbítrio e do pecado original, portanto, da condição humana antes da Queda e do ideal cristão que busca a recondução da humanidade à graça e à condição plena do livre arbítrio pela ação redentora de Cristo, é um elemento cristão. Esse tema é tratado na reflexão de diversas autoras – Araujo, Albergaria e Rosenfield – de maneiras que apresentam semelhanças e diferenças, e podemos inferir dessas divergências, que a fonte da ambiguidade está na profundidade do texto de Rosa, assumida por essas autoras. Outros temas cristãos presente no diálogo do narrador com o seu interlocutor silencioso, como o mal, o ecletismo religioso e as crenças da cultura cristã, revelam na divergência da crítica literária o ambiente ambíguo, no qual se situam esses elementos cristãos. Araujo se posiciona claramente a favor do comprometimento de Riobaldo com o modelo cristão, apesar de também afirmar que para ele todas as crenças religiosas equivalem-se. Rosenfield afirma a crítica de Riobaldo em relação aos posicionamentos dogmatizantes e Albergaria assume um ecletismo religioso que amplia a dimensão salvífica adotada por Riobaldo. Ou seja, mantida a particularidade de cada uma, elas apontam a opção de Riobaldo para uma religiosidade ampla. Para o tema do mal, Utéza afirma que Riobaldo herdou as crenças da cultura cristã – no caso, a oração de São Bento e a fé de Riobaldo no Senhor Bom Jesus da Lapa, conforme recebeu de sua mãe. Portanto, a ambiguidade presente

na forma dessa crítica, leva-nos a entender que, rituais, tradições, promessas e orações, entre tantas, mostram a riqueza de elementos religiosos cristãos presentes no discurso do narrador.

Considerando que a viagem de Riobaldo não é solitária e que, no percurso, recebe influências e ensinamentos, como os conselhos do Compadre Quelemém e a sabedoria religiosa das mulheres, então, reconhece-se que temas importantes da tradição religiosa cristã estão presentes nesses ensinamentos. Como Quelemém se apresenta como o representante da doutrina espírita kardecista e mensageiro da Boa Nova cristã, nota-se a sua participação na viagem de Riobaldo, orientando-o para um plano de salvação e para a promessa de um reino de Deus, baseado na redenção cristã e no sacrifício de Cristo. Entende-se dessa relação a presença do cristianismo que fazem parte das crenças do Compadre Quelemém. Se o nosso viajante, além do amor e da amizade que recebe das mulheres, também é orientado para a religião, particularmente com elementos do cristianismo, presente em símbolos, orações e rezas, para a aproximação de Deus através da contemplação das suas criaturas, então, infere-se que a viagem de Riobaldo ao lado do feminino, além de transportá-lo para as imagens bíblicas, o impulsiona para as devoções marianas e para o amor de Cristo.

No entanto, constata-se a dificuldade de Riobaldo, apresentada pelo seu relato ambíguo, em adotar os ensinamentos religiosos de Quelemém, sobretudo os cristãos e, em assumir como suas as orações e as rezas das mulheres. É o que podemos perceber através da divergência apontada pela crítica literária. De modo particular, Rosenfield, não vê em Riobaldo um adepto de Quelemém, mas um crítico da sua doutrina, que propõe uma salvação baseada na Boa Nova cristã, fundada no esquecimento dos pecados e no sacrifício redentor, como forma de acesso ao reino de Deus. Para a autora, Riobaldo vê simplicidade e ingenuidade na crença do Compadre Quelemém, contrastando com a complexidade da realidade. Se, por um lado, pode-se inferir a dúvida da crença de Riobaldo provocada pela ambiguidade presente no relato do velho Riobaldo, detectada por Rosenfield, por outro lado, constata-se a presença de elementos cristãos derivados dos ensinamentos dessa crença. O outro contexto da ambiguidade provocada pela posição divergente da crítica literária está na relação de aprendizado entre Riobaldo e as mulheres, em que a posição de Utéza é a de afirmar que tanto em Nhorinhá quanto nas prostitutas do Verde-Alecrim e no nome de Maria Deodorina da Fé reside a aura divina e imagens bíblicas do Antigo e do Novo Testamento. Em Araujo, a devoção riobaldiana ao amor liga-se a devoção à Maria, à descoberta da humanidade de Deus e à descoberta do amor de Deus através da beleza da Criação, e que a

paixão eterna por Diadorim – diante de seu corpo nu no sono da morte – figura a paixão redentora de Cristo. Enquanto que em Rosenfield a exclusão da dimensão erótica e a castidade estéril fundada no modelo da Virgem deturpam a mensagem cristã e o sentido do amor de Cristo e de sua morte na Cruz. Contudo, confirmamos que a presença do cristianismo continua mantida no texto.

Riobaldo, ao atravessar pelo caminho de sua história de vida, através de seu relato, deixou-se atravessar pelas experiências de poder dos chefes de jagunços, levando-o, como Urutu Branco, também a participar dessa experiência de chefia. Embora pareça ser uma ponte longa, vimos ligações entre as relações de liderança dos chefes com seus jagunços e as que estão colocadas nos evangelhos, ou seja, as de Jesus com os seus discípulos. A viagem empreendida por Riobaldo pelo sertão, que está dentro de si, conforme afirma ao seu interlocutor, o transporta para o universo religioso presente no início e no fim de cada uma das chefias, pois os elementos religiosos cristãos, do perdão, do senhorio de Cristo, da ressurreição e das devoções ritualizadas nas rezas, facilmente inferidas dos episódios que retratam o comando desses chefes a frente dos seus bandos, levam-nos a compreender a influência do cristianismo no conteúdo da narrativa riobaldiana.

No entanto, como toda viagem, essa também se defronta com obstáculos e encruzilhadas, levando-nos a inferir outras possibilidades religiosas para esses chefes, apresentadas pela ambiguidade da narrativa, em que as relações de ceticismo e ecletismo religioso que, por um lado, tiram dessas chefias a via única do cristianismo como opção religiosa, por outro, não esconde o elemento religioso cristão presente na narrativa. Em Rosenfield e Albergaria, que tratam sobre os aspectos religiosos em torno de Joca Ramiro, particularmente, os aspectos da teologia cristã, vê-se a impossibilidade de transformar Joca Ramiro totalmente na figuração do Cristo, o redentor. Albergaria afirma que Joca Ramiro não preenche o requisito de divindade, pois não é o mediador e, por não ter natureza divina, numa interpretação da teologia cristã, não pode ser colocado ao lado de nenhuma das três pessoas da Trindade. Enquanto que as ideias de Utéza e de Rosenfield colocam Medeiro Vaz como aquele que imita o Cristo. Para o autor, Medeiro Vaz é como um arcanjo, em nome do Pai, está encarregado de promover a justiça no sertão. Na mesma linha, Rosenfield caracteriza Medeiro Vaz como penitente e orante que pratica uma fé autêntica, pois o sacrifício de seus bens materiais e de seu conforto pessoal o faz participar, ao lado dos cristãos, da imitação de Cristo. Utéza liga o papel de Zé Bebelo no comando do bando à missão religiosa de Moisés e Zorobabel, líderes no Antigo Testamento. Porém, tal analogia

não faz de Zé Bebelo um homem religioso no sentido cristão que temos tomado em relação ao narrador e em relação a alguns jagunços, mas apenas confirma a ambiguidade do personagem. Zé Bebelo é o personagem de uma racionalidade moderna que não se apresenta com uma religiosidade evidente e por isso, a sua chefia é ambígua, contudo, capaz de despertar em Riobaldo admiração e respeito. Quanto a Urutu Branco, Araujo afirma que é o novo Riobaldo, que nasce nas condições humildes do nascimento de Cristo na gruta de Belém, pois numa atitude evangélica agasalha o pobre menino que acaba de nascer, referindo-se à sua mãe como sendo Nossa Senhora, a mãe de Jesus. Tal atitude de Urutu Branco, que retrata o presépio, significa o seu renascimento e, portanto, a imitação de Cristo. Entretanto, Os autores, Utéza, Rosenfield e Albergaria, embora confirmem os elementos cristãos que se fazem presente na campanha de Urutu Branco, desde a sua posse a partir das Veredas Mortas até o fim da sua chefia, ampliam a religiosidade desse chefe para outras fontes. Tal divergência de interpretação da literatura crítica, provocada pela natureza ambígua da narrativa, não elimina a presença desses elementos religiosos cristãos.

Levando em conta os riscos da viagem, a aventura do narrador consiste em responder para si mesmo: “quem foi que foi o jagunço Riobaldo?”<sup>702</sup> Para percorrer o caminho em direção a essa resposta, Riobaldo conta com a sua vida jagunça, com o caso de Maria Mutema, contado pelo jagunço Jõe Bexiguento e com a conversão do jagunço Joé Cazuzo. Para esses três momentos serão inferidos os seguintes elementos religiosos cristãos: a salvação, o pecado, a fé, a graça, a comunidade, o bem e o mal. Ou seja, nas encruzilhadas do caminho ou, na ambiguidade do discurso religioso do narrador, nascem as respostas sobre a identidade do velho Riobaldo. No percurso da viagem, em função da manutenção da vida e de evitar os sobressaltos, tantos os jagunços, quanto Riobaldo, enquanto jagunço, celebram o pacto com Deus, um pacto de vida.

Contudo, os paradoxos presentes na ambiguidade da narrativa, promovidos pelas desconfianças de Riobaldo, pelos arranjos nos casos de Bexiguento e pelo arrebatamento de Cazuzo, não nos dão a garantia de que os jagunços possuíam uma fé cristã. Se, por um lado, Araujo enfatiza o tema do segredo que, ao ser revelado, liberta a Mutema do pecado colocando-a no campo da salvação, e, também, explora o tema da comunidade, ao referir-se à comunidade do São João Leão que, por três dias, recebe a visita de padres missionários a fim de orientar a conduta na fé e reavivar o sentimento religioso desse arraial, Utéza, por

---

<sup>702</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, p. 311.

outro, vê na postura de Jõe a relativização do bem e do mal, colocando em questão o tema do sentimento de culpa derivado de uma religiosidade e de uma moral rígidas, permitindo ao catolicismo oficial a possibilidade de modificar a orientação moral de seus fiéis. Afirma também que o Hermógenes e os seus homens manifestam gestos cristãos em meio aos desastros da guerra, mas nem por isso se vinculam à filiação divina. Não por acaso, Rosenfield vê que a conversão do jagunço Joé Cazuzo, motivada pela visão da Virgem e, mais tarde, a dedicação de sua vida à religião, é exceção e não regra, pois a violência era a norma do sertão e a regra da natureza do jagunço. No caso de Joé, Bolle explica que há um sentido cultural na passagem de jagunço a sacristão, pois o que importa no sertão é a convivência entre religião e violência. Ou seja, embora a narrativa riobaldiana contenha elementos do cristianismo, de acordo com Utéza, Rosenfield e Bolle, não seria possível derivar desses costumes uma fé cristã dos jagunços, pois a ambiguidade da narrativa impede a objetividade necessária a respeito da religião cristã dos jagunços, afirmando-a apenas através de metáforas e posições divergentes.

Conclui-se que a pesquisa desenvolveu descrições e análises sobre os elementos cristãos presentes no romance *Grande Sertão: Veredas*. O caminho para a construção do texto foi a busca por esses elementos religiosos, tanto os experimentados diretamente por Riobaldo – Tatarana, Urutu Branco e narrador –, quanto os que estavam presentes de uma maneira geral no conteúdo da narrativa, considerando-se a ambiguidade como elemento constante e como pressuposto da interpretação do texto de Rosa. Portanto, perceber como o fato narrado construiu uma história a partir de uma história vivida – “a matéria vertente” – incluindo nessa os diversos elementos religiosos, sobretudo, os que buscamos focalizar centralmente em nosso trabalho, foi a nossa tarefa e a nossa satisfação em realizá-la.

## REFERÊNCIAS

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

### A. LIVROS SOBRE JOÃO GUIMARÃES ROSA

ALBERGARIA, Consuelo. *Bruxo da Linguagem no Grande Sertão: Leitura dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

ANDRADE, Sônia Maria Viegas. *A Vereda Trágica do “Grande Sertão: Veredas”*. São Paulo: Loyola, 1985.

\_\_\_\_\_. *O Universo Épico-trágico do “Grande Sertão: Veredas”*. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 1982.

ARAÚJO, Heloisa Vilhena de. *O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarin, 1996.

\_\_\_\_\_. *O espelho: contribuições ao estudo de Guimarães Rosa*. São paulo: Mandarin, 1998.

ARROYO, Leonardo. *A cultura popular em Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984.

BIZZARI, Edoardo. *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzari*. 3.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

BINGEMER, Maria Clara e YUNES, Eliana. (org.). *Bem e mal em Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Editora UAPÊ, 2008.

BOLLE, Willi. *Grandesertão.Br*. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CALLADO, Antônio et al. *Depoimentos sobre João Guimarães Rosa e sua obra*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

CASTRO, Nei Leandro de. *Universo e vocabulário do Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970.

CORONEL, Luiz. *Dicionário João Guimarães Rosa: uma odisséia brasileira*. Porto Alegre: Mecenaz Editora, 2006.

COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

DACANAL, José Hildebrando. *Era uma vez a Literatura...* Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1995.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Mímica mímica: ensaios sobre Guimarães Rosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *As Formas do Falso*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

LORENZ, Günter. *Diálogo com Guimarães Rosa*. In COUTINHO, Ed. F. (Org.). *Fortuna Crítica* (6). Rio de Janeiro: Civil. Bras./INL, 1983.

MACEDO, Tânia. *Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1996.

MARTINS, José Maria. *Guimarães Rosa: o alquimista do coração*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MORI, Geraldo Luiz de (Org.); SANTOS, Luciano Costa (Org.); FILHO, Carlos Ribeiro Caldas (Org.). *Aragem do Sagrado – Deus na Literatura brasileira contemporânea*. 1ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

NUNES, Benedito. *Literatura e filosofia: Grande Sertão: Veredas*. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. 2 ed. Ver. E ampl. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 188-207.

\_\_\_\_\_. *A Clave do Poético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *Crivo de Papel*. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Dorso do Tigre*. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A., 1976.

PROENÇA, Cavalcanti M. *Trilhas no Grande Sertão*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1958.

ROHDEN, Luiz e SILVA, Rogério Mosimann da. (org.). *Veredas da Palavra no Sertão Rosiano*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

\_\_\_\_\_. *Desenveredando Rosa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

SANTO, Wendel. *A construção do romance em Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1996.

SPERBER, Suzy Frankl. *Guimarães Rosa, signo e sentimento*. São Paulo: Ática, 1982.

\_\_\_\_\_. *Caos e Cosmos: Leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

UTÉZA, Francis. *Metafísica do Grande Sertão*. Trad. J.C. Garbúglio. São Paulo: EDUSP, 1994.

\_\_\_\_\_. “*Certo sertão: estórias*”. In *Scripta*. V.5, n.10, 1º sem./2002. Belo Horizonte: PUC Minas.

VIGGIANO, Alan. *Itinerário de Riobaldo Tatarana*. Belo Horizonte: Ed. Comunicação, 1974.

## B. OBRAS DE REFERÊNCIA

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. São Paulo: Editora 34, 2011.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BINA, Gabriel Gonzaga. *Liturgia de Exéquias*. São Paulo: Paulinas, 2008.

BRUGGER, Walter. *Dicionário de filosofia*. Trad. A.P. de Carvalho. 2.ed., São Paulo: Ed. Herder, 1969.

IGREJA CATÓLICA. *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do Estudante).

ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. Trad. Natália Nunes e Fernando Tomaz. Lisboa: Edições Cosmos, 1970.

\_\_\_\_\_. *O Sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. *Dicionário das religiões*. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1.ed., 12ª reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

FRUGONI, Chiara. *A vida de um homem: Francisco de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GROSS, Eduardo (Coord.). *Manifestações literárias do sagrado*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2002.

KEMPIS, Thomas A. *Imitação de Cristo*. 11. Ed. Petrópolis: Vozes, 1954.

KUSCHEL, Karl-Josef. *Os Escritores e as Escrituras: Retratos Teológico-Literários*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

OBRIEN, Joanne e PALMER, Martin. *O Atlas das Religiões*. São Paulo: Publifolha, 2008.

*O Mundo da Bíblia*. [editado por David e Pat Alexander; tradução de José Raimundo Vidigal]. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

SCHILLEBEECKX, Edward. *História Humana: revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.

\_\_\_\_\_. *Jesus, a História de um Vivente*. São Paulo: Paulus, 2008.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

### C. ARTIGOS – MONOGRAFIAS – TESES

ALBERNAZ, Ana Maria Gonçalves Lysandro de. *Vertência do viver no Grande Sertão: Veredas*. 2009. Tese (Doutorado em Letras)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ALMEIDA, Leonardo Vieira de. *O pacto fáustico em Grande Sertão: Veredas*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras)–Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

ANDRADE, Álvaro Martins. *Universo, processo e ética em ‘Grande Sertão: Veredas’*: uma análise do pensamento de Guimarães Rosa. 1973. Tese (Doutorado em Letras)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 1973.

ANDRADE, Émile Cardoso. O mito de Fausto em Grande Sertão: Veredas. In: DUARTE, Lélia Pereira et.al. (Org.). *Veredas de Rosa II*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001 – 2003. p. 862-872.

ÁVILA, Milena Maria Goulart de. *As veredas do ser-tão, deserto: Riobaldo – Moisés – Ahasverus*. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras)–Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999.

AZEVEDO, Cristiane Sampaio de. *O sertão e sua desmedida: finitude e existência em Grande Sertão: Veredas, Guimarães Rosa*. 2010. Tese (Doutorado em Letras)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

BISHOP-SANCHEZ, Kathryn. A desmistificação do homem natural bom em Grande Sertão: Veredas. In: DUARTE, Lélia Pereira et.al. (Org.). *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC Minas, 1998 – 2000. p. 343-347.

BOULHOSA, Tatiana Machado. *Algumas conjecturas sobre a morte em “Grande Sertão: Veredas”*. Último Andar (20), 1º Semestre, 2012 – ISSN 1980-8305. P. 51-61. Disponível em: <revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/download/.../8012>. Acesso em 6 de outubro de 2012.

CARDOSO, Afonso Ligório. *As formas do medo em Grande Sertão: Veredas*. 2006. Tese (Doutorado em Estudos Literários)–Universidade Estadual Paulista de Mesquita Filho, Araraquara, 2006.

CASTRO, Antônio Carlos Monteiro de. O Tão do sertão – julgamento e transformação em Grande Sertão: Veredas. In: DUARTE, Lélia Pereira et.al. (Org.). *Veredas de Rosa III*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004 – 2007. p. 96-103.

FERREIRA, Hygia T. Calmon. *João Guimarães Rosa: as sete sereias do longe*. 1991. Tese (Doutorado em Letras)–Universidade Estadual Paulista de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 1991.

FERREIRA, Claudia Andrea Prata. *Riobaldo: o indivíduo a procura da compreensão do seu ser*. 1995. Dissertação (Mestrado em Letras)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

FOGEL, Gilvan. Da pobreza e da orfandade sem vergonha: considerações sobre o Riobaldo, de “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa. In: SCHUBACK, Marcia S. C. (organizadora). *Ensaio de Filosofia. Homenagem a Emmanuel Carneiro Leão*. Petrópolis, Vozes, 1999.

FREIRE, Márcio dos Santos. *A lei e a morte no Grande Sertão*. 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários)–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

LINO, Joselita Bezerra da Silva. Lumina: a luz em Grande Sertão: Veredas e em paradiso. In: DUARTE, Lélia Pereira et.al. (Org.). *Veredas de Rosa III*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004 – 2007. p. 397-405.

MAIA, João Roberto. *Sobre a Crítica de Guimarães Rosa. Espéculo. Revista de estudos literários*. Universidad Complutense de Madrid. 2007. Disponível em <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero37/guimaro.html>>. Acesso em 5 de outubro de 2012.

MELO, Marcio Araujo de. *As faces e facetas do diabo na obra de João Guimarães Rosa*. 2006. Tese (Doutorado em Estudos Literários)–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

MOURA, Lúcia Helena Furtado. *Interpretações da multifacetada manifestação religiosa riobaldiana*. 2011. Tese (Doutorado em Ciências da Religião)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

NEITZEL, Adair de Aguiar. *Otacília: um prolongamento da visão mítica de Maria*. Anuário de literatura, 1977. P. 175-188. Disponível em <[periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/download/5368/4749](http://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/download/5368/4749)>. Acesso em 6 de outubro de 2012.

NUTO, João Vianney Cavalcanti. Diadorim e o diabo nas veredas do sertão. In: DUARTE, Lélia Pereira et.al. (Org.). *Veredas de Rosa II*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001 – 2003. p. 337-342.

OLIVEIRA, Hercules Alberto de. *A epifania da verdade: morte, (homo)erotismo e espiritualidade em Crônica da Casa Assassinada e Grande Sertão: Veredas*. 2005. Tese (Doutorado em Letras)–Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2005.

OLIVEIRA, Joaquim Benedicto de. *A hierofania no episódio do pacto de Riobaldo com o demo*. 1994. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

PATRÍCIO, Rosana Ribeiro. O bem e o mal de Rosa – passagens em tensão. In: DUARTE, Lélia Pereira et.al. (Org.). *Veredas de Rosa II*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001 – 2003. p.695-698.

ROCHA, Zildo. Uma leitura de Grande Sertão: Veredas. In: DUARTE, Lélia Pereira et.al. (Org.). *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC Minas, 1998 – 2000. p. 714-732.

SADDI, Maria Helena Garrido. *Simultaneidade: arte e metafísica em Guimarães Rosa*. 2006. Tese (Doutorado em Letras)–Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SANTOS, Acácio Luiz. *Grande Sertão: Veredas e Paradiso como representação de um processo tenso e complexo de transcendência*. 2005. Tese (Doutorado em Letras)–Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2005.

SANTOS, Maricélia Nunes dos e RIBEIRO, Bruna Otani. *O mundo misturado no caso de Maria Mutema*. Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília. Volume 4 – Número 1 – Ano IV – jul/2011. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewFile/2025/1728>>. Acesso em 5 de outubro de 2012.

SCHIAVO, Sylvia França. *Do território da lenda à lenda do território na travessia do Grande Sertão*. 2002. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade)–Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

SILVA, Avani Souza. Riobaldo e compadre Quelemém: diálogos com Platão e Allan Kardec. In: DUARTE, Lélia Pereira et.al. (Org.). *Veredas de Rosa III*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004 – 2007. p. 115-126.

SILVA, Clademilson Fernandes Paulino da. *Liberdade e Sofrimento: o “Grande Sertão: Veredas de João Guimarães Rosa em diálogo com a teologia de Juan Luis Segundo*. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)–Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2005.

SILVA, Clademilson Fernandes Paulino da. *O Sertão e o Ser Tao: o imaginário sobre Deus e o Diabo no “Grande Sertão: Veredas” de João Guimarães Rosa*. Disponível em: <[http://www.revistatheos.com.br/Artigos/20Anteriores/Artigo\\_02\\_04.pdf](http://www.revistatheos.com.br/Artigos/20Anteriores/Artigo_02_04.pdf)>. Acesso em 5 de outubro de 2012.

SILVA, João Batista da. *A pastoral dos santuários e romarias: um estudo de caso em Bom Jesus da Lapa – BA*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)– Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. *Desejo Homoerótico em “Grande Sertão: Veredas”*. 2008. P. 203-226. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/25/13>>. Acesso em 6 de outubro de 2012.

SOARES, Andrei. *A falta que falta: “Grande Sertão: Veredas” e a subversão de Satã*. XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. 13 a 17 de julho de 2008. USP – São Paulo, Brasil. Disponível em:

<[http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/054/ANDREI\\_SOARES.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/054/ANDREI_SOARES.pdf)>. Acesso em 6 de outubro de 2012.

SPERBER, Suzi Frankl. *As palavras de chumbo e as palavras aladas*. Floema - Ano II, n. 3, p. 137-157, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/viewFile/92/100>>. Acesso em 6 de outubro de 2012.

TEIXEIRA, Eduardo de Araújo. *A reabilitação do sagrado nas estórias de João Guimarães Rosa e Mia Couto*. 2006. Tese (Doutorado em Letras)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

TOFALINI, Luzia Aparecida Berloff. *Mística e metafísica no Grande Sertão: Veredas*. In: DUARTE, Lélia Pereira et.al. (Org.). *Veredas de Rosa III*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004 – 2007. p. 480-490.